



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Tatiana de Oliveira Miguez


**“Se refletir verá o quão pouco vale este seu admirador e amigo”:
três decênios do epistolário machadiano**

Rio de Janeiro

2023

Tatiana de Oliveira Miguez

**“Se refletir verá o quão pouco vale este seu admirador e amigo”:
três decênios do epistolário machadiano**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Fátima Cristina Dias Rocha

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

A848 Miguez, Tatiana de Oliveira.
“Se refletir verá o quão pouco vale este seu admirador e amigo”: três
decênios do epistolário machadiano / Tatiana de Oliveira Miguez. – 2023.
217 f.: il.

Orientador: Fátima Cristina Dias Rocha.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Assis, Machado de, 1839 - 1908 – Crítica e interpretação - Teses. 2.
Cartas brasileiras - Teses. 3. Gêneros literários - Teses. 4. Escritores – Vida
intelectual – Teses. 5. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. I.
Rocha, Fátima Cristina Dias. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Tatiana de Oliveira Miguez

**“Se refletir verá o quão pouco vale este seu admirador e amigo”:
três decênios do epistolário machadiano**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 11 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Fátima Cristina Dias Rocha (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Profa. Dra. Giovanna Ferreira Dealtry
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Leonardo Davino de Oliveira
Instituto de Letras – UERJ

Profa. Dra. Flávia Vieira da Silva do Amparo
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marcelo dos Santos
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Para minha filha Hadassah Miguez Coelho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois a fé me deu forças para continuar e não retroceder. Glorifico o Nome do Senhor Jesus por me permitir concluir o Doutorado em Literatura Brasileira, campo que tanto amo. Sinto-me extremamente honrada em ser a primeira pessoa da família a realizar uma etapa tão importante na continuidade dos meus estudos. Foi um longo caminho até aqui, percorrido com muita dificuldade e persistência. Entretanto, jamais teria conseguido chegar até aqui sozinha.

Agradeço ao meu amado esposo Caio por sempre me incentivar e apoiar em tudo! Muito obrigada por me ajudar e me animar sempre, dividindo comigo os bons e maus momentos.

Agradeço a minha filha Hadassah por seu amor, carinho e compreensão nas minhas longas horas de ausência, debruçada sobre os livros. Tenha certeza, amada filha, de que você é a minha maior motivação!

Agradeço também aos meus pais Ricardo e Selma e a minha irmã Thailiny por sempre me incentivarem a estudar e a me aprimorar. Agradeço também a todos os meus familiares que sempre oraram e torceram por mim.

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Dra. Fátima Cristina Dias Rocha por todo seu empenho e dedicação no desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigada por suas sugestões, orientações e incansáveis leituras e releituras desta tese. Você sempre foi uma inspiração para a minha vida docente, ensinando-me a postura e a generosidade indispensáveis a um verdadeiro educador.

Agradeço também aos professores que compõem a banca de avaliação por aceitarem o convite para essa leitura de parte do epistolário machadiano.

RESUMO

MIGUEZ, Tatiana de Oliveira. “*Se refletir verá o quão pouco vale este seu admirador e amigo*”: três decênios do epistolário machadiano. 2023. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta tese examina os dois primeiros volumes – Tomo I (1860 a 1869) e Tomo II (1870 a 1889) – que integram a *Correspondência completa de Machado de Assis*, publicada pela Academia Brasileira de Letras, de 2008 a 2015, em 5 volumes. Pretendeu-se, com a análise das missivas trocadas entre Machado de Assis e seus pares, traçar as grandes linhas do projeto epistolográfico machadiano, com o qual o escritor vai elaborando encenações de si mesmo, enquanto constrói sua trajetória nos variados âmbitos em que atuou. Assim, as cartas escritas nos decênios de 1860, 1870 e 1880 evidenciam não só a formação e o percurso do escritor, como jornalista e cronista, teatrólogo, poeta, crítico literário e ficcionista, mas também a vida literária daqueles decênios, além da atuação de Machado de Assis como funcionário público. Ainda que reeditem certos princípios retóricos da chamada *ars dictaminis*, as cartas de Machado de Assis, nos tomos I e II, exibem com maestria a elegância, a precisão, a graça e o apuro estético que acabaram por caracterizar a escrita do autor. Para compreender melhor o gênero epistolar e fundamentar a pesquisa empreendida, tomou-se como base uma bibliografia crítico-teórica que inclui estudos sobre a *escrita de si* e sobre a correspondência como gênero, com destaque para as reflexões de Michel Foucault (2004), Brigitte Diaz (2016) e Geneviève Haroche-Bouzinac (2016).

Palavras-chave: correspondência de Machado de Assis; projeto epistolográfico machadiano; formação e percurso de Machado de Assis; vida literária.

ABSTRACT

MIGUEZ, Tatiana de Oliveira. “*If you reflect you will see how little is the worth of this admirer and friend of yours*”: three decennia of Machadian letters. 2023. 217 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This thesis examines the first two volumes - Tome I (1860 to 1869) and Tome II (1870 to 1889) - which integrate the *Correspondência completa de Machado de Assis* (The Complete Correspondence of Machado de Assis), published by The Brazilian Academy of Letters, from 2008 to 2015, in 5 volumes. It was intended, with the analysis of exchanged mails between Machado de Assis and his peers, to trace the vast lines of Machadian epistolary project, with which the writer progressively elaborates representations of himself, while building his own trajectory in the varied areas in which he acted. Therefore, the letters written in the decennia of 1860, 1870 and 1880 highlight not only the writer’s formation and path, as journalist and columnist, playwright, poet, literary critic and fictionist, but also the literary life of those decennia, moreover Machado de Assis’ performance as civil servant. Even if they re-edit certain rhetorical principles of the so called *ars dictaminis*, the letters of Machado de Assis, in the tomes I and II, exhibit with mastery and elegance, the precision, the grace and the aesthetic refinement that ended up characterizing the author’s writing. To better understand the epistolary genre and to substantiate the undertaken research, there has been taken as base a critical-theoretical bibliography that includes studies about the *writing of oneself* and about correspondence as a genre, with emphasis to the reflections of Michel Foucault (2004), Brigitte Diaz (2016) and Geneviève Haroche-Bouzinac (2016).

Keywords: Machado de Assis’ correspondence; machadian epistolary project; formation and path of Machado de Assis; literary life.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	A ESCRITA EPISTOLAR: EM TORNO DO GÊNERO	19
1.1	Referências epistolares na Antiguidade: breve histórico	21
1.2	Sistematização do gênero epistolar: Erasmo de Rotterdam e Justo Lísio	28
1.3	Séculos XVIII e XIX: do natural epistolar ao “teste de literatura”	36
1.4	O gênero epistolar e a escrita de si	40
2	TOMO I – O CAMINHO DA “ARTE E POLIDEZ”: CONTORNOS DO PROJETO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO	57
2.1	A discrição e contenção nos contornos da autorrepresentação machadiana	60
2.2	O valor documental das cartas nos rastros do tempo e da História: aspectos do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro e ecos da Guerra do Paraguai	68
2.3	“Eu, no <i>Diário</i>, vou fazendo o trabalho de costume, e mais um ou outro artiguinho de fundo quando é necessário”: os registros, na correspondência, da atividade jornalística de Machado de Assis	79
2.4	A vida literária e os ecos da atividade machadiana como crítico	87
2.5	“(...) não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis”: vestígios do memorialismo literário machadiano na troca epistolar	103
3	TOMO II – O HOMEM, O BUROCRATA, O ESCRITOR: REFLEXOS DA VIDA E DA PRODUÇÃO LITERÁRIA MACHADIANA NAS MISSIVAS DO PERÍODO 1870 -1889	112
3.1	“Meus olhos ainda me trazem separado do resto do mundo”: a enfermidade e os padecimentos do corpo na autorrepresentação machadiana	117
3.2	A carta como testemunha do tempo: a política do país	121
3.3	O burocrata Machado de Assis: a atuação como funcionário público	125
3.4	O escritor: a atuação machadiana como crítico literário	136
3.5	As cartas e os vestígios da produção literária machadiana	150
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
	REFERÊNCIAS	173
	ANEXO A - Relação de temas TOMO I (cartas de 1860 – 1869)	177
	ANEXO B - Relação de temas TOMO II (cartas de 1870 – 1889)	190

INTRODUÇÃO

Não há dúvidas de que Machado de Assis é e sempre será um autor a respeito do qual não se findam as possibilidades de leituras e releituras de sua obra. Além de seus poemas, textos para o teatro, crônicas, contos e romances, vemos, nos últimos anos, um interesse crescente por sua correspondência pessoal¹. Um dos principais incentivos, atualmente, para estudiosos de Machado voltarem seus olhares mais atentamente às missivas do autor deu-se graças à publicação, em cinco volumes, do epistolário completo de Machado de Assis, iniciada em 2008 pela Academia Brasileira de Letras, em comemoração ao centenário da morte do escritor. Por meio do trabalho coordenado e orientado por Sérgio Paulo Rouanet, com o apoio das pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, podemos nos aproximar mais desse gênero íntimo exercido ativamente pelo autor de *Dom Casmurro*.

Sabemos que outras publicações da correspondência machadiana foram feitas anteriormente. O trabalho pioneiro nesta área foi realizado em 1929, pela própria Academia Brasileira de Letras, que começou a publicar em sua *Revista* o “Epistolário Acadêmico”, por iniciativa de Afrânio Peixoto, sendo Fernando Nery o responsável pela pesquisa. Nery publicou então, em 1932, pela editora Bedeschi, em volume único, a primeira *Correspondência de Machado de Assis*. Esta edição apresentava cartas trocadas entre Machado de Assis e alguns interlocutores selecionados, como Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça, José Veríssimo e Mário de Alencar.

Em 1937, o editor W.M. Jackson lançou uma edição ampliada do livro de Nery. No entanto, essa publicação continuou a seguir um critério seletivo na escolha das epístolas, deixando de fora muitos correspondentes. Em 1959, a editora José Aguilar publicou o epistolário machadiano, que, além de trazer documentos que já haviam sido publicados, apresentou acréscimos importantes, excluindo, entretanto, a correspondência passiva, o que interfere no fluxo epistolar.

¹ Dentre alguns estudos recentes sobre a correspondência machadiana, destacamos: RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: 7Letras, 2008; MORAES, Marcos Antonio de. *Epistolografia machadiana*. Universidade de São Paulo. Estudos Avançados, v.24, n.69, p.417-424, 2010; MORAES, Marcos. *Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária*. 2011. Arquivo digital disponível em <http://machadodeassis.fflch.usp.br/edicoes?page=1>; ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta de Portugal, 2016.

Além desses epistolários gerais, foram publicadas, em diferentes meios – como jornais, revistas e livros –, cartas com interlocutores específicos, como Quintino Bocaiúva, Joaquim Nabuco, Salvador de Mendonça e Mário de Alencar, entre outros. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, a leitura das cartas “do mesmo ano, mês e às vezes dia (...) se revela sob aspectos mais variados que se lêsemos apenas o diálogo epistolar com um determinado missivista” (ROUANET in ASSIS, 2008, p. 9). O estudioso justifica, então, o propósito da ABL em publicar a correspondência completa machadiana, dividida então em cinco tomos, os quais abrangem as cartas já publicadas e documentos inéditos², de 1860 a 1908, ano da morte do autor:

Por tudo isto, pareceu à Academia Brasileira de Letras que uma das melhores maneiras de homenagear Machado de Assis por ocasião do centenário de sua morte seria começar a publicação, por ordem cronológica, da correspondência completa do nosso maior escritor, tanto a ativa quanto a passiva, tanto a já publicada quanto a inédita. (ROUANET in ASSIS, 2008, p. 9).

Assim como a maioria das pesquisas realizadas desde 2008, pretende-se, com esta tese, dar continuidade aos estudos sobre a correspondência machadiana, partindo, inicialmente, do interesse pela *escrita do eu*. Percebe-se, nos últimos anos, que é crescente a busca por estudos dos aspectos biográfico-vivenciais de vários autores da literatura brasileira. Dessa forma, procura-se, aqui, por meio da correspondência – gênero que oscila entre o segredo e a confissão, o público e o privado –, traçar pontos que permitam compor a trajetória – nos vários âmbitos de sua atuação, inclusive na esfera pessoal – desenhada pelo próprio Machado de Assis, nas suas missivas, e por seus pares, no fluxo epistolar.

Em linhas gerais, esta tese propõe-se a examinar a correspondência de Machado de Assis – ativa e passiva –, buscando evidenciar, por meio da análise dos dois primeiros volumes da correspondência do autor – Tomo I (1860 a 1869) e Tomo II (1870 a 1889) –, a gradativa passagem do cronista e poeta estreante ao autor consagrado, destacando, para esse fim, aspectos biográfico-vivenciais e aqueles que dizem respeito, mais especificamente, à formação do escritor. A epistolografia machadiana foi, deste modo, analisada, com base nas seguintes hipóteses: **a)** o decênio de 1860 corresponde ao período de formação e ao início da maturidade de Machado de Assis como homem de letras. Nesse sentido, as cartas do Tomo I evidenciam as diversas atividades a que o poeta de *Crisálidas* se dedicou no início da carreira,

² Ao longo das pesquisas, novos documentos surgiram, como em 2015, ano em que a ABL recebeu da família de José Veríssimo, crítico literário e acadêmico, a doação de dezenas de documentos, fotos e 61 cartas, 12 delas inéditas, recebidas de Machado de Assis.

como o teatro, o jornalismo, a poesia e a crítica literária, além de, sob o ponto de vista biográfico, o decênio de 1860 corresponder ao período menos conhecido da vida do autor; **b)** se as décadas de 1870-1889 representam um dos períodos mais significativos da obra machadiana, as cartas do Tomo II não elucidam os processos de composição do escritor, documentando de forma diminuta e esporádica a transformação pela qual passa a obra de Machado de Assis; **c)** as cartas dos Tomos I e II demonstram a atenção e o cuidado de Machado de Assis com a construção das imagens de si como escritor, considerando que emprega na correspondência uma linguagem comedida e polida, que não se distancia demasiadamente dos princípios retóricos da *ars dictaminis*.

No tocante à primeira hipótese acima mencionada, veremos, com as análises do Tomo I, elaboradas no segundo capítulo desta tese, que, sim, é possível identificarmos, nas cartas que abrangem o primeiro decênio do epistolário, informações a respeito das diferentes atividades a que Machado de Assis se dedicou, como a atuação no meio jornalístico, iniciada oficialmente em 1860, com sua entrada no *Diário do Rio de Janeiro*. Há também mostras de sua colaboração no *Jornal das Famílias* e na revista *O Futuro*, em 1862, além da nomeação como ajudante do diretor do *Diário Oficial*, em 1867. A troca epistolar do decênio de 1860 torna-se, então, relevante, pois evidencia, além da intensificação da atuação machadiana nos periódicos, o próprio crescimento da atividade jornalística da época, o que contribui, certamente, para futuros estudos nessa área. Outro dado importante, identificado nas cartas do Tomo I, diz respeito à influência do gênero dramático no desenvolvimento da obra de Machado de Assis. As missivas de 1860-1869 documentam a relevância do teatro na carreira de nosso jovem literato, e tal relevância se mostra, por exemplo, nos registros de sua atuação como dramaturgo, crítico teatral, censor do Conservatório Dramático, e, ainda, como tradutor de várias peças francesas. Conforme sinaliza Massa, “Machado verdadeiramente coloca o teatro como base de sua vida intelectual” (MASSA, 2006, p. 465).

Quanto à segunda hipótese, constataremos que as cartas do Tomo II não dão acesso aos processos de elaboração, por parte de Machado de Assis, de suas obras literárias, característica que se estende a outros escritores daquele período, que também não costumavam compartilhar, em sua correspondência pessoal, informações ou detalhes acerca de seus projetos literários. Ou seja, não havia, naquele momento, o uso da carta como um espaço de experimentação, o que nos permitirá afirmar que Machado de Assis não concebe a carta como um “laboratório de criação”.

Por fim, procuraremos comprovar a terceira hipótese formulada acima, tendo em vista que Machado de Assis elabora suas cartas, abertas ou privadas, com um extremo cuidado com a linguagem empregada, principalmente quando representa mais diretamente a si mesmo. Nosso missivista priorizará a elegância, o comedimento, a autocontenção e o tom adequado, o que constitui, a nosso ver, uma estratégia machadiana para a construção e preservação da própria imagem como escritor e intelectual. Tal estratégia pode ser observada no trecho que figura no título da presente tese, excerto extraído da carta enviada a Ladislau Neto em 10 de novembro de 1871, na qual Machado se encena e se expressa de forma moderada e despretensiosa. Ao seguir os princípios retóricos da *ars dictaminis* na escrita epistolar, Machado parece indicar-nos um ideal de escrita a distância. Marcos Antonio de Moraes, no texto “Epistolografia de Machado de Assis” (2011), corrobora nossa afirmação ao declarar que o autor de *Memorial de Aires* deixou pistas, em sua correspondência, dos contornos de um projeto epistolográfico pessoal, o qual, segundo o estudioso, “buscava orientar-se, no âmbito das relações interpessoais, pelo caminho da ‘arte e polidez’” (MORAES, 2011, p. 91).

Assim, considerando nossas hipóteses e as reflexões feitas a partir da leitura de diferentes textos críticos, tanto sobre a carta como gênero como sobre a correspondência machadiana, com destaque para os estudos de Marcos Antonio de Moraes, nosso exame das cartas dos Tomos I e II da coleção da ABL vai explorar quatro grandes linhas – ou veios, num âmbito mais específico – que dão forma ao projeto epistolográfico machadiano: a primeira diz respeito aos **contornos da autorrepresentação**, em especial no contexto da esfera da “intimidade”; a segunda linha aborda **o valor documental das cartas**, o qual se desdobrará em dois outros veios, tomando a carta como testemunha do seu tempo, tendo em vista **os principais assuntos** abordados por Machado e seus correspondentes, **enquanto escritores**, com ênfase na **vida literária** da época e no **exercício da crítica literária**, por parte de Machado de Assis; e tomando a carta como testemunha da obra, evidenciando o **memorialismo literário do escritor**, por meio de depoimentos e/ou avaliações pessoais de Machado sobre suas obras.

Como já afirmamos, o *corpus* desta investigação é constituído pelos dois primeiros volumes de um total de cinco tomos que compõem a *Correspondência de Machado de Assis*, publicada pela Academia Brasileira de Letras, coleção que se apresenta como um dos materiais mais completos a respeito do epistolário machadiano. Isto porque, além da correspondência particular, a publicação inclui outros documentos, como cartas abertas, publicadas em jornais; cartas-prefácios; telegramas; cartões postais; e até mesmo cartões de

visita, quando apresentam algum texto escrito. Além disso, o critério de exposição cronológica é um fator positivo, pois torna a leitura mais dinâmica, mostrando as muitas facetas do cotidiano de Machado de Assis e de seus pares, possibilitando também uma melhor compreensão dos temas/assuntos tratados pelos correspondentes. Vale mencionar que esse mesmo critério cronológico foi o adotado na recente republicação, neste ano de 2023, de todos os livros de Machado de Assis, numa coleção composta por 26 volumes, resultado da parceria entre a editora *Todavia* e o instituto Itaú Cultural, dando vida ao projeto idealizado por Hélio de Seixas Guimarães, professor da USP e um dos principais pesquisadores da obra machadiana.

Ainda que, na presente tese, nossas leituras e observações se voltem apenas aos Tomos I e II, tendo em vista a necessidade de delimitarmos o *corpus* de análise, nos parece importante esboçar um breve perfil de cada um dos volumes.

O Tomo I apresenta um total de 90 documentos e abrange as cartas dos anos 1860 a 1869, decênio de excepcional importância, pois corresponde ao período de formação e ao início da consagração de Machado de Assis como homem de letras. Do ponto de vista biográfico, as cartas da mocidade, período menos conhecido da vida do autor, contribuem para a recomposição de alguns traços da formação do escritor Machado de Assis, no período em que ele estabelecia novos vínculos profissionais e/ou de amizade. Encontramos, no referido tomo, cartas trocadas com diferentes correspondentes, como Sizenando Nabuco de Araújo, Faustino Xavier de Novais, Joaquim Serra, Quintino Bocaiúva, Henrique César Muzzio, José de Alencar e a noiva Carolina, entre outros. Embora as cartas recebidas sejam mais numerosas que as enviadas, elas também contribuem para uma certa “desconstrução” da imagem de Machado como um homem ensimesmado, casmurro, até mesmo frio nas relações humanas. A leitura da correspondência ativa e passiva revelará, ao contrário, um jovem fiel aos companheiros, com quem os amigos se abriam e faziam confidências amorosas. Jean-Michel Massa reforça esse aspecto machadiano quando afirma: “(...) durante todo o período da juventude ele teve uma vida social muito intensa. Ele recitava poemas em público (...) e foram dezenas de recitais, diante de trinta, quarenta, cem pessoas. Além disso, ele namorava atrizes, escrevia poemas” (MASSA, 2006, p. 462).

Do ponto de vista da obra, as cartas dos anos 1860 mostram que Machado de Assis vai se distanciando do adolescente que fazia poemas românticos na *Marmota*, para se tornar um jornalista respeitado, principalmente quando Machado aceita o convite de Quintino Bocaiúva para trabalhar como repórter parlamentar e cronista no *Diário do Rio de Janeiro*.

Além de sua atividade jornalística, este primeiro decênio, como destacamos anteriormente, também evidencia uma dedicação intensa de Machado ao gênero dramático, atuando como dramaturgo, crítico teatral, censor do Conservatório Dramático e tradutor de várias peças francesas:

Durante esses anos, sem ser casado e sendo jornalista também, ele vive muito fora, assiste todas as noites a uma peça de teatro, escreve artigos de teatro, revistas de teatro e, conforme diz direta ou indiretamente, namora atrizes e escreve poemas para elas. (...) Machado verdadeiramente coloca o teatro como a base de sua vida intelectual. O teatro praticamente é o trampolim e constitui um elemento central, centralizador, de sua produção. Machado exprime a sua carreira, a sua dinâmica de escritor, através de manifestações teatrais: diretamente, isto é, produzindo textos de teatro, e, indiretamente, através de traduções. (MASSA, 2006, p. 465)

O Tomo II nos mostra as cartas trocadas no período de 1870-1889, apresentando ainda, em caderno suplementar, várias cartas da década de 1860, como as cartas abertas do conde de La Hure (1866) e uma carta inédita de Machado a Salvador de Mendonça (1868), descoberta na Casa de Rui Barbosa, complementando o fluxo epistolar do Tomo I. Sobre a correspondência do segundo volume, temos um total de 188 documentos, entre cartas, cartões e telegramas, distribuídos entre 72 missivistas, além do próprio Machado de Assis. É possível organizar as missivas desse período em três grupos, conforme as características de cada correspondente: cartas familiares e trocadas com amigos, com destaque para a correspondência com o cunhado Miguel de Novais e com os amigos Salvador de Mendonça, Joaquim Nabuco e José Veríssimo; correspondências ligadas à carreira de escritor de Machado de Assis, como as missivas enviadas a Júlio César Machado, que demonstram o esforço machadiano para projetar-se fora do Brasil; e cartas ligadas à sua carreira de funcionário público, principalmente as enviadas por Buarque de Macedo e Pedro Luís, além da troca epistolar com João Brígido.

O Tomo III se dedica à correspondência do período de 1890-1900. Apresenta 292 documentos, entre cartas, bilhetes e cartões, quantidade que supera a de toda a correspondência publicada nos dois volumes anteriores. Destaca-se nesse tomo o fluxo epistolar com Magalhães de Azeredo, Joaquim Nabuco e José Veríssimo. Além deles, podemos presenciar o início do carteador com Mário de Alencar, filho do autor de *Iracema*. As cartas do Tomo III abordam os mais diferentes assuntos, alguns muito comezinhos, mas tratam, sobretudo, de importantes aspectos da vida e da obra do próprio Machado de Assis. Quanto à vida, a correspondência desse volume ilustra alguns dos episódios e atividades mais relevantes de Machado de Assis durante o período, como seu afastamento do serviço ativo,

por ato publicado pelo ministro Sebastião Lacerda, que colocou Machado em disponibilidade, além do empenho do escritor, a partir de 1896, na fundação e instalação da Academia Brasileira de Letras. Neste âmbito, as cartas do Tomo III documentam o movimento das candidaturas, das eleições, das posses e, ocasionalmente, ajudam a retificar alguns equívocos³. Quanto à obra, encontramos nas cartas de 1890-1900 vestígios de seus principais romances, como alguns comentários de seus correspondentes acerca da leitura de *Quincas Borba*, apreciações positivas sobre as *Várias Histórias*, além de indícios do gérmen da escrita de *Dom Casmurro*.

O Tomo IV traz a correspondência do período de janeiro de 1901 a dezembro de 1904, em 242 documentos, incluindo cartas, cartões e telegramas. Este volume apresenta também mais um caderno suplementar, com 13 documentos referentes aos períodos de 1860-1869 e 1870-1889, totalizando, assim, 255 itens. Destes, 118 correspondem a cartas enviadas por Machado de Assis, constituindo o volume com a maior quantidade de correspondência ativa. Segue-se, no referido tomo, a correspondência volumosa com Magalhães de Azeredo, interlocutor privilegiado, com José Veríssimo, Joaquim Nabuco e Mário de Alencar. As cartas de 1901 a 1904 tratam de assuntos diversos, como a rotina das sessões e a busca por uma sede para a Academia Brasileira de Letras, além de comentários acerca da recepção, por parte do público, das *Poesias Completas*, bem como algumas indicações do processo de elaboração de *Esau e Jacó*: “(...) Machado anuncia certas alterações que ele fizera nas provas, modificando o manuscrito que se encontrava em Paris” (ROUANET in ASSIS, 2012, p. 18). Outro assunto que ganhará relevo na correspondência do período, e que se estenderá pelo próximo tomo, é a doença e morte de Carolina, esposa de Machado.

O Tomo V, último volume do projeto da ABL, finaliza o epistolário machadiano com mais 340 itens, totalizando 1178 documentos ao longo dos cinco volumes da série. As cartas do período de 1905-1908 mostram Machado de Assis dialogando com novos interlocutores, como Camilo Cresta e Guilherme Ferrero, e lapidando a amizade com antigos, como Joaquim Nabuco e José Veríssimo. Esse volume apresenta as cartas derradeiras, nas quais podemos perceber a grande preocupação – ou anseio – do escritor com a morte. Observamos, nas cartas desse período, posterior ao falecimento de Carolina, que Machado de Assis parece vislumbrar apenas a morte, voltando o olhar para si mesmo por meio da descrição de seu corpo doente, compondo uma “encenação epistolar da decrepitude” (MORAES, 2011, p 110):

³ “Foi possível verificar que a primeira recepção acadêmica, para João Ribeiro, não ocorreu, como dizem biógrafos e pesquisadores, no dia 30 de novembro de 1898, e sim em 17 de dezembro.” (ROUANET in ASSIS, 2011, p. 24).

As notícias de saúde/doença fazem tradicionalmente parte da correspondência. Conforme dissemos, no caso de Machado de Assis são componentes viscerais das suas cartas. Observa-se que vão adquirindo a dimensão de uma descrição detalhada das sensações corpóreas, das impressões de mal-estar, das diversas perturbações experimentadas. (RIBAS, 2008, p. 80)

Tendo em vista o grande número de cartas trocadas pelo escritor com amigos e intelectuais da época – variedade que já se mostra nos dois tomos aqui analisados –, foram selecionados, também, em nossa pesquisa, apenas alguns correspondentes, de modo a delimitar a constituição do *corpus* de análise. Essa seleção obedeceu a dois critérios principais: a importância desses intelectuais no cenário literário e cultural brasileiro da época e a relevância dos temas de que tratam na numerosa correspondência com Machado de Assis, de tal forma que nos permitissem desenvolver e comprovar as hipóteses anteriormente enunciadas, com destaque para a identificação, nas cartas, do percurso intelectual do escritor e dos “ecos” de suas diferentes atuações – o jornalista, o dramaturgo, o poeta, o crítico literário, o ficcionista e até mesmo o burocrata –, as quais, em maior ou menor proporção, contribuíram para a formação do futuro grande romancista.

A relevante compilação epistolográfica de Machado de Assis publicada pela ABL é caracterizada, de modo semelhante a edições anteriores da *Correspondência* de nosso escritor, por transcrições de cartas, inéditas ou não, além de apresentar numerosas e valiosas notas, com importantes referências que ajudam a remontar o contexto sócio-histórico da época. Apesar de compor o material mais completo, atualmente, das missivas machadianas, os cinco tomos não se propõem à análise dos documentos quanto à sua estrutura, e aos propósitos e objetivos concernentes ao gênero epistolar. Nesse sentido, motivados por uma necessidade de aprofundamento nas pesquisas sobre a correspondência machadiana – tendo em vista que muitas interpretações acerca de seu epistolário ainda estão presas ao biografismo ou se submetem a uma abordagem que classifica as missivas machadianas como “menores” e “inferiores”, devido, principalmente, às frequentes comparações entre a correspondência e a produção literária do autor –, buscamos comprovar que Machado de Assis, por meio de um projeto epistolográfico pessoal, orienta sua escrita epistolar, em linhas mais gerais, pelos princípios retóricos da *ars dictaminis*. Este seria um dos recursos utilizados por Machado, como missivista, para elaborar encenações de si mesmo marcadas pela respeitabilidade, comedimento e afabilidade – traços fortes das imagens de si que procurou construir e cultivar, dentre as quais ganha relevo, nos Tomos I e II, a do jovem jornalista e poeta que ascende

intelectual e socialmente e alcança um lugar de destaque, acabando por figurar, no meio literário da época, como um dos grandes nomes da crítica e da literatura brasileira.

O primeiro capítulo desta tese consiste em um levantamento teórico acerca da carta como gênero. Veremos que as cartas são textos híbridos e fluidos, avessos a quaisquer identificações genéricas. Elas são, por excelência, um gênero indefinível, que flutua entre categorias vagas: arquivos, documentos, testemunhos. Dessa forma, procurando esclarecer os principais questionamentos a respeito da missiva como gênero, se fez necessário revisitar a Antiguidade, a fim de traçar um breve histórico que mostra as características, a evolução e as transformações ocorridas, ao longo dos anos, na prática epistolar. Para tal, tomamos como base o excelente trabalho de Emerson Tin, *A arte de escrever cartas* (2005), no qual este estudioso reproduz as principais referências epistolares, desde Demétrio, na Antiguidade, até Justo Lúpsio, no século XVI.

Ainda no primeiro capítulo, seguimos a abordagem teórica tomando como ponto de partida para nossas reflexões o uso da carta como escrita e compreensão de si. Para tal, partimos de estudos consagrados acerca da epistolografia, como o já clássico e sempre atual “A escrita de si”, de Michel Foucault (1983/1ª ed.), além de trabalhos mais recentes, como o de Brigitte Diaz (2016), *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*; e o de Geneviève Haroche-Bouzinac (2016), com *Escritas epistolares*. Com base nesses textos teóricos, destacaremos alguns mecanismos da escrita epistolar e, assim, compreenderemos melhor tal gênero.

No segundo capítulo iniciaremos efetivamente a análise do epistolário machadiano, abordando as cartas do Tomo I, que compreendem o período de 1860 a 1869. Como já foi dito, esse volume apresenta um total de 90 documentos, e, comparado aos demais tomos, o Tomo I apresenta um perfil diferenciado, visto que reúne muitas cartas abertas e cartas-prefácios. Veremos que as cartas abertas, devido ao seu caráter essencialmente público, eram utilizadas para explicitar posicionamentos, propor questionamentos e, muitas vezes, para solicitar um favorecimento a alguma pessoa ou instituição que possuísse visibilidade e reconhecimento social. Em função de sua finalidade e de seu tom predominantemente argumentativo, constataremos, ao longo do segundo capítulo, que muitas dessas cartas têm um grande valor histórico e biográfico.

Já no terceiro e último capítulo abordaremos as cartas do Tomo II, que compreendem o decênio de 1870 a 1889. Destacaremos três grupos principais: as cartas familiares e trocadas com amigos; as correspondências ligadas à carreira de escritor de Machado de Assis; e cartas

ligadas à sua carreira de funcionário público. A partir desses grupos, seguiremos a mesma linha de análise do capítulo anterior, ou seja, sinalizando os quatro veios que compõem o projeto epistolográfico machadiano.

As cartas do Tomo II se destacam em importância, pois, do ponto de vista da obra de Machado de Assis, se inserem no momento considerado como um dos mais significativos na produção literária machadiana. Boa parte das obras de Machado de Assis publicadas no período de 1870-1889 deixou alguns “rastros” no epistolário machadiano, tanto em sua correspondência ativa quanto nas cartas recebidas; entretanto, não da forma como esperávamos. Veremos, ao longo das análises no referido capítulo, que Machado de Assis pouquíssimas vezes se refere à composição de suas obras. Não há, nas missivas desse período, o compartilhamento de ideias e/ou reflexões sobre a elaboração das obras, o que nos permitiu afirmar que Machado não faz uso da correspondência como um espaço de experimentação, um “teste da literatura” (DIAZ, 2016, p. 53). O que identificamos, na verdade, são observações sobre o envio de exemplares aos amigos, assim como menções a críticas, resenhas e comentários, feitos principalmente pelos correspondentes, a respeito das obras e da recepção das mesmas por parte do público.

Conforme explicitamos anteriormente, o estudo do gênero epistolar nos possibilita acessar tanto aspectos biográfico-vivenciais como também da atividade literária de um missivista. No entanto, percebemos, por meio de um levantamento da fortuna crítica a respeito de estudos epistolográficos da correspondência machadiana, que este ainda é um campo pouco explorado pelos estudiosos. Durante um longo período, os estudos críticos sobre Machado de Assis priorizavam quase que exclusivamente seus romances, contos e crônicas, deixando as missivas numa posição de quase esquecimento, comparadas à produção literária.

Seguindo uma direção oposta à da maioria dos trabalhos empreendidos sobre Machado de Assis, esta tese propõe um estudo minucioso das cartas do autor no período de 1860 a 1889, procurando desenvolver e comprovar a hipótese mais geral de que, em suas missivas, Machado deu curso a um projeto epistolográfico em que se destacam, entre outros traços, a discrição, a elegância, a autocontenção e o cuidado com a imagem de si mesmo que elabora para cada correspondente e em cada ocasião. Teremos alcançado algum êxito se contribuirmos com possíveis respostas à seguinte pergunta: qual seria a real contribuição das cartas para um melhor conhecimento a respeito do autor e de sua obra? Sérgio Paulo Rouanet nos ajuda a refletir sobre este questionamento, quando afirma que

O que sabemos sobre um escritor é constituído pelo exame metódico de todas as fontes, entre as quais está a correspondência. Nesse sentido, é claro que existe sempre um jogo de espelhos entre biografia e correspondência, a primeira construída em parte pela segunda, a segunda confirmando a primeira. Mas essa circularidade é inevitável. Toda biografia é uma narrativa, e mesmo que a leitura da correspondência não revele fatos biográficos novos, ela pode sugerir novas grades de interpretação, que no limite autorizem uma versão nova da narrativa, no todo ou em parte. E podem, sim, sugerir novos dados biográficos, resultantes de uma leitura mais atenta de cartas já conhecidas, ou do aparecimento de cartas desconhecidas. (ROUANET in ASSIS, 2009, p. 13)

Partindo desse pressuposto, pretendemos demonstrar, ao longo das análises empreendidas na presente tese, que as cartas, enquanto documentos, valem por si mesmas. Cada uma das missivas pode contribuir para a composição de uma narrativa, uma “história de vida”, que será tecida com a contribuição de várias vozes: a do próprio missivista Machado de Assis, em sua correspondência ativa, e as de seus pares epistolares. Dessa forma, será possível extrair do epistolário machadiano elementos que contribuam para o desenho, sempre incompleto, de seu perfil biográfico, e de alguns ângulos das inesgotáveis dimensões da obra de um “criador crítico” que tanto tem, ainda, a nos dizer.

Por fim, considerando que os Tomos I e II, analisados na presente pesquisa, apresentam juntos um total de 291 itens, julgamos proveitoso listar os assuntos abordados em cada uma das missivas analisadas. Procuramos, então, em dois anexos desta tese, descrever de maneira objetiva o teor principal de cada um dos documentos, possibilitando uma visão mais ampla da temática e do contexto histórico no qual se inserem essas cartas, além de proporcionar uma melhor organização da leitura do *corpus*, bem como uma análise mais detalhada e precisa dos documentos. O ANEXO A lista os principais temas abordados na correspondência do período de 1860 a 1869 (Tomo I) e o ANEXO B trará a lista temática das cartas de 1870 a 1889 (Tomo II).

1. A ESCRITA EPISTOLAR: EM TORNO DO GÊNERO

A distância não tira a memória aos amigos.

Machado de Assis.

Carta para Raimundo Correia, em 07 de out. 1886.

Segundo Emerson Tin⁴, durante mais de 2 mil anos, a prática epistolar foi o principal meio de comunicação à distância, tornando presentes os ausentes. Além de constituir-se como um diálogo entre amigos – traço comum que parece unir todas as concepções epistolares da Antiguidade –, vemos que a expansão e ampliação da arte de escrever cartas ocorreu com os humanistas durante o Renascimento, os quais usaram as epístolas como uma forma de comunicar os acontecimentos do mundo a todos, muito antes do surgimento da imprensa jornalística.

A carta, com sua instabilidade de formas e flexibilidade de usos, se viu, ao longo dos anos, como uma verdadeira forma em trânsito. Desde os debates humanistas sobre o gênero epistolar, transformado no grande rival leigo da eloquência sagrada, conforme constata Marc Fumaroli quando afirma que “a eminência extraordinária do gênero epistolar na literatura humanista (...) em continuidade direta com a tradição medieval, que tinha transformado a carta, com o sermão, em um dos gêneros maiores em prosa” (FUMAROLI apud DIAZ, 2016, p. 14), até as teorias contemporâneas sobre esses ilusórios “espelhos de tinta”⁵ – expressão empregada por Michel Beaujour para denunciar as ilusões enganosas produzidas, segundo ele, pelas escritas de si –, a carta é um eterno tema de debates. A partir do século XVI, de acordo com as postulações estéticas atribuídas pelas teorias literárias que se sucederam, o gênero epistolar oscila entre literário x não literário, gênero maior x gênero menor. É o que afirma

⁴ TIN, Emerson. *A arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. Emerson Tin é Professor Doutor I das Faculdades de Campinas (FACAMP) e professor do curso de Pós-Graduação em Literatura do Centro Universitário Padre Anchieta. Integra o Núcleo de Estudos de Epistolografia Brasileira (USP) e o Centro de Estudos sobre Utopia - U-TOPOS (IEL/UNICAMP). O ensaio introdutório e as traduções de Emerson Tin, em seu livro, contribuíram para o enriquecimento da fortuna crítica brasileira sobre a epistolografia. Por se tratar de uma compilação de vários outros textos reunidos, traduzidos e comentados por Tin, seguiremos como padrão nas referências das citações o uso do apud.

⁵ Beaujour, Michel. *Miroirs d'encre*. Paris, Le Seuil, 1980. (BEAUJOUR, apud DIAZ, 2016, p. 14).

Brigitte Diaz⁶: “No decorrer de sua história conturbada, louvou-se, literalmente, e em todos os sentidos, quase tudo na carta, mas também se difamou tudo” (DIAZ, 2016, p. 15).

Ao longo dos séculos, a crítica estabeleceu uma série de dicotomias flutuantes, sob cuja fronteira a carta, incompreensível e inclassificável, lança-se e é lançada. Dois exemplos dessa flutuação são referidos por Brigitte Diaz: um deles é a afirmação do crítico literário Gustave Lanson (1857-1934), para o qual “Não existe arte epistolar. Não existe gênero epistolar: pelo menos no sentido literário da palavra gênero” (LANSON apud DIAZ, 2016, p. 15); outro exemplo é o de Philippe Lejeune, que diz: “Não há uma essência eterna da carta, mas a essência flutuante e contingente de um certo modo de comunicação por escrito” (LEJEUNE apud DIAZ, 2016, p. 15). Um divisor de águas essencial na evolução do que alguns hesitaram por muito tempo em classificar como gênero é a mudança gradativa, no século XVII, da eloquência acadêmica da carta, permeada de sua antiga vocação oratória, para um estilo que tanto epistológrafos como teóricos da época classificavam como “inocente”, “mediocre” ou “familiar”, qualidades que caracterizam o chamado “estilo médio”.

Com isso, no final do século XVII, já não se esperava das cartas a perfeição de uma composição retórica impecável:

Ao renegar o antigo decoro que julga inadaptado às novas sociabilidades epistolares, essa nova *doxa* lhe imprime uma paisagem retórica mais nuançada. Inscrita antigamente na esfera da erudição neolatina, aos poucos a carta conquista novamente o território movediço da cultura mundana e troca, nessa ocasião, os restos de uma eloquência acadêmica por uma nova estética da negligência, mais apta, conforme se acredita, a transcrever o discurso do indivíduo social que se expressa nela (DIAZ, 2016, p. 16).

Nesse momento, ao contrário, se admiram a falha, a hesitação e até mesmo as pausas. É nessa época que a carta começa a ser interpretada como “espelho da alma”, segundo uma metáfora tão emblemática quanto estabelecida, já presente em Demétrio. Muito antes de Richelet⁷, Vaumorière⁸, Grimarest⁹ e outros codificadores do novo “estilo médio”,

⁶ Professora de Literatura francesa na Université de Caen-Normandie.

⁷ César Pierre-Richelet (1626-1698) foi um gramático e lexicógrafo francês, e o editor do primeiro dicionário da língua francesa.

⁸ Pierre d'Ortigue de Vaumorière (1610-1693) foi um autor francês.

⁹ Jean-Léonor le Gallois Grimarest (1659-1713) foi um matemático, historiador militar e mestre em linguagem francês, autor de *A vida de M. de Molière* (1705), considerada como a primeira biografia de Molière, contendo fortes críticas à atuação contemporânea.

precursores, no século anterior, tais como Henri Estienne¹⁰ ou ainda Justo Lísio, que prolongaram as teorias erasmianas do gênero epistolar, haviam proclamado sua separação em relação ao modelo erudito, e defendido uma concepção mais livre da escrita epistolar, em nome de sua irreduzível pluralidade, já exaltada por Erasmo em sua definição. Para eles, a escrita da carta origina-se em uma verdadeira subjetividade, constituindo-se como a expressão livre de preocupação de excelência retórica.

Frente a essas modificações operadas na maneira de se escrever cartas, como definir o gênero epistolar? Que características o distinguem dos demais gêneros? Nas acepções mais recentes, as cartas são consideradas textos híbridos e fluidos, avessos a quaisquer identificações genéricas. Elas são, por excelência, um gênero indefinível, que flutua entre categorias vagas: arquivos, documentos, testemunhos. Dessa forma, a fim de esclarecermos esses e outros questionamentos a respeito das missivas, se faz necessário revisitarmos a Antiguidade, a fim de traçarmos um breve histórico mostrando as características, a evolução e as transformações ocorridas, ao longo dos anos, na prática epistolar. Para tal, tomaremos como base o excelente trabalho de Emerson Tin, *A arte de escrever cartas* (2005), no qual este estudioso reproduz as principais referências epistolares, desde Demétrio, na Antiguidade, até Justo Lísio, no século XVI.

1.1. Referências epistolares na Antiguidade: breve histórico

No estudo introdutório que abre o seu livro *A arte de escrever cartas*: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio (2005), Emerson Tin postula que a epistolografia tem regras para seus vários modelos, elaborados ao longo da História. Desse modo, Tin apresenta ao leitor as principais referências epistolares do Ocidente, iniciando pela Antiguidade até chegar aos autores reunidos no título da obra. O estudioso observa que, na Antiguidade, as principais referências à arte epistolar ou estão dispersas na correspondência do período ou integram tratados de retórica. O livro *A arte de escrever cartas*, além de tornar textos clássicos acessíveis, contribui para destacar o aspecto retórico do gênero epistolar, assunto muitas vezes enevoado por uma visão herdada do Romantismo, que relaciona os estudos sobre correspondências ao confessional. Segundo Emerson Tin, não encontramos na

¹⁰ Henri Estienne, o Jovem (1528-1598), foi impressor, filólogo, helenista e humanista francês.

Antiguidade nenhum tratado de epistolografia independente, nenhum documento formal que estabeleça normas para o exercício da prática epistolar. Na verdade, o que se vê são poucas regras sobre a escrita de cartas, dispersas em correspondências do período, ou ainda algumas outras que integram tratados de retórica.

Do século I a.C. até o IV d.C., é possível identificar menções às cartas nas obras de Demétrio, Filóstrato de Lemnos¹¹ e Caio Júlio Victor¹², além de outras referências esparsas nas missivas de Cícero¹³, Sêneca¹⁴ e Gregório Nazianzeno¹⁵. Estas cartas despertam grande interesse, visto que consistem nas primeiras teorizações sobre epistolografia de que se tem registro. Destas se destacam as de Cícero e as de Sêneca, por terem sido eleitas como modelos de escrita epistolar, principalmente durante o Renascimento, nos séculos XV e XVI.

De forma geral, há algo em comum na escrita epistolar da Antiguidade, e que parece, segundo Tin, unir todas as concepções epistolares do período: a proximidade da carta com o diálogo. A carta é definida como uma conversa entre amigos e, por isso, deve ser clara e breve, adaptando-se sempre ao seu destinatário e empregando o estilo mais apropriado. Como podemos ver a partir dos levantamentos de Emerson Tin, “essa definição perpassará praticamente todas as artes epistolares” (TIN, 2005, p. 18).

É o que observamos no estilo defendido por Demétrio, autor de *De elocutione*. Demétrio não deve ser confundido com Demétrios de Fáléron (c. 354-c. 283 a.C.), a quem erroneamente a tradição manuscrita atribui a autoria do *De elocutione*. Pouco ou nada se sabe sobre seu autor. Não se pode precisar também a data de composição do tratado, escrito provavelmente entre os séculos I a. C. e I d. C. Seja como for, trata-se da primeira obra a expor regras teóricas sobre a epistolografia, embora não autonomamente, e sim sob a forma de um excurso.

Demétrio aborda, nas seções 190-235 de seu tratado, o chamado estilo simples, que é associado ao vício da aridez, e propõe a sua aplicação na escrita de cartas:

¹¹ Filóstrato de Lemnos (190 - 230), sofista grego, não deve ser confundido com Filóstrato, o Atenense, de quem foi discípulo e genro.

¹² Caio Júlio Victor foi um professor de retórica ativo no século IV da era cristã, possivelmente de origem gaulesa, autor da *Ars rhetorica*, um extenso manual de oratória baseado nos preceitos de Cícero (106-43 a. C.) e de Quintiliano (35-100 d. C.).

¹³ Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) foi um jurista, político, escritor, orador e filósofo da República Romana.

¹⁴ Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d. C.) foi um filósofo estoico e um dos mais célebres juristas, escritores e intelectuais do Império Romano.

¹⁵ Gregório Nazianzeno (c. 329-c. 390) foi um pregador grego cristão e arcebispo de Constantinopla.

[Demétrio] Toma como base um juízo de Artemón, que teria compilado as cartas de Aristóteles, segundo o qual se deve escrever as cartas da mesma maneira que os diálogos, de tal forma que a carta seja como uma das duas partes do diálogo. Demétrio afirma, então, que a carta deve ser algo mais elaborada que o diálogo, pois enquanto o diálogo imita alguém que improvisa, a carta, de outra forma, é escrita e enviada a alguém, como se fosse um presente. Ainda assim, deve-se adotar na carta um estilo simples, pedestre, de maneira que mais se aproxime de uma conversa entre amigos do que da demonstração pública do orador (TIN, 2005, p. 19).

Para Demétrio, a extensão e o estilo da carta devem ser ordenados cuidadosamente, evitando que sejam muito extensas ou pomposas, para que não se descaracterizem e acabem por tornar-se tratados em forma epistolar, como as de Platão e Tucídides. Além disso, Demétrio afirma que a beleza da carta está nas expressões de amizade e nos diversos provérbios que pode conter. No entanto, destaca que devem ser evitadas as máximas e exortações, para que o diálogo se aproxime mais do estilo familiar do que de um discurso eloquente de púlpito. Se, entretanto, as cartas forem destinadas ao Estado ou a pessoas importantes na sociedade, devem adotar um tom ligeiramente elevado, considerando a pessoa a quem se escreve. A elevação do estilo, porém, precisa ser comedida, para que não se escreva um tratado no lugar de uma carta.

Cícero é visto, juntamente com Sêneca, como modelo absoluto para a escrita epistolar. Ele não elabora nenhum tratado sobre a epistolografia, mas em alguns de seus textos, principalmente em sua correspondência, é possível identificar vários conceitos sobre a arte epistolográfica, o que faz crer que ele tivesse um conhecimento considerável da teoria epistolar grega¹⁶. Nas *Epistulae ad Atticum*, Cícero vê a carta como uma conversa por meio da escrita, conforme cita Emerson Tin a partir de fragmentos transcritos das cartas de Cícero¹⁷: “Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo, pois parece que falo contigo” (MALHERBE apud TIN, 2005, p. 21). Além disso, para Cícero, a carta revela o caráter de quem a escreve: “Eu te vi todo em tua carta” (MALHERBE apud TIN, 2005, p. 21).

Cícero divide a carta em dois tipos, a *litterae publicae* e a *privatae*, adotando estilos diversos para cada uma. Ele prevê também que as cartas devem ser adaptadas às circunstâncias e ao temperamento do correspondente em questão, procurando seguir o estilo mais apropriado possível ao desse correspondente e próximo ao das conversas do cotidiano.

¹⁶ Essa hipótese é defendida por C. W. Keyes, “The Greek letter of introduction”, *American Journal of Philology*, 56,44, 1935, apud Abraham J. Malherbe, *Ancient epistolary theorists*. Atlanta: Scholars, 1988.

¹⁷ As transcrições das cartas de Cícero apresentadas por Emerson Tin foram feitas por Abraham J. Malherbe. Vale destacarmos que Emerson Tin transcreveu também, em seu trabalho, cartas de outros correspondentes, que serão citados ao longo deste capítulo.

Além disso, sua narrativa epistolar supõe não só o relato, a transmissão de informações, mas também a persuasão, conforme resume Emerson Tin: “Assim, o *docere*, que corresponde ao relato expositivo, é complementado pelo *movere*, um meio emotivo da *persuasio* que se obtém mediante o encarecimento próprio do uso dos afetos” (TIN, 2005, p. 22).

Sobre a estrutura da carta de Cícero, María Nieves Muñoz Martín¹⁸, citada por Emerson Tin em sua obra, divide a carta de Cícero em três partes, consideradas como estruturas fundamentais: *abertura*, *setor central* e *conclusão*. A *abertura* é o primeiro contato, é o momento que prepara para o encontro, identificando e aproximando os correspondentes, visto que, para Cícero, a carta se configura como um substituto da comunicação oral e da presença física imediata. Já o *setor central*, ainda que caracterizado como uma das partes mais breves, assume a função de conter a mensagem, transmitir determinada informação. É por meio dele que se concretiza o encontro entre os correspondentes. E, por fim, a *conclusão* exerce o papel de desenlace do corpo epistolar. Aqui, o missivista retoma a motivação da carta, concentra-se no elemento prescritivo e manifesta o interesse em assegurar o futuro contato com o destinatário.

Sêneca também não elaborou nenhum tratado específico sobre a escrita epistolar. Entretanto, é possível encontrar nas *Epistulae Morales ad Lucilium* alguns vestígios de conceitos sobre a arte epistolográfica. Ele aborda, por exemplo, o aspecto material da carta, atentando para a sua extensão, que não deve ultrapassar o limite que se espera para uma carta. Sobre o estilo, declara que as cartas devem aproximar-se de uma conversa entre amigos, empregando, dessa forma, um tom coloquial: “Se nós nos sentássemos a conversar, se discutíssemos passeando de um lado para o outro, o meu estilo seria coloquial e pouco elaborado; pois é assim mesmo que eu pretendo sejam as minhas cartas, que nada tenham de artificial, de fingido!” (SÊNECA apud TIN, 2005, p. 24) No entanto, o tom coloquial não significa um completo despojamento do estilo, mas sim “a expressão decorosa do que se quer transmitir” (TIN, 2005, p. 25).

Além disso, tanto para Sêneca como para Cícero, a carta tem o poder de tornar presente o destinatário, ou seja, a carta exerce um efeito de presentificação: “Estou a ver-te diante de mim, Lucílio amigo, estou mesmo a ouvir tua voz; estou de tal modo perto de ti que já não sei bem se te vou a escrever uma carta, ou apenas um recado para enviar a tua casa!” (SÊNECA apud TIN, 2005, p. 24)

¹⁸ *Estructura de la carta en Cicerón*. Madri: Ediciones Clásicas, 1994, p. 44.

Diferente dos exemplos anteriores, Filóstrato de Lemnos, nascido por volta de 190 d.C., elaborou um pequeno tratado sobre a escrita epistolar, *De epistulis*, datado do século III d. C., no qual são enumeradas algumas das características que o autor julga adequadas ao estilo epistolar, como a aparência do discurso, que deve “(...) ser mais *ático* do que o discurso diário, mas mais ordinário do que seja o *aticismo*” (TIN, 2005, p. 26); a graça do estilo, que deve ser alcançada sem que sejam feitas “alusões secretas”; e, sobretudo, a clareza, que para ele é o maior meio de persuasão:

Se concedemos algo ou fazemos uma petição, se concordamos ou discordamos, se atacamos alguém ou nos defendemos, ou se declaramos nosso amor, prevaleceremos mais facilmente se nos expressarmos com clareza do estilo. Expressar-nos-emos claramente e sem vulgaridade se expressarmos alguns de nossos pensamentos ordinários de uma maneira original, e alguns pensamentos originais de maneira familiar (MALHERBE apud TIN, 2005, p. 26-27).

Também Gregório Nazianzeno destaca de forma sucinta três qualidades para uma carta: concisão, clareza e graça. Sobre a primeira, o que determina a extensão da carta é a matéria, o conteúdo a ser tratado ali. A segunda, do mesmo modo que pensa Filóstrato, deve reger a escrita epistolar. Sendo assim, “a melhor e mais belamente escrita é a carta persuasiva tanto ao ignorante quanto ao sábio (...); uma carta que além de tudo é entendida imediatamente” (TIN, 2005, p. 27). Por fim, a graça se refere ao uso de artifícios linguísticos – provérbios, gracejos, enigmas – na escrita epistolar, que não devem ser empregados demasiadamente e tampouco de forma escassa, e sim na medida certa:

Não usá-los de todo é rústico, usá-los demais é saciar o leitor. Para Gregório, eles devem ser usados do mesmo modo que os fios de púrpura nos mantos, ou seja, com parcimônia: podem ser usados tropos, mas poucos, e desde que não sejam de mau gosto. “Antíteses, pariroses e isocólons eu deixo para os sofistas”, diz Gregório, “mas devemos de certo modo usá-los, fazendo-o com humor de preferência que seriamente” (TIN, 2005, p. 28).

Por fim, temos Caio Júlio Victor, que dedica um capítulo da *Ars rhetorica* à escrita epistolar. Victor separa a carta em dois tipos: as de negócio (*negotiales*) e as familiares (*familiares*). Aquelas se caracterizam por seu conteúdo oficial e sério, apresentando sentenças mais rígidas e clareza no estilo, procurando manter uma expressão concisa. Estas, por sua vez, têm como primeira norma a brevidade. Além disso, também devem manter a clareza: “não permita que a clareza seja obscurecida por barragens verbais ou por um estilo túrgido” (MALHERBE apud TIN, 2005, p. 29).

Victor segue tratando a respeito do destinatário, advertindo sobre a relação entre as formalidades adotadas na carta e o grau de amizade que se mantém com o correspondente: “As aberturas e conclusões das cartas devem conformar-se com o grau de amizade ou de dignidade do destinatário, e devem ser escritas de acordo com o costume” (MALHERBE apud TIN, 2005, p. 30).

Até agora, partindo das observações de Emerson Tin, expusemos alguns exemplos do que seriam esboços de uma sistematização da arte epistolar. Como já foi dito, na Antiguidade não encontramos tratados que pudessem reger a escrita da carta, mas sim diferentes concepções epistolares, algumas “regras” ou orientações dispersas, na correspondência do período ou em alguns tratados de retórica da época. Esse modo de arte epistolar da Antiguidade vigorou durante a Idade Média, até que, “em razão de negócios públicos, fossem civis, fossem eclesiásticos, se exigiu um estilo formalmente mais rígido” (TIN, 2005, p. 31).

Nasce então a *Ars dictaminis*, cujos tratados serão modelados a partir do discurso clássico, adaptando a tradicional divisão do discurso às peculiaridades da carta. Martín Camargo a define como “a parte da retórica medieval que trata das regras de composição das cartas e outros documentos em prosa”, distinguindo a disciplina – a *ars dictaminis* – dos tratados sobre a matéria – as *artes dictandi* (TIN, 2005, p. 32).

A *Ars dictaminis* teve seu ponto central no século XI, em torno de Alberico de Montecassino e Juan de Gaeta, mas o primeiro se destacou, pois, segundo Martín Camargo (outro estudioso citado por Tin), Montecassino foi o mais antigo escritor medieval de que se tem conhecimento a aplicar a retórica tradicional à escrita da carta. Montecassino ressaltou a importância da retórica na escrita epistolar em *Flores rhetorici*, além de discutir as partes do discurso, principalmente o exórdio, diferenciando-o da *salutatio*.

Por três séculos (XII – XIV), Bolonha se converteu no centro da *Ars dictaminis* e teve Adalberto Samaritano como um dos primeiros nomes a se destacar. Ele redigiu o *Praecepta dictaminum* entre 1111 e 1118, o qual constituiu a mais antiga *artes dictandi* de que se tem notícia. Samaritano, ao contrário de Montecassino, que dedicou apenas uma parte de seu escrito à prática epistolar, foi o primeiro a elaborar um tratado específico sobre a escrita da carta.

Adalberto Samaritano inicia os *Praecepta dictaminum* com a indicação do campo *dictamen* que, para ele, abrange gramática, retórica e dialética. Descreve, em seguida, os vários tipos de saudação, todos adequados ao destinatário, dos quais apresenta 34 exemplos, ao lado de uma seleção de modelos de cartas. Variando o tipo de saudação, varia o tipo de carta, que pode ser classificada como *sublimis*, *mediocris* ou *exilis* (TIN, 2005, p. 33).

Será, em 1135 que surgirão, as *Rationes dictandi*, do chamado Anônimo de Bolonha. A carta é definida por ele como “o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente” (ANÔNIMO apud TIN, 2005, p. 37); ou também como “um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente” (ANÔNIMO apud TIN, 2005, p. 37); e seria dividida em cinco partes: *salutatio*, *captatio benevolentiae*, *narratio*, *petitio* e *conclusio*, que podem ou não seguir esta ordem. Mas o tratadista recomenda que somente os mais experientes na arte epistolar devem se aventurar a mudar a ordem de cada uma das partes.

A *salutatio* caracteriza-se “como uma expressão de cortesia que transmita um sentimento amistoso compatível com a ordem social das pessoas envolvidas” (ANÔNIMO apud TIN, 2005, p. 37-38). Esta primeira parte da carta recebe também uma classificação. Ela pode ser: “prescrita” (o nome do destinatário aparece primeiro, seguindo-se as suas qualificações), “subscrita” (o nome e as qualificações do destinatário aparecem no fim) e “circunscrita” (o nome do destinatário aparece em diferentes lugares da *salutatio*). Mesmo com estas três formas de classificar a *salutatio*, o autor acredita que o nome do destinatário deve aparecer antes do remetente, exceto quando aquele que escreve seja alguém mais importante que seu correspondente.

A *captatio benevolentiae* caracteriza-se como uma determinada organização das palavras, com o objetivo de influenciar a mente do destinatário, conquistando, assim, conforme o próprio significado da expressão, o favor do correspondente. Segundo Emerson Tin, esse processo pode se dar de cinco maneiras diversas: *pelo remetente*, quando elabora um relato humilde; *pelo destinatário*, quando o missivista utiliza, além da humildade, louvores ao seu destinatário; *por ambos*; *pelas circunstâncias*, “se alguma coisa é acrescida que seja apropriada a ambas as pessoas envolvidas, ou que esteja no propósito das coisas, ou poderia ser adequadamente ou razoavelmente associada à boa disposição” (TIN, 2005, p. 40); ou *pela matéria*, quando seu grau de importância é declarado abertamente na carta.

A terceira parte é a *narratio*, que seria o desenvolvimento da carta em si, a exposição do assunto de tal forma que pareça apresentar-se de maneira independente, autônoma. É uma parte breve e clara e classifica-se em *simples* – quando é tratado apenas um tema – ou *composta* (dita também complexa) – quando expõe vários assuntos. Vale destacarmos a dimensão temporal da *narratio*, que pode abordar questões do passado, presente ou futuro.

A próxima parte é a *petitio*, momento em que o remetente pede algo ao seu destinatário. Como a *narratio*, pode ser também simples ou composta. Divide-se em nove espécies, conforme expõe Tin: 1) *supplicatória*, quando o remetente faz uso da súplica para realizar sua petição; 2) *didática*, quando o remetente utiliza regras, ensinamentos ou lições para dizer o que se deve ou não fazer; 3) *cominativa*, quando a petição é feita por meio de ameaças, de maneira intimidatória; 4) *exortativa*, quando o remetente insiste em influenciar o pensamento de seu destinatário, mostrando o que deve ou não ser feito; 5) *incitativa*, quando se busca atingir o pedido por meio do encorajamento do destinatário; 6) *admonitória*, quando se baseia na advertência; 7) *de conselho autorizado*, ou seja, por meio do aconselhamento; 8) *reprobativa*, por meio da reprovação; 9) *direta*, por qualquer outra forma que não sejam as listadas anteriormente.

A última parte constituinte da carta é a *conclusio*, ou seja, o momento final, o encerramento da correspondência. Normalmente ela retoma os assuntos tratados, assim como o motivo da petição, se é uma questão vantajosa ou não, por exemplo. Com isso, a *conclusio* pode ser empregada para afirmar ou negar algo.

O autor destaca que as cinco partes não são necessariamente exigidas em todas as cartas, podendo haver cartas sem a *conclusio* e/ou sem a *petitio*, subsistindo com as partes restantes. Ou, ainda, cartas em que a *salutatio* e/ou a *captatio benevolentiae* são omitidas como demonstração de raiva ou desprezo, permanecendo completa a carta com as partes restantes. Entretanto, o autor das *Rationes dictandi* deixa clara a importância da *narratio* para que se tenha completude.

1.2. Sistematização do gênero epistolar: Erasmo de Rotterdam e Justo Lúpsio

A tradição medieval da arte epistolar atingiu, ao longo do tempo, um grau elevado de rigidez no discurso, o que incomodava a muitos humanistas. Segundo Emerson Tin, por mais de um século, conviveram dois estilos diferentes, a *ars dictaminis* medieval e a epístola dita humanística, até prevalecer a doutrina que regulava esta última.

O início desse processo de transição entre os dois estilos, e que marca a redefinição do gênero, se deu de forma casual e inesperada, por meio da redescoberta das cartas de Cícero, em dois momentos: primeiramente, por Petrarca, e, depois, por Coluccio Salutati. Além disso,

no início do século XV foram recuperadas obras de grande importância para o gênero, conforme lista Emerson Tin:

(...) em 1416, Poggio Bracciolini (1380 – 1459) encontra o texto completo de Quintiliano no Monastério de St. Gall; em 1421, foi encontrado na Biblioteca da Catedral de Lodi um manuscrito com o *Brutus*, o *De oratore* e o texto completo do *Orator*, todos de Cícero. Ao lado disso, as cartas de Cícero passaram a integrar, em 1419, o currículo da escola de Guarino Guarini (também conhecido como Guarino de Verona, 1374 - 1460), em Verona. Finalmente, com a imprensa, a difusão de todos os textos recentemente descobertos foi imensa: basta citar o exemplo do *Ad familiares*, impresso por Sweynheym e Pannartz em Roma, em 1467 e 1469; por João de Speyer, em Veneza, em 1469, com uma primeira impressão de cem cópias e uma segunda de 600 cópias; por Aldo Manuzio, em 1502, 1512, 1522 e outras dez edições posteriores (TIN, 2005, p. 45).

Concomitantemente, a escrita epistolar passou a ser revista, com o aparecimento de diversos tratados sobre o gênero, como o *Novum epistolarium*, de Giammario Filelfo, o *De componendis et ornandis epistolis*, de Giovanni Sulpizio di Veroli, e o *Ars epistolandi*, de Francesco Negro, todos publicados na Itália. Contudo, a produção dos tratados sobre a arte epistolar não ficou restrita apenas ao território italiano. Segundo Emerson Tin, na Alemanha encontramos o *Commentaria epistolarum conficiendarum*, de Heirich Bebel, um dos grandes nomes do período.

Entretanto, é somente no século XVI que vemos surgir tratados mais elaborados e mais completos sobre o gênero, principalmente as obras de Erasmo de Rotterdam, que produziu três tratados (*Brevissima maximeque compendendarum epistolarum formula*, de 1520; *Libellus de conscribendis epistolis*, de 1521; e *Opus de conscribendis epistolis*, de 1522), e de Justo Lúpsio, que escreveu o *Epistolica institutio*. Trataremos agora dos tratados mencionados neste parágrafo.

Em seu primeiro tratado, o *Brevissima maximeque compendendarum epistolarum formula* – que corresponde a uma pequena brochura de dez folhas –, Erasmo de Rotterdam aproxima a carta a uma conversação. Ele aconselha que “o estilo epistolar deve ser simples e descuidado, no sentido de um descuido estudado” (ROTTERDAM apud TIN, 2005, p. 52), assemelhando-se a algo improvisado e sem preparação.

O primeiro capítulo trata da exercitação e do estilo. Para Erasmo, “pureza e propriedade de estilo são alcançadas pelo diligente exercício de escrita acompanhado pela cuidadosa revisão e o estudo em profundidade de diversos escritores” (HENDERSON apud TIN, 2005, p. 52). Assim, o exercício e a prática, tanto de leitura como da escrita, é o que leva o epistológrafo a atingir os objetivos do gênero.

Já o segundo capítulo fala da imitação, declarando que “grande parte da arte consiste em imitação: a partir da leitura de autores adequados, uma abundância de palavras pode ser tomada, e uma variedade de figuras, e tanto com a doutrina que pode ser edificada quanto com o exemplo de todas as virtudes a mente pode ser ordenada” (HENDERSON apud TIN, 2005, p. 52). Erasmo segue seu discurso apontando alguns modelos a serem seguidos: as cartas de Cícero, de Plínio, o Jovem, de Angelo Poliziano e de Sêneca, sendo este último apenas para os mais experientes na arte epistolar.

No terceiro e último capítulo, o juízo aparece como tema. Henderson nos mostra que Erasmo critica claramente alguns humanistas, que afirmam não haver uma arte de escrever cartas:

(...) alguns [claramente se refere a alguns humanistas] reclamam que não há qualquer “arte” de escrever cartas e riem do estudo diligente e da prática, mas se fabricar, moldar e forjar um vaso de barro requer arte, então certamente o discurso, a glória da razão humana, não pode existir sem arte. É verdade, de qualquer forma, que quem escreve uma carta a um amigo não deve tomar refúgio na retórica. A divisão da carta em *salutatio*, *exordium*, *narratio* e *conclusio* não é sempre nem frequentemente adequada. Ao contrário, não se deve tagarelar sem trabalho, método ou disciplina. Erasmo conclui com uma classificação dos três tipos de cartas copiada da retórica: demonstrativo, deliberativo e judicial (HENDERSON apud TIN, 2005, p. 52-53).

O *Libellus de conscribendis epistolis* é mais extenso, totalizando 76 folhas. Erasmo inicia este tratado declarando que “a grandiloquência teatral é indecorosa numa carta familiar. O escritor das cartas deve aspirar, dentro dos limites do *sermo* e sob a *contentio* da oração, pela agudeza, dicção apropriada, inteligência, humor, encanto e brevidade” (HENDERSON apud TIN, 2005, p. 53). Sobre esta última, dá o exemplo da saudação, que não deve ser pomposa, a fim de bajular o destinatário, mas simples, apresentando apenas os nomes dos correspondentes, seguindo o uso de Cícero, colocando o nome do remetente em primeiro lugar. Já os epítetos devem ser empregados no corpo da carta.

O terceiro e último tratado de Erasmo, o *Opus de conscribendis epistolis*, constitui um trabalho mais completo, com um volume de 400 páginas. Segundo Erasmo de Rotterdam, a carta se diferencia dos demais gêneros por sua diversidade infinita. Por isso, ele critica algumas definições que sejam restritivas, como as que exigem cinco características específicas na carta (estilo seco, estilo não trabalhado, ausência de eloquência coesa, vocabulário da língua cotidiana e brevidade) e que procurem uniformizar tanto a carta como o estilo epistolar.

Erasmo destaca três aspectos principais da carta: a finalidade, a capacidade de adaptação e o remetente. Para ele, o estilo da carta é definido pela finalidade desta:

Tratando de altas questões, que seja grave; de matérias medíocres, harmoniosa (*concinna*); de matérias humildes, correta e agradável; que, na brincadeira, ela seduza por seu humor e sua graça; no elogio, por sua pompa (*apparatu*); que, na exortação, seja veemente e apaixonada; na consolação, carinhosa e afetuosa; para persuadir, grave e rica de pensamentos; na narração, clara e descritiva (*graphice*); para pedir, discreta; para recomendar; solícita; nas circunstâncias felizes, cumprimentadora; na tristeza, séria. (ROTTERDAM apud TIN, 2005, p. 55)

Outro ponto destacado é a capacidade que a carta tem para adaptar-se aos momentos e às pessoas, mudando o tom de acordo com o destinatário: “a um velho ou a um jovem, a uma pessoa sombria e severa ou a outra naturalmente bem-humorada; a um cortesão ou a um filósofo a um familiar ou a um desconhecido”. (ROTTERDAM apud TIN, 2005, p. 55).

Por fim, tratando do remetente, Erasmo pontua que este deve se metamorfosear “em todas as espécies de formas, segundo a circunstância”, para que assim seja compreendida claramente a sua intenção: “A carta é prolixa? Diz-se que foi escrita para um homem ávido de ler e que vive despreocupadamente. É trabalhada e rebuscada, quis-se escrever para um letrado etc.” (ROTTERDAM apud TIN, 2005, p. 56).

Ainda que a carta tenha formas infinitamente variadas, é necessário, no entanto, que mantenha uma língua pura, “em que se sinta um espírito cultivado e equilibrado” (TIN, 2005, p. 56). Dessa forma, segundo afirma Emerson Tin em relação à abordagem de Erasmo de Rotterdam, vemos que a carta é um gênero proteiforme, ou seja, que muda, se transforma, se adapta frequentemente, “ao qual é ridículo e vão querer impor uma forma e uma figura únicas, o que não significa que seja um gênero sem limites”. (TIN, 2005, p. 56).

Erasmo trata, na sequência, a respeito da carta familiar, diferindo-a das *declamantiunculae* (“pequenas declamações”, cartas elaboradas como forma de exercício), dos *libri* (“tratados”) e dos discursos (cartas para príncipes ou magistrados). Erasmo afirma que, mesmo que se denominem cartas apenas as missivas endereçadas a familiares, ou seja, aquelas que abordam questões privadas ou que se endereçam a amigos, ainda assim é impossível ditar-lhes uma forma determinada. Ela tem como características a simplicidade, a franqueza, a alegria, a vivacidade e, em relação ao estilo, “convém a esse gênero o aticismo, e o estilo humilde (*humilior*), mais próximo do cômico que do trágico, ou mesmo abaixo, se isso é possível, do tom da comédia, contanto que esse estilo humilde seja de um letrado (*modo docta sit humilitas*)” (TIN, 2005, p. 57). Além disso, o gênero familiar deve ser conciso, sem a presença do exórdio, de palavras expressivas e narrações alusivas.

Sobre a carta e o discurso, Erasmo procura enfatizar a diferença entre eles, ainda que veja a carta como uma forma de gênero oratório:

O orador não conhece antecipadamente o espírito dos juízes e se dirige a muitos: o que pode seduzir um, chocará talvez outro; o epistológrafo em geral já conhece seu correspondente e em todo caso, pode adivinhar pela reflexão o que ele pensa e assim melhor ajustar seu estilo (em compensação o orador, na medida em que percebe as reações de seu auditório, pode modificar a linha de seu discurso) (ROTTERDAM apud TIN, 2005, p. 59).

Em suma, segundo Judith Rice Henderson, é importante destacar, sobre o *Opus de conscribendis epistolis*, que nele Erasmo sintetizou

(...) as tradições da epistolografia medieval e clássica, enquanto rejeitava o legalismo dos *magistri nostri* e dos “macacos de Cícero”. O *Opus de conscribendis epistolis* descreveu a escrita de cartas como era praticada pela maioria dos humanistas da Renascença, e não como era estreitamente definida por uns poucos puristas ciceronianos. (HENDERSON apud TIN, 2005, p. 60).

Quanto ao humanista Justo Lúpsio (1547-1606), foi um filólogo e humanista flamengo. É considerado um dos eruditos mais famosos do século XVI, sendo conhecido principalmente como o fundador do chamado Neo-estoicismo (reaproximação do Estoicismo clássico de maneira compatível com o Cristianismo). Em sua *Epistolica institutio*, publicada em 1590, temos um volume composto por 13 capítulos e destinado “a alunos, não a doutos, a jovens, não a adultos” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 61). No primeiro capítulo ele apresenta os vários nomes da carta, abordando a etimologia do termo “epístola”, além de listar e explicar os diversos nomes pelos quais os antigos a conheciam. Já no segundo capítulo, Lúpsio define a carta como uma “notícia escrita de um espírito a outro ausente, ou quase ausente” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 61). Feita a definição, ele passa a tratar, no capítulo três, da matéria da carta, ou seja, “a coisa que se sujeita ao escrito (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 61). Para Justo Lúpsio, a matéria tem dois elementos: o *convencional*, que seria aquele que se repete quase que como uma fórmula em toda carta, ou seja, o nome, a saudação e a conclusão; e o *variável*. Ele destaca ainda que tais usos devem ser adaptados ao tempo em que se escreve.

Para Justo Lúpsio, os elementos variáveis das epístolas são múltiplos; no entanto, podem ser limitados por uma tríplice classificação: *séria* (quando trata de matérias públicas ou privadas), *douta* (quando são cartas que se referem ao conhecimento ou sabedoria; dividem-se em literárias, filosóficas ou teológicas) e *familiar* (é “a carta que toca às coisas nossas ou em torno de nós, às coisas frequentes na vida”) (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 62).

Ao tratar da invenção e da organização da carta, Lípsio recomenda de forma sucinta que, quanto à invenção, o remetente não deve escrever uma carta a não ser que tenha “um argumento concebido e a mente (assim como digo) fervilhando” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 63). Da mesma forma, quanto à organização, ele nos diz que “o melhor na carta é que seja negligenciada ou inexistente. Como nas conversas de algo descuidado e desorganizado (...)”. (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 63).

Assim, Justo Lípsio indica o estilo coloquial como o mais adequado à carta. Com isso, recomenda que sejam observados cinco pontos: a brevidade, a clareza, a simplicidade, a elegância e o decoro.

Para ele, a *brevidade* é a principal das virtudes na escrita das cartas: “como na conversação ou na narração, assim na carta é odiosa a tagarelice, que afeta os mais inábeis; e os mais loquazes em geral são os menos eloquentes” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 63). Entretanto, destaca que a brevidade precisa adequar-se tanto à matéria da carta como também à classe e à capacidade das pessoas. Tratando-se de uma carta cuja matéria é séria ou erudita, é permitido e aconselhável que seja mais difusa, “e alguma gravidade das palavras poderia ser acrescentada à própria matéria grave” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 64); se familiar, seu conteúdo pode ser mais resumido, condensado. Quanto à classe e à capacidade das pessoas Lípsio declara que:

Se a carta for escrita a um estranho ou a um superior, deverá ser um pouco mais ampla e floreada, pois a estrita brevidade com tais pessoas não afasta o desprezo. De outro modo se com amigos ou iguais (...); leve em conta se escreve a alguém levemente douto ou agudo. Se a um jovem, então seguramente pode ser mais extenso, e eu não propagaria as trevas acima do engenho daqueles por si pouco brilhantes (...), visto que o ponto capital da arte é escrever convenientemente (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 64).

A *clareza*, segundo Lípsio, é normalmente ameaçada pela brevidade: “Quão difícil e quão rara é a brevidade que não desvie ou frustre a atenção! Em quantos casos o entendimento do leitor não é submetido à tensão!” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 64). Portanto, a clareza é alcançada a partir da observação de três condições, a saber: se as palavras são adequadas, correntes e coerentes.

Quanto à *simplicidade*, Justo Lípsio afirma que esta é exigida tanto no estilo quanto no pensamento. Espera-se que o pensamento demonstre simplicidade e delicadeza, “que devem em todo o escrito transparecer e desvendar uma certa candura de um espírito livre” (LÍPSIO apud TIN, 2005, p. 65), enquanto o estilo deve ser simples, natural, de tal forma que se

aproxime de uma conversa diária, traço comum entre as escritas epistolares desde a Antiguidade.

A *elegância* é vista por Lípsio como um dom, um talento. No entanto, ele oferece dois conselhos: o autor da carta deve mesclar alguns provérbios e alusões a antigos ditos e feitos, como também trechos de máximas de sabedoria; e deve acrescentar elogios e ditos espirituosos. Já o *decoro* está relacionado à adequação da carta, se está escrita da forma conveniente. Para Lípsio, o decoro envolve dois aspectos: a *pessoa*, ou seja, quem escreve e quem receberá a carta; e o *assunto*, pois a maneira como a carta é elaborada deve estar coerente com o tema tratado.

Lípsio aborda, ainda, a elocução e a linguagem da carta, procurando orientar a formação do missivista:

A partir da ideia de *imitação* (a “adequada forma de nosso estilo modelada conforme o estilo dos antigos”), Lípsio aborda os seguintes temas: quem e quando se deve ler; o que e de quem se deve selecionar; o que se deve imitar e o que evitar, com a indicação dos escritores modelares (TIN, 2005, p. 66).

A preocupação demonstrada por ele com a formação do missivista nos remete a outro elemento fundamental neste processo de construção e sistematização do gênero epistolar: o importante papel desempenhado pelos *Secretários*. Podemos dizer que os *Secretários* são o prolongamento de uma tradição mais antiga, já mencionada anteriormente neste capítulo, a *Arts Dictaminis* medievais, visto que “*dictamen*” é o ato de ditar a um secretário; portanto, a *Arts Dictaminis* é a arte de ditar. A palavra “secretário” tem um tríplice sentido: refere-se à pessoa comissionada para escrever cartas; a um tipo de livro que funciona como manual para a escrita das cartas, reunindo conselhos e modelos (*Secrétaire des dames*, *Secrétaire des amants*); e, por último, ao móvel sobre o qual se escrevem e onde se guardam as missivas. Seja como sujeito que sabe guardar segredos (quando se lhe dita uma carta), seja na qualidade de exemplário de como moldar os segredos (quando a carta é escrita), ou como objeto que pode armazená-las (quando ela é arquivada), os *Secretários* guardam intimidades. Roger Chartier ressalta o parentesco presente no étimo da palavra *Secretário*: “Nessas relações entre correspondência e segredo, a etimologia afirma plenamente seus direitos, já que *secretum* designa ao mesmo tempo um lugar retirado, pensamentos ou palavras secretas e papéis secretos” (CHARTIER apud HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 77).

Mesmo diante destas características polivalentes dos *Secretários*, Geneviève Harouche-Bouzinac, em seu livro *Escritas epistolares* (2016), destaca a acepção de um

conjunto de pequenas obras produzidas, primeiramente, com finalidade prática, e depois, mais tardiamente, recreativa, utilizadas como auxílio para a redação de cartas por aqueles que não dispusessem dos serviços de uma pessoa formada para essa função. A estudiosa complementa declarando que:

Embora oficialmente desprezada por “damas e cavalheiros”, segundo os termos de Richelet, essas obras estão presentes em inúmeras e ricas bibliotecas, e os volumes armoriados com nomes ilustres atestam o uso que delas se fazia: resolver um ponto delicado de precedência ou de protocolo, encontrar um modelo para uma mensagem de condolências, ler para seu próprio prazer as “belas cartas” nas coletâneas que acrescentam aos conselhos formais missivas atraentes. É o caso, notadamente, da célebre obra de Pierre Richelet, autor do dicionário *Les plus belles lettres des meilleurs auteurs avec des notes* [As mais belas cartas dos melhores autores com notas], (1689), que inclui *As Cartas Portuguesas* em uma de suas diversas edições. (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 77).

Segundo a estudiosa, esses manuais atingem um público muito diverso e diversificado, pois alguns se destinam aos comerciantes, aos burgueses, aos jovens ou aos estrangeiros, às damas. Outros volumes, como a própria coletânea de Richelet, são preparados para leitores letrados ou eruditos, contendo uma maior riqueza de detalhes, com explicações históricas e geográficas.

Harouche-Bouzinac destaca que a idade de ouro dos *Secretários* é, provavelmente, a segunda metade do século XVII, quando ocorre um crescimento de novas publicações e reedições desses manuais de escrita epistolar. No século XVIII, muitas dessas obras entram nas coleções populares da *Bibliothèque Bleue*, que publica diversos guias, conforme apontou o inventário realizado por Geneviève Bollème:

A obra é escolhida, mantida em biblioteca porque se apresenta como um modelo, uma receita, um meio de se comportar que garante rapidamente a felicidade no outro mundo, mas também, e ainda, na sociedade, na vida de todos os dias. (BOLLÈME apud HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 80).

A prática de escrita e de uso desses manuais, segundo a estudiosa, permanece no século XIX, quando surgem novas edições em quantidade considerável:

Alguns manuais têm uma ambição mundana, como os da baronesa Staff, outros pretendem divertir. Ainda hoje as editoras contêm em seu catálogo alguns títulos como esses com poucas modificações: *Le nouveau Secrétaire* [O novo Secretário], *Savoir écrire une lettre* [Saber escrever uma carta]. Remanescência de práticas medievais, prova indubitável de que, para um amplo conjunto de pessoas, a composição de uma carta apresenta dificuldades consideráveis. (HAROUCHE-BOUZINAC, 2016, p. 80).

Por fim, ainda que seja necessária prudência ao interpretarmos seu legado – afinal, sempre há uma defasagem entre teoria e prática –, podemos concluir que os *Secretários* são o reflexo e a preservação de uma norma para a prática epistolar, conforme assinala Bernard Beugnot, citado por Geneviève Harouche-Bouzinac:

Se por um lado codificam um ritual social da comunicação, [os Secretários] servem também para a expressão das matrizes ou modelos geradores cuja ascendência varia consideravelmente segundo as épocas e os indivíduos. Tanto quanto a instalação numa escrivaninha, eles antecipam uma relação, chamam ou mobilizam os recursos expressivos depositados na memória pela educação ou pela cultura. (BEUGNOT apud HAROUCHE-BOUZINAC, 2016 p. 81).

É ainda no século XVII, período em que a carta prevalece como forma de sociabilidade à distância, na qual impera a estreita afinidade entre prática epistolar e conversação, que veremos a chegada das mulheres à cena da carta.

A partir da metade do século, foram elas, manifestadamente, que “fixaram um modelo das boas maneiras e do discurso, e transformaram a conversação – mas também a correspondência, prolongamento literário daquela – em uma verdadeira arte”. O que leva pedagogos, escritores, críticos a dissertarem à exaustão sobre a suposta predisposição das mulheres a essa modalidade de expressão. Toda uma *doxa* vai então se dedicar a racionalizar essa nova divisão das tarefas por uma lista de argumentos bastante perversa, já que fundamenta essa singular superioridade feminina no assunto em uma inferioridade de fato (DIAZ, 2016, p.27).

Segundo Diaz, é pelo fato de se julgarem as mulheres menos intelectuais, menos racionais, menos esclarecidas que os homens, “que se atribui a elas um prêmio de excelência na arte epistolar” (DIAZ, 2016, p. 29), “arte” na qual se entendia que a reflexão lógica e teórica era intrusa, e que a abordagem dos sentimentos era o único critério estético que se esperava do gênero epistolar.

1.3. Séculos XVIII e XIX: do natural epistolar ao “teste de literatura”

Percebemos que, no século XVIII, ainda prevalece a ideia do natural epistolar, do “estilo natural”. Ou seja, a noção de que a arte de escrever cartas deve ser tão simples quanto a arte de conversar, adotando-se uma expressão de fácil entendimento do sentimento e do pensamento, o que levou a carta a ser entendida, por muito tempo, além de sua função

socializante, como uma forma pedagógica e disciplinar para as mulheres. Os pedagogos daquele século irão escolher, quase por unanimidade, elaborar seus preceitos sob a forma epistolar, julgando que esta fosse mais simples e de mais fácil entendimento para as moças, inculcando-lhes assim os bons costumes da sociedade: “Testemunho disso é a profusão de obras da época que apresentam de todas as formas invariáveis ‘Cartas sobre a educação das mulheres’” (DIAZ, 2016, p.32).

É nesse momento que surge mais uma dicotomia em relação ao gênero epistolar: a oposição entre o discurso social, que a carta impõe como norma discreta, mas imperativa, e a voz individual, que procura abrir seu caminho original na aventura epistolar.

Desde o Grande Século até o Século das Luzes e a *fortiori* durante o século romântico, os epistológrafos, à escuta de sua própria voz, repudiam progressivamente o exercício usual do gênero epistolar conversacional e mundano para inventar novas regras do jogo mais excitantes. Ao se recusarem a obedecer às formas de enunciação autorizadas na carta, vão, ao contrário, organizá-la em espaço de dissidência onde deverá surgir uma palavra singular (DIAZ, 2016, p.35).

Segundo Diaz, essa divisão paradigmática entre o social e o individual, o coletivo e o íntimo, deixa seu rastro na epistolografia do século XVIII. A estudiosa aponta como exemplo a correspondência de Diderot a Sophie Volland. Para Diderot, a correspondência privada, principalmente quando é de cunho amoroso, é escrita contra uma socialidade dissonante da qual o epistológrafo quer se preservar no lugar fechado e protegido da carta.

Esta (a carta) demarca a fronteira reconfortante, quase estanque, entre dois espaços de comunicação: por um lado, a sociedade que impõe a circulação de discursos desvalorizados porque convencionais; por outro, a relação epistolar que circunscreve o território protegido do íntimo onde uma palavra verdadeira pode enfim advir. A carta é uma tela que isola os bastidores privados do proscênio público; mas é também um cofre que protege a palavra das vilezas de uma socialidade alienante. (DIAZ, 2016, p.36).

É quando, então, a carta irá se retrair no campo protegido do íntimo. Conforme afirma Diaz, antes a carta “era o eco de um socioleto e o selo da matrícula social de uma personagem” (DIAZ, 2016, p.37). Agora, passado o período de ouro da sociabilidade a distância, ela (a carta) “vai querer ser apenas o idioleto quase indecifrável de uma pessoa” (DIAZ, 2016, p.37). Dessa forma, de acordo com as reflexões levantadas por Brigitte Diaz, podemos concluir que a prática da escrita epistolar privada, que se desenvolveu de forma extensa no século XVIII, certamente contribuiu para o nascimento do íntimo.

Essa *intimidade*, ligada à relação epistolar e à emergência de formas diversas de escrita de si, é preciso concebê-la segundo os dois maiores sentidos do termo que permanecerão mesclados no decorrer de sua evolução semântica. Se primeiramente a palavra “íntimo” serviu no século XVII para caracterizar a relação de afeição que une dois seres, sua acepção muda sensivelmente no decorrer do século seguinte. Em 1835, a academia define o íntimo como aquilo que é “interior e profundo”, isto é, “aquilo que faz a essência de uma coisa”. Desde então, a noção de intimidade não está mais forçosamente ligada a uma relação dual – seja ela de amizade e de amor –, mas antes à densidade da relação que podemos manter conosco e à “profundidade confusa de um eu que não se pode definir” (DIAZ, 2016, p.37-38, grifo da autora).

O *corpus* riquíssimo de cartas privadas do século XVIII e que inundou os vinte primeiros anos do século seguinte – conjuntamente à expressiva publicação de *memórias privadas* – provavelmente contribuiu para modificar as práticas dos epistológrafos da época. Isso porque eles são também, e, antes de tudo, os leitores dessas cartas em que se mostra uma intimidade sentimental e espiritual que até então só aparecia maquiada com o “pó de arroz do romance” (DIAZ, 2016, p.40).

É possível perceber que o século XVIII nos apresenta a carta não apenas como uma forma de expressão da intimidade. É no século das correspondências que os epistológrafos e pensadores conseguem contornar e transcender, com notável facilidade, “os interditos que o século precedente havia imposto à escrita epistolar para torná-la terreno de exercício favorito de um pensamento *em progresso*” (DIAZ, 2016, p.48).

Se, muito antes deles, os pensadores da Antiguidade haviam também posto a carta a serviço do exercício do pensamento e instalado por meio do diálogo epistolar as premissas do debate filosófico, os espíritos mais originais do século XVIII, de fato, reinventaram “um novo modo de usar desse antiquíssimo meio de expressão, a carta”, como escreve George May. As correspondências – reais, mas também ficcionais –, cujas redes, naquele momento, se complicam e se alargam conforme as dimensões da Europa das Luzes, assumiram plenamente seu ofício de fórum virtual onde pensar a sociedade nova e onde inventar uma outra literatura (DIAZ, 2016, p.48).

Assim, a carta se afirma como um meio essencial de todos os grandes debates que marcaram o século, além de impor-se como instrumento formal indispensável para uma vasta reflexão epistemológica. Ultrapassando os limites do gênero literário e mundano no qual quiseram confiná-la, conforme afirma Brigitte Diaz, a carta se diversifica: romance epistolar, diálogo filosófico, carta aberta, panfleto, autobiografia, salão estético, debate crítico, “tanto nas práticas reais quanto no campo da ficção, em que proliferam esses grandes romances epistolares, cuja polifonia faz ouvir a pluralidade efervescente das consciências” (DIAZ, 2016, p.49).

Vemos então que, quando os epistológrafos do Século das Luzes ampliam quase ao infinito o campo da carta, acabam por radicalizar, de alguma forma, as lições longínquas de Erasmo de Rotterdam. Em seu tratado *De conscribendis epistolis*, o humanista concedia à carta um único e paradoxal limite, o do infinito: “À infinidade de assuntos dos quais a carta pode tratar, ‘não menos numerosos do que os mundos de Demócrito’, respondem, segundo ele, as formas que ela empresta, ‘não menos numerosas do que os grãos de areia do deserto da Líbia’” (DIAZ, 2016, p.49-50).

Ao levarem ao extremo a lógica da abertura, os epistológrafos do século XVIII transformaram a carta, como escreve Georges May, em “um meio de expressão privilegiado, prometido para um futuro ilimitado, porque, não tendo nenhuma forma preestabelecida, nenhum modelo absoluto, é capaz de se sujeitar a todos os usos, adaptar-se a todas as necessidades, de expressar tudo; porque ela é um modo livre” (DIAZ, 2016, p.50)

Sendo assim, a carta passa de gênero fortemente normatizado, como era outrora, a uma forma livre por excelência: “o *antigênero*, rebelde a qualquer alistamento em esquemas de pensamento e de expressão pré-calibrados” (DIAZ, 2016, p.50-51). Isso nos leva a crer que não será totalmente um acaso a carta, seja ela pública, aberta ou fictícia, tornar-se, no século XVIII, o modo de expressão preferido do pensamento engajado, e todos os maiores escritores do século serem também tão grandes epistológrafos. Como afirma Diaz, “(...) também não é um acaso se ‘o século que *inventou* a liberdade inventou também a carta’” (DIAZ, 2016, p.51).

Em suma, as correspondências do século XVII revelavam aos leitores do século XIX “a cenografia regulamentada de uma sociabilidade harmoniosa” (DIAZ, 2016, p.41). Já as do século XVIII demonstravam “a dramaturgia febril de uma palavra que busca a si própria” (DIAZ, 2016, p.41). E é assim que alguns desses leitores, ao tornarem-se epistológrafos, vão usar a carta para realizar suas confissões e, conjuntamente, traçar os contornos de sua identidade:

(...) a escrita da carta apresentava-se então aos narcisistas epistológrafos como o instrumento acessível de uma captura de si. Ao fixar a carta no território do íntimo, o século XIX parece responder a uma exigência muito antiga que se ouve esporadicamente em inúmeras correspondências e que o pensamento humanista da carta já havia formulado. Rompendo com a impessoalidade da epístola douta, os adeptos da nova epistolaridade, como Justo Lipsis, procuraram também na carta o espaço de outros ensaios de si e o terreno de expressão de uma palavra mais centrada sobre si mesma do que dirigida ao outro. Prova de que na história da carta as mutações não são tão inovadoras como se poderia pensar (DIAZ, 2016, p.41).

Segundo Brigitte Diaz, os epistológrafos do século XIX, menos confiantes que seus antecessores na eficiência da discussão filosófica e do debate por meio da correspondência, esperaram da carta mais um efeito sobre si do que uma ação sobre o outro, o que resultou numa prática do exercício epistolar predominantemente em seu uso interno. Dessa forma, foi na busca por sua própria liberdade – o extravasamento do eu – que buscaram explorar o fermento da carta. Assim, a prática da epistolografia preparou novas formas de escrita de si, que começavam a se desenvolver e a concorrer com ela paralelamente: memórias, narrativas de infância, lembranças, autobiografias.

No século XIX, tornou-se cada vez mais difícil falar de um *gênero* epistolar, tanto a expressão recobre práticas heterogêneas. Daí, no fim do século, a perplexidade de um Lanson diante do vago genérico de uma literatura epistolar que se esquia a qualquer captura: “Não há *arte epistolar*. Não há *gênero epistolar*”. Cada carta vale em primeiro lugar e exclusivamente pela presença que a habita: “Em uma carta, decreta Lanson, não somos obrigados a ter talento: só devemos ser nós mesmos...”. Eis a carta remetida para a singularidade do que se desnuda nela; eis a carta novamente deixando o território da literatura para reencontrar, dessa vez, o do testemunho (DIAZ, 2016, p.41).

A carta segue então, no século XIX, embarçando as fronteiras do literário. Por sua forma híbrida, acaba oferecendo aos escritores – amadores ou não – um espaço de invenção, produção e experimentação de seus escritos, tornando-se um laboratório literário, um “teste de literatura” (DIAZ, 2016, p.53). A posição do escritor como epistológrafo assegura, deste modo, um recuo crítico em relação aos artifícios da literatura:

Pode-se, aliás, observar que os grandes epistológrafos do século – Stendhal, Sand, Flaubert – são todos escritores que, em certo momento de seu percurso e por razões diversas, quiseram habitar as margens do espaço literário, afastados, até mesmo dissidentes, de suas normas, seus cânones, seus hábitos. E é na correspondência, espaço limítrofe – ao mesmo tempo dentro e fora do literário –, que essa palavra das margens pôde produzir-se (DIAZ, 2016, p.53).

1.4. O gênero epistolar e a escrita de si

Feito um breve mapeamento do percurso da escrita epistolar na história, seguimos nossa abordagem teórica, tomando como ponto de partida para nossas reflexões o uso da carta como escrita e compreensão de si. Dessa forma, partindo de estudos consagrados acerca da

epistolografia, pretendemos analisar alguns mecanismos desta escrita em primeira pessoa, e, assim, compreender melhor tal gênero.

Como um gênero indefinido, as cartas acabam transitando por outras categorias, sendo vistas como documentos, arquivos, testemunhos. De tal modo, segundo Brigitte Díaz, “que não se sabe muito bem que lugar lhes é atribuído na geografia ordenada da literatura” (DÍAZ, 2016, p.11). Segundo a estudiosa, a crítica do século XIX situou as cartas nas fronteiras do literário e as aprovou, gostou delas, desde que não ultrapassassem esse limite.

As cartas, então, se tornaram objetos muito paradoxais: ao mesmo tempo em que eram fervorosamente colecionadas, editadas, difundidas, comentadas, exatamente como obras de fato e de direito, foram reduzidas ao estatuto subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir à história de um homem e, eventualmente, de uma obra. (DÍAZ, 2016, p.11).

Durante um longo período, foi unânime o pensamento de que a relevância e o maior interesse da carta eram o de mostrar-nos, de revelar-nos o *eu* privado: “por trás das teorias, os homens, e sob o encadeamento inflexível das ideias, a imensa ondulação e a efervescência confusa da vida” (LANSON apud DÍAZ, 2016, p.11). A correspondência era então apreciada quando diretamente atrelada ao indivíduo e à sua história. Com sua amplitude reduzida ao pessoal e ao íntimo, provavelmente as cartas converteram-se em material indigesto aos olhos das gerações de críticos do século XX.

Surge daí a concepção da carta como um texto inferior, que não pode ser alçado à categoria de “literatura”. Na busca por compreender e delinear as características da epistolografia, consideraremos inicialmente a missiva enquanto gênero menor¹⁹, seguindo a proposta de Bakhtin no livro *Estética da criação verbal* (2000 [1979]). Nesta obra, o estudioso afirma que a carta integra o grupo especial de gêneros do qual fazem parte os diários, as confissões, as biografias e os relatos de viagens, ou seja, os “gêneros do discurso cotidiano” (BAKHTIN, 2000, p. 281). Ao distinguir os gêneros do discurso, Bakhtin incluiu a carta no que ele denomina como gêneros primários, aqueles que se constituem em circunstâncias de uma comunicação espontânea. Nesse sentido, a carta, situada em um espaço e tempo determinados, será empregada em situações comunicativas que se caracterizam pela ausência de contato imediato entre emissor e receptor.

¹⁹ Seguiremos esta proposta de Bakhtin apenas para iniciarmos, neste momento do trabalho, nossas discussões teóricas acerca do gênero epistolar. A concepção da missiva como gênero menor não será considerada ao longo de toda a tese aqui defendida.

De acordo com Geneviève Haroche-Bouzinac, no plano literário, o gênero epistolar foi ao longo de muito tempo visto como menor, inferior, em relação à poesia, que era considerado o gênero nobre por excelência; depois, foi considerada como inferior em relação ao romance:

Em relação aos gêneros nobres, como a epopeia, a tragédia e a comédia, a carta aparece, nos teóricos do classicismo, depois do romance, com uma variedade de pequenas formas enunciativas como o epigrama e a sátira. A carta limita-se a expor as ideias e os sentimentos do autor ou se reduz a mero papel informativo. Da mesma forma, Scarron, ao evocar a atividade epistolar de Boisrobert, afirma que ele “se entrincheira no estilo epistolar”, como se isso significasse um recuo. Assim, não é raro a carta ser considerada pelos próprios epistológrafos como algo “abaixo” da literatura. (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 17).

Emerson Tin, em seu blog “Cartas para que vos quero”²⁰, contribui para as reflexões em torno do estatuto literário da carta. Sendo um pesquisador bastante reconhecido na área da epistolografia, Tin nos apresenta em seu blog sugestões de leitura acerca das correspondências e inclui neste meio virtual algumas conferências e publicações próprias sobre o tema. Em um de seus artigos, Tin, como forma de incitar a discussão sobre o tema, lança a pergunta que acompanha continuamente a epistolografia:

Poderia, aqui, a título de provocação, dizer como Affonso Romano de Sant’Anna que “não há gênero menor, há pessoas menores diante de certos gêneros”, e encerrar minha argumentação. Acredito, porém, que procurar as razões para esse preconceito seja mais proveitoso. Menor por quê? Menor em que sentido? (<http://cartasparaquevosquero.blogspot.com.br/2006/02/gnero-menor.html>).

O estudioso continua o debate sobre o tema ao argumentar que a epistolografia não pode ser um gênero menor se considerarmos, por exemplo, o número de páginas escritas em algumas cartas. Sabemos que há volumes grandiosos de correspondências²¹, em diferentes línguas, ao longo de muitos séculos. De igual forma, não seria menor também pela escrita empregada; afinal, grandes epistológrafos foram também escritores primorosos como, por exemplo, Voltaire, Flaubert, Mário de Andrade e Machado de Assis, dentre tantos outros que poderíamos mencionar. Em que sentido, então, o gênero epistolar seria menor? Emerson Tin responde, afirmando que:

²⁰ *Link* do blog: <https://cartasparaquevosquero.blogspot.com/>

²¹ A própria epistolografia machadiana prova isto: ela é composta por 1178 documentos organizados em cinco tomos.

(...) o gênero epistolar foi por muito tempo considerado menor porque supostamente não se traduziria, como diz Monteiro Lobato na “Escusatória” de sua *Barca de Gleyre*, numa “atitude”, mas integraria apenas o âmbito íntimo, privado, de um escritor. Essa visão adviria talvez de um olhar romântico destinado ao gênero, que veria a carta como um “grito” ou “espelho da alma”, expressão a mais fiel da intimidade e da identidade do remetente. Assim, muito do caráter retórico-argumentativo de uma carta se perdia sob a capa confessional que a crítica romântica lhe atribuía. Não que a carta não esteja permeada de elementos da intimidade ou da identidade de seu signatário. Porém, devemos pensar que, se a carta é um retrato daquele que escreve, é também um retrato “possível de retocar antes de expô-lo na cena pública, como se começa a fazer com as fotografias”. (...) Seriam essas as razões da “menoridade” do gênero epistolar? Sua efemeridade? Sua instantaneidade? (<http://cartasparaquevosquero.blogspot.com.br/2006/02/gnero-menor.html>).

Consideramos, em concordância com os argumentos apresentados por Emerson Tin, que a suposta “menoridade” do gênero epistolar se deve principalmente ao fato de a carta apresentar uma escrita que é, à primeira vista, simples, espontânea e pouco elaborada. A aparente facilidade de elaboração e a suposta despreensão de seu autor acabam por desqualificar o gênero epistolar junto ao público leitor, aos teóricos e aos críticos literários. Voltada ao discurso confessional e às questões que interessam apenas aos seus interlocutores, a prática epistolar parece, assim, desprovida de interesse universal e de valor, para além do espaço e do tempo que a impulsionam. Conserva-se a ideia de que a epistolografia constitui uma arte menor, visto que exigiria pouco de seus escritores, por demonstrar simplicidade na elaboração do discurso, aceção que não considera o fato de que, ao contrário do descuido de seu autor, a missiva requer, na realidade, grande empenho na arte de construir, por meio do dizer e de fazer, o mundo cotidiano. Camuflado por uma escrita aparentemente simples, encontra-se o inegável trabalho performático e linguístico do missivista. Ao convidar seu interlocutor para a troca epistolar, o missivista permite “ser visto”, ao mesmo tempo em que “olha” para si mesmo, para a própria representação e interpretação de si.

A partir daqui, tomaremos como base para nossas discussões os apontamentos de Brigitte Diaz, quando esta afirma que, “menos impositiva que o jornal” – jornal no sentido de diário –, “menos solene do que a autobiografia, a escrita da carta apresenta-se então aos narcisistas epistológrafos como o instrumento acessível de uma captura de si” (DIAZ, 2016, p. 41). Diaz destaca a importância e o eterno convite feito pelo espaço epistolar para o desvendamento de si e o debate de questões que fazem parte da nossa existência. Por meio da carta, o missivista concede a si mesmo o protagonismo capaz de organizar seu discurso e de construir sua narrativa identitária. Tudo se passa como se o espaço epistolar promovesse um encontro do missivista consigo mesmo e com seus questionamentos, solicitando a si mesmo a passar a limpo, vasculhar, reinventar e imaginar a vida que pretende escrever. Disposto a

revelar suas experiências, o epistológrafo promove uma autogênese programada e nela molda, da forma que deseja, sua personalidade, seus costumes, suas reações e suas interações na vida social. Não à toa, Diaz reconhece a concepção do exercício epistolar menos como procura de si do que como produção de si, produção esta filiada às ideias de manifestação e invenção:

Após anos de exercício epistolar, concebido não tanto como uma *busca* de si, mas como uma *produção* de si, no duplo sentido de manifestação e de invenção, é bastante lógico querer considerar os resultados ou os impasses desse trabalho sobre si, por uma apreensão retrospectiva de seu percurso (DIAZ, 2016, p. 91).

A estudiosa destaca a perspectiva – própria do senso comum – de ser a carta um reflexo da alma, um retrato fiel de seu signatário. No entanto, Diaz nos convida a observar que este retrato pode ser retocado – e, quase sempre, o é – antes de ser exposto na cena pública. No senso comum, a escrita epistolar é tomada como escrita comprometida com a verdade e regida pela espontaneidade, sendo vista, nesse sentido, como espelho²², em virtude da velha máxima que concebe a carta como “espelho da alma”, desenhando supostamente o retrato de seu missivista. A carta resultaria, nesse sentido, num reflexo cristalizado daquele que a assinou, compondo um produto acabado, não sendo vista como uma produção discursiva singular, sempre a ser renegociada no cenário da correspondência.

Diaz considera que “a correspondência, com suas linhas de fuga, suas vastas aberturas sobre franjas desconhecidas de espaço e de tempo, mostra-se também – e é sua maior sedução – como um terreno ideal de inteligibilidade, de investigação e de projeção de si (...)” (DIAZ, 2016, p. 81). Esta sedução apontada por Diaz passa, sem dúvida, pela oportunidade que o missivista tem de tomar o controle sobre o discurso e de atuar sobre a própria vivência, permitindo-lhe analisar, a seu modo, as aventuras experimentadas em determinado momento da vida. Para ela, a justificativa da escolha de si mesmo é um *topos* da autobiografia que encontramos de forma idêntica nas correspondências (DIAZ, 2016, p. 85). Brigitte Diaz explica esta eleição de si mesmo como tema de escrita ao examinar que

(...) desvela-se a lógica de uma preocupação de si elementar, que se pode transferir sem dificuldade para a escrita epistolar, sempre perpassada em segredo pelo desejo do escritor de tomar-se a si próprio como matéria de suas cartas. Na correspondência é a si mesmo que se cultiva como um jardim secreto (...), consciente de tirar do exercício epistolar o duplo benefício de um diálogo com o outro e de uma conversa consigo mesmo (DIAZ, 2016, p. 85).

²² “O tom abertamente confessional que reveste a escrita torna a carta um espelho que se confunde com um processo de desvendamento contínuo do sujeito, cuja imagem vai se formando e se deformando ao longo do tempo” (MIRANDA; SAID, 2012, p. 6).

Assim, observamos que a escrita epistolar favorece um posicionamento autorreflexivo, um processo de análise de si contínuo, apesar de sua estrutura dialógica. Dessa forma, a correspondência, estará inteiramente centrada no eu que se deve, simultaneamente, encenar, explorar, identificar, arquivar, e também construir. Portanto, a prática recorrente da carta favorece a reestruturação e construção da identidade, a manutenção da inteligibilidade e do exercício de si mesmo (DIAZ, 2016, p. 87).

Enquanto veículo de representação e exercício de si, a carta pode ser vista como uma das modalidades textuais mais antigas. A este respeito, encontramos, no clássico e indispensável estudo de Michel Foucault, “A escrita de si”, menção às origens desta forma de exercício pessoal.

Em seu texto, Michel Foucault procura descrever o percurso de algumas práticas textuais que podem ser relacionadas com o que compreendemos hoje como escrita da intimidade. Para ele, as escritas de si têm origem na cultura greco-romana, fazendo-se presentes também na Idade Média, nesta última sob a forma de anotações monásticas, cuja função era a de exercitar a reflexão e o autoexame por meio do registro cotidiano de atos e pensamentos. Embora tais anotações não demonstrassem um sujeito, tal como este é compreendido na atualidade, elas apresentavam importantes informações sobre as práticas cotidianas e a mentalidade dos indivíduos. Esse material, elaborado a partir de registros diários (ou regulares), representava uma espécie de memória concreta do vivido, do lido, do ouvido e do pensado, funcionando quase que como um processo de construção do sujeito – sendo este individual ou coletivo –, por meio da leitura e escrita dos registros.

Em *Vida de Antonio*, de Santo Atanásio, Foucault destaca uma importante orientação religiosa mencionada ali: a anotação diária dos atos e pensamentos é uma prática essencial para a vida ascética. Esse texto íntimo, funcionando como interlocutor, contém as revelações do sujeito, porém não exerce o papel de confissão dos erros praticados. Ao contrário, o texto e a prática desse tipo de escrita seriam na verdade uma forma de vigilância, ou seja, seriam como um par de olhos, pelos quais o sujeito estaria sempre sob observação. Essa sensação de vigilância funcionaria como uma forma de impedir atitudes pecaminosas. Sendo assim, o texto e a sua prática estariam a serviço do que Foucault classifica como *ethopoietique*, operando a “transformação da verdade em *éthos*”²³ (FOUCAULT, 2004, p. 134).

²³ *Éthos* é o conjunto de costumes e hábitos fundamentais tanto no âmbito do comportamento (instituições, afazeres) como no da cultura (valores, ideias ou crenças), característico de uma determinada coletividade, época ou região. Assim, a *ethopoietique* consiste em transformar a verdade, ou seja, as ações que se consideram aceitáveis, em uma prática coletiva.

Foucault aborda ainda duas práticas de escrita comuns nos séculos I e II depois de Cristo: os *hypomnematas* e as correspondências. Poderíamos denominar os *hypomnematas* como livros de contas, registros públicos ou cadernetas individuais, tendo como principal função ser um “guarda-memória”. Nesses cadernos também eram anotadas citações de leitura ou discursos, exemplos e atitudes testemunha das ou lidas, reflexões próprias ou de outros. Os cadernos funcionavam como “próteses da memória”: uma memória material das coisas lidas e ouvidas, cuja maior importância era a de poder ser acessada posteriormente, num exercício de aperfeiçoamento do sujeito, funcionando como um elemento importante para a subjetivação do discurso. Contudo, Foucault ressalta que os *hypomnematas* não devem ser vistos somente como repositórios da memória, mas sim como “um material e um enquadramento para exercícios a efetuar-se frequentemente: ler, reler, meditar, entreter-se a sós ou com os outros” (FOUCAULT, 2004, p. 136).

Os cadernos de notas eram portáteis, a fim de que estivessem sempre à mão para serem utilizados tanto numa leitura pessoal quanto pública. Neste ponto Foucault diferencia os diários – com sua imagem cristalizada de escrita íntima, de revelação do sujeito – dos *hypomnematas*:

Por mais pessoais que sejam, estes *hypomnematas* não devem porém ser entendidos como diários íntimos, ou como aqueles relatos de experiências espirituais (tentações, lutas, fracassos e vitórias) que poderão ser encontrados na literatura cristã ulterior. Não constituem uma “narrativa de si mesmo”; não têm por objetivo trazer à luz do dia as *arcana conscientiae* cuja confissão – oral ou escrita – possui valor de purificação. O movimento que visam efetuar é inverso desse: trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si (FOUCAULT, 2004, p. 137).

Logo, a principal diferença entre os *hypomnematas* e o diário é que neste o olhar se volta sobre si mesmo, sobre como este “eu” vê o mundo e como reage aos eventos da vida, enquanto naqueles o que importa são as incursões do sujeito em novos saberes, por meio de leituras, de conversas, de um aprendizado prático e concreto de uma cultura moral e ética.

A seguir, tratando a respeito da carta, Foucault a define como a forma mais desinibida e sublime da *escrita de si*. A missiva puxa a responsabilidade para o sujeito empírico: “Na carta, é a caligrafia do escritor que monta a ele próprio na folha de papel, no preciso momento em que se encaminha em direção ao outro” (SANTIAGO, 2002, p.12). Assim, a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dado sobre si mesmo.

Este “montar-se a si próprio na carta” mostra o que Foucault classifica como “presentificação”. A correspondência possui, dessa forma, um forte efeito de presença, ou seja, a carta possibilita que o escritor se torne “presente” a quem se dirige. E esta presença não se dá apenas por meio das informações trocadas acerca de sua vida, suas atividades etc, mas resulta, muitas vezes, em uma presença quase que imediata e física. Além disso, a escrita exerce um importante papel para o conhecimento de si mesmo:

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo” (...), o próprio corpo daquele que, ao transcrever as suas leituras, se apossou delas e fez sua a respectiva verdade: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e em sangue” (...). Ela transforma-se, no próprio escritor, num princípio de ação racional (FOUCAULT, 2004, p.143).

Assim, vemos que o efeito de “presentificação” citado por Foucault consiste em o escritor da carta se constituir, montar-se diante daquele que o lê.

A carta, além deste caráter de presença, evidencia “a escrita na ordem dos movimentos internos da alma” (FOUCAULT, 2004, p.131), assemelhando-se, neste sentido, à confissão, tendo em vista que parece revelar o que está no íntimo, no interior, ou seja, os movimentos da alma. Mas é importante destacar que, para Foucault – como já haviam afirmado tantos estudiosos da correspondência –, o *eu* que se mostra na missiva se molda de acordo com o correspondente, o que, de certa forma, justificaria a diferença do tom e do tipo de discurso que um remetente assume na correspondência, considerando que:

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta funciona como um olhar que se pousa no destinatário (através da missiva que ele recebe, ele se sente olhado) e uma forma de se entregar ao seu olhar através daquilo que lhe dizemos de nós mesmos. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face (FOUCAULT, 2004, p. 150).

Assim, é possível perceber que há na carta um movimento introspectivo, no sentido de que o missivista se oferece ao olhar do outro e através deste vê-se a si mesmo, o que demonstra o duplo trabalho da carta, a qual opera tanto no destinatário como no remetente. Contudo, vale destacarmos que essa introspecção deve ser entendida “menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 151-152).

A carta como gênero também funciona como uma forma de exercício pessoal, pois, à medida que um missivista escreve com a finalidade de auxiliar seu correspondente, ele acaba

por, de igual forma, preparar-se a si mesmo para uma eventualidade semelhante. É o que Foucault demonstra por meio das cartas de Sêneca, afirmando que elas

(...) mostram uma atividade de direção que um homem de idade e já retirado exerce sobre outro que ainda desempenha importantes funções públicas. Por meio dessas lições escritas, Sêneca continua a exercitar-se a si próprio, em função de dois princípios que invoca frequentemente: que é preciso aperfeiçoar-se toda a vida e que a ajuda alheia é sempre necessária ao labor da alma sobre si própria (FOUCAULT, 2004, p.146).

Vale mencionarmos aqui o estudo de Diana Klinger, que retoma Foucault ao considerar que “a carta se articula com a prática do exame de consciência”, pois “trabalha para a subjetivação do discurso e constitui ao mesmo tempo uma objetivação da alma” (KLINGER, 2012, p. 24). Ela explica ainda que “a correspondência mostra que para os gregos o ‘cuidado de si’ configura um dos fundamentos da arte de viver” (KLINGER, 2012, p. 25).

Por fim, poderíamos caracterizar a carta a partir da leitura sugerida por Brigitte Diaz. Em seu livro *O gênero epistolar ou o pensamento nômade* (2016), Diaz define a carta a partir de quatro elementos essenciais: a missiva pode ser concebida como *documento*, *texto*, *discurso* ou *ação*. Na realidade, a carta tende sempre a assumir estas quatro funções de uma só vez. De maneira objetiva, apresentaremos as principais características de cada um destes aspectos que compõem a identidade epistolar, tornando mais clara a proposta de Diaz para a caracterização do gênero.

Enquanto *documento*, “a carta testemunha uma realidade histórica, sociológica, política ou literária” (DIAZ, 2016, p. 55). Este é, sem dúvida, o aspecto da carta mais conhecido e estudado, pois relaciona-se diretamente à concepção da missiva enquanto laboratório de ideias e escrita de formação que contribui para pesquisas vinculadas a diferentes áreas do conhecimento. Dentro dos estudos literários, essa concepção da carta se destaca ao oferecer dados importantes sobre a origem e a elaboração dos textos ficcionais, sobre o amadurecimento intelectual e as técnicas de trabalho do escritor, além de evidenciar suas expectativas e reações quanto à recepção dos próprios escritos. De fato,

A carta é pensada e tratada como um testemunho oriundo de primeira mão, podendo revivificar o olhar sobre o passado e preencher essa expectativa de “verdade histórica, de verdade local e particular” da qual Gustave Lanson, no fim do século, assinala a intensidade crescente nos seus contemporâneos. Em resumo, as cartas são “histórias de almas”, como ainda escreve Lanson, que acrescenta: “Eis os incontestáveis, os únicos documentos humanos” (DIAZ, 2016, p. 57).

Como vemos, a carta se configura, de fato, como uma vasta fonte de informações sobre a biografia, o processo de criação e as concepções de vida do autor. Também Marcos Antonio de Moraes declara que:

A carta, enquanto terreno de experiência e partilha, figura como lugar privilegiado no desenvolvimento literário. Perpetuam-se nela os resquícios de um trabalho miúdo ligado ao nascimento e à crítica do texto literário, onde se pode acompanhar o engendramento do texto nas filigranas, observar os meandros da análise e da interpretação e até pontuar motivações externas que irão “precisar a circunstância” do texto (MORAES, 2007, p. 92).

Moraes reforça a ideia defendida por Diaz quando afirma que a carta “abre-se para três fecundas perspectivas de estudo” (MORAES, 2007, p.30). Primeiramente, podemos recuperar a carta como uma testemunha, que define um perfil biográfico. A busca por dados confidenciais ou impressões, ideias e pensamentos de um determinado artista ajuda a contar a trajetória de sua vida, além de contribuir também para a compreensão dos processos da criação de uma obra. A segunda possibilidade de exploração do gênero epistolar enquanto documento procura extrair da correspondência a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período, seja por meio de comentários sobre estratégias de divulgação de um projeto, sobre divergências nos grupos ou informações sobre a produção artística. A terceira perspectiva toma o gênero epistolar como “arquivo da criação”, ou seja, como o espaço onde encontramos a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra, desde o projeto inicial até os reflexos de sua recepção pelos amigos e o público em geral.

Retomando Diaz, além do valor documental, a carta assume também o aspecto de *texto*, repleto “de intenções estéticas mais ou menos confessadas, sustentado por uma representação do ato de escrever e pela ideia que o epistológrafo tem da literatura” (DIAZ, 2016, p. 58). Diaz aponta duas importantes características da carta enquanto texto: a primeira refere-se à missiva como uma “bricolagem textual” (DIAZ, 2016, p. 60), e a segunda relaciona a carta à produção literária em si. De acordo com a pesquisadora, os epistológrafos são, normalmente, grandes consumidores de literatura e seus escritos acabam absorvendo algumas influências de suas leituras. Partindo-se do pressuposto de que a carta não é isenta de modelos poéticos (DIAZ, 2016, p. 59), pensar na carta como texto é reconhecer um discurso que nasce do contato de diversos outros escritos, que se assenta na memória leitora do epistológrafo e na sua capacidade de criar, recriar, contar, ou seja, em passar para o mundo das palavras suas histórias, conceitos, opiniões. A carta é, assim, “um enunciado que excede pela sua poeticidade o simples horizonte funcional da comunicação” (DIAZ, 2016, p. 61).

Já na concepção da carta como *discurso*, podemos recuperá-la como conversa entre ausentes presentificados pelo ato da correspondência, em consonância ao defendido por Foucault. Ainda que o missivista escreva mais para si do que para entrar em contato com seu interlocutor, o diálogo epistolar permite que ambos, independentemente de suas reais motivações, organizem seus discursos a partir do trabalho de escrita e da escolha de seus pares de predileção na troca de correspondências. Neste aspecto podemos lembrar, de acordo com Vanessa Massoni da Rocha²⁴, o que afirma Paul Ricoeur, pois este defende o trabalho de memória diretamente vinculado à narração e à ordenação do discurso, considerando como base para tal o trabalho de perlaboração²⁵ estudado por Freud, cuja finalidade seria “substituir os pedaços de memória ininteligíveis e insuportáveis por uma história coerente e aceitável” (RICOEUR apud ROCHA, 2012, p.40).

Em outras palavras, poderíamos dizer que a narrativa seria a principal maneira de se guardar as impressões, de conferir sentido e unidade aos *flashes* de lembrança trabalhados pelo esquecimento. Diaz, em concordância com Ricoeur, afirma que:

(...) a correspondência, como escreve Roland Barthes, sempre é em alguma parte “uma empresa tática destinada a defender posições, assegurar conquistas”, a primeira sendo a de sua identidade. Mais do que agente de uma comunicação, a carta é uma etapa essencial na constituição do sujeito, e a troca epistolar – que, na verdade, funciona, frequentemente, de si para si – é o lugar de uma verdadeira ontogênese (DIAZ, 2016, p. 66).

Ou seja, as cartas trabalham a favor da reconstrução da memória, como “(...) fragmentos de memória fossilizada” (DIAZ, 2016, p. 92), e é graças a elas que se torna possível reconstruir um passado até então esquecido. Afinal, “(...) as cartas são os ‘guias’ que remedeiam a falha da lembrança (...)” (DIAZ, 2016, p. 92). Com isso, podemos concluir que estas considerações validam os estudos que identificam na carta tanto características de documento como de discurso. A carta, então, como um escrito capaz de estimular as lembranças e de reviver momentos do passado, convida à releitura de uma vida, à captura dos momentos que se perderiam caso não tivessem sido registrados na troca epistolar. Assim, podemos conceber a missiva como uma “arqueologia de si mesmo” (DIAZ, 2016, p. 93), como vestígios materiais do que já fomos um dia.

²⁴ ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012. Professora de Língua francesa e de Literaturas francófonas nos programas de Graduação em Letras e de Pós-Graduação *Lato sensu* na Universidade Federal Fluminense.

²⁵ Sigmund Freud (1914) entende a “perlaboração” como a atividade que possibilita a superação da repetição de uma situação traumática e/ou aprendida. ([http://www.psicorama.com.br/artigo_detalhe.asp?ID=64#:~:text=Sigmund%20Freud%20\(1914\)%20entende%20a,situa%C3%A7%C3%A3o%20traum%C3%A1tica%20e%20Fou%20aprendida](http://www.psicorama.com.br/artigo_detalhe.asp?ID=64#:~:text=Sigmund%20Freud%20(1914)%20entende%20a,situa%C3%A7%C3%A3o%20traum%C3%A1tica%20e%20Fou%20aprendida). Acesso em 26/03/2021).

Por fim, a correspondência assume o papel de uma *ação* à medida que “escrever a carta, endereçá-la, mandá-la, é tentar agir a distância, acreditar na virtude performativa do discurso epistolar” (DIAZ, 2016, p. 66). O exercício epistolar permitiria, dessa forma, uma maneira de o missivista agir sobre si mesmo, sobre seu destinatário e sobre a realidade que o cerca. Com isso, a carta assume um caráter performativo que lhe permite falar e, além disso, constituir-se como um fazer, uma ação, possibilitando aos seus interlocutores demonstrar formas de atuar, de protagonizar suas experiências e observações.

Além de definir a carta por meio desses quatro pilares, Brigitte Diaz propõe algumas convergências entre a epistolografia e a autobiografia, considerando tais textos como formas de revelar os bastidores da vida particular e pública de seu protagonista:

A carta integra-se, de direito e de fato, ao vasto continente das escritas de si. Partindo disso, é tentador considerar o *corpus* epistolar não como um prototexto de alguma autobiografia a vir, mas como seu preâmbulo incitativo e às vezes até mesmo como seu resultado. Pode-se pensar, com efeito, que, em certos casos, a correspondência apresenta-se como realização original, entre outras possíveis, do gesto autobiográfico que se opera segundo uma modalidade descontínua, aberta, todavia efetiva. (DIAZ, 2016, p. 94-95).

Entretanto, ao contrário das semelhanças observadas, podemos destacar uma diferença principal entre estas duas escritas de si, que consiste no fato de a autobiografia preocupar-se com a síntese, com o resumo de percurso, enquanto a carta se aventura nos discursos mais pontuais, não permitindo uma visão do todo:

As experiências existenciais que compõem o *menu* da carta dão lugar a uma multidão de enunciados heterogêneos que se constelam ou se sobrepõem em uma improvável polifonia de uma voz, enquanto se juntam na autobiografia em uma narrativa totalizante (DIAZ, 2016, p. 174).

A missiva, dessa forma, compõe uma vida que está sendo vivida, que vai traçando seu percurso por diferentes caminhos, situando-se no tempo presente, o que diverge do caráter da autobiografia. Esta conta a história de uma vida inteira, ao passo que a carta mostra apenas os capítulos desta vida sendo escritos em diferentes momentos. Neste sentido, constatamos que a carta é mais fragmentária, híbrida e lacunar que a autobiografia, pois falta-lhe linearidade. Quanto ao discurso, a missiva se apresenta de maneira menos ordenada e mais suscetível a repetições, silêncios, digressões, sonhos e pequenas narrativas. Assim, poderíamos caracterizar a carta, conforme destaca Diaz, como um “*patchwork*” capaz de aproximar todo tipo de texto que o signatário desejar:

Por isso, esse aspecto *patchwork* da carta, e, mais além, da correspondência: da mesma forma que se encontram os mesmos pedaços de tecido disseminados na superfície de um pano assim fabricado, identificam-se os fragmentos evolutivos de um mesmo pensamento sob formas e volumes variados na tapeçaria da correspondência (DIAZ, 2016, p. 174).

A escrita epistolar, como podemos perceber, pressupõe uma escrita criativa e plural, que nasce a partir do contato de diferentes tipos de textos e diferentes maneiras de dizer o mundo. Sendo assim, o discurso apresentado na carta compõe um texto que permite grande liberdade de criação e de confissão ao seu escritor, diante da pluralidade e da grande abertura que lhe é disponibilizada. Dessa forma, a carta configura uma “escrita ambulatória” (DIAZ, 2016, p. 100), que migra constantemente de uma a outra forma, ignorando as fronteiras dos gêneros, apresentando-se como uma forma que servirá para fazer tudo e para pensar tudo, configurando “um objeto discursivo híbrido e plurívoco” (DIAZ, 2016, p. 72).

A respeito desse caráter múltiplo da carta, é possível encontrarmos menções a ele em diversos estudos acerca da prática epistolar. Destacamos aqui o pesquisador francês Roger Chartier (citado por Vanessa Massoni da Rocha), o qual considera que:

A correspondência toma emprestado a todos os outros gêneros da escritura comum. [...] Porque, à diferença da agenda ou do diário íntimo, ela supõe um leitor que não é aquele que escreve, porque, contrariamente à fala viva, ela não exige o face a face, a correspondência institui uma ordem paradoxal que é a construção de um liame social a partir de um gesto subjetivo e singular (CHARTIER apud ROCHA, 2012, p. 43).

Ainda com o intuito de explanar sobre esse caráter plural da carta, Brigitte Diaz retoma uma definição de Balzac: “as correspondências são Proteu porque conhecem várias vidas no decorrer de sua existência, muitas vezes longa” (BALZAC apud DIAZ, 2016, p. 72). Proteu, deus marinho da mitologia grega, possuía a capacidade de se transformar em criaturas monstruosas diante de algum perigo. Ao trazer a referência de Balzac a tal personagem mitológico, Diaz expõe a capacidade da carta de assumir diferentes aspectos, o que dificulta uma leitura uníssona. Por exemplo, nem sempre a mensagem escrita pelo remetente será interpretada da maneira como foi idealizada por seu autor. Fica evidente que a troca epistolar se equilibra nesses possíveis mal-entendidos, em interpretações por vezes equivocadas e na dificuldade de clareza e transparência de determinado discurso. Assim, a estudiosa explica que a carta é

Proteu, porque se move de uma extremidade a outra de seu encadeamento e assim as estratégias de compilação ou de dissimulação adotadas pelo remetente causam efeitos forçosamente imprevisíveis no destinatário. (...) Assim, a carta, no universo balzaquiano, conhece infinitos desvios, tanto os do correio como os do coração e da virtude (DIAZ, 2016, p. 71).

Diaz destaca, ainda, que “a carta segue um caminho que se crê retilíneo, mas que se perde, na verdade, em uma rede complicada de travessas e de bifurcações de si em direção a si e de si em direção ao outro” (DIAZ, 2016, p. 69). Neste sentido, a carta se alimenta de atalhos, revelando a diversidade de caminhos e de leituras possíveis, o que torna o exercício epistolar uma experiência complexa.

Diante disso, podemos cogitar que a carta personifique Proteu não só na forma, mas também no caráter multifacetado de seu conteúdo. Brigitte Diaz alega que “as correspondências são o livro das metamorfoses que os epistológrafos, quando se tornam autobiógrafos, tentam, depois, ordenar em um filme coerente” (DIAZ, 2016, p. 193). Da mesma forma, a figura de Proteu pode ser reconhecida também pela tendência da carta em desprezar um discurso linear e uniforme, revelando diferentes estados de ânimo e de estilos de escrita ao longo de um fluxo epistolar. A carta acompanha, assim, as diversas transformações por que passa o missivista durante o exercício epistolar, mostrando uma perspectiva ampla e múltipla de sua trajetória. Neste sentido, o missivista também se converte em um Proteu; afinal, pode mudar diante do destinatário e, mais que isto, diante dos diferentes interlocutores com os quais se corresponde, apresentando uma nova faceta a cada correspondente.

Brigitte Diaz explicita também a relação entre o destinatário e o remetente. Segundo ela, ao escrever uma carta, costuma-se priorizar mais o que agrada ao seu interlocutor do que aquilo que o autor da carta realmente pensa. “Seja ela familiar ou científica, erudita ou mundana, a carta, pelo menos até os meados do século XVIII, deve permanecer discreta a respeito daquele que a escreve, do qual se espera, com certeza, sinceridade, mas cosmetizada segundo um ritual de convenção” (DIAZ, 2016, p. 142). Diaz completa essa ideia afirmando que:

O que todos recusam, em suas cartas como em suas memórias, é a afirmação rousseauísta do “eu sozinho” que encontra seu equilíbrio e sua felicidade na desobrigação do outro, e se produz em sua arrogante unicidade, sem irmão, sem próximo, sem amigo, sem nenhuma outra companhia a não ser ele mesmo (DIAZ, 2016, p. 145).

Sabemos que a correspondência nasce da necessidade de encontro, de comunicação, de interação que se realiza no cenário das cartas. O missivista consegue se mostrar porque transforma a si mesmo e a seu destinatário em plateia, em público para suas inquietações, suas opiniões, seus “relatos” e intervenções. Alain Girard examina a presença do outro como elemento fundamental do protocolo epistolar, destacando que:

As cartas variam de natureza, de tom e de assunto conforme os múltiplos correspondentes aos quais elas se endereçam. Nós nos modelamos à ideia que sabemos que o outro tem de nós ou à que acreditamos que ele tenha ou ainda à que queríamos que ele tivesse (...). Nossos sentimentos podem ser exagerados ou forçados, ou talvez não, só compartilhemos parte deles (GIRARD apud DIAZ, 2012, p. 45).

Outro estudioso da área que também se refere ao destinatário como elemento constituinte da prática epistolar é Marcos Antonio de Moraes. Em seu artigo “Afinidades eletivas”, no qual trata da correspondência entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira, Moraes afirma que a carta pressupõe dois componentes determinantes, o “diálogo” e a “*mise-en-scène*”:

Se o diálogo confere a cumplicidade sugerida por Mário, a encenação direciona a escrita, pois o missivista, consciente ou inconscientemente, passa a atuar em face dos diversos destinatários, modificando-se com a intimidade ou se afirmando no discurso desejado (MORAES, 2001, p. 20).

Vemos, então, que a presença do destinatário é parte fundamental da elaboração das missivas, e, de fato, é possível perceber que, ao escrever uma carta, o remetente constrói a sua escrita de modo a que ela expresse o “rosto” que ele quer “mostrar” ao seu correspondente. Dessa forma, um mesmo remetente pode adotar diferentes tons em seu discurso, de acordo com a impressão que deseja causar em seu leitor. E, assim, no cenário das cartas, conheceremos diferentes faces de um mesmo remetente.

Se, na escrita da carta, o destinatário exerce função relevante para o exercício do gênero, sua presença também assume uma forma de controle do epistológrafo, o que Brigitte Diaz classifica como um “princípio de regulação” (DIAZ, 2016, p. 148). Sobre isto, Matildes Demétrio dos Santos destaca que “a inclusão do olhar alheio pressupõe uma censura prévia que impede loucuras. O missivista, por mais que se perca nos labirintos do eu, respeita o pacto com seu interlocutor” (SANTOS, 1998, p. 290). Diaz contribui para esta questão quando afirma que:

Contrariamente ao diarista que escreve solitário e sem preocupar-se com a intervenção de um olhar estranho, o epistológrafo espera, como uma reação a seus solilóquios, uma avaliação, assentimento ou condenação, pouco importa, desde que um outro venha submetê-los a seu olhar e a sua escuta (...) (DIAZ, 2016, p. 150).

Assim, a especificidade da carta em relação às outras escritas da intimidade residirá exatamente na presença do outro – ou outros – nessas relações muitas vezes triangulares que a carta possibilita, já que não existem somente dois correspondentes, remetente e destinatário,

que dialogam, mas ao redor de cada um deles há outras redes que se formam sutilmente. “Essa força do outro na carta é tanta que pode tornar-se inoportuna, até mesmo penosa” (DIAZ, 2016, p.152), exercendo um papel de domínio sobre o missivista. Contudo, ainda que a presença do destinatário seja uma forma de controle para o epistológrafo, é graças a ele que se rompe o silêncio e a solidão da escrita, possibilitando o fluxo da mensagem. O destinatário – seja real ou simbólico – assume um papel relevante e indispensável ao missivista, exercendo a função de guardião e herdeiro da memória de si, como um verdadeiro relicário das “(...) marcas fugidias que se deixam de si e cujo sumiço amedronta tanto quanto a morte” (DIAZ, 2016, p. 167-168).

Para além da presença que se sobrepõe à solidão da escrita, o papel do destinatário se alimenta de grande polivalência, considerando que “o olhar do outro que a carta solicita proíbe ao escritor suturar-se friamente em seu próprio discurso; impede-o de se deixar enganar pelos simulacros que produz dele mesmo” (DIAZ, 2016, p. 151). Desse modo, a abertura que o remetente concede ao outro, conforme evidenciado nas tramas da prática epistolar, se contrapõe à escrita solitária na qual tudo pode ser dito. Neste convite ao destinatário, o missivista lhe concede função essencial na construção de sua identidade, baseada na interação, no diálogo e no exame de consciência, feito, assim, a quatro mãos.

Contudo, Vanessa Massoni da Rocha nos alerta, em sua tese intitulada *Por um protocolo de leitura epistolar*, que as cartas assumem novas formas de leitura quando são compiladas e publicadas, o que, obrigatoriamente, subverte o dialogismo inicial e compõe uma obra à revelia de seus escritores. A estudiosa cita Vincent Kaufmann, que, ao analisar a obra de Mallarmé, propõe uma definição da escrita do íntimo: “Uma escrita que se realiza como privada, como não destinada a um público, na qual tratamos desta parte de nós que evita a influência dos outros, uma parte que aparece como alguma coisa íntima pelo simples fato que ela se iniciou de modo reservado” (KAUFMANN apud ROCHA, 2012, p. 57).

Sobre essa questão, cabe mencionarmos também Flora Sussekind, que diferencia as cartas em seu fluxo primário, trocadas entre os interlocutores, das suas compilações publicadas. Insistindo no que podemos chamar de “nova função” destes registros de caráter pessoal, Flora aponta que a carta, sendo uma forma de expressão da intimidade de quem a escreve, e dirigida normalmente a apenas um interlocutor específico, quando ultrapassa a esfera do privado e se torna pública por meio das compilações acaba por adquirir novas características: “Amplia-se o seu destinatário anônimo, e o seu tom de quase diário íntimo se transforma em confissão pública” (SUSSEKIND apud ROCHA, 2012, p. 57).

Ainda sobre essa mudança no protocolo da leitura epistolar, vemos que João Adolfo Hansen, assim como Sussekind, defende a ideia de que há efetivamente uma mudança na forma como lemos cartas após a sua publicação: “Os protocolos de leitura são alterados quando as cartas são juntadas em um ‘livro de cartas’, pois a mesma imediatez performativa inicial é dissolvida e elas passam a ser um objeto da contemplação teórica de um terceiro, o leitor” (HANSEN apud ROCHA, 2012, p. 57).

Por fim, constatamos que, nesta passagem da carta avulsa à compilação, e, conseqüentemente, à publicação, ocorre o que Jeanne Bem classifica como rede textual:

(...) quando se passa da carta à coletânea de cartas, à correspondência propriamente dita? Faz-se mais que mudar de proporções. É uma *ruptura* e uma *transformação*. [Isso] porque a gente se encontra diante de *um novo objeto literário*. Esse objeto é tão radicalmente novo que amiúde, anteriormente, ele não existia! É um objeto inteiramente criado por aquele que reuniu e editou as cartas. (...) Porque *a carta é pontual*, o autor da carta não vai jamais além da carta, no máximo, ele a liga à sua carta anterior e à carta do correspondente a quem ele responde. A correspondência é uma passagem do pontual à totalidade e à duração. — *A carta é um fragmento de texto incerto flutuante*. A correspondência lhe dá sua ancoragem, ela transforma a sucessão das cartas numa *história*, e ela se constitui em *rede textual* (BEM apud ROCHA, 2012, p. 57-58).

Partindo dessa concepção da correspondência como uma rede textual – que acaba por escrever uma história –, pretendemos demonstrar a qualidade e a relevância da epistolografia machadiana, sugerindo até mesmo que a leitura das cartas “DE” e “PARA”, em ordem cronológica, permite-nos desenhar uma espécie de “autobiografia”, com múltiplas caligrafias: a do próprio Machado de Assis, que vai elaborando encenações de si mesmo, e a de seus correspondentes, por meio de comentários e afirmações que vão compondo feições de nosso missivista. Nesse carteadado, serão evidenciados não só “ecos” da formação e do percurso de Machado como jornalista e cronista, teatrólogo, poeta, crítico literário e ficcionista, mas também da vida literária dos três decênios analisados, além da atuação de Machado de Assis como funcionário público.

2. TOMO I – O CAMINHO DA “ARTE E POLIDEZ”: CONTORNOS DO PROJETO EPISTOLOGRÁFICO MACHADIANO.

Tu que chegaste ao fim, põe a epístola no fundo da gaveta, e não te lumbres de ir ver se ela tem um post scriptum...

Machado de Assis. A mão e a luva.

O Tomo I apresenta um total de 90 documentos, entre cartas abertas, cartas-prefácios, cartas inéditas, telegramas e bilhetes, e abrange a correspondência do período de 1860 a 1869, decênio de excepcional importância para os estudiosos da vida e da obra do escritor, uma vez que, segundo Sérgio Paulo Rouanet, o decênio de 1860 é o período de formação e do início da maturidade de Machado de Assis como homem de letras. (ROUANET, 2008, p. 16). Do ponto de vista mais biográfico, a correspondência reunida no Tomo I contribui para a recomposição de alguns traços da formação do escritor Machado de Assis, no período em que ele estabelecia novos vínculos profissionais e/ou de amizade. Embora as cartas recebidas sejam mais numerosas do que as enviadas, veremos que ambas “desenham”, entre outras faces: a do **escritor** que construía a sua carreira e que buscava uma colocação que lhe oferecesse segurança e conforto financeiro; a do **cidadão** que se manifestava sobre o cotidiano de sua cidade; a do **jovem** que tinha uma vida social e amorosa, e com o qual os amigos faziam confidências no âmbito mais pessoal (grifos nossos).

Do ponto de vista mais estrito da obra, as cartas dos anos 1860 mostram que Machado de Assis vai se distanciando cada vez mais do jovem que publica poemas românticos na *Marmota Fluminense*, para se tornar: um **jornalista respeitado**, principalmente quando, em 1860, aceita o convite de Quintino Bocaiúva para trabalhar como repórter parlamentar e cronista no *Diário do Rio de Janeiro*; um **promissor comediógrafo**, tendo três de suas peças encenadas; um **poeta renomado**, sendo reconhecido no Brasil e em Portugal depois da publicação de *Crisálidas*, em 1864; e um **contista apreciado**, quando começa a publicar, também em 1864, no *Jornal das Famílias*²⁶, contos como “Frei Simão”, incluído

²⁶ Desde 1859, o francês B. L. Garnier vinha contribuindo para o jornalismo brasileiro com a criação da *Revista Popular* (1859-1862). A partir de 1863 essa revista sofreu mudanças, alterando o seu nome para *Jornal das Famílias* (1863-1878), o que, conseqüentemente, implicou em alterações significativas na estruturação e no direcionamento do periódico. Enquanto a *Revista Popular* possuía um formato estrutural e temático mais

posteriormente na obra *Contos Fluminenses* (1870), “Virginius” e “O anjo das donzelas”, estes dois últimos publicados apenas no referido periódico (Grifos nossos).

De acordo com Sérgio Paulo Rouanet, na apresentação do Tomo I da correspondência machadiana, é possível identificarmos, nas cartas do período 1860-1869, vestígios de todas as atividades acima mencionadas. Na mesma apresentação, Rouanet destaca a troca epistolar de Machado de Assis com Henrique Cesar Muzzio – que, embora formado em Medicina, nunca exerceu a profissão, dedicando-se desde muito cedo ao jornalismo e atuando como secretário do *Diário do Rio de Janeiro* –, correspondência esta que ilustra a intensa atividade jornalística de Machado de Assis; e com José de Alencar, escritor que consagra Machado de Assis como crítico, ou melhor, como “o primeiro crítico brasileiro” (ALENCAR apud ASSIS, 2008, p. 230).

Comparado aos demais volumes, o Tomo I apresenta um perfil diferenciado, visto que reúne muitas cartas abertas e cartas-prefácios. A inclusão desse material no *corpus* foi uma das dúvidas dos responsáveis pela organização do volume. Considerando que “a privacidade não é o único elemento da relação epistolar” (ROUANET, 2008, p. 10), a equipe coordenada por Rouanet julgou pertinente o acréscimo daquelas correspondências, levando em conta o critério cronológico, estabelecido como norma para o trabalho de compilação, além do dialogismo expresso na conversa entre pares, o que ocorre igualmente naqueles tipos de cartas:

O outro [critério] é o caráter interpessoal, dialógico, que se manifesta na conversa por escrito entre dois interlocutores, e esse caráter é plenamente preservado na carta aberta e na carta-prefácio. A diferença é que nestas se intercala uma terceira instância entre o remetente e o destinatário, um *tertius* ausente mas pressuposto, a opinião pública, a *Öffentlichkeit* kantiana, testemunha muda que escuta e julga a interlocução, sem que ela deixe de ser bilateral, pois via de regra alude, como uma carta convencional, a episódios e reminiscências vividas privativamente pelos dois missivistas. Acresce que em muitos casos essas cartas têm um excepcional valor histórico e biográfico. (ROUANET, 2008, p. 10).

As cartas abertas, devido ao seu caráter essencialmente público, eram utilizadas para explicitar posicionamentos, propor questionamentos e, muitas vezes, para solicitar algo a alguma pessoa ou instituição que possuísse visibilidade e reconhecimento social. Em função

diversificado, o *Jornal das Famílias* passou a apresentar seções mais restritas, com um enfoque predominantemente literário, voltado exclusivamente para o público feminino e para “os interesses domésticos das famílias brasileiras”, conforme explica Jaison Luís Crestani, em seu artigo “A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: subordinações e subversões”, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.2, n.1, 2006, p. 148. (As aspas finais do trecho sobre o *Jornal das Famílias* estão no editorial da *Revista Popular*, ainda conforme o autor do artigo).

de sua finalidade e de seu perfil predominantemente argumentativo, muitas dessas cartas têm um grande valor histórico e biográfico, conforme menciona Rouanet. É o que vemos no Tomo I (e o que se repetirá nos demais tomos), como, por exemplo: a carta aberta escrita por Machado de Assis na qual ele defende o Ministro da Marinha²⁷; a carta aberta em que Machado critica a política nacional²⁸; e outra em que o escritor tece comentários sobre a peça *Os Primeiros Amores de Bocage*²⁹, de autoria do português Mendes Leal.

Marcos Antonio de Moraes, no texto “Epistolografia de Machado de Assis” (2011), indica que o autor de *Memorial de Aires* deixou, em sua correspondência, pistas sobre os contornos de um projeto epistolográfico pessoal que buscava orientar-se, no âmbito das relações interpessoais, pelo caminho da “arte e polidez” – palavras empregadas por Machado de Assis no trecho final de seu artigo “Henriqueta Renan”, publicado na *Revista Brasileira* em outubro de 1896 – e depois incluído no livro *Páginas recolhidas* (1899) –, texto no qual o autor exerce a função de crítico literário e analisa as engrenagens do gênero epistolar, sinalizando, dessa forma, para um ideal de escrita a distância. A esse respeito, Moraes enfatiza:

Tome-se, como linha de força desse projeto, a defesa que faz da autenticidade do que escreve em carta: pediu a seu interlocutor, um dos diretores do *Jornal da Tarde*, em 14 de junho de 1870, que não confundisse “um sentimento verdadeiro com uma fórmula de ocasião”, quando buscou demonstrar a impossibilidade de dar seguimento ao trabalho de tradução de *Oliver Twist*, que o periódico oferecia sob a forma de folhetim. Ou, ainda, a lapidar formulação exposta a Magalhães de Azeredo, em 11 de junho de 1900: “Esta carta valeria por três no tamanho, se eu pudesse dizer tudo nela, purgar de vez os meus pecados de silêncio; mas, não sendo assim, valha na intensidade o que perder de extensão”. A expressão “intensa” vale, pois, pela “extensa”, o que, em grande medida, convalida a contenção epistolar machadiana. Em outro passo da correspondência do autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a recusa de jogos retóricos quer abrir espaço para a emulação da naturalidade: “a gente escreve e espera, e a conversação faz-se como em uma sala”, explana ao mesmo remetente, em 30 de junho de 1901. (MORAES, 2011, p. 91)

Com base nos traços apontados acima por Moraes, nosso exame das cartas do Tomo I vai explorar, conforme já foi explicitado na Introdução da presente tese, quatro grandes linhas – ou veios – que compõem o projeto epistolográfico machadiano. O primeiro veio corresponde aos **contornos da autorrepresentação**, referindo-se principalmente ao campo da “intimidade”; o segundo diz respeito ao **valor documental das cartas**, o qual se desdobrará

²⁷ [2] Para: O redator de “Ecos Marítimos” (Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1862). (ASSIS, 2008, p. 3)

²⁸ [30] Para: Teixeira de Melo (Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1864). (ASSIS, 2008, p. 75)

²⁹ [43] Para: José Feliciano de Castilho (Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1865). (ASSIS, 2008, p. 111)

em dois outros veios, considerando a carta como testemunha do seu tempo, observando **os principais assuntos** abordados por Machado e seus correspondentes, enquanto intelectuais, com ênfase na **vida literária** da época e no **exercício da crítica literária**, por parte de Machado de Assis; e concebendo a carta como testemunha da obra, revelando, assim, **o memorialismo literário do escritor**, por meio de comentários pessoais de Machado sobre suas obras.

Começaremos pelo primeiro desses veios: os estreitos limites da autorrepresentação, no projeto epistolográfico machadiano.

2.1 A discrição e contenção nos contornos da autorrepresentação machadiana

Inicialmente, apontaremos aspectos mais gerais da *retórica* epistolar de Machado de Assis.

Conforme observamos no capítulo anterior, a carta pode ser definida como uma conversa entre amigos, intentando ser clara e breve, além de buscar adaptar-se ao seu destinatário, empregando o estilo mais apropriado para realizar essa intenção. A proximidade da carta ao diálogo, no que se refere ao compartilhamento de informações, é um aspecto recorrente na correspondência machadiana, como poderemos constatar ao longo do presente capítulo. Já em relação à linguagem, observamos que a pena machadiana é cautelosa, expressando-se predominantemente de forma comedida.

A escrita epistolar de Machado de Assis, numa perspectiva mais ampla, nos remete, portanto, aos manuais dos “Secretários”. Como destacamos anteriormente, tais manuais constituíam um conjunto de pequenas obras produzidas com finalidade prática, ou seja, eram uma forma de exercitar a escrita epistolar. Esse tipo de material se difundiu não só na Europa, a partir do século XVII, mas também pelo mundo. No século XIX, esses manuais epistolares também foram bastante difundidos no Brasil, como o *Código do bom-tom* e o *Novo secretário português*, de J. I. Roquete” (MORAES, 2011, p. 100). Sendo assim, é possível considerar que a produção epistolar machadiana não se distancia dos ditames previstos nesses manuais, obedecendo a uma ordem estrutural (data, saudação, corpo do texto, despedida, assinatura) e de estilo, que retoma elementos da formalidade descrita pela *ars dictaminis*, associados, de igual forma, a uma linguagem menos formal trazida pelo humanismo, conforme também

mencionamos no capítulo anterior. Ainda que não guardem a rigidez daquela tradição, as cartas de Machado de Assis deixam perceptíveis os resquícios de uma tradição retórica, à qual pertence a *ars dictaminis*, o que pode justificar a forma moderada, contida e elegante, da expressão machadiana, nas cartas.

Outro exemplo desses vestígios dos primórdios da epistolografia, nas cartas de Machado de Assis, são as saudações. Como parte indispensável de qualquer epístola, podemos afirmar que há a conservação inevitável da *salutatio* na correspondência machadiana, associada à linguagem mais direta preconizada pelos humanistas. Ao longo da leitura e análise do *corpus*, observamos poucas variações no uso da saudação, sendo que a fórmula mais recorrente empregada por Machado é “Meu caro”, seguida do nome do destinatário. Quanto ao seu “exórdio”, as cartas machadianas tanto reeditam, em alguma medida, a tradição medieval da *ars dictaminis* – com sua formalidade típica ao dirigir-se a autoridades, por exemplo –, quanto inserem-se na tradição humanística, com sua escrita menos formal e mais direta.

Assim, o projeto epistolar de Machado de Assis tem como base uma tradição que supõe e produz a contenção e a moderação, assim como a “naturalidade” e a ausência de jogos retóricos artificiosos.

Como, então, autofigurar-se nas suas missivas? Como moldar-se para o seu correspondente? Já adiantamos, neste ponto, que essa autofiguração está sempre em construção, não apenas porque, como afirmamos repetidas vezes, a escrita da carta supõe uma encenação diferente para cada correspondente, mas porque o epistolário machadiano se estende por cinco décadas, ao longo das quais mudam o escritor, a literatura, as artes, a sociedade, as sociabilidades, a cidade do Rio de Janeiro, o Brasil, o mundo.

A respeito das estratégias e limites da autorrepresentação, é possível perceber, ao longo da análise do nosso *corpus*, que a autofiguração machadiana é marcada por uma forte contenção no campo das confidências de cunho pessoal. Observamos que, no espaço sigiloso das cartas, quando Machado de Assis se permite o desvelamento de passagens de sua biografia, “a formulação resulta, via de regra, epigramática” (MORAES, 2011, p. 92). Essa contenção vai se intensificar nas missivas escritas por Machado a partir dos anos 1870, conforme veremos no capítulo seguinte. No Tomo I, entretanto, observamos que, por vezes, quando o tema da carta está mais próximo da esfera da intimidade, Machado de Assis – principalmente na correspondência trocada com Carolina Xavier de Novais, sua futura esposa, com Francisco Ramos Paz, amigo de longa data, e com Quintino Bocaiúva, amigo e

incentivador –, se permite fazer declarações com menos reservas, ainda que procure manter o tom comedido e elegante que caracteriza as suas missivas.

Começemos por Carolina, sua futura esposa.

Nascida no Porto, Carolina era a mais jovem de seis irmãos. Aos 33 anos, ainda solteira, mudou-se para o Brasil, a fim de cuidar do irmão mais velho, Faustino Xavier de Novais, que vinha apresentando sinais de perturbação mental. Carolina chega ao Rio de Janeiro em 18 de junho de 1868, sob a proteção do pianista Artur Napoleão. Ela e Machado de Assis podem ter se conhecido no dia de sua chegada, considerando a amizade entre o pianista e o escritor, ou alguns meses depois, em visita de Machado a Faustino Xavier. Mesmo diante da oposição da família e ainda em luto pelo falecimento de Faustino em 16/08/1869, Carolina aceitou prontamente o pedido de casamento de Machado de Assis, celebrando-se o enlace matrimonial em 12 de novembro do mesmo ano.

Ao nos depararmos com as duas cartas enviadas por Machado a Carolina, ambas com a mesma datação, que corresponde ao início do relacionamento entre eles, esperávamos encontrar maiores expansões de seus sentimentos para com a futura noiva. Logo no início dessas missivas, na chamada *salutatio*, o que identificamos como um sinal de “maior intimidade” entre os namorados está situado nas expressões que emprega como saudação: “Minha querida Carolina” e “Minha Carola”, evidenciando uma intimidade natural, que permitia a abreviatura do nome ou ainda o uso de um apelido. Lembramos que as saudações, conforme previam a *ars dictaminis*, deviam adequar-se às hierarquias ou aos graus de aproximação entre os pares epistolares.

Prosseguindo, o missivista não esconde, no início da carta que se segue, o contentamento ao receber as missivas da namorada, mas, em seguida, adota um tom mais cerimonioso e sucinto, como quando resume em poucas linhas sua “história de vida passada do coração” (ASSIS, 2008, p. 258), respondendo a possíveis questionamentos de sua “Carola”:

[Rio de Janeiro,] 2 de março [de 1869.]

Minha querida Carolina. Recebi ontem duas cartas tuas, depois de dois dias de espera. **Calcula o prazer que tive, como as li, reli e beijei! A minha tristeza converteu-se em súbita alegria. Eu estava tão aflito por ter notícias tuas que saí do Diário à 1 hora para ir a casa, e com efeito encontrei as duas cartas, uma das quais devera ter vindo antes, mas que, sem dúvida, por causa do correio foi demorada.** (...) Acusas-me de pouco confiante em ti? Tens e não tens razão; confiante sou; mas se te não contei nada é porque não valia a pena contar. **A minha história passada do coração resume-se em dois capítulos: um amor, não correspondido; outro, correspondido.** Do primeiro nada tenho que dizer; do outro não me queixo; fui eu o primeiro a rompê-lo. Não me acuses por isso; há situações

que se não prolongam sem sofrimento. Uma senhora de minha amizade obrigou-me, com os seus conselhos, a rasgar a página desse romance sombrio; fi-lo com dor, mas sem remorso. Eis tudo. A tua pergunta natural é esta: qual destes dois capítulos era o da Corina? Curiosa! Era o primeiro. O que te afirmo é que dos dois o mais amado foi o segundo. Mas nem o primeiro nem o segundo se parecem nada com o terceiro e último capítulo do meu coração. (...) **tu não te pareces nada com as mulheres vulgares que tenho conhecido. Espírito e coração como os teus são prendas raras; alma tão boa e tão elevada, sensibilidade tão melindrosa, razão tão reta não são bens que a natureza espalhasse às mãos cheias pelo teu sexo. Tu pertences ao pequeno número de mulheres que ainda sabem amar e sentir e pensar.** Como te não amaria eu? (ASSIS, 2008, p. 257-259, grifos nossos).

Vale destacarmos aqui um dado interessante que, de alguma maneira, nos permite relacionar essa carta ao poema “Versos a Corina”. Este figura como penúltimo poema de *Crisálidas* e está dividido em seis partes, sendo que cada uma delas possui uma epígrafe própria. Entretanto, vemos que, na publicação das *Poesias Completas* (1901), o poema apresentou-se sem as epígrafes. Apenas na edição de 1901, Machado de Assis manterá uma das epígrafes, a de Dante Alighieri, que abre o conjunto de versos: “Calando o nome desta gentilíssima”³⁰. Essa escolha machadiana sugere a intenção do autor de fazer calar o nome de Corina, ocultando sua verdadeira identidade. Assim como fez na carta a Carolina, na qual não dá maiores detalhes acerca de seus amores passados, inferimos que, ao compor seus versos a uma personagem ficcionalizada, o poeta Machado de Assis procura fazer exatamente o que a epígrafe já anunciava, silenciando – e assim, preservando em segredo – a verdadeira identidade de sua “gentilíssima”, inserindo-a no campo da verossimilhança, afastando-a do real e de um risco maior que pudesse fazer “descobrir” quem fora verdadeiramente Corina. Tal qual Dante faz com sua Beatriz, Machado o faz com Corina³¹.

Na carta enviada a Carolina, já é possível verificarmos uma característica que se repetirá ao longo de toda correspondência ativa machadiana: o cuidado com a elaboração da carta, principalmente no que se refere à linguagem empregada. No fragmento transcrito acima, notadamente nos trechos em negrito, chama a atenção o apuro linguístico e imagético com que compõe a missiva, buscando a elaboração de uma escrita elegante e harmoniosa – à qual não faltam metáforas e antíteses sabiamente distribuídas –, que não dá margem a ambiguidades e à conseqüente falta de clareza na compreensão por parte do correspondente. Assim, considerando a tradição da escrita epistolar, podemos afirmar que Machado de Assis

³⁰ No original: “tacendo il nome di questa gentilissima” (ASSIS, 1864). Foi consultada a versão em PDF: Texto-fonte: **Obra Completa**, Machado de Assis, vol. II, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1994. Publicado originalmente no Rio de Janeiro, por B.L. Garnier, em 1864.

³¹ Em *Vita Nuova* (1282-1295), relato em prosa e verso do amor de Dante por Beatriz Portinari, vemos na vigésima terceira parte o emprego da expressão “calando o nome desta gentilíssima”, no momento em que relata um delírio que teve, no qual a amada morria (MIASSO, 2017, p. 163).

tendia a seguir os preceitos estabelecidos, entre outros, por Demétrio (tal como explicitamos anteriormente), tendo em vista o cuidado de Machado ao elaborar cartas com uma extensão não muito longa – as cartas de Machado são essencialmente curtas, quando comparadas às de seus pares – para que não “acabem por tornar-se tratados em forma epistolar”.

Ainda sobre a missiva de 2 de março de 1869, podemos constatar a presença de outro elemento da *ars dictaminis*: a *captatio benevolentiae*. Essa estratégia retórica, que visa à construção de um discurso persuasivo, é elaborada por meio da expressão humilde do próprio missivista, ou pela caracterização elogiosa do destinatário. Ao demonstrar o prazer de receber as correspondências da namorada e ao fazer comentários elogiosos sobre o caráter, espírito e coração da mesma, Machado pratica com perfeição a *captatio benevolentiae*, estratégia que lhe permite, ainda, compor, junto a Carolina, o “rosto” de um namorado que se emociona com as missivas da amada e que a ela expõe, de modo extremamente cortês, a sua vida amorosa até aquele momento. Um “rosto”, portanto, que exhibe, na mesma tela, os traços da emoção e da contenção.

Com o amigo Francisco Ramos Paz, a autofiguração machadiana oscila entre a discrição e a explicitação, sem atenuações, de suas dificuldades financeiras. Ramos Paz era português, tendo emigrado para o Brasil aos 12 anos de idade. Semiletrado, trabalhou como caixeiro e estudou com dedicação, adquirindo, como autodidata, uma boa formação cultural. Colaborou no *Paraíba*, jornal de Emílio Zaluar, atividade que o manteve ligado à imprensa, tendo sido Ramos Paz o intermediário de Elísio Mendes no convite para Machado de Assis colaborar na *Gazeta de Notícias*.

Paz foi amigo fiel de Machado de Assis. No início dos anos 60, ambos moraram num sobrado da rua Matacavalos, e, em várias ocasiões, Paz ajudou financeiramente o escritor, sobretudo no período do noivado. Podemos constatar que, ao se dirigir ao amigo de longa data, Machado de Assis dispensa maiores formalidades. Note-se, por exemplo, o tratamento empregado na *salutatio*, que se resume, muitas vezes, ao sobrenome “Paz”, além da exposição, por parte do escritor, da dificuldade financeira pela qual passava. É o que observamos em duas cartas do Tomo I. Na primeira delas, com data de 1º de maio de 1869, Machado recorre ao amigo em busca de auxílio pecuniário: sem empregar de forma explícita o termo “dinheiro”, esta carta evidencia o pedido de ajuda de Machado. Segundo Irene Moutinho, em nota, vários biógrafos mencionam que Machado de Assis se afligia muito com a própria situação financeira, principalmente devido à proximidade da data de seu casamento com Carolina. É o que se constata abaixo:

[Rio de Janeiro,] 1º de maio de 1869

Paz. Procurei-te ontem e anteontem em casa, e não te achei. Hoje, se te não encontrar, deixarei esta carta, pedindo-te que me esperes amanhã de manhã para conversarmos sobre **aquilo**. Sei que tens andado ocupado, e temo importunar-te com estes pedidos; mas, como te disse, não tenho outro recurso, e desejava concluir o negócio o mais cedo possível. Não insisto sobre a importância capital do **serviço que me estás prestando**; tu bem o compreendes, e sabes além disso qual é a minha situação. Não pude arranjar a coisa só por mim, vê se consegues isso, e repara que os dias vão correndo. **Ajuda-me, Paz; eu não tenho ninguém que o faça**. Conselhos, sim; serviços, nada. Espera-me amanhã, domingo; irei às dez horas e meia para dar-te tempo de concluir o sono que, por ser domingo, creio que irá até mais tarde. (ASSIS, 2008, p. 264, grifos nossos).

No trecho acima, as expressões “aquilo” e “serviço prestado” são empregadas como eufemismos para a ajuda financeira que o escritor esperava receber do amigo. Machado não esconde de Paz a penúria em que se encontrava, solicitando-lhe, até de modo enfático, socorro, compondo diante do amigo um “rosto” com traços de aflição: “Ajuda-me, Paz; eu não tenho ninguém que o faça”.

Na carta acima e na próxima, constatamos a presença de mais um elemento previsto pela *ars dictamins* para a escrita epistolar: o emprego da *petitio*. Como o próprio nome indica, a petição é a parte da carta que consiste em um pedido feito ao correspondente. Não há necessariamente um lugar exato para a *petitio* figurar na carta, mas, em geral, ela aparece próxima à *conclusio*, conforme vimos no capítulo 1. A *petitio* é sempre determinada pelas circunstâncias e intenções do remetente, e o caso de Machado de Assis não é diferente.

Na segunda carta, de 19 de novembro de 1869, uma vez mais, fica evidente a dificuldade financeira na qual Machado se encontrava. Ao explicar o motivo de não ter dado continuidade a um trabalho que fazia com Ramos Paz, o escritor faz alusão, novamente, à sua penúria financeira. Machado indica que aguardava alguma ajuda monetária de Paz e que o auxílio não veio, obrigando-o a encontrar outra forma de adquirir os recursos necessários. Também nesta carta, Machado não esconde as suas dificuldades financeiras. E, mais uma vez, o escritor compõe, para o amigo, um “rosto” em que o apelo emocionado se faz com o hábil manuseio da metáfora e da antítese:

[Rio de Janeiro,] 19 de novembro de 1869

Meu caro Paz. (...) Eu contava com aquele adiantamento e a tua carta anulou todas as minhas esperanças. **Não imaginas o que me foi preciso fazer desde segunda-feira à noite até sexta-feira de manhã. De ordinário é sempre de rosas o período que antecede o noivado; para mim foi de espinhos**. Felizmente o meu esforço esteve na altura de minha responsabilidade, e eu pude obter por outros meios os recursos necessários na ocasião. Ainda assim não pude ir além disso; de maneira que, agora mesmo, estou trabalhando para as necessidades do dia, visto que só do

começo do mês em diante poderei regularizar a minha vida. Tais são as causas pelas quais não pude continuar o nosso trabalho. (ASSIS, 2008, p. 272, grifos nossos).

Também na troca epistolar com Quintino Bocaiúva, certamente um dos grandes incentivadores da carreira de Machado de Assis como escritor, este se permite uma maior “liberalidade expansiva” (EULÁLIO apud MORAES, 2011, p. 97), o que fica evidente na carta de 24 de dezembro de 1866. Nela, Machado enuncia claramente o quanto se sentia atribulado naquele momento, tendo em vista o declínio do *Diário do Rio de Janeiro* e a espera de uma resposta de Afonso Celso quanto a uma posição na burocracia oficial, o que lhe permitiria maior estabilidade financeira, podendo, enfim, dedicar-se com tranquilidade às letras. O tom de desabafo é nítido, o que promove a construção de uma imagem de si mesmo como um homem angustiado, tomado por um “espírito atribulado”. Dessa forma, o missivista chama a atenção do correspondente para si mesmo, conforme vemos no trecho abaixo:

Espero o Longfellow, se puderes arranjá-lo. Aqui continuo às tuas ordens para o que quiseres. Sinto bem não poder continuar esta carta; **tenho o meu espírito realmente atribulado. Tudo isto vai em desalinho; desculpa-me.** Agradeço-te o abraço, e mando-te outro, apertado e de amigo. (ASSIS, 2008, p. 203, grifos nossos).

O que predominou, no entanto, nas missivas de Machado de Assis, foi a discrição, a ausência de extravasamentos ou revelações de segredos inconfessáveis, características que atribuíram, ao longo dos anos, descrédito ao epistolário machadiano, contribuindo, de igual forma, para uma depreciação do valor documental desses escritos. Durante um longo período, a produção epistolar machadiana, ou seja, sua correspondência ativa, foi vista por diferentes estudiosos como “menor” e “inferior”, devido, principalmente, à comparação entre a correspondência e a produção literária do autor. Para Agripino Grieco, diante da publicação da *Correspondência* machadiana em 1932, as cartas são “simples epístolas convencionais”, nas quais não se encontra “uma assinatura inconfundível” (GRIECO apud MORAES, 2011, p.95-96). O crítico Augusto Meyer (1935) e a biógrafa Lúcia Miguel Pereira (1936) também não atribuem valor às epístolas. Meyer afirma que “a correspondência de Machado de Assis é um modelo de discreta insignificância” (MEYER apud MORAES, 2011, p.96), enquanto Pereira vê um “abismo” entre o romancista “dissecador de almas” e o “espírito trivial” que se manifestava nas “atitudes do grande escritor” (PEREIRA apud MORAES, 2011, p.96) e na sua correspondência. Para a estudiosa, o caminho para se conhecer verdadeiramente o autor das *Memórias Póstumas* seria a literatura. A carta apenas refletia o “convencionalismo dos

gestos” (PEREIRA apud MORAES, 2011, p. 96), sem maiores desdobramentos, cumprindo os ditames dos antigos manuais epistolares.

Em 1984, deu-se uma das primeiras tentativas em mudar a perspectiva de estudo e análise das cartas de Machado de Assis. O ensaísta Alexandre Eulálio procura superar o confronto entre a literatura e a produção epistolar machadianas, atribuindo valor documental às missivas, isto é, o seu valor como testemunha da obra e do tempo. Contudo, de modo geral, o citado ensaísta não invalida o discurso de Meyer. Ainda assim, abre caminho para as pesquisas sobre o gênero epistolar tal como praticado por Machado de Assis. Eulálio sugere uma avaliação mais atenta desses documentos, o que poderia descortinar aspectos pouco evidentes de uma subjetividade que se esforça em se esconder, “tanto quanto o apuro estilístico a caminho da literatura” (MORAES, 2011, p. 97):

Esses escritos dispõem de certa afabilidade nostálgica, sempre polida e distante, mas que se deixa permear por outra qualidade de abandono, menos convencional dentro das mesmas convenções que celebra. Um deixar-se ir que se situa entre pose e atitude, no qual o compromisso do escritor, sem se desatar, permite-se certa liberalidade expansiva que oferece, desse modo, outra pauta para o registo do perfil psicológico do missivista. (EULÁLIO apud MORAES, 2011, p. 97).

Dessa forma, é possível extrairmos das cartas, tanto as enviadas como as recebidas, aspectos biográfico-vivenciais – interessando-nos os que dizem respeito ao autor de *Crisálidas* –, corrigindo-se algumas incorreções a respeito da biografia de Machado de Assis. Além disso, por meio da análise do epistolário machadiano, podemos legitimar seu **valor documental**, no âmbito dos aspectos do cotidiano da cidade e do país. Tal valor documental, como dissemos, se desdobra em dois outros veios: o que considera os **principais assuntos** abordados por Machado e seus correspondentes, enquanto escritores e artistas, com ênfase na vida literária da época e no exercício da crítica literária, por parte de Machado de Assis; e o que toma a carta como testemunha da obra, evidenciando o **memorialismo literário do escritor**. Cabe ressaltarmos, a fim de nortear a leitura da presente tese, que o valor documental das cartas será evidenciado, primeiramente, por meio da abordagem das missivas que demonstram aspectos da cidade e do país, conforme veremos no item seguinte (2.2). Na sequência, ainda a respeito do valor documental, demonstraremos os registros, na correspondência, da atividade jornalística de Machado de Assis, no item 2.3. No desdobramento desse veio, trataremos, no item 2.4, dos principais assuntos abordados pelos missivistas, no âmbito intelectual, destacando os aspectos da vida literária do período, com

ênfase na atuação de Machado como crítico. Por fim, encerraremos o presente capítulo abordando as cartas que indicam o memorialismo literário de Machado de Assis.

2.2 O valor documental das cartas nos rastros do tempo e da História: aspectos do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro e ecos da Guerra do Paraguai

Para seguirmos com nossa análise, é preciso considerar que a compilação das missivas do decênio de 1860 abrange mais cartas recebidas que expedidas, pois muitos documentos se perderam ao longo dos anos, além do grande número de cartas abertas e cartas-prefácios, conforme já mencionamos.

Nas diferentes cartas que compõem o *corpus* da pesquisa, percebemos que, quanto à *narratio*, ou seja, à parte da carta que corresponde ao assunto discutido, as correspondências do primeiro volume tratam, de modo geral, de temas relativos à época em que foram escritas. Veremos que Machado de Assis, em sua correspondência ativa, não se restringirá a um único assunto, a não ser em alguns casos, como quando escreve bilhetes, com finalidade meramente informativa; ou quando compõe cartas-prefácios, as quais foram elaboradas com um propósito definido. Assim, observando o que os epistológrafos conversam por meio das cartas, nos encaminhamos para mais um veio do projeto epistolográfico de Machado de Assis: aquele que se insere no âmbito dos temas abordados nas cartas, evidenciando o valor documental do epistolário machadiano, situando as cartas como testemunhas do seu tempo, carregadas de uma realidade histórica, sociológica, política ou literária, conforme vimos no capítulo teórico desta tese. Deste modo, encontramos, na troca epistolar do primeiro Tomo, comentários sobre o cotidiano da cidade e do país, como, por exemplo, referências às procissões religiosas que havia no Rio de Janeiro, e, no âmbito do país, à Guerra do Paraguai. Também são mencionadas as atividades jornalísticas de Machado de Assis e, por vezes, de seus pares, atividades que configuram a vida literária do período, que também é enriquecida pelo exercício da crítica literária, por parte de Machado de Assis, fazendo-se referência, nas cartas, a obras publicadas, aos principais periódicos em circulação na época, às peças teatrais encenadas, entre outros temas.

Passando agora à abordagem dos principais assuntos tematizados nas missivas, no que se refere ao cotidiano da cidade, podemos destacar a carta de 18 de abril de 1862, enviada por

Machado de Assis ao Bispo do Rio de Janeiro, Dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, o Conde de Irajá. Nessa extensa missiva, Machado tece duras críticas, condenando as procissões que ocorriam pela cidade, além de desaprovar a posição do clero frente a tais práticas religiosas, que, segundo o autor, estavam em dissonância com o culto verdadeiramente cristão. É o que podemos constatar nos fragmentos reproduzidos a seguir:

Excelentíssimo reverendíssimo senhor. No meio das práticas religiosas, a que as altas funções de prelado chamam hoje vossa excelência consinta que se possa ouvir o rogo, a queixa, a indignação, se não é duro o termo, de um cristão que é dos primeiros a admirar as raras e elevadas virtudes, que exornam a pessoa de vossa excelência. (...) Logo ao começar este período de penitência e contrição, que está a findar, quando a igreja celebra a admirável história da redenção, apareceu nas colunas das folhas diárias da Corte um bem elaborado artigo, pedindo a supressão de certas práticas religiosas do nosso país, que por grotescas e ridículas, afetavam de algum modo a sublimidade de nossa religião. Em muito boas razões se firmava o articulista para provar que as procissões, derivando de usanças pagãs, não podiam continuar a ser sancionadas por uma religião que veio destruir os cultos da gentildade. (...) Em vez de ensinar a religião pelo seu lado sublime, (...) é pelas cenas impróprias e improveitosas que a propagam. (...) São festas de folga, enfeitadas e confeitadas, falando muito aos olhos e nada ao coração. (...) Para esta situação deplorável, Excelentíssimo Senhor, contribui imensamente o nosso clero. (...) Sei que vossa excelência se alguma coisa fizer no sentido de curar estas chagas, que não conhece, há de ver levantar-se em roda de si muitos inimigos, desses que devem-lhe ser pares no sofrimento e na glória. Mas vossa excelência é bastantioso das coisas santas para olhar com desdém para as misérias eclesiásticas e levantar a sua consciência de sábio prelado acima dos interesses dos falsos ministros do altar. Vossa excelência receberá os protestos de minha veneração e me deitará a sua bênção. (ASSIS, 2008, p. 8-12).

A carta acima foi publicada anonimamente no *Jornal do Povo* de 14/04/1862. A respeito desse jornal de teor político, escreveu Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*:

Para 7 de abril anuncia-se a publicação de um jornal político que terá por título *Jornal do Povo*. É redigido por dois talentos jovens, mas que já fizeram as suas primeiras armas nesta liça da imprensa. O *Jornal do Povo* não representa escola alguma, não acompanha princípios estatuídos de nenhuma parcialidade política. É simplesmente um jornal consagrado a doutrinar o povo e a pugnar pelos interesses dele. / Sendo assim o *Jornal do Povo* será logicamente conduzido a pôr-se ao lado liberal que corresponde imediatamente às aspirações populares. / E o concurso dele será tanto mais valioso quanto que não pode haver dúvida sobre as opiniões liberais dos seus redatores. (ASSIS, 2008, p. 12, nota 2).

Retomando a carta anônima a que nos referíamos, publicada no *Jornal do Povo*, Galante de Sousa é o responsável pela atribuição segura da autoria machadiana daquela missiva. Com efeito, em uma de suas crônicas, divulgada no periódico *O Futuro* de 1.º de março de 1863, Machado de Assis dá nítidas pistas quanto à autoria da carta, além de

explicitar sua motivação para elaborar a referida correspondência, conforme observamos no trecho reproduzido a seguir:

(...) Em um jornal político publicado então e cujo 2.º número acertou sair na sexta-feira da paixão, veio inserta uma carta ao nosso prelado, menos eloquente e erudita, mas tão indignada como o artigo a que me referi. Assinavam essa carta umas três estrelas, ocultando o verdadeiro nome do autor, **que era eu**. O desgosto que me comunicara o primeiro articulista, aumentando o que eu já tinha, deu nascimento a essas linhas em que eu fazia notar como prejudiciais ao espírito religioso, essas grosseiras práticas, mais que próprias para produzir o materialismo e a tibieza da fé. (ASSIS, 2008, p. 13, nota 4, grifos nossos).

Logo no início da missiva de 18 de abril de 1862, constatamos o tom respeitoso da expressão “Excelentíssimo reverendíssimo senhor”. Essa carta aberta traz como epígrafe o termo “Comunicado” e reflete uma crítica violenta à união da Igreja com o Estado, sistema que provocou graves conflitos e só foi extinto no Brasil em 1889, com a Proclamação da República e, conseqüentemente, com a instituição do estado laico (MOUTINHO apud ASSIS, 2008, p. 13, nota 2). Na carta, o missivista faz referência a um artigo que fora publicado em um dos periódicos da Corte, artigo este que pedia a suspensão das procissões, considerando-as nocivas ao verdadeiro culto cristão. Concordando com o autor do artigo, Machado (admitindo-se a sua autoria) redigiu a referida carta, corroborando a argumentação de que tais práticas seriam prejudiciais ao espírito religioso.

A referida carta, em sua íntegra, sinaliza que, em suas contribuições para o *Jornal do Povo*, Machado adotou uma postura diferente da usualmente atribuída ao intelectual e homem público Machado de Assis. Na carta aberta publicada no *Jornal do Povo*, a imagem de si mesmo construída pelo missivista em nada se parece com aquela alimentada pela crítica, em geral, que, ao longo dos anos, caracterizou Machado como um homem avesso a polêmicas, e que procurava manter-se numa posição de neutralidade em assuntos que pudessem, de alguma forma, prejudicar sua imagem de cidadão e escritor comedido e discreto. O fato é que, para o jovem Machado de Assis, “(...) as artes e as letras não constituíam seu principal centro de interesse (...)” (MASSA, 2009, p. 261). Na verdade, talvez motivado pelas agitações políticas da época, o escritor, no período de 1860 a 1862, não se furtou a incisivos comentários, em suas crônicas e na correspondência – principalmente nas cartas abertas –, acerca da política daquele período. Jean-Michel Massa reforça nossa afirmação quando declara que:

A maioria parlamentar quis constituir um gabinete sólido e tranquilizador. Dessa forma, em 2 de março de 1861, o marquês de Caxias presidia o novo gabinete. Durante seis meses Machado de Assis desancou esse Ministério. Tudo faz crer que

foi a partir de 1861 que assistiu regularmente às sessões do Congresso e particularmente às do Senado. Munido de informação colhida nas melhores fontes, parece bem colocado para seguir e comentar a ação do governo. **Tinha 21 anos e foi por livre e espontânea vontade que se atirou à confusão. Sua crítica não se dirigia apenas à gestão do gabinete, mas chegava até os princípios morais da política. Ai é que o sapato apertava.** (MASSA, 2009, p. 262, grifos nossos).

Segundo Jean-Michel Massa, o jovem Machado de Assis, na posição de jornalista, demonstrou forte engajamento nos embates políticos do Brasil. Seus ataques, muitas vezes, eram diretos e pessoais, citando claramente nomes de importantes figuras do cenário político e da sociedade da época. Por exemplo, Machado pediu contas publicamente aos que se aproveitavam das missões de favor na Europa, sob o pretexto da preparação para a Exposição Internacional, prevista para ser realizada em Londres em 1862; e desmascarou outros a que o governo, violando as leis, concedeu privilégios, como o decano da faculdade de medicina, Cândido Borges Monteiro, que conseguiu o direito à pensão antes mesmo de completar o tempo de serviço. Aproveitou também as páginas do jornal para acertar contas com um colega de ofício, que se assinava como *Scoevola*, no *Jornal do Comércio*: Machado, julgando o colega favorável em demasia à política do governo, lançou mão da ironia para destacar as qualidades bem pouco romanas de quem se escondia sob aquele nome de empréstimo (MASSA, 2009, p. 262).

Entretanto, parece ter poupado a Câmara dos Deputados, provavelmente devido aos amigos que ocupavam assentos ali. Acrescenta, a este respeito, Jean-Michel Massa:

(...) em compensação não teve cerimônias para com o Senado. As páginas do [texto] “Velho Senado”, em que faz justiça a um bom número de senadores, são talvez a penitência que sua consciência lhe impôs. Em 1898, as paixões estavam pacificadas e ele experimentava certa saudade do tempo passado. Teria esquecido a violência dos golpes que assestou contra os membros da Câmara alta? (MASSA, 2009, p. 262).

Ainda sobre o tema da política, encontraremos, numa carta de 1866, enviada por Ferreira de Meneses a Machado de Assis, um conselho referente ao assunto. Meneses, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, dedicou-se ao jornalismo, à poesia e ao teatro, escrevendo regularmente para a *Imprensa Acadêmica*. Na carta, com data de 29 de setembro daquele ano, Meneses recomenda que Machado de Assis, no tocante a comentários acerca da política brasileira, mantivesse a neutralidade:

Machado. Recebi uma carta tua na qual me falas do negócio do *Diário de São Paulo*. Acho que deves guardar imparcialidade – não teres nenhuma cor política na tua correspondência. É o melhor e é o que falei com o Cândido Silva proprietário.

Quanto ao anônimo, fica isto à tua discricção. Nesta data [escre]ve-te o José Vitorino sobre o negócio do teatro de São Pedro. (...) (MENESES apud ASSIS, 2008, p. 166-167).

O conselho de Meneses refere-se, possivelmente, a comentários de caráter político feitos na própria carta a ele enviada por Machado de Assis, ou a algum artigo que Machado tencionava publicar, com esse teor, no *Diário de São Paulo*, considerando que o escritor aceitara o convite para ser correspondente no referido periódico: “A Empresa aceita com agrado a tua cooperação (...). Estás correspondente. Só assim terei notícias tua[s] em cada correio”. (MENESES apud ASSIS, 2008, p. 163-164). Naquele momento, o Brasil participava da Guerra do Paraguai, além de atravessar uma crise política entre liberais e conservadores, conforme explicitamos anteriormente, no presente capítulo. Infelizmente, a ausência da carta enviada por Machado, à qual Meneses se refere, deixa-nos a imaginar o que teria dito o autor de *Dom Casmurro* e qual terá sido o destino dessa missiva. Será que se perdeu no fundo de uma gaveta? Ou, na pior das hipóteses, teria sido queimada junto a outros papéis? Esperamos que tenha ocorrido a primeira hipótese. Afinal, com o árduo e constante trabalho de vários estudiosos que, atualmente, voltam seus olhares ao epistolário machadiano, poderemos alimentar a esperança de, um dia, alcançarmos o que disse Machado de Assis sobre a política, no espaço sigiloso das cartas pessoais.

Outra missiva que merece nossa atenção é a carta aberta de 22 de novembro de 1864, enviada por Machado de Assis ao médico, poeta e historiador brasileiro Teixeira de Melo. Eles se conheceram no período em que Teixeira de Melo ainda era um estudante de ciências médicas, frequentando com Machado as rodas de estudo e leitura do escritório de Caetano Filgueiras. Tendo em vista a extensão dessa carta, reproduzimos a seguir apenas alguns trechos mais importantes:

Meu caro Alexandre. Lembrei-me há dias de ti, (...). O que me fez lembrar de ti foi o silêncio e o isolamento a que te condenaste. (...) Os espíritos sérios, graves, positivos, não trocariam, decerto, uma estrofe por um lance político de sua preparação; mas, a despeito desse desdém, continua provado que os referidos espíritos sérios e graves só têm de grave e de sério as denominações, – que eles próprios se dão entre si. **Se, em vez de te refugiares como andorinha friorenta**, houvesse ficado no tumulto da vida, quem sabe se – (tremo em pensá-lo!) – quem sabe se não acordavas um dia com alma de político? Ah! então é que eu te dava por perdido de uma vez. Não é que eu comparta a opinião do Senhor barão de São Lourenço, senador pela Bahia, a quem parece que poetas não servem para nada em política, mormente quando são moços, isto é, quando ainda conservam um pouco de entusiasmo e um pouco de convicção. (...) Não, eu não sou dos que acham que os poetas são incapazes para a política. **O que penso é que os poetas deviam evitar descer a estas coisas tão baixas, deviam pairar constantemente nas montanhas e nos cedros – como condores que são.** Afinal de contas, os homens que não são

sérios e graves, são exatamente os homens **graves e sérios**. Demócrito continua a ter razão: só é sério aquilo que o não parece. (ASSIS, 2008, p. 75-77, grifos nossos).

Este é um dos poucos momentos em que presenciamos declarações de cunho mais pessoal, além de um comentário direto, contundente e sem reservas de Machado de Assis em relação à política, o que nos causa certo estranhamento, considerando que a missiva foi publicada na imprensa. Nessa carta, podemos apreciar o versado estilo machadiano, marcado pelo uso de metáforas (“andorinha friorenta”, “pairar nas montanhas e nos cedros”) e pela ironia elegante e fina – com o hábil jogo das expressões “sérios e graves” e “graves e sérios” –, recurso que será empregado cada vez mais por Machado de Assis em suas obras literárias, e que já se faz presente em sua correspondência. Silvia Eleutério valida nossa observação quando destaca em nota que essa carta:

(...) contém uma das mais vigorosas manifestações pessoais de Machado de Assis, em que este usa publicamente expressões fortes, faz o testemunho apaixonado de fé em seu ofício, fala sem rodeio e desabridamente do seu desencanto com os homens e reafirma o valor de uma amizade dos primeiros tempos. É um texto surpreendente. (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 78).

Ainda sobre o cotidiano da cidade e o posicionamento combativo do escritor, no início do decênio de 1860, outra correspondência que destaca esses dois pontos é a carta aberta de 08/02/1862. Recorrendo a Massa para compreendermos melhor o contexto no qual se insere essa missiva, e, dessa forma, fazermos sua leitura da maneira adequada, observamos que o estudioso aponta a “agressividade” machadiana, o que pode nos surpreender como leitores, possivelmente pelo fato de que essa etapa da formação do escritor é menos conhecida do público: “Nesse período, a agressividade de Machado de Assis era tamanha que ele chegava a apontar os erros até daqueles que escreviam nas rubricas vizinhas do *Diário*.” (MASSA, 2009, p. 262). Com efeito, dirigindo-se ao redator de *Ecos Marítimos*, o qual propôs o aumento da quantidade de horas trabalhadas pelos operários, a fim de agilizar a construção de dois navios, o *Amazonas* e o *Princesa de Joinville*, Machado se levanta contra tal proposta, devolvendo, em seus “Comentários da Semana”³², uma resposta incisiva. Um detalhe significativo está no título empregado: “‘Ao redor dos ecos marítimos’ – Carta I”, o que indica que o Machado de Assis jornalista se preparava para uma série de textos referentes a esse assunto. Seguem abaixo alguns trechos da referida carta:

³² Trata-se de uma série de crônicas, sobre assuntos gerais, que Machado de Assis publicou na seção “Comunicado” do *Diário do Rio de Janeiro*, de 12/10/1861 até 11/12/1861.

(...) Pensas que semelhante obra seria mais pronta e economicamente realizada, prorrogando-se as horas de trabalho, mediante abono de gratificações de sesta aos operários. (...) Para admitir estas conclusões, seria mister conceder-te que a produção do trabalho durante as 2 horas da sesta é equivalente ao salário do meio-dia, em tais casos abonado como gratificação, o que contesto. O trabalho ordinário começa nos nossos arsenais ao nascer do sol e termina às 4 horas da tarde, apenas com interrupção de 1/2 hora concedida para o almoço; o extraordinário em sesta prolonga-se até o anoitecer. Assim o sistema que preconizas exige do operário um esforço continuado de 13 horas! E acreditas que um homem possa, no nosso clima, e durante a estação calmosa, trabalhar com a mesma atividade e perfeição por tão dilatado espaço de tempo, exposto aos raios do sol, que os gigantescos refletores de granito formados pelas paredes do dique tornam ainda mais abrasador? O bom senso dir-te-á que não. Um ou outro indivíduo, dotado de constituição mais robusta, realizará este supremo esforço no primeiro ou segundo dia, porém, certamente sucumbirá tentando ultrapassar esse limite. (ASSIS, 2008, p. 4).

Como podemos ver, Machado de Assis mantinha uma postura combativa como jornalista, principalmente no período em que atuou como cronista no *Diário do Rio de Janeiro*. A crítica, ao longo dos anos, criou e alimentou um mito tenaz acerca de Machado, definindo-o como um homem endurecido e amargurado, e que, por isso, teria conservado constantemente uma distância em relação aos seres e às coisas. Pelo que podemos ler e depreender da correspondência transcrita acima, esse mito é ilusório, pois não considera um período essencial da vida do autor de *Dom Casmurro*: a sua juventude. A expressão de indignação, diante da proposta absurda de aumento da carga horária aos trabalhadores, nos permite ver o “rosto” do jovem Machado de Assis, composto por traços de empatia, apropriando-se de seu papel como jornalista para denunciar, repudiar e tentar conscientizar o público leitor dos seus “Comentários”. Mais uma vez, trazemos Jean-Michel Massa para corroborar nossa afirmação:

Se quisermos exprimir, de maneira global, o que foi Machado de Assis durante esses anos de juventude, com o espírito de contradição que caracteriza, segundo se diz, os franceses, talvez se devesse inventar outro mito. O de um homem “assisiano”, marcado, ao contrário, por grande generosidade, calor, amor e uma fraternidade, se não franciscanos, pelo menos humanos. (MASSA, 2009, p. 257)

Esse “homem assisiano” descrito por Massa é o nosso jovem jornalista, que não se calava diante daquilo que considerava errado e vergonhoso no meio político ou social, usando o prelo para desferir duros golpes, principalmente contra o Ministério Caxias, revelando a incoerência, a inconsequência e a asnice de seus membros (MASSA, 2009, p. 264). Não deixava de fazer uso da ironia ao abordar, por exemplo, as manobras eleitorais que ocorreram após a morte de um senador: “É tão bom ter uma cadeira no Senado” (ASSIS apud MASSA, 2009, p. 263). Chegou, por vezes, a expressar-se de modo vulgar: “O Sr. Senador Pena, que

ali ejaculou alguns discursos notáveis” (ASSIS apud MASSA, 2009, p. 263). Machado de Assis não era visto como um jornalista irrelevante, o que obrigava o governo a se defender e responder às declarações – denúncias – publicadas no *Diário*. Nesse “bate e rebate”, pois uma polêmica chamava outra, nosso cronista dos “Comentários” mantinha um trabalho diário, constante e intenso, o que lhe permitiu exercitar quase que ininterruptamente sua escrita. Certamente, essa prática da escrita jornalística, que nunca cessava e estava sempre em atividade, reverberou, de alguma forma, na sua produção literária:

Ao redigir essas crônicas, ao fazer dessa maneira a aprendizagem da luta política, Machado de Assis ganhava um estilo mais vigoroso. As páginas imortais da *Semana* devem, sem dúvida, muito às páginas juvenis do *Diário do Rio de Janeiro*, e dessa passagem pela imprensa militante restou para o escritor, pelo menos, essa facilidade em redigir num instante um artigo e em seguida um conto. O volume considerável da sua obra literária se explica também por essa facilidade adquirida no trabalho cotidiano. Aquele que havia permanecido até 1860 um escritor amador adquirira no *Diário* um jeito, uma técnica de escrever bastante pessoal. Tornou-se escritor sobre a rama. (MASSA, 2009, p. 265)

Após uma série de crônicas que bombardearam o regime político daquele período, é em 22 de fevereiro de 1862 que Machado de Assis termina seus “Comentários da Semana”, exprimindo desgosto e decepção. Sob o título “Desgosto pela Política”, esse texto esteve “adormecido” em um volume de crítica literária, o que o torna pouco conhecido do público. Vale transcrevermos aqui alguns trechos mais relevantes dessa crônica publicada no *Diário*:

Hoje, é necessário que alguma coisa assim satisfaça e entretenha o espírito público, desgostoso e enjoado com as misérias políticas de que nos dão o espetáculo os homens que a aura da fortuna, ou o mau gênio das nações, colocou na direção, patente ou clandestina, das coisas do país. Causa tédio ver como se caluniam os caracteres, como se deturpam as opiniões, como se invertem as ideias, a favor de interesses transitórios e materiais, e da exclusão de toda a opinião que não comunga com a dominante. Para este resultado nem os mais altos escapam, e é tecendo defesas gratuitas ao príncipe que se procura provar a má fé alheia e os próprios fervores. Nem fazem rir como D. Quixote, por que o namorado de Dulcinéia, investindo para os moinhos de vento, nem armava à recompensa, nem queria medir amor por lançadas. Tinha boa fé da sua mania, e a sinceridade do seu ridículo. Estes não. (ASSIS apud MASSA, 2009, p. 267)

Não se sabe exatamente o que provocou “tamanho desgosto” e tão abrupta mudança no tom empregado pelo jovem jornalista Machado de Assis. Fato é que, após esse texto, suas crônicas mudaram de teor – abordando agora quase que exclusivamente a literatura – e de ritmo, sendo publicadas com maiores intervalos (22 de fevereiro, 2 de março, 24 de março, 19 de abril, 5 de maio). Após a crônica de 5 de maio de 1862, ainda que mencionasse no referido

texto que não deixaria de “comunicar todas as segundas-feiras”³³, este foi seu derradeiro “Comentário”. Tudo aponta, então, para o cumprimento de uma ordem superior, neste caso do diretor político do jornal, Joaquim Saldanha Marinho. Ainda que não tenha sido demitido, Machado de Assis se viu privado da tribuna e da liberdade de expressão:

Se se recorda que tais artigos eram publicados, na maioria das vezes, na primeira página, imediatamente após as notícias oficiais (Noticiário, Estatística da Corte), avalia-se como foi verdadeira desgraça. Machado de Assis se encontrava no Purgatório. Retornou às fileiras, mas no anonimato das notícias anódinas. (MASSA, 2009, p. 268).

Além da política, outro tema que, certamente, mobilizou a atenção do país e da cidade do Rio de Janeiro foi a Guerra do Paraguai (1864-1870). Encontramos referências à mesma na correspondência enviada a Machado de Assis por Nuno Álvares Pereira e Sousa e por Luís Guimarães Júnior, além de uma carta escrita por Machado de Assis a Quintino Bocaiúva. Nuno Álvares, que colaborou em vários periódicos – como na *Marmota*, no *Jornal das Famílias* e na *Imprensa Acadêmica* –, era colega de Machado no Ministério da Agricultura, e faz, no âmbito das missivas aqui investigadas, a primeira menção – ainda que circunstancial – à Guerra do Paraguai, em carta de 16 de março de 1865:

Rio de Janeiro, 16 de março de 1865
Meu caro Machado de Assis. O portador destas linhas é o meu bom amigo o Senhor José Ferreira Pimentel Bellosa. A seu pedido te escrevo, a fim de que te empenhes calorosamente com o nosso poeta Chico Guimarães, para na organização de seu corpo de voluntários requisitar para uma das vagas de Alferes, o 1º Cadete do 5º Batalhão de Infantaria, Marcos Aurélio de Farias Bourguin, meu comprovinciano e moço muito distinto. Não tenho relações com o Pinheiro Guimarães, por isso te importuno e insistentemente peço-te que uses de toda a tua influência para alcançarmos aquela nomeação. (PEREIRA apud ASSIS, 2008, p. 272)

Vale ressaltar que, quando irrompeu a Guerra do Paraguai, o exército brasileiro não dispunha de homens suficientes para a batalha. Motivados pelo governo imperial, que acendeu uma onda de patriotismo, muitos jovens e até mesmo homens maduros da elite se alistaram como voluntários, sem imaginar as grandes provações pelas quais passariam. Na carta reproduzida acima, vemos que Nuno Álvares pede a ajuda de Machado de Assis, a fim de conseguir uma indicação para um amigo, na vaga de Alferes do 5º batalhão.

³³ Consulta e transcrição feita da versão digital. Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Publicado originalmente o *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, de 01/11/1861 a 05/05/1862.

Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8264>.

Luís Guimarães Júnior, por sua vez, ofereceu-se como um desses voluntários. Natural do Rio de Janeiro, conheceu Machado de Assis graças a uma “tentativa dramática” – a *Cena Contemporânea* – dedicada ao autor de *Crisálidas*. Com apenas 17 anos, Guimarães Júnior conquista a amizade machadiana, que perdurará por toda a vida. Residindo em Recife, a fim de concluir o curso jurídico, envia a seguinte carta (reproduzida parcialmente) ao autor carioca:

Recife, 16 de setembro de 1865

Machado. Persistes em ser ingrato, e eu em provar que sou, fui e serei teu amigo e amigo até os últimos instantes. Alistei-me nos Voluntários Acadêmicos; o governo, pouco amigo de abnegações e sacrifícios, recusou a oferta acadêmica. Agora, só partirei, só marcharei para o sul, depois de ato feito, nas férias, quando puder ir abraçar-te e à minha família. (...) (GUIMARÃES Jr. apud ASSIS, 2008, p. 119)

Será apenas na carta de 25 de novembro de 1866, enviada por Machado a Quintino Bocaiúva, que veremos referências mais diretas à Guerra do Paraguai. Nesta correspondência, Machado de Assis atualiza o amigo sobre outros assuntos, como sua espera pela resposta de Afonso Celso a respeito de um possível posto de trabalho, mas acaba tratando principalmente da guerra e de alguns dos seus desdobramentos, inclusive o falecimento de um colega, ferido no campo de batalha:

(...) O Saldanha está levantando a província de Minas. Fez uma proclamação, deu ordens, convocou os homens notáveis, e o caso é que já em muitas comarcas estão se organizando comissões para arranjar voluntários. A coisa faz-se, e Deus queira que se faça completa, porque ninguém supunha que Minas desse gente para a guerra, e se o Saldanha o faz, faz um milagre. Afora as correspondências do *Jornal do Comércio*, creio que a oposição por lá apaziguou-se, e até os históricos, [encamisados] ao princípio, deram no fim da assembleia votos de adesão. O Saldanha ia fazer uma viagem pela província a fim de animar as populações. **Morreu o Remígio, em Corrientes, em casa do Otaviano. Eu não sei se já te dei esta notícia. Morreu, dizem, por ter se demorado no acampamento mais tempo do que convinha ao curativo, o que lhe trouxe a gangrena**, logo pronunciada apenas desceu a Corrientes. Teve ideia o Pinto Peixoto de uma missa mandada dizer pelos antigos redatores do Paraíba, ele, o Zalar, o Bellegarde, tu e eu. (...) Da guerra não há nada. O Caxias deve estar a esta hora no exército; do Rio Grande vai marchar, graças ao Caxias, um exército comandado pelo Osório, e acompanhado por todos os chefes dali, o Canabarro, o Jacuí, Ourives etc. O exército consta de 10 a 12 mil homens. O Sérgio pilhou a legação de Paris e já lá foi. (...) (ASSIS, 2008, p. 190-191, grifos nossos).

Chama a nossa atenção a maneira como Machado escreve essa carta. Diferente das demais missivas, essa não demonstra uma preocupação em seguir a retórica da *ars dictaminis* quanto ao emprego da linguagem. Aqui vemos que as informações vão sendo apresentadas uma após a outra, sem demonstrar o apuro linguístico de costume. Saldanha Marinho

esforçava-se, enquanto presidente da província de Minas Gerais, para conseguir mais braços para lutar na Guerra do Paraguai, sensibilizando os mineiros ao alistamento no corpo de voluntários da pátria. Além disso, segundo Sílvia Eleutério em nota, Marinho “pretendia ampliar na província a influência e os interesses do grupo de liberais a que pertencia” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 192, nota 3). Contudo, nenhum dos voluntários poderia imaginar o que enfrentaria no campo de batalha, não só pelas lutas travadas nas trincheiras, mas também pelas dificuldades vividas nos acampamentos militares, resultado principalmente da falta de organização e de recursos financeiros do governo.

Foram muitas as lutas enfrentadas pelos soldados e voluntários na longa Guerra da Tríplice Aliança. Não havia água e nem comida suficientes para todos. A falta de médicos e suprimentos cirúrgicos para atender aos milhares de feridos oriundos das batalhas era outro grave problema. Muitos soldados recém convocados, que se feriram no enfrentamento armado ou foram acometidos por enfermidade, transitavam sem qualquer orientação sobre cuidados sanitários e vacinação, o que provocou a disseminação de várias doenças – muitas delas incubadas –, que logo seriam transmitidas a milhares de outros soldados e civis nos campos de batalha e nas cidades para onde eram levados para tratamento. Maria Teresa Garritano Dourado³⁴, em seu artigo “Cotidiano e sobrevivência: soldados e marinheiros na Guerra do Paraguai”, exemplifica bem a questão:

A abordagem dada aos inúmeros problemas enfrentados, como, por exemplo, a fome, é cabal quando procura recuperar uma parte do cotidiano, (...). “Quase que estou com as três pragas: peste, fome e guerra”, analisando a carta do imperial marinheiro Francisco Manuel Barroso da Silva, datada de 6 de julho de 1865, provavelmente para sua esposa, já que inicia com *my dear*, verifica-se uma parte do difícil cotidiano da Guerra do Paraguai e que expõe de maneira muito veemente todas as agruras que os soldados estavam passando durante esse período. Bastante reveladora é a ordem das três pragas que ele colocou, inicialmente e, portanto, considerando de maior importância: peste e fome e por último a guerra. A carta é um relato desesperado de um combatente que não reclamou dos inimigos e nem das batalhas, mas das condições propiciadas pelo Governo Imperial aos seus soldados, tratados com negligência (...) (DOURADO, 2014, p. 118).

A Guerra do Paraguai provocou, portanto, uma grande mortandade, causada por diferentes doenças, como a cólera e a varíola, as mais agressivas e difíceis de controlar, além das infecções por feridas da guerra, que se agravavam dada a falta de instrumental médico cirúrgico. A morte do próprio capitão Remígio, fato mencionado na carta transcrita anteriormente, parece exemplificar esse aspecto da guerra vivido nos campos militares. José

³⁴ Doutora em História Social pela USP; é autora do livro *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai*.

Remígio de Sena Pereira (1826-1866) partiu no início de maio de 1866 para atuar no corpo de voluntários, e para ser correspondente do *Diário do Rio* acerca das operações. Depois da vitória de 24 de maio, em Tuiuti, os aliados se deslocaram para a região pantanosa de Boqueirão. Em 16 de julho a divisão de três mil homens, na qual estava Remígio, sofreu tantas e tão pesadas baixas, que teve de ser substituída por batalhões do general Argolo. Nessa batalha de Boqueirão do Sauce, o capitão Remígio de Sena foi ferido. Se considerarmos o que o próprio signatário Machado de Assis relata (“Morreu, dizem, por ter se demorado no acampamento mais tempo do que convinha ao curativo, o que lhe trouxe a gangrena”), talvez tivesse sobrevivido, caso fosse socorrido mais rapidamente e com a estrutura adequada, assim como tantos outros soldados, na sua maioria voluntários, motivados pelo espírito patriótico, que padeceram e sucumbiram nos acampamentos do governo Imperial.

2.3 “Eu, no *Diário*, vou fazendo o trabalho de costume, e mais um ou outro artiguinho de fundo quando é necessário”: os registros, na correspondência, da atividade jornalística de Machado de Assis

As cartas do Tomo I, primeira parte do epistolário machadiano³⁵ – ou seja, tanto a correspondência ativa quanto a passiva –, também evidenciam a intensificação da atividade de Machado de Assis como jornalista e cronista, além do próprio crescimento da atividade jornalística da época, em geral. Assim, quanto à nossa investigação do epistolário machadiano, ainda percorrendo o segundo veio que compõe o projeto epistolográfico de Machado de Assis, passaremos a explorar o valor documental das cartas num ângulo mais específico, aquele que indicia e registra a atividade jornalística de Machado de Assis: seus pares, seus temas, alguns dos periódicos em que colaborou, o(s) estilo(s) que adotou.

Nesse âmbito, identificamos no primeiro Tomo a atuação de Machado de Assis, a partir de 1860, no *Diário do Rio de Janeiro*, onde exerceu diferentes funções, entre as quais as de repórter parlamentar e cronista. Em 1867, desligou-se daquele periódico para assumir a nomeação como ajudante do diretor no *Diário Oficial*. Antes disso, em 1862, Machado

³⁵ Empregamos a expressão “epistolário machadiano” para indicar toda a sua correspondência conhecida até o momento, tanto as cartas recebidas como as enviadas. Já a expressão “produção epistolar machadiana” é utilizada apenas para referir-se à correspondência ativa.

colaborou com a revista *O Futuro*, de Faustino Xavier de Novais, e no *Jornal das Famílias*. Observamos, principalmente na correspondência com Luís Guimarães Júnior, Luís Ramos Figueira, Henrique César Muzzio e Quintino Bocaiúva, que o trabalho nos jornais teve grande importância na trajetória e formação de Machado de Assis como escritor.

Ao longo da leitura das cartas trocadas com os correspondentes citados acima, fica evidente que Quintino Bocaiúva (1836-1912) foi o grande responsável por abrir as portas a Machado de Assis não só para o mundo jornalístico³⁶, encarregando-o da cobertura do Senado no *Diário do Rio de Janeiro*, como também, anos mais tarde, à carreira de funcionário público. Quintino, sobrenome escolhido ainda jovem como afirmação de seu espírito nacionalista, pois designa uma espécie de coqueiro tipicamente brasileiro, trabalhou no *Correio Mercantil*, no *Diário do Rio de Janeiro*, em *A República*, em *O Globo* e em *O País*. Ele era notadamente um republicano, sendo um dos redatores do *Manifesto Republicano* de 1870, além de ter exercido um importante papel no movimento que levou ao fim da monarquia. Por sua intensa atividade jornalística, Bocaiúva tornou-se um homem influente e prestigiado em sua época, sendo muitas vezes convidado a apreciar trabalhos artísticos e literários e, posteriormente, a publicar artigos que contribuiriam para a divulgação de cada um desses trabalhos. Em 1866, Quintino transferiu-se para Nova York, onde seria agente de imigração, até 1867. Nesse período em que Quintino Bocaiúva permaneceu fora do Brasil e afastado de suas atividades no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis escreveu ao amigo – a quem trata informal e afetuosamente como “Meu Quintino” –, atualizando-o sobre as atividades no periódico, além de agradecer-lhe pela recomendação feita, a seu respeito, para Afonso Celso, a fim de alcançar um posto de trabalho:

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1866

Meu Quintino. Sei pelas folhas do Pará que fizeste até ali uma boa viagem e estimo d'alma que o mesmo sucedesse até New York. (...) O Saldanha já está de posse do governo de Minas, e já escreveu ao Belfort, com quem continuo a trabalhar no *Diário do Rio*. Foi o Saldanha recebido com entusiasmo em Ouro Preto, como verá pelas notícias nos jornais. Eu, no *Diário*, vou fazendo o trabalho de costume, e mais um ou outro artiguinho de fundo quando é necessário. Alguns são por indicação do Afonso Celso com quem tenho estado. Agradeço-te outra vez a recomendação que de mim fizeste ao Afonso. (...) (ASSIS, 2008, p. 169-170).

³⁶ “A mão que me fez entrar para essa casa há 7 anos é a mesma que tão lealmente me dá o adeus de despedida. São coisas que não esquecem.” (ASSIS, 2008, p. 212). Trecho da carta de 09 de abril de 1867 enviada por Machado a Quintino. A presente missiva assinala o reconhecimento de Machado a Bocaiúva no momento em que se desligava do *Diário do Rio de Janeiro*, após ser nomeado auxiliar da diretoria de publicação do *Diário Oficial do Império do Brasil*.

Outro correspondente que ilustra, por meio de suas cartas, a atividade jornalística exercida por Machado de Assis é Henrique César Muzzio. Este atuou como secretário do *Diário do Rio de Janeiro*, função que deixou apenas para acompanhar o diretor do jornal, Saldanha Marinho, na presidência de Minas Gerais. Na época em que trabalharam juntos no *Diário*, Machado e Muzzio mantiveram uma relação muito próxima. Entretanto, como vemos nas cartas do Tomo I, as quais correspondem ao período em que Muzzio estava em Ouro Preto, há indícios de uma crise na relação de amizade entre os dois. A carta abaixo abre o registro da troca epistolar entre ambos, e nela o correspondente emprega, na *conclusio*, expressões que evidenciam a amizade e camaradagem que os unia:

Ouro Preto, 10 de novembro [de 1866.]

Meu caro Assis

Aí vai esse artigo e documentos para serem publicados sem demora em artigo de fundo. Chegando num dia deve aparecer no outro. Revê cuidadosamente as provas. Não escrevo mais [ao] Belfort porque ao que parece está por tal modo absorvido nos negócios públicos que nem se digna responder ao Saldanha. O Saldanha é quem te recomenda o artigo e a revisão. Estamos fazendo o diabo. O Saldanha parte e eu fico amarrado ao enorme castelo da presidência. Só entre sentinelas e ordenanças, que paraíso?! **Teu do Coração** Muzzio. Obrigado pelo que escreveste. **Não te esqueças dos meus olhos pretos.** (MUZZIO apud ASSIS, 2008, p. 177-178, grifos nossos).

Observamos nessa missiva que Machado tinha a incumbência de rever e reproduzir no *Diário do Rio de Janeiro* o material de divulgação das viagens do presidente pelos municípios mineiros. Com essa divulgação, o presidente de Minas intentava expandir as bases de influência do partido liberal e reunir voluntários para se juntarem à luta na Guerra do Paraguai (1864-1870). Muzzio, cumprindo ordens de Saldanha, atribui a responsabilidade do relato das viagens a Machado, tendo em vista que Sebastião Gomes da Silva Belfort, embora estivesse à frente do periódico naquele momento, só tratava de seus interesses. Na carta a seguir, enviada em 30 de novembro de 1866, o antigo amigo de redação solicita a Machado, servindo-se de verbos no modo imperativo, que escreva mais um artigo de fundo sobre a viagem de Saldanha:

Meu caro Assis. Logo que recebas o que aí vai **escreve** para o dia imediato um artigo de fundo sobre a viagem do Saldanha servindo-te disto como apontamentos. Que te parece o tal Benjamim? É criatura do Firmino e obra em virtude de ordens dele. É de toda a conveniência tornar bem patente o discurso na praça e a oposição frenética ao armamento. **Segue** fielmente os apontamentos. (MUZZIO apud ASSIS, 2008, p. 194-195, grifos nossos).

Henrique César Muzzio desejava que o *Diário* desse ampla cobertura às ações de Saldanha Marinho, e, conseqüentemente, que rebatesse eventuais ataques políticos ao presidente. Contudo, nada disso estava ocorrendo. Em 1866, o então presidente de Minas vinha sendo atacado duramente por seus opositores nos jornais da Corte e da província, e, ainda assim, durante quase seis meses, não houve nenhuma resposta ou defesa por parte do *Diário do Rio de Janeiro*. Machado de Assis era muito ponderado na divulgação dos relatos da viagem e na defesa do presidente, o que certamente terá influído para que o tom das cartas de Muzzio se tornasse progressivamente severo, conforme podemos ver na carta a seguir:

Ouro Preto, 16 de dezembro [1866.]

Meu caro Assis. O correio que chegou ontem não trouxe *Diários* para ninguém! Isto no fim do ano é a maneira mais conveniente para acreditar a folha e conservar os assinantes! O que irá por outras localidades?! Já não faria reclamação alguma porque nem são atendidas nem vocês se dignam ao menos responder-me, se o Doutor Saldanha mo não ordenasse positivamente. Torno a pedir e os outros assinantes comigo o número de 25 do [mês] passado. Rogo-te pela última vez como o único favor que ainda tenha de pedir-te que me remetas o recibo do Coronel Carlos de Assis Figueiredo desta cidade visto como já recebi o dinheiro e quero remetê-lo. Rogo também que vejas do Belfort o recibo de um assinante de Jaguari nesta província, cujo nome lhe mandei. Tenho também o dinheiro para mandar. **Custa a crer o procedimento de Vocês para comigo, mas, enfim, paciência.** Teu Amigo Muzzio Post Scriptum. Aí vai correspondência que manda o Doutor (não eu). Publica-a (é ele quem fala) como julgares melhor. Por que não teve resposta a última correspondência do Lafaiete no dia 26? O Celso podia orientar-te bem. (MUZZIO apud ASSIS, 2008, p. 200-201, grifos nossos).

Constatamos, então, que Machado de Assis era responsável não só pela divulgação de notícias das viagens de Saldanha, mas também por enviar a Ouro Preto os exemplares do *Diário do Rio de Janeiro*, a fim de que Henrique César Muzzio, bem como outros assinantes da folha, se inteirasse da vida social e política da Corte. Mas, ao que parece da leitura da carta acima, Machado não estaria muito atento às solicitações vindas de Minas, acabando por adiá-las. O tom da carta, bastante mal-humorado, deixa clara a impaciência de Muzzio, e, segundo Sílvia Eleutério, em nota, eram vários os motivos para essa reação:

(...) os espaços abertos a Joaquim Serra, a João de Deus, aos intermináveis folhetins franceses e brasileiros, à descrição de pequenos conflitos domésticos no interior da província mineira, mas sobretudo, pelo fato de Machado de Assis não escrever uma resposta vigorosa aos ataques do *Jornal do Comércio*. (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 201-201, nota 2)

Muzzio exercia um trabalho exaustivo e, na maioria das vezes, solitário (“O Saldanha parte e eu fico amarrado ao enorme castelo da presidência. Só entre sentinelas e ordenanças,

que paraíso?!”³⁷, como o de repassar a Machado várias anotações sobre as viagens pelo interior mineiro, a fim de que este fizesse a defesa de Saldanha Marinho no *Diário do Rio de Janeiro*, respondendo à altura aos artigos de Benjamim Rodrigues Pereira, correspondente em Minas do *Jornal do Comércio*, e primo de Lafaiete Rodrigues Pereira, adversário político de Saldanha. Mas somente em 01 de janeiro de 1867 é que o *Diário* publica um editorial contra os adversários de Saldanha. Segundo Sílvia Eleutério, em nota, não se sabe ao certo quem redigiu o texto, mas é “provável que tenha saído da pena de Machado de Assis, que finalmente tinha condições de atender ao pedido de Muzzio por um artigo de fundo” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 198, nota 8). Seguem, abaixo, alguns trechos da longa defesa do presidente de Minas, publicada pelo *Diário*:

Não cansam os adversários do Sr. Conselheiro Saldanha Marinho. Discordes no que concerne a uns princípios que dizem ter, estão todos de acordo num ponto, que é atacar por todos os modos o digno presidente de Minas. Para isso nenhuma arma lhes parece má, nenhum meio recusam por indecente; a calúnia anônima, a intriga epistolar, tudo quanto pode tolher os passos do digno funcionário; tudo isso é posto em jogo com uma audácia e um sangue-frio que admiraríamos, se já alguma coisa nos pudesse admirar. / Custa-nos a desenrolar o sudário das misérias com que a oposição do atual presidente de Minas tem procurado obter os seus fins. / Há poucos dias, vimos ainda no *Jornal do Comércio* um dos correspondentes de Ouro Preto (o histórico), mandar para cá uma série de destemperos e calúnias com o fim expresso de intrigar o Sr. Conselheiro Saldanha Marinho com os seus correligionários e com o seu país, que sempre respeitaram nele um caráter ilibado, uma verdadeira consciência política. / O correspondente conservador desta vez não escreveu. Parece que os dois Ajax revezam-se agora, e dividem a matéria, cabendo um correio a cada um deles. Política de família; harmonia fraternal; estilos gêmeos. Não se distingue pela linguagem qual é o conservador, nem qual é o histórico; e às vezes ficar-se-ia em dúvida se eles não tivessem o cuidado de dizer no correr do pasquim em nome de que princípio caluniam o presidente de Minas. (In: ASSIS, 2008, p. 198-199)³⁸

Constatamos, assim, que a troca epistolar entre Machado de Assis e Henrique César Muzzio assume um duplo papel, sendo testemunha tanto da atividade jornalística machadiana, bem como da crise política que ocorria naquele período. De acordo com Sílvia Eleutério, em nota, anteriormente havia uma aliança entre liberais e conservadores, resultante da antiga política de conciliação do gabinete conservador do marquês de Paraná. Contudo, houve um gradativo recrudescimento da disputa política ao longo da década de 1860, o que provocou a

³⁷ MUZZIO apud ASSIS, 2008, p. 178.

³⁸ O editorial publicado na edição de 01/01/1867 do *Diário do Rio de Janeiro* foi reproduzido integralmente na nota 8 do Tomo I (p. 198-199), ainda que não se tenha certeza da autoria do mesmo, conforme indicação da própria nota.

queda dos liberais progressistas em julho de 1868, promovendo então o retorno dos conservadores radicais ao poder, com o gabinete Itaboraí:

A conciliação encetada na década anterior pelo gabinete Paraná (de 06/09/1853 a 03/09/1856) sustentara que o sistema monárquico brasileiro deveria garantir a alternância no poder de grupos hegemônicos, oriundos das elites, porém conflitantes, porque isso asseguraria assim a legitimidade do governo e do regime. Reunindo um ministério composto de jovens políticos conservadores moderados e veteranos das hostes liberais, o marquês de Paraná afastou os correligionários radicais, introduzindo mudanças no sistema eleitoral, que permitiram a partir das eleições de 1860 o crescimento da bancada liberal-moderada, que comporá então o partido progressista na câmara. Este novo partido terminou por se dividir entre os dois grupos; os liberais históricos fortalecidos pela vitória de 1860 começaram a disputar a hegemonia no interior do partido com os parceiros egressos das fileiras moderadas do partido conservador. (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 200).

A correspondência entre Muzzio e Machado, no presente Tomo, se encerra no documento [71]. Muzzio afirma ter recebido uma carta de Machado, enviada em 7 de setembro de 1867, documento infelizmente não localizado pelos pesquisadores. Analisando o teor da carta de Muzzio, vemos que Machado de Assis não aceitou escrever uma série de artigos para o *Diário de Minas*, indicando, em carta de 16 de agosto de 1867³⁹, outro jornalista para cumprir tal tarefa⁴⁰. Contudo, o substituto não agradou. Fosse pela pressão que poderia estar sofrendo por parte de Saldanha Marinho, ou mesmo aborrecido com mais uma recusa, Muzzio é enfático em manifestar o seu desagrado com a produção do substituto, fazendo severas recomendações a Machado sobre o mesmo. Vale ainda ressaltar, na mesma carta, transcrita abaixo, as expressões com que Muzzio expressa o descontentamento com a sua função – expressões essas nascidas da confiança depositada em Machado, como o próprio correspondente enuncia:

(Reservada)

Ouro Preto, 28 de setembro de 1867.

Meu caro Assis. Recebi tua carta de 7. Já têm vindo três correspondências do Póvoas. Aqui para nós e sem que reveles o que te digo a ninguém, para nada prestam. Vê se o guias melhor; dá-lhe alguns conselhos e se vires que os não toma procura outro. (...) O Póvoas que me mande diretamente a mim as correspondências. O pagamento será feito aí pontualmente. Escreve-me. **Não desabafo contigo sobre milhares de coisas que aqui me atormentam o espírito porque teria de aborrecer-te muito.** Entre outras dir-te-ei que o *Constitucional* daqui atira-me semanalmente toda a sorte de injúria. No último número chamam-me de Rocambole e ao Saldanha de Sir William! Que te parece? **Não achas que vale a pena estar aqui atado a um infame pelourinho defendendo os interesses de quem nem**

³⁹ Carta não localizada.

⁴⁰ “Magalhães Jr. (1981) supõe que seja Joaquim José Peçanha Póvoa; e a grafia ‘Póvoas’, um equívoco do missivista.” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 217, nota 1).

sequer se importa com os que os servem? **Sebo!** Meu caro Assis, sou tolo e tolo morrerei. Já me convenci disso há muito. **Reserva completa sobre tudo isto que só a ti digo e na mais íntima confiança.** (MUZZIO apud ASSIS, 2008, p. 216, grifos nossos).

Além dos compromissos no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado também escreveu para outros jornais e revistas, como a *Imprensa Acadêmica*, fundada em 17/04/1864, circulando até 24/09/1871. Este era o periódico dos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo e seguia uma orientação liberal. De acordo com Sílvia Eleutério, em nota, a revista era fortemente engajada em questões políticas, advogando sobre a proibição dos castigos corporais no exército; sobre a importância de instruir os jovens, com a criação de universidades; sobre a liberdade de pensamento, além de apoiar a guerra com o Paraguai. Machado de Assis colaborou na *Imprensa Acadêmica* em dois momentos: em 1864, quando enviou nove matérias para a seção *Correspondência*, sob o pseudônimo de “Sileno”; e em 1868, no período de 14 a 20 de agosto, contribuindo com a seção *Correspondência da Corte*, usando o pseudônimo de “Glaucus”. A seguir, reproduziremos dois fragmentos de cartas enviadas a Machado, as quais ilustram o trabalho deste último na *Imprensa Acadêmica*, começando por uma missiva enviada de São Paulo por Luís Ramos Figueira:

São Paulo, 13 de abril de 1864.

Senhor Machado de Assis. (...) Depois desta apresentação espontânea, vem a *pêlo* comunicar-lhe que das mãos do Nabuco recebi uma correspondência, com a qual vai honrar o primeiro número da *Imprensa Acadêmica*, jornal de que tenho a honra de ser redator em chefe. Como agradecer-lhe esse favor e honra, não sei; mas asseverar-lhe que sempre contei com a aceitação do convite que lhe fez o Nabuco. Que seus escritos deste e de outros gêneros serão recebidos com prazer e gratidão desta Redação, seria ocioso assegurar-lhe; pois o contrário seria desconhecer o mérito de um escritor, que tão brilhantemente sabe desempenhar sua nobre missão. (...) Reiterando meus protestos de gratidão, confesso-me seu amigo e admirador Luís Ramos Figueira. (FIGUEIRA apud ASSIS, 2008, p. 42)

A carta seguinte é de Luís Guimarães Júnior, que se dirige ao amigo com palavras brincalhonas e afetuosas:

São Paulo, 29 de abril de 1864.

Machado. Recebi – graças a Deus! – a tua cartinha. (...) **Estás até com mistérios para comigo!** Não me disseste que és *Sileno*, correspondente de um jornal do qual sou folhetinista! Quando leres as *Garatujas*, assinadas por Luciano de Ataíde, lembra-te de mim. (...) **Crê sempre no Teu do Coração** Luís Guimarães Jr. (GUIMARÃES Jr. apud ASSIS, 2008, p. 47, grifos nossos).

A seguir, temos alguns trechos de uma carta aberta de Machado de Assis enviada à *Imprensa Acadêmica*, publicada na seção “O que há de novo?”, em 21/08/1864:

Corte, 21 de agosto de 1864.

Meus bons amigos: Um cantinho em vosso jornal para responder duas palavras ao senhor Sílvio-Silvis, folhetinista do *Correio Paulistano*, a respeito da minha comédia *O Caminho da Porta*. Não é uma questão de susceptibilidade literária, é uma questão de probidade. Está longe de mim a intenção de estranhar a liberdade da crítica, e ainda menos a de atribuir à minha comédia um merecimento de tal ordem que se lhe não possam fazer duas observações. Pelo contrário eu não ligo ao *Caminho da Porta* outro valor mais que o de um trabalho rapidamente escrito, como um ensaio para entrar no teatro. (...) Tampouco me ocuparei com a deplorável confusão que o senhor Sílvio-Silvis faz entre a *verdade* e a *verossimilhança*; dizendo: “*Verdade não tem a peça que até é inverossímil*”. (...) **O que me obriga a tomar a pena é a insinuação do furto literário, que me parece fazer o senhor Sílvio-Silvis, censura séria que não pode ser feita sem que se aduzam provas. Que a minha peça tenha uma fisionomia comum a muitas outras do mesmo gênero, e que, sob este ponto de vista, não possa pretender uma originalidade perfeita, isso acredito eu; mas que eu tenha copiado e assinado uma obra alheia, eis o que eu contesto e nego redondamente.** (...) É de crer que o senhor Sílvio-Silvis se explique cabalmente no próximo folhetim. Se eu insisto nessa exigência não é para me justificar perante os meus amigos, pessoais ou literários, porque esses, com certeza, julgam-me incapaz de uma má ação literária. (...) Insisto em consideração ao público em geral. (...). Reitero, meus bons amigos, os protestos da minha estima e admiração. Machado de Assis. (ASSIS, 2008, p. 63-65, grifos nossos).

Ainda que a carta acima não demonstre detalhes da atividade jornalística exercida por Machado de Assis, ela se torna relevante devido ao tema abordado e ao suporte de divulgação, ou seja, o próprio periódico *Imprensa Acadêmica*. Ocorre que, durante as festividades de aniversário do curso jurídico da Faculdade de Direito de São Paulo, em 11/08/1864, foi encenada a peça *O Caminho da Porta*, de Machado de Assis, o que motivou uma acusação de plágio, feita por Sílvio-Silvis, pseudônimo não identificado de um cronista do *Correio Paulistano*, de São Paulo. Machado demonstra, em sua “carta-defesa”, se assim podemos chamá-la, o cuidado e o apreço por uma imagem ilibada de si mesmo como escritor, cujo prestígio ainda estava em construção no cenário das letras. Como um crítico perspicaz, fundamenta sua argumentação duplamente no termo “probidade”, ou seja, garante à crítica teatral liberdade para tecer os julgamentos necessários – o verdadeiro crítico preza pela honestidade em suas considerações –, além de legitimar a autoria do texto dramático em questão, salientando a integridade de seu caráter como autor. Em folhetim publicado em 4 de setembro do mesmo ano, Sílvio-Silvis buscou evitar o confronto, alegando estar enfermo. Machado de Assis encerrou então o assunto com outra carta, publicada na *Imprensa Acadêmica* em 9 de outubro, conforme transcrevemos a seguir:

Meus amigos: – declarou o Senhor Sílvio-Silvis que não se referia a mim nos seus trocadilhos acerca dos donos e ladrões de obras literárias. Estou satisfeito.

Acrescentarei apenas mais duas observações: A primeira é que o folhetim do *Correio Paulistano* saiu de uma confusão para cair em outra; confundiu o verdadeiro com o verossímil, agora confunde o verdadeiro com o verídico. Não é nem uma nem outra coisa. A segunda é que não tive intenção de ofendê-lo; usei de um direito que ele próprio reconhece. Machado de Assis. (ASSIS, 2008, p. 70-71)

2.4 A vida literária e os “ecos” da atividade machadiana como crítico

Se, como explicitamos até aqui, em 1864, Machado de Assis, além de jornalista, já era teatrólogo e poeta, o decênio de 1860 mostra, de fato, um aumento considerável da produção literária, por parte dos escritores, em geral. Vários jornalistas e intelectuais enveredaram pelo mundo das letras, produzindo crônicas, poemas, contos e romances, publicados, principalmente, em jornais e revistas. Vemos, dentre os diferentes assuntos abordados na correspondência machadiana, tanto a ativa como a passiva, referências e comentários sobre alguns daqueles trabalhos de cunho literário, o que intensifica a importância dessas cartas, tendo em vista que elas fazem o registro da vida literária da época, acompanhando-a passo a passo, bem como revelam para nós, leitores, uma parte significativa da atividade de Machado de Assis como crítico literário.

Passaremos, então, a explorar, ainda quanto ao valor documental das cartas, aquele veio que considera os principais assuntos abordados por Machado e seus correspondentes, enquanto escritores e artistas. Enfatizaremos, portanto, a vida literária da época e o exercício da crítica literária, praticada ativamente por Machado de Assis.

Sobre a vida literária, cabe lembrarmos o que diz Brito Broca em seu livro *A vida literária no Brasil*. Nele, o estudioso estabelece uma distinção entre literatura e vida literária: “Não precisarei insistir na distinção que estabeleço entre vida literária e literatura. Embora ambas se toquem e se confundam, por vezes, há entre elas a diferença que vai da literatura estudada em termos de vida social para a literatura em termos de estilística.” (BROCA, 1960, p. 30). Broca enfatiza que a vida literária estava voltada principalmente para o convívio social, ou seja, ela se mostrava nos salões literários ou mundanos, nos encontros e conversas nos cafés e livrarias e no hábito das conferências. As cartas do Tomo I, nesse sentido, demonstram, direta ou indiretamente, a formação de algumas agremiações com finalidade literária ou artística, indicando, assim, algumas movimentações da vida literária da época. Dessa forma, é possível identificarmos nesse primeiro volume do epistolário machadiano,

tanto a “literatura estudada em termos de vida social”, por meio de referências que apontam para os encontros entre intelectuais e artistas, como também a “literatura estudada em termos de estilística”, por meio do compartilhamento de notícias literárias (publicação de obras, peças etc), de artigos críticos e de cartas-prefácios. Deste modo, as cartas reunidas no Tomo I vão desenhando a vida literária do período, na qual ganhará destaque, sem dúvida, a atuação de Machado de Assis como crítico literário.

Logo no início do Tomo I vemos, em uma carta enviada a Machado por Luís Guimarães Júnior, um exemplo de expressão da vida literária da época. Nessa correspondência, há um comentário elogioso acerca de um poema de Machado de Assis, publicado na revista *O Futuro*, bem como notícias sobre peças escritas pelo remetente:

São Paulo, 23 de março de 1863. Machado, Agradeço-te a carta e as comédias francesas; creio fielmente nos trabalhos, que têm impedido a tua correspondência para comigo. Li no *Futuro* a tua linda poesia *Acordar da Polônia*. O que sai da tua pena é doce, veemente e forte, creio que a tua reputação e talento de nada mais precisam para a completa simpatia de teus admiradores. Já acabaste *O Casamento de Tartufo*? O Nabuco disse-me que agora tens o 1.º ato escrito. É assim? Finalmente atirei-me às composições dramáticas. No teatro já se acham duas comédias minhas: *Amores que passam* e *Um Pequeno Demônio*; a primeira em 1 ato, a segunda em 2. As pessoas a quem venho lendo têm-mas aplaudido bastante para encher-me de ânimo e vontade. A primeira é uma *bluette* ou ambas são *bluettes*, aquele gosto francês, – que no teu *Protocolo* tão bem desenvolvido está. O Joaquim Augusto vai a Campinas agora (não sei por quê) passar 12 a 15 dias; na volta a primeira composição que levará é o *Pequeno Demônio* (título *exquis*, não é?) em seguida os *Amores que passam*. Estou escrevendo uma nova em 2 atos – *Marte e Vênus* – o enredo tu o sabes. Manda-me notícias tuas. (...). E eu? Abraço-te, meu querido. Teu amigo do Coração. (GUIMARÃES JÚNIOR apud ASSIS, 2008, p. 25).

A carta acima responde a uma anterior, que não consta no volume⁴¹. Entretanto, é possível depreendermos da leitura que Machado havia encaminhado ao amigo algumas comédias francesas, além de justificativas – sempre o trabalho! – para o seu silêncio e para os grandes hiatos na troca epistolar. Ao referir-se ao poema “Acordar da Polônia”, que será incluído em *Crisálidas* (1864), com o título “Polônia”, Luís Guimarães Júnior não deixa de expressar, por meio do elogio, sua admiração pelo poeta Machado de Assis, tecendo um breve comentário que certamente reflete a opinião de muitos literatos do convívio machadiano. Além disso, pede notícias ao amigo sobre uma composição dramática que estaria escrevendo, *O Casamento de Tartufo*⁴². Declara que, segundo informação de Sizenando Nabuco, Machado já teria o 1º ato escrito, mostrando que nosso jovem poeta era também aspirante a dramaturgo.

⁴¹ Carta não localizada.

⁴² Peça de Machado de Assis, cujos originais são considerados perdidos.

Seguindo o mesmo caminho de Machado, Guimarães Júnior compartilha na carta informações sobre seus projetos na escrita dramática, mencionando duas de suas comédias que já estavam sendo encenadas no teatro, e uma terceira que estaria escrevendo, *Marte e Vênus*, indicando que já teria falado sobre ela a Machado de Assis (“o enredo tu o sabes”). Nessa correspondência fica muito evidente o reflexo da vida literária da época, considerando o compartilhamento de informações, principalmente acerca dos projetos de composição teatral.

As reverberações, nas cartas, da vida literária também podem ser identificadas de outras formas, e não apenas pelo compartilhamento de notícias literárias, como vimos na correspondência anterior. Conforme já afirmamos anteriormente, muitos jornalistas e intelectuais, no período em questão, se aventuraram no mundo das letras. Alguns deles não produziram composições – textos ou obras –, mas incentivaram o desenvolvimento de grupos de cunho literário. Nesse sentido, um dos principais nomes – mencionado, entretanto, apenas em uma carta do Tomo I – é o do livreiro Paula Brito. Tal carta foi enviada a Machado por Luís Guimarães Júnior, em 30 de janeiro de 1862: “Meu amigo. Esta cartinha há de servir de despedidas e desculpas. Procurei-o no *Diário* há dias e não me foi possível encontrá-lo aí, **nem na tipografia do Paula Brito** onde costuma estar (...)” (ASSIS, 2008, p. 15, grifos nossos).

Francisco de Paula Brito (1809-1861), que foi jornalista, livreiro e editor, teve grande importância na vida intelectual machadiana. Ele acolheu Machado de Assis nas páginas de seu jornal *Marmota Fluminense* – que posteriormente passou a se chamar apenas *A Marmota* –, a partir de 1855, publicando várias composições do jovem escritor, que, pouco depois, foi contratado como revisor. Movido por generosidade ou empatia – também era mestiço –, Paula Brito proporcionou a Machado o convívio com literatos, artistas e políticos que eram frequentadores assíduos de sua loja no antigo Largo do Rocio, e, além disso, deu-lhe acesso às reuniões da Sociedade Petalógica, uma agremiação literária e artística fundada por ele, Paula Brito, em 1853.

O nome Sociedade Petalógica⁴³ é, no mínimo, curioso. No entanto, ilustra bem o perfil do grupo. A finalidade principal era promover reuniões para o estudo da mentira, da lorota, da peta, daí o sugestivo nome: “Petalógica”. Seus membros entendiam que, por meio da profunda observação da mentira, poderiam penetrar com mais perspicácia na alma humana. Pensavam, também, em prejudicar os mentirosos, fornecendo material para que estes fossem

⁴³ Buscando mais informações sobre a Sociedade Petalógica, consultamos a seguinte página: <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-foi-a-sociedade-petalogica/> (acesso em 13/10/2023).

se desmoralizando a cada vez que repetissem, julgando serem verdades, as mentiras ouvidas dos membros da Sociedade. Machado de Assis, em crônica de 3 de janeiro de 1865, na qual tece comentários acerca da obra *Lembranças*, de José Antonio, dá alguns detalhes sobre o grupo formado por Paula Brito:

(...) Este livro é uma recordação, – é a recordação da Petalógica dos primeiros tempos, a Petalógica de Paula Brito – o café Procópio de certa época, – onde ia toda a gente, os políticos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos, – onde se conversava de tudo (...). Dão-me saudades da Petalógica lendo o livro de José Antonio, – não porque esse livro reúna todos os caracteres daquela sociedade; dão-me saudades porque foi no tempo do esplendor da Petalógica primitiva que os versos de José Antonio foram compostos e em que saiu à luz a primeira edição das *Lembranças*. Cada qual tinha a sua família em casa; aquela era a família da rua – *le ménage en ville*; – entrar ali era tomar parte na mesma ceia (a ceia vem aqui por metáfora) porque o Licurgo daquela república assim o entendia, e assim o entendiam todos quantos transpunham aqueles umbrais. Queréis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir à Petalógica. Da nova italiana? Do novo livro publicado? Do último baile de E***? Da última peça de Macedo ou Alencar? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer espécie? Não se precisava ir mais longe, era ir à Petalógica. Os petalógicos, espalhados por toda a superfície da cidade, lá iam, de lá saíam, apenas de passagem, colhendo e levando notícias, examinando boatos, farejando acontecimentos, tudo isso sem desfaltar os próprios negócios de um minuto sequer. Assim como tinham entrada os conservadores e os liberais, tinham igualmente entrada os lagruístas e os chartonistas; no mesmo banco, às vezes, se discutia a superioridade das divas do tempo e as vantagens do ato adicional; os sorvetes do José Tomás e as moções de confiança aqueciam igualmente os espíritos; era um verdadeiro *pêlè-mêlè* de todas as coisas e de todos os homens. De tudo isso e de muitas coisas mais me lembro eu agora, a propósito do volume de *Lembranças*, que não posso deixar de recomendar aos leitores para as horas de tédio ou de cansaço. (ASSIS, 1865)⁴⁴

Como podemos observar na crônica acima, e de acordo com os registros dos historiadores, Paula Brito juntou em torno da Sociedade Petalógica não só a intelectualidade da época, mas diversos grupos, das mais distintas classes sociais. Ou seja, sua agremiação promoveu encontros entre a comunidade letrada e a não letrada, e ali se debatiam os mais diversos assuntos. A Petalógica reuniu todo o movimento romântico, dos anos 1840 aos 1860. Figuravam poetas como Gonçalves Dias e Laurindo Rabelo; romancistas, como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e Teixeira de Souza; compositores, como Francisco Manuel da Silva; e artistas, como Manuel Araújo Porto Alegre e João Caetano dos Santos. E, no meio de tantos nomes relevantes no cenário literário e cultural brasileiro, figurava também o do jovem Machado de Assis, que começou a frequentar as reuniões aos dezesseis anos, e figuraria, certamente, como o seu sócio mais ilustre.

⁴⁴ Consulta e transcrição feita a partir da versão digital. Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1937. Disponível em www.machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Ao%20Acaso,%201864.htm

A Tipografia de Paula Brito, que se localizava anexa à livraria, foi um marco na história editorial brasileira. Do jovem Machado de Assis, publicou *Queda que as Mulheres Têm para os Tolos* (tradução, 1861) e a peça *Desencantos* (1861). A morte do livreiro e editor inspirou uma comovida crônica machadiana publicada no *Diário do Rio de Janeiro* de 24/12/1861, na qual traça o perfil do amigo e mentor, além de expressar um forte sentimento de gratidão. Considerando a importância de Paula Brito tanto no cenário da vida literária como na biografia machadiana, vale transcrevermos um trecho da referida crônica:

Mais um! Este ano há de ser contado como um obituário ilustre, onde todos, o amigo e o cidadão, podem ver inscritos mais de um nome caro ao coração e ao espírito. Longa é a lista dos que no espaço desses doze meses que estão a expirar, tem caído ao abraço tremendo daquela leviana, que não distingue os amantes, como diz o poeta. Agora é um homem que, pelas suas virtudes sociais e políticas, por sua inteligência e amor ao trabalho, havia conseguido a estima geral. Começou como impressor, como impressor morreu. Nesta modesta posição tinha em roda de si todas as simpatias. Paula Brito foi um exemplo raro e bom. Tinha fé nas suas crenças políticas, acreditava sinceramente nos resultados da aplicação delas; tolerante, não fazia injustiça aos seus adversários; sincero, nunca transigiu com eles. **Era também amigo, era, sobretudo, amigo. Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava estendia-lhe quanto podia a sua proteção.** Em vez de morrer, deixando uma fortuna, que o podia, morreu pobre como vivera graças ao largo emprego que dava às suas rendas e ao sentimento generoso que o levava na divisão do que auferia do seu trabalho. Nestes tempos de egoísmo e cálculo, deve-se chorar a perda de homens que, como Paula Brito, sobressaem na massa comum dos homens. (ASSIS, 1861, grifos nossos)⁴⁵

Outra correspondência que nos permitirá acessar um pouco mais a vida literária da época é a enviada de São Paulo por Luís Ramos Figueira, em 13 de abril de 1864. Nela, Figueira agradece a Machado o envio, por meio de Sizenando Nabuco, de uma participação para o primeiro número do periódico *Imprensa Acadêmica*, no qual era redator chefe:

Senhor Machado de Assis. É bem natural que não se lembre mais do proprietário do nome que assina esta carta, conhece-o ele, porém, e nunca se esquecerá do talentoso sócio da **Sociedade Filomática de 1859, na qual mais de uma vez teve a honra de discutir com Vossa Mercê sobre literatura, história** etc. Depois desta apresentação espontânea, vem a pêlo comunicar-lhe que das mãos do Nabuco recebi uma correspondência, com a qual vai honrar o primeiro número da *Imprensa Acadêmica*, jornal de que tenho a honra de ser redator em chefe. Como agradecer-lhe esse favor e honra, não sei; mas assevero-lhe que sempre contei com a aceitação do convite que lhe fez o Nabuco. (...) (FIGUEIRA apud ASSIS, 2008, p. 41-42, grifos nossos)

⁴⁵ Consulta e transcrição feita da versão digital. Texto-fonte: *Obra Completa*, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*. Disponível em: <https://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Comentarios%20da%20Semana,%201861.htm>

Figueira afirma, em sua carta, fazer parte da Sociedade Filomática, que consistia em um grêmio literário pouco conhecido, cujos redatores eram Francisco Cerqueira Dias, Manuel Inácio de Barbosa Laje, Antônio Justiniano das Chagas, Honório Bicalho, Eugênio Adriano Pereira da Cunha e Melo e Francisco Basílio Duque. Segundo Silvia Eleutério, em nota, no Setor de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, encontraram-se os números de abril e maio de 1859 do jornal daquela agremiação. No editorial do número 1, vemos que o objetivo central do grupo eram as letras:

Fundada em junho de 1858, por alguns sócios desejosos do cultivo das letras, conta hoje em seu grêmio literário não pequeno número de sócios efetivos e honorários, que como os primeiros, esforçam-se pelo progresso e prosperidade da mesma sociedade. Hoje, depois de 10 meses de trabalho, é que apresenta o seu – primeiro jornal; – assim devia ser: principiantes, preferimos perder em tempo, para ganhar em forças. (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 42, nota 1).

Observando a maneira como Figueira escreve na carta – mencionando que “mais de uma vez teve a honra de discutir” com Machado, na agremiação, entre outros assuntos, sobre literatura e história, além da relação próxima que o poeta de *Crisálidas* mantinha com alguns dos membros, como José Joaquim de Macedo Júnior, Casimiro de Abreu e Nuno Álvares Pereira e Sousa –, é provável que Machado de Assis tenha sido sócio da Sociedade Filomática fluminense. Ainda que tal grupo não tenha sido tão expressivo na época, vemos que a formação desse tipo de agremiação constitui um traço comum da vida literária da época. A propósito, Lúcia Miguel Pereira afirma que, durante sua juventude, Machado de Assis sempre buscou fazer partes de associações literárias:

É verdade que era grande o seu pendor para essas agremiações; toda a sua vida, andou ou procurou andar às voltas com elas, como se o movesse uma profunda necessidade de fazer parte de um grupo, de estabelecer por esse modo contatos estreitos, mas não forçosamente íntimos, laços de solidariedade mais do que de amizade. (PEREIRA, 1936, p. 68)

Assim como fez parte da Sociedade Petalógica de Paula Brito e, ao que tudo indica, também da Filomática fluminense, Machado foi membro do grupo Arcádia Brasileira, sociedade literária da qual integrou o quadro dirigente por dois anos, a partir de agosto de 1861, na função de bibliotecário. A partir da experiência que ali viveu, será em 15 de setembro de 1865 que Machado de Assis dará início ao seu próprio grupo, a Arcádia Fluminense, com vistas a promover eventos e encontros entre intelectuais, revivendo a antiga Arcádia Brasileira. Encontramos referência, em uma carta enviada por Ferreira de Menezes, a

uma das peças machadianas, a qual havia sido encenada para os membros da Arcádia Fluminense:

São Paulo, 18 de setembro de 1866. Meu Machado. Recebi a tua carta. É sempre o teu estilo, o teu coração e o teu espírito. Mas a culpa pertence a ti e vou te provar: Escreveste uma casaca: os *Deuses de Casaca* e não me enviaste um exemplar! Tem explicação isto? A culpa é tua. (...) Quanto ao negócio do teatro, continua a tratar dele. (...). (MENESES apud ASSIS, 2008, p. 163-164)

A comédia em versos alexandrinos, à qual Meneses se refere, provavelmente foi escrita em 1864, com estreia apenas em 28/12/1865, no terceiro sarau da Arcádia Fluminense, realizado nos salões do Clube Fluminense. A publicação de *Deuses de Casaca* ocorreu em 1866 pela Tipografia do Imperial Instituto Artístico. Vale mencionarmos, a título de curiosidade, que as comédias de inspiração realista eram chamadas, por extensão, de “dramas de casaca”, ou mesmo apenas de “uma casaca”, numa alusão ao traje dos atores, em referência ao homem burguês do século XIX que entrara em cena, no papel principal desse novo formato de comédia. Em crônica publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 9 de janeiro de 1866, da qual reproduzimos alguns trechos a seguir, Machado reclamava da “baixa temperatura” em que se encontrava o movimento literário brasileiro, manifestando-se em apoio a iniciativas que promovessem um despertar do marasmo em que se encontrava a literatura nacional naquele momento. Nesse sentido, menciona e atribui relevância à contribuição que poderia ser dada pela Arcádia Fluminense:

A temperatura literária está abaixo de zero. Este clima tropical, que tanto aquece as imaginações, e faz brotar poetas, quase como faz brotar as flores, por um fenômeno, aliás explicável, torna preguiçosos os espíritos, e nulo o movimento intelectual. Os livros que aparecem são raros, distanciados, nem sempre dignos do exame da crítica. (...) A nosso ver, há duas razões principais desta situação: uma de ordem material, outra de ordem intelectual. A primeira, que se refere à impressão dos livros, impressão cara, e de nenhum lucro pecuniário, prende-se inteiramente à segunda que é a falta de gosto formado no espírito público. (...) A fundação da Arcádia Fluminense foi excelente num sentido: não cremos que ela se propusesse a dirigir o gosto, mas **o seu fim de certo que foi estabelecer a convivência literária, como trabalho preliminar para obra de maior extensão**. Nem se cuida que esse intento é de mínimo valor: **a convivência dos homens de letras, levados por nobres estímulos, pode promover ativamente o movimento intelectual; a Arcádia já nos deu algumas produções de merecimento incontestável**, e se não naufragar, como todas as coisas boas do nosso país, pode-se esperar que ela contribua para levantar os espíritos do marasmo em que estão. (...) (ASSIS, 1866, grifos nossos)⁴⁶

⁴⁶ Consulta e transcrição feita da versão digitalizada do *Diário do Rio de Janeiro*. A crônica completa aparece na página 2, colunas 4 e 5 da edição de terça-feira, 9 de janeiro de 1866, tendo como redator chefe Quintino Bocaiúva. Disponível em https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pagfis=20110 (Acesso em 14/10/2023).

Vemos, na crônica acima, que Machado parecia deseioso de que a nova agremiação literária não naufragasse, como acontecia, segundo ele, a “todas as coisas boas do nosso país”. Era, no entanto, uma causa perdida: a terceira reunião da Arcádia provavelmente configurou-se como a última, conforme indica Raimundo Magalhães Júnior, ao afirmar que, depois dos três saraus que ocorreram no Clube Fluminense, “escassearam as notícias sobre as atividades da Arcádia” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 163). Magalhães Júnior aponta como causa provável desse fato a Guerra do Paraguai, que certamente desviava das letras e das artes a atenção da população.

Dando seguimento à nossa abordagem, também merece destaque a carta de 16 de novembro de 1866, enviada a Machado por Joaquim Serra, na qual observamos referências tanto à vida literária da época como à atuação de Machado de Assis como crítico de literatura. Natural do Maranhão, Serra foi jornalista, professor, político e teatrólogo. Em 1862 fundou o jornal *Ordem e Progresso*, com Gentil Braga e Belfort Roxo, e, em 1867, o *Semanário Maranhense*. Em 1868, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como redator dos jornais *A Reforma*, *Gazeta de Notícias* e *O País*. Na referida correspondência, Serra pede a Machado de Assis que retome sua atividade na coluna do *Diário do Rio de Janeiro*, tendo em vista, segundo Serra, a agitação no mundo literário com a publicação do poema épico *Colombo*, de Araújo Porto Alegre, e do romance *As Minas de Prata*, de José de Alencar, figurando, assim, nessa correspondência, bons exemplos da vida literária da época. Vejamos os trechos destacados a seguir:

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1866

Os leitores das tuas Semanas literárias estão cansados com o teu descanso; é preciso interromper as férias que são fora de tempo, deste as melhores colunas do *Diário do Rio de Janeiro*. Tão fora de tempo, repito, porque o momento atual é dos mais agitados em nosso mundo literário. Chega-nos o *Colombo* da Europa, e *As Minas de Prata* saem do prelo. José de Alencar, e Porto-Alegre, dois nomes imensos, e da mais alta significação entre nós. **A tua palavra sempre inspirada e justiceira, a tua crítica sempre cortês e cheia de ponderação, tornam-se precisas nesta ocasião.** Não serei eu, o último entre os mais obscuros, quem tornará o lugar que é teu, pelo mais belo direito de conquista. (...) Com o espírito salteado de dúvidas; indeciso perante um livro tão ansiosamente esperado, e tão entretecido de coisas que me interessam, **não tenho remédio senão esperar a voz grave e persuasiva da crítica iluminada.** É preciso que fales, meu Machado. (SERRA apud ASSIS, 2008, p. 179;181, grifos nossos).

Joaquim Serra fora convidado a comentar os dois livros; no entanto, parece não ter se sentido confortável com o convite, temendo “tomar o lugar” de Machado, ou, como podemos

depreender da leitura dessa carta, acreditando não estar apto para realizar a apreciação. Por isso, intercede pelo retorno da crítica justa e bem elaborada vinda da pena machadiana, o que evidencia o lugar de destaque e relevância que Machado de Assis já ocupava como crítico literário. Segundo Sílvia Eleutério, em nota, Serra realiza parcialmente a tarefa de apreciação daquelas obras, pois tece apenas comentários sobre o livro de Araújo Porto Alegre. Já a respeito d’*As Minas de Prata* comenta pouquíssimo, elaborando, na verdade, longas considerações sobre o romance *Iracema*, publicado um ano antes. Eleutério supõe que Serra “ou não gostou do novo livro de Alencar ou lhe faltou objetividade para analisar esta obra-prima” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 185, nota 4).

Vale destacarmos, ainda, uma bela carta enviada a Machado por Serra. Nela, o escritor maranhense deixa clara a sua estima por Machado de Assis, além de situá-lo, mais uma vez, como uma figura respeitada no meio literário. Junto a essa carta, de 14 de fevereiro de 1865, Serra envia da Paraíba um exemplar de seu livro de versos, *Mosaico*, como forma de agradecimento por uma menção feita a ele, Serra, por Machado, no *Diário do Rio de Janeiro*. Serra afirma, ainda, ter contraído a dívida de solicitar a Machado de Assis que fosse o seu guia, ou seja, seu “orientador literário”, para além da província:

Meu amigo, antes de ler esse livro, repare bem para a dedicatória da segunda página. Não sabe? Eu era um pobre provinciano, cujo nome nunca foi proferido neste mundo luzido onde Vossa Mercê brilha; uma vez ouvi pronunciar-se o meu nome, e a voz generosa, que o fazia, acercava-o de imerecidos favores. Essa voz, sabe, foi a sua. Contraí, de então, a dívida de solicitá-lo para meu guia, quando quisesse passar além do campanário de minha paróquia. Hoje, que tinha de mandar correr terras um pobre pagãozinho, que chamo meu filho, antes de lançá-lo fora dos muros paternos, levei-o à pia batismal, convidando para seu padrinho aquele, a quem eu devi a animação para a viagem. Aí tem o seu afilhado; defenda o pobrezinho, que por si só nada vale. (SERRA apud ASSIS, 2008, p. 82-83).

É muito interessante e simbólica a metáfora criada por Serra para referir-se ao seu *Mosaico*. Ele personifica o livro ao situá-lo na posição de “filho”⁴⁷, e constrói, certamente de maneira intencional, uma alegoria, convidando Machado de Assis a assumir a responsabilidade de ser o padrinho da “criança recém-nascida”. Serra consegue, dessa forma, elaborar uma bela argumentação que não deixará espaço para a recusa machadiana às suas solicitações.

Para evidenciarmos que, ao longo da década de 1860, Machado de Assis vai ganhando notoriedade e conquistando prestígio como crítico literário, enriquecendo a vida literária do

⁴⁷ Vale destacar que esse esquema metafórico “autor-pai/livro-filho” foi empregado por diversos escritores da época.

seu tempo –, tendo em vista que registra suas impressões sobre escritores e respectivas obras, ou, ainda, elabora panoramas da literatura que se produzia naquele momento –, vamos considerar duas outras cartas, enviadas, respectivamente, pelo português Gomes de Amorim e por José de Alencar, além de uma terceira missiva escrita por Machado de Assis a José Feliciano de Castilho.

Gomes de Amorim, nascido em Portugal, emigrou para o Brasil em 1837. Desembarcou em Belém do Pará, trabalhando ali por algum tempo, mas decidiu, posteriormente, voltar à terra natal. Em 1846 encontra Almeida Garret, por quem nutria grande admiração, seguindo-o como a um mestre, estabelecendo com ele uma forte relação intelectual e de amizade. Polígrafo, Gomes Amorim dedicou-se a trabalhos como as *Memórias biográficas* de Garret (que havia falecido em 1854), ao teatro e à ficção, à poesia e ao jornalismo.

Na carta enviada de Lisboa, com data de 28 de junho de 1866, da qual reproduzimos um trecho, a seguir, o escritor lusitano comenta a respeito da apreciação feita por Machado Assis na “Semana Literária” de 29/05/1866, acerca de seu livro *Cantos Matutinos* (1858). Nessa missiva, vemos que o correspondente reconhece o valor de Machado de Assis como crítico literário, submetendo-se ao seu julgamento. Como podemos observar logo no início do fragmento abaixo, Amorim – apesar do discurso laudatório frequentemente dirigido ao crítico Machado de Assis – consegue descrever objetivamente o modo machadiano de elaborar sua avaliação, destacando como principal característica a imparcialidade do escritor:

Constando-me que Vossa Senhoria tivera a extrema bondade de escrever um artigo no *Diário do Rio*, acerca do 1.º tomo dos meus Versos, não quero nem devo demorar o testemunho do meu reconhecimento. Ainda não li o artigo com que me honrou, porquanto se desencaminhou o jornal que daí me remeteram; mas seja qual for a sua opinião, respeito-a profundamente, porque sei que alia a um grande talento uma probidade literária sem mácula. O escritor imparcial honra sempre aqueles de quem se ocupa, e nunca ofende, por mais severo que seja, nos seus julgamentos e sentenças. Um homem que, antes dos vinte e seis anos, adquiriu na sua pátria um dos primeiros nomes literários, e uma reputação que atravessou os mares e o fez conhecido na Europa como uma das futuras glórias do seu país, não pode ser senão um crítico justiceiro. Repito, pois, que aceito o juízo que tiver formado dos meus versos, como documento digno do meu reconhecimento, e agradeço-lhe muito do coração. (AMORIM apud ASSIS, 2008, p. 148).

O mesmo apreço e a mesma consideração pelo crítico literário, expressas em linguagem metafórica e encomiástica, evidenciam-se na carta de José de Alencar, datada de 18 de fevereiro de 1868, em que o autor de *O guarani* destaca a qualidade da escrita machadiana, não só na poesia, como também na árdua tarefa de crítico literário. Nela, Alencar

solicita ao colega mais novo que abra o caminho para o poeta baiano Castro Alves, em sua entrada no teatro, no jornalismo e na sociedade fluminense. Alencar afirma considerar Machado de Assis não só como um poeta relevante para a literatura nacional, mas também o classifica como o “primeiro crítico brasileiro”:

(...) Para Virgílio do jovem Dante, nesse ínvio caminho da vida literária, lembrei-me do senhor. Nenhum tem os mesmos títulos. Para apresentar ao público fluminense o poeta baiano, é necessário não só ter foro de cidade na imprensa da Corte, como haver nascido neste belo vale do Guanabara, que ainda espera seu cantor. Seu melhor título, porém, é outro. O senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou à cultura dessa difícil ciência que se chama a crítica. Uma porção do talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, não duvidou aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria. Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária que se revelou com tanto vigor. (ALENCAR apud ASSIS, 2008, p. 229-230).

Neste trecho da carta vemos que Alencar destaca outra característica de Machado de Assis como crítico: o autor de *Crisálidas* oferta seu talento para aconselhar e orientar, formando o gosto dos mais jovens e contribuindo para o desenvolvimento da literatura nacional. Podemos observar então que, nas duas cartas transcritas anteriormente, os missivistas vão elaborando o perfil do crítico literário Machado de Assis, apontando os princípios que o norteiam e ressaltando o quanto é árdua a tarefa do crítico.

Lembramos que, ao longo de sua atividade como crítico literário, Machado de Assis emitiu sua opinião sobre diversas obras de Alencar, o qual, por sua vez, sempre reconheceu e admirou respeitosamente cada uma das apreciações de Machado. Nome consagrado nas letras brasileiras, José de Alencar, por sua vez, foi objeto de uma admiração incondicional por parte de Machado de Assis, que, em 1891, pronunciou o discurso de louvor a Alencar no lançamento da pedra fundamental de sua estátua no bairro do Flamengo. Alencar foi, ainda, escolhido por Machado como patrono da Cadeira 23, quando da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Em resposta à carta de José de Alencar transcrita anteriormente, o escritor carioca demonstra, inicialmente, entusiasmo e certo constrangimento por Alencar confiar tanto em seus préstimos literários. Machado inicia sua carta com um tom respeitoso, empregando na *salutatio* a expressão “Excelentíssimo Senhor”. Reforça, ainda no exórdio, a sua postura reverente, com o emprego do pronome de tratamento “Vossa Excelência”, que entroniza o autor de *O Guarani* no alto posto que este havia conquistado na literatura brasileira. Dada a extensão desse documento – uma carta aberta publicada no *Correio Mercantil*, em 01/03/1868 –, reproduziremos a seguir apenas alguns de seus fragmentos mais importantes:

A Sua Excelência o Senhor conselheiro José de Alencar.
Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1868.

Excelentíssimo Senhor. É boa e grande fortuna conhecer um poeta; **melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de Vossa Excelência, com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é uma sagração.** A musa do Sr. Castro Alves não podia ter mais feliz intróito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o **aplauso de um mestre.** Mas se isto me entusiasma, **outra coisa há que me comove e confunde, é a extrema confiança de Vossa Excelência nos meus préstimos literários, confiança que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim.** (...) **A tarefa da crítica** precisa destes parabéns; **é tão árdua de praticar,** pelos estudos que exige, já pelas lutas que impõe, que **a palavra eloquente de um chefe** é muitas vezes necessária para **reavivar as forças exaustas e reerguer o ânimo abatido.** (...) Se a magnitude da tarefa era de assombrar espíritos mais robustos, outro risco havia: e a este já não era a inteligência que se expunha, era o caráter. Compreende Vossa Excelência que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, **a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas crianças do mundo. Não raro se originam ódios onde era natural travarem-se afetos. Desfiguram-se os intentos da crítica, atribui-se à inveja o que vem da imparcialidade: chama-se antipatia o que é consciência.** Fosse esse, porém, o único obstáculo, estou convencido que ele não pesaria no ânimo de quem põe acima do interesse pessoal o interesse perpétuo da sociedade, porque a boa fama das musas o é também. (...) Pela minha parte, estava e está acima das minhas poses semelhante papel, mas, entendia e entendo, — adotando a bela definição do poeta que Vossa Excelência dá em sua carta, — que há para o cidadão da arte e do belo deveres imprescritíveis, e que, quando uma tendência do espírito o impele para certa ordem de atividade, **é sua obrigação prestar esse serviço às letras.** Em todo o caso não tive imitadores. Tive um antecessor ilustre, apto para este árduo mister, erudito e profundo, que teria prosseguido no caminho das suas estreias, se a imaginação possante e vivaz não lhe estivesse exigindo as criações que depois nos deu. Será preciso acrescentar que aludo a Vossa Excelência? (...) (ASSIS, 2008, p. 232-240, grifos nossos).

Logo no início da carta acima, Machado demonstra satisfação e retribui os elogios e a confiança nele depositados. Ter seu trabalho e valor reconhecidos publicamente por José de Alencar valeria, como ele mesmo cita, por um “diploma”, consolidando sua posição como homem das letras. Nos parágrafos seguintes ele inicia uma abordagem interessante sobre o papel do crítico no contexto literário do Brasil na década de 1860. Machado recebe as palavras de Alencar como uma injeção de ânimo que reaviva suas forças, visto que a tarefa do crítico é árdua, não só pela dedicação que exige, mas também pelas lutas que impõe. Ele destaca que, num momento em que a própria crítica ainda não é “instituição formada e assentada”, o trabalho do crítico torna-se ainda mais pesado, pois a imparcialidade é tida como inveja e a consciência é aproximada da antipatia. No entanto, ele deixa claro que, apesar das dificuldades, o exercício da crítica é tal qual uma missão: “é sua obrigação prestar esse serviço às letras”.

Podemos afirmar que, ao longo de toda essa carta, mas principalmente na sua parte inicial, há claramente a presença da *captatio benevolentiae*, tendo em vista que Machado de

Assis tece uma série de referências elogiosas a José de Alencar, além de situar-se numa posição reverente diante do mestre. Parece-nos que o discurso laudatório de Machado a Alencar – referido como um “mestre” que figura no Capitólio –, além de fundamentar-se na admiração votada por Machado de Assis ao escritor cearense, responde adequadamente ao modo também lisonjeiro com que Alencar se dirigira ao autor de *Crisálidas*. Adotando uma escrita elegante, formal e metafórica – e, ao mesmo tempo, clara e precisa –, Machado, em sua carta aberta, ainda chama a atenção para as dificuldades enfrentadas, no Brasil, pelo crítico literário, que, ao emitir o seu juízo imparcial, acaba por ferir susceptibilidades.

Na referida carta, depois de indicar o caminho a ser seguido pelo poeta estreante, Machado de Assis volta-se novamente para Alencar, reforçando, no último parágrafo da missiva, os elogios já feitos, comprovando efetivamente os elementos da *captatio benevolentiae*. Ainda aqui, é com uma linguagem primorosa – que parece fazer eco ao estilo do próprio Alencar – que Machado de Assis assegura ao autor de *Iracema* um lugar definitivo nas letras brasileiras:

Quanto a Vossa Excelência, respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem dúvida, em outras obras-primas com que nos há de vir surpreender cá embaixo. Deve fazê-lo sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem Vossa Excelência, um aliado invencível: é a conspiração da posteridade. (ASSIS, 2008, p.240).

Quanto ao português Jose Feliciano de Castilho, ele formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, mas acabou por dedicar-se, em Lisboa, ao jornalismo, tendo sido nomeado diretor da Biblioteca Nacional. Emigrou para o Brasil em 1847, onde fundou o jornal *Íris*. A amizade com Machado de Assis começa em 1865, na fundação da Arcádia Fluminense, durante as comemorações do centenário de Bocage, de quem Castilho foi biógrafo. É nesse contexto que se insere a carta aberta publicada no *Diário do Rio de Janeiro* de 15 de agosto de 1865, na qual Machado de Assis recomenda a Castilho a peça *Os primeiros amores de Bocage*, do também português José da Silva Mendes Leal. Esta missiva merece destaque, principalmente devido aos comentários feitos por Machado sobre a referida peça, o que nos permite considerar esta carta como um pequeno texto crítico, conforme podemos ver nos fragmentos transcritos a seguir:

(...) foi Vossa Excelência, o primeiro que, depois de acurado estudo e prodigiosa investigação, nos deu uma excelente biografia do grande poeta, que serviu de fonte para outros trabalhos, e a que não duvidou recorrer o ilustre autor dos *Primeiros amores*. (...) O assunto de Bocage não era fácil. (...) Mas de todas estas dificuldades

poderia triunfar uma inteligência esclarecida. Tudo estava no modo por que o autor encarasse o assunto. Se ele atendesse à lição clássica, marcando o limite que separa arte e a história; se, com a segunda vista da musa, soubesse tirar das entranhas do assunto e do tempo aquilo e tão somente aquilo que é digno da arte, fazendo-se imaginoso e intérprete, a obra devia ser necessariamente boa e o assunto fecundo. Este foi o caminho seguido pelo Senhor Mendes Leal, e eis aí por que, além de uma excelente comédia, deu-nos também uma lição profícua. (...) O autor tão consciencioso e tão verdadeiro, compreendeu bem que as linhas simples e características devem dominar os traços acidentais; o fundo do caráter e da índole de Bocage não eram os desregramentos referidos pela biografia e pela tradição oral. (...) O que eu reconheço, – e é este o único reparo que dirijo à comédia, – é que durante algum tempo, aquela mesma ação simples parece despir-se de interesse. (...) Finalmente, para dar-lhe completa conta das impressões que recebi com a leitura e a representação dos *Primeiros amores de Bocage*, resta-me aplaudir o estilo da comédia, estilo elevado, brilhante, loução, cheio de imagens, não a rodo, mas aquela necessária economia poética, estilo verdadeiramente português, verdadeiramente de teatro: (...). Novas produções nos promete o autor dos *Primeiros amores de Bocage*. Conto que sejam dignas irmãs desta. (...). (ASSIS, 2008, p. 111-116)

A carta acima, na sua íntegra, apresenta uma excelente análise, a qual revela a abordagem técnica, criteriosa e neutra da escrita de Machado de Assis no exercício da crítica. Vemos o uso de um tom cerimonioso, marcado nitidamente, logo no início, pelo uso da saudação “Mestre e senhor”, bem como o título empregado a essa carta aberta: “Carta ao Senhor Conselheiro José Feliciano de Castilho”. Na análise que elabora sobre *Os primeiros amores de Bocage*, Machado elogia o autor do drama pelo fato de este, em sua biografia de Bocage, ter optado por fazer-se “imaginoso e intérprete”, evitando o circunstancial e o acidental, privilegiando “o que é digno da arte”, ou seja, o critério estético. Machado de Assis também prescreve que a arte não deve ser cópia fiel da realidade, mas que o artista deve preferir os traços largos da pintura à “implacável minuciosidade do daguerreótipo”, destacando que o autor do drama não “copia” a biografia de Bocage, e sim a interpreta. Outra opinião do autor das *Crisálidas* diz respeito à simplicidade na ação: “eu não condeno a simplicidade, nem reclamo as peripécias” (ASSIS, 2008, p. 115). E Machado elege como modelo, neste quesito, o dramaturgo Molière: “(...) nada mais simples que a ação do *Misanthropo*, e contudo eu dava todos os louros juntos do complexo Dumas e do complexo Scribe para ter escrito aquela obra prima do engenho humano.” (ASSIS, 2008, p. 115).

Por meio da carta transcrita acima, vemos como Machado de Assis já domina a linguagem da crítica. Contudo, ainda que recebesse, por parte de diversos escritores e poetas, pedidos de apreciação de suas obras, e que constatasse, entre seus pares literários, o prestígio que estava conquistando como crítico, na carta aberta com data de 21 de abril de 1868⁴⁸, mas

⁴⁸ Esta missiva responde à carta aberta de 12/04/1868, na qual Faustino Xavier de Novais convida Machado a comentar o poema épico RIACHUELO, de Luís José Pereira Silva.

publicada apenas em 24/07/1868, com o título “UM POETA⁴⁹ (Carta a F. X. de Novais)”, Machado se mostra cauteloso e teme fazer parecer ao público que aceitou exercer o papel de juiz:

Meu amigo. Quer a cortesia que eu acuda ao teu convite de 12 deste mês. Mas posso fazê-lo sem mostrar-me pretensioso? Confesso que hesitei durante algum tempo. É a situação igual àquela em que me vi, não há muito, quando o ilustre autor do *Iracema* teve a generosidade e a benevolência de apresentar-me um poeta e um livro. (...) Agora vens tu, com a mesma confiança, pedir-me a apreciação de um livro e de um poeta. As circunstâncias são mais graves. Ao primeiro convite respondi como pude; mas como responder a este que, precisamente pelo fato de suceder ao outro, parece dar por assentada uma posição que seria gloriosa se fosse legítima? Adverte, meu amigo, que eu hesito assim pela consideração de que há em frente de nós um público de leitores, não por mim que sei extremar a benevolência da justiça, a ilusão da realidade. Não quero aos olhos do público parecer que aceito um papel de juiz, eu que, no foro literário, mal posso alinhar razões. **Não levanto com isto um castelinho de palavras; exprimo a minha profunda convicção. Sinto-me débil e incompetente para a magistratura literária. E não me custa dizê-lo; não me custa recusar cortesmente um título que o meu coração pode agradecer sem que o sancione a minha consciência.** (...) (ASSIS, 2008, p. 250-251, grifos nossos).

Esse trecho da carta é bastante representativo da visão que Machado de Assis tem sobre si mesmo quanto a reconhecer-se como crítico literário. Ele inicia sua argumentação com o amigo e cunhado Faustino Xavier de Novais lembrando-o de um outro convite, feito por José de Alencar, sobre o qual já discorremos anteriormente. Nesse momento, explicita que o pedido de Novais, caso fosse aceito, daria por consolidada a posição de Machado como crítico. Entretanto, conforme podemos ler na missiva, além de demonstrar respeito e submissão à opinião do público, Machado de Assis mostra-se, diante do correspondente, como alguém inapto a exercer a função de crítico, explicitando sua debilidade e incompetência “para a magistratura literária”. Machado conclui desenhando o próprio “rosto” com traços de humildade, ao declarar que não haveria dificuldade em assumir-se incapaz de ocupar o lugar de crítico, posição validada por muitos de seus pares literários, mas não por sua consciência.

Com efeito, ao longo da década de 1860, Machado de Assis propôs reflexões, em diferentes textos, sobre a dificuldade e a necessidade de fazer crítica literária no Brasil, posicionamento que exemplifica e constitui a vida literária da época. Uma das mais relevantes dessas reflexões é o artigo “O ideal do crítico”, publicado, no final de 1865, no *Diário do Rio de Janeiro*. Nesse artigo, Machado comenta alguns aspectos da crítica que se fazia no período – expressando as mesmas opiniões já enunciadas em suas cartas sobre o assunto –, e, ao

⁴⁹ O poeta em questão é Faustino Xavier de Novais.

mesmo tempo, faz uma clara tentativa de sistematização do próprio exercício crítico. Machado classifica a crítica vigente como “frágil, infecunda, estéril, aborrecida, que nos mata, que não reflete, não discute, que abate por capricho e vaidade” (ASSIS, 1994)⁵⁰. Além de expor, de forma direta, o seu descontentamento com a crítica literária do momento, o autor sugere um novo prisma para a apreciação da literatura oitocentista, propondo uma abordagem que não só promovesse a autonomia de ideias com relação aos modelos importados, mas que colaborasse para o surgimento de uma nova consciência no leitor. Transcrevemos, a seguir, um trecho do mencionado artigo:

Exercer a crítica, afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes. (...) O crítico atualmente aceito não prima pela ciência literária; creio até que uma das condições para desempenhar tão curioso papel, é despreocupar-se de todas as questões que entendem com o domínio da imaginação. Outra, entretanto, deve ser a marcha do crítico; longe de resumir em duas linhas, — cujas frases já o tipógrafo as tem feitas, — o julgamento de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção. Deste modo as conclusões do crítico servem tanto à obra concluída, como à obra em embrião. Crítica é análise, — a crítica que não analisa é a mais cômoda, mas não pode pretender a ser fecunda. (ASSIS, 1994)⁵¹.

O esforço de sistematização do exercício da crítica literária, contudo, não se limitou ao texto “O ideal do crítico”, uma vez que, a partir de janeiro de 1866, Machado iniciou, no mesmo periódico, a publicação da *Semana Literária*. Nessa coluna, que circulou entre janeiro e julho de 1866, o autor publicou 30 artigos de crítica literária, tratando principalmente de poesia, prosa – romance – e teatro, bem como sobre a própria crítica literária brasileira.

⁵⁰ “Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, — será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreados, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, — essas três chagas da crítica de hoje, — ponde em lugar deles, a sinceridade, a solícitude e a justiça, — é só assim que teremos uma grande literatura.” (ASSIS, 1994).

⁵¹ As menções e citações do artigo “O ideal do crítico” foram feitas a partir da versão digital. Texto-Fonte: **Obra Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, 8/10/1865.

Com a *Semana Literária*, Machado de Assis procura colocar em prática tanto as ideias esboçadas em seus primeiros textos de crítica literária⁵² quanto aquelas propostas no artigo “O ideal do crítico”, voltando-se, em suas apreciações, para obras literárias que julgasse dignas de atenção. De modo geral, o conjunto de textos publicados na *Semana literária* explicitava o desejo machadiano de praticar o que acreditava ser a crítica literária necessária ao país, mas não só, uma vez que também atuava no sentido de noticiar e divulgar obras e eventos literários, documentando e constituindo, assim, a vida literária da época.

2.5 “(...) não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis”: vestígios do memorialismo literário machadiano na troca epistolar

Como explicitamos anteriormente, o valor documental do epistolário machadiano também se mostra nos comentários feitos pelo missivista sobre a sua própria atividade como escritor. Trata-se do veio que chamamos de memorialismo literário, e que inclui: observações de Machado de Assis sobre projetos e processos de criação (estes últimos, menos evidentes); registros, tanto de Machado quanto de seus correspondentes, sobre a circulação de suas obras; avaliações pessoais de Machado acerca da repercussão de seus livros, de artigos, etc.

Veremos, nas cartas de Machado de Assis analisadas nesta tese, que o memorialismo literário machadiano será elaborado com os mesmos recursos da discrição e contenção como forma de expressão, já referidos neste capítulo, uma vez que vão predominar breves menções e rápidos comentários acerca de alguns de seus trabalhos literários e teatrais, nos quais não haverá maiores reflexões ou debates – ou seja, a troca de ideias com seus pares – quanto a projetos literários e processos de criação. Essa é uma característica comum aos missivistas brasileiros do século XIX, que, de modo geral, não concebiam a carta como um espaço destinado à troca de ideias com os seus pares sobre os bastidores da criação literária:

Não estava no elenco de possibilidades da época, pelo menos no campo intelectual brasileiro, a inserção, na carta, de testemunhos da engrenagem do fazer literário, no que isso significa a realização de mergulhos profundos no processo de criação

⁵² Conforme Marina V. Grandolpho, o autor “(...) iniciou seu percurso como crítico literário já em meados de 1856, aos 16 anos (...)” (GRANDOLPHO, Marina Venâncio. *O crítico machado de Assis e a Semana literária*. 2019. 258 f. Tese (Doutorado). Araraquara – S.P., 2019, p. 10).

(reflexão sobre as hesitações da escritura, história das versões de um texto etc.). Pelo menos, é isso que se depreende da leitura da correspondência brasileira do século XIX, publicada ou conservada em arquivos. (MORAES, 2011, p. 101).

Sabemos que, no decênio de 1860, Machado de Assis ainda não havia escrito nenhum romance. Entretanto, podemos identificar no Tomo I significativas reflexões sobre a sua atuação como teatrólogo e como poeta, além de indícios de seus primeiros passos em direção ao romance.

A atividade como teatrólogo é comentada – e problematizada –, por exemplo, na carta enviada por Machado a Quintino Bocaiúva, datada de dezembro de 1862 – março de 1863⁵³. Nesta missiva, tanto na saudação como na *conclusio*, vemos uma espécie de fórmula que se repete, construída sempre em conformidade com a posição ocupada pelos interlocutores, indicando o grau de aproximação entre eles. Vale mencionarmos que a *conclusio* não se restringe apenas às expressões finais de cortesia, mas abrange todo o desfecho da missiva, quando são mencionados abraços e recomendações, conselhos, expressões de saudade e, algumas vezes, o arremate do assunto discutido na *narratio*, ou seja, no corpo da carta. É o que podemos identificar, no que diz respeito à estrutura da missiva, na carta transcrita a seguir, na qual cada uma das partes – *salutatio*, *narratio* e *conclusio* – corrobora para a demonstração da relação de amizade e confiança entre eles:

Meu amigo, Vou publicar as minhas duas comédias de estreia; e não quero fazê-lo sem o conselho da tua competência. Já uma crítica benévola e carinhosa, em que tomaste parte, consagrou a estas duas composições palavras de louvor e animação. Sou imensamente reconhecido, por tal, aos meus colegas da imprensa. **Mas o que recebeu na cena o batismo do aplauso pode, sem inconveniente, ser trasladado para o papel? A diferença entre os dois meios de publicação não modifica o juízo, não altera o valor da obra? É para a solução destas dúvidas que recorro à tua autoridade literária.** (...) Tenho o teatro por coisa muito séria e as minhas forças por coisa muito insuficiente; penso que as qualidades necessárias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho; cuido que é melhor tatear para achar; é o que procurei e procuro fazer. (...) Até onde vai a ilusão dos meus desejos? Confio demasiado na minha perseverança? Eis o que espero saber de ti. E dirijo-me a ti, entre outras razões, por mais duas, que me parecem excelentes: razão de estima literária e razão de estima pessoal. Em respeito à tua modéstia, calo o que te devo de admiração e reconhecimento. **O que nos honra, a mim e a ti, é que a tua imparcialidade e a minha submissão ficam salvas da mínima suspeita. Serás justo e eu dócil; terás ainda por isso o meu reconhecimento; e eu escapo a esta terrível sentença de um escritor: "Les amitiés qui ne résistent pas à la franchise, valent-elles un regret?"** Teu amigo e colega, MACHADO DE ASSIS. (ASSIS, 2008, p. 19-20, grifos nossos).

⁵³ Sílvia Eleutério explica, em nota, a forma de datação dessa carta: “Esta carta-prefácio provavelmente foi escrita entre dezembro de 1862 e março de 1863, a fim de figurar na abertura do livro *Teatro de Machado de Assis* (Tipografia do *Diário do Rio de Janeiro*, 1863)”. (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2008, p. 20-21, nota 1).

Já quanto ao conteúdo, a carta acima mostra um pedido de Machado de Assis a Quintino Bocaiúva, solicitando sua opinião sobre a conveniência de publicar as duas comédias com que havia estreado, *O caminho da porta* e *O protocolo*, peças que já haviam sido encenadas, com sucesso. Machado se coloca como um aprendiz, reconhecendo em Quintino Bocaiúva uma autêntica autoridade literária. Por isso, logo no início da correspondência, solicita ao mestre sua aprovação antes de publicar as referidas comédias, expondo Machado a sua dúvida quanto à conveniência da publicação, em livro, de textos que haviam obtido sucesso quando de sua encenação. Fica claro que Machado buscava em Bocaiúva tanto a orientação como o respaldo literário, a fim de prosseguir mais firmemente como autor dramático, “eternizando” no papel as suas comédias.

Na carta, Machado também demonstra considerar a produção teatral como algo de extrema seriedade. Declara, ainda, que o autor dramático passa por um processo de construção de si, formando-se, desenvolvendo-se no seu próprio fazer, apurando-se com o tempo e o trabalho. Dessa forma, Machado elabora diante de seu correspondente a sua própria imagem de autor em formação, submetendo-se ao parecer justo, franco e imparcial do mestre e amigo.

E esse processo de construção de si mesmo como teatrólogo se evidencia na resposta dada por Quintino Bocaiúva em uma carta privada, que não deixa de expressar sua opinião sincera, considerando as duas comédias machadianas como um exercício, “uma ginástica de estilo”, propondo, ainda, que o jovem aspirante a dramaturgo aprimore a sua técnica teatral para transformar em “grande pintura” o que até então eram “esboços”:

(...) me refiro às tuas comédias, aceitando-as como elas devem ser aceitas por mim e por todos, isto é, como um ensaio, como uma experiência, e, se podes admitir a frase, como uma ginástica de estilo. A minha franqueza e a lealdade que devo à estima que me confessas obrigam-me a dizer-te em público o que já te disse em particular. As tuas duas comédias, modeladas ao gosto dos provérbios franceses, não revelam nada mais do que a maravilhosa aptidão do teu espírito, a profusa riqueza do teu estilo. Não inspiram nada mais do que simpatia e consideração por um talento que se amaneira a todas as formas da concepção. (...) O que desejo, o que te peço, é que apresentes nesse mesmo gênero algum trabalho mais sério, mais novo, mais original e mais completo. Já fizeste esboços, atira-te à grande pintura. (BOCAIÚVA apud ASSIS, 2008, p. 22-23)

Sabemos que o teatro sempre esteve presente na prática literária machadiana, sendo mais expressivo principalmente no início de sua carreira, considerando que, entre 1859 e 1867, Machado de Assis atuou em diferentes nichos das artes dramáticas, sendo crítico teatral, dramaturgo, censor do Conservatório Dramático e tradutor de várias peças francesas. Ou seja,

no decênio de 1860, evidencia-se uma dedicação intensa de Machado ao gênero dramático, como dramaturgo ou crítico teatral. E certamente essa dedicação responde ao próprio contexto social e político da época e pode ser entendido como um exercício para o desenvolvimento do futuro contista e romancista Machado de Assis. Nossa afirmação se torna plausível quando observamos que a experiência teatral de Machado, como dramaturgo ou crítico, será evidenciada nos futuros romances e contos em que o autor, em alguns momentos da narrativa, optar por silenciar a voz do narrador, mostrando a cena por meio de diálogos; ou no interesse das personagens pelos espetáculos teatrais e nas referências a peças e dramaturgos.

Entre várias citações e referências ao gênero dramático nos contos e romances machadianos, *Otelo*, de Shakespeare, é, sem dúvida, a mais representativa. Em 1960, Helen Cadwell escreve *The Brazilian Othello of Machado de Assis*⁵⁴, no qual argumenta, pela primeira vez, que Capitu é inocente, além de aproximar o romance machadiano da referida tragédia. Cadwell observa que o próprio narrador-personagem estabelece uma base comparativista, dedicando três capítulos do romance à tragédia shakespeariana: “Uma ponta de Iago”, “Uma reforma dramática” e “Otelo”. A autora elogia a habilidade de Machado em estabelecer um fecundo diálogo com o tragediógrafo, declarando que “(...) devemos invejar o Brasil por esse escritor que, com tanta constância, utilizou nosso Shakespeare como modelo – personagens, tramas e ideias de Shakespeare tão habilmente fundidos em seus enredos próprios (...)” (CADWELL, 2002, p. 11). Sendo assim, parece que Machado de Assis tem êxito ao seguir o conselho de Quintino Bocaiúva, e consegue passar do “esboço” à “grande pintura”, não necessariamente no teatro, mas no âmbito da prosa de ficção.

Dando continuidade às nossas considerações sobre o que estamos chamando de memorialismo literário de Machado de Assis, vemos também, na correspondência trocada com alguns de seus pares, informações sobre a circulação e a recepção, por parte do público, de algumas peças teatrais de Machado de Assis. É o que observamos, por exemplo, em carta enviada por Guimarães Júnior em 06/05/1863, na qual se encontra, novamente, uma menção às comédias machadianas:

Machado

Posso dizer-te poucas palavras: não tarda a partir o correio. Envia para cá 60 exemplares das comédias. Estou agenciando mais assinaturas; brevemente dir-te-ei quantos serão precisos mais. Não respondeste a uma carta minha em que te enviei um retrato; manda dizer se o recebeste. Adeus, a minha comédia sobe à cena até o dia 15. (JÚNIOR apud ASSIS, 2008, p. 32)

⁵⁴ Utilizamos para consulta a versão em português traduzida por Fábio Fonseca de Melo. Vide as Referências bibliográficas desta tese.

Nesta breve carta identificamos um comentário acerca da circulação do volume *Teatro de Machado de Assis*, o qual incluía as comédias *O Caminho da Porta* e *O Protocolo*, que Machado hesitara em publicar. Em 1863, Luís Guimarães Júnior estudava em São Paulo, e, no intuito de colaborar com o amigo, incumbiu-se da venda e divulgação da obra dramática. Seu esforço rendeu um pedido inicial de 60 exemplares, estimando aumentar esse quantitativo, posteriormente.

Já na carta enviada em 18/03/1864 para Domingos Jaci Monteiro, autor de teatro e Secretário do Conservatório Dramático Brasileiro, vemos o próprio Machado de Assis, muito respeitosamente, solicitando um parecer do Conservatório sobre sua comédia *O pomo da discórdia*. Essa era uma solicitação de praxe, considerando que cabia ao Conservatório Dramático analisar e exercer, se necessário, a censura das peças teatrais. As suas decisões eram inapeláveis, embora a polícia ocasionalmente proibisse peças que aquele já autorizara. Transcrevemos, então, a referida carta de Machado de Assis: “Ilustríssimo Senhor, Tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria a minha comédia em três atos intitulada *O pomo da discórdia* para ser sujeita ao parecer do Conservatório Dramático Brasileiro. Deus guarde a Vossa Senhoria. Machado de Assis” (ASSIS, 2008, p. 38).

Além de conter as referências apontadas acima à produção teatral de Machado de Assis, o Tomo I evidencia que é a partir das palavras de Caetano Filgueiras que Machado de Assis vai compartilhar – com Filgueiras e, por extensão, com o público – alguns detalhes do processo de composição do livro de poemas *Crisálidas* (1864). Natural da Bahia, Filgueiras, que se formou na Faculdade de Direito de Olinda, mudou-se para a Corte, abrindo um escritório na rua de São Pedro nº85, sala que se tornou conhecida na história literária brasileira por abrigar as reuniões do Grupo dos Cinco, composto por Casimiro de Abreu, José Joaquim Cândido de Macedo, Francisco Gonçalves Braga, Caetano Filgueiras e Machado de Assis. Às vezes, o grupo somava sete integrantes, com Augusto Emílio Zaluar e José Alexandre Teixeira de Melo. Caetano Filgueiras, que também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fez, a pedido de Machado, a “carta-prefácio” que abre a primeira edição de *Crisálidas*. Seguem abaixo alguns dos trechos mais relevantes da referida carta:

A que escola pertence o autor deste livro? À mística de Lamartine, à cética de Byron, à filosófica de Hugo, à sensualista de Ovídio, à patriótica de Mickiewicz, à americana de Gonçalves Dias? A nenhuma. Qual o sistema métrico que adotou? Nenhum. Qual a musa que lhe preside às criações?... A mitológica de Homero, a

mista de Camões, a católica do Dante, a libertina de Parny? Nenhuma. A escola de Machado de Assis é o sentimento; – seu sistema a inspiração: sua musa a liberdade. Tríplice liberdade: liberdade na concepção; liberdade na forma; liberdade na roupagem. Tríplice vantagem: – originalidade, naturalidade, variedade! (...) Livres, sentidos, inspirados, os versos do autor das *Crisálidas* são e devem ser eloquentes, harmoniosos e exatos. São – porque ninguém se negará a dizê-lo lendo-os. Devem ser – porque o sentimento e a inspiração constituem a verdadeira fonte de toda a eloquência e de toda a harmonia no mundo moral, e porque a exatidão é o mais legítimo fruto do consórcio destas duas condições. (ASSIS, 2008, p. 49-53).

Em resposta a Caetano Filgueiras, o jovem Machado de Assis escreve uma “carta-posfácio”, apontando a falta de tempo como o principal motivo da escolha dos poemas e explicando sua opção por incluir apenas os escritos mais recentes. Nessa missiva (transcrita mais abaixo), Machado compõe a autoimagem do escritor criterioso e detalhista no processo de composição de seus trabalhos – perfil este que marcará toda a sua obra. Para Jean-Michel Massa, por exemplo, Machado de Assis demonstra uma permanente insatisfação com seus versos, o que se constitui, por assim dizer, num traço inerente ao seu trabalho poético. Massa explica sua afirmação comparando o poeta Machado a um joalheiro: “(...) cortava e emendava suas poesias. Suprimia ou anulava. O momento presente exprimia um progresso estético sobre o passado. O escritor aceitava haver mudado, envelhecido, evoluído, pois seus poemas de ontem perderam uma parte da vida” (MASSA, 2009, p. 328).

O crítico francês destaca que, na preparação de *Crisálidas*, dos mais de sessenta poemas anteriores ao ano de 1860, Machado aproveitou apenas um – o poema dedicado a Monte Alverne –, nele fazendo, entretanto, algumas modificações. Além disso, do conjunto de poemas produzidos entre 1860 e 1863, o poeta incluiu no livro apenas seis deles. Em resumo, nas palavras de Jean-Michel Massa, “das 22 peças originais de *Crisálidas*, deixam-se de lado as seis traduções; muitas delas são inéditas ou publicadas pouco antes” (MASSA, 2009, p. 327). Destacamos a seguir alguns trechos mais relevantes da “carta-posfácio” de Machado de Assis:

Rio de Janeiro, 1.º de setembro de 1864.

Meu amigo. Agora que o leitor frio e severo pôde comparar o meu pobre livro com tua crítica benévola e amiga, deixa-me dizer-te rapidamente duas palavras. (...) Mas onde não vai a amizade e a crítica benevolente? Foste além: – traduziste para o papel as tuas impressões que eu, – mesmo despido desta modéstia oficial dos preâmbulos e dos epílogos, – não posso deixar de aceitar como parciais e filhas do coração. Bem sabes como o coração pode levar a injustiças involuntárias, apesar de todo o empenho em manter uma imparcialidade perfeita. Não, o meu livro não vai aparecer como o resultado de uma vocação superior. Confesso o que me falta que é para ter direito de reclamar o pouco que possuo. **O meu livro é esse pouco que tu caracterizaste tão bem, atribuindo os meus versos a um desejo secreto de expansão; não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis.** Tal sou eu, tal deve

ser apreciado o meu livro; nem mais, nem menos. Foi assim que eu cultivei a poesia. Se cometi um erro, tenho cúmplices, tu e tantos outros, mortos, e ainda vivos. Animaram-me, e bem sabes o que vale uma animação para os infantes da poesia. Muitas vezes é a sua perdição. Sê-la-ia para mim? O público que responda. Não incluí neste volume todos os meus versos. **Faltou-me o tempo para coligir e corrigir muitos deles, filhos das primeiras incertezas.** Vão porém todos, ou quase todos os versos de recente data. Se um escrúpulo de não acumular muita coisa sem valor me não detivesse, este primeiro volume sairia menos magro do que é; entre os dois inconvenientes preferi o segundo. (ASSIS, 2008, p. 67-68, grifos nossos).

Essa carta se mostra como um dos poucos momentos em que Machado de Assis trata mais diretamente da composição de uma de suas obras. Para justificar a pequenez do volume *Crisálidas*, o poeta alude, como observamos há pouco, à falta de tempo para reunir seus vários poemas, muitos deles produzidos quando ele ainda era bem jovem, o que indica, por parte do autor, o trabalho de revisão e de seleção. Respondendo aos comentários elogiosos do amigo, o autor de *Crisálidas* parece não esperar tanto do seu livro de versos, crendo que ele não seria recebido pela crítica e pelo público como “resultado de uma vocação superior”. Simulando, talvez, uma falsa modéstia, compara a si mesmo com o livro, situando-os numa posição inferior, sem destaque ou relevo, caracterizando-se, assim como ao seu livro, como “um fiel obscuro da vasta multidão de fiéis”. Essa falsa modéstia exibida por Machado era um gesto comum entre os escritores do seu tempo, quase uma fórmula dos prefácios com que os próprios poetas e romancistas apresentavam os seus livros. Também chama a atenção, no posfácio, a afirmação da independência do poeta em relação a escolas ou teorias – independência que, acentuando-se na chamada “segunda fase” de sua produção ficcional, parece já ter sido valorizada por Machado de Assis desde o início de sua trajetória como escritor.

Será em correspondência enviada por Joaquim Serra que veremos sinais de que o autor das *Crisálidas* estaria escrevendo seu primeiro romance. Em carta de 02/01/1868, Serra destaca a importância de Machado de Assis no cenário das letras, comunicando ao amigo as solicitações dos leitores do *Semanário Maranhense*, que “(...)intercedem por um milagre teu, em prosa ou verso” (SERRA apud ASSIS, 2008, p.219). Além disso, vemos que o jornalista maranhense menciona um romance que Machado teria esboçado, e cujos primeiros capítulos havia anunciado ao amigo. Esse “anunciar” deve ser entendido como “noticiar”, considerando que Machado de Assis, assim como outros escritores brasileiros do século XIX, não compartilha em suas cartas dados específicos sobre a movimentação nos bastidores da criação, propósitos estéticos etc. Diferentemente do que afirmam Marcos Antonio de Moraes e Brigitte Diaz, que sinalizam o uso da carta como uma forma de experimentação, um “teste

de literatura” (DIAZ, 2016, p.53), por meio do qual seria possível verificarmos “os resquícios de um trabalho miúdo ligado ao nascimento e à crítica do texto literário” (MORAES, 2007, p. 92), Machado não faz uso da escrita epistolar como “laboratório de criação” literária.

Com referência à carta de Joaquim Serra, Silvia Eleutério, em nota, cogita se o correspondente não estaria se referindo ao romance *Ressureição*, só publicado em 1872. A seguir, destacamos alguns trechos mais relevantes da referida carta de Serra:

(...) Olha que o *Semanário* está muito entanguido e feio, não é possível que encontres atrativos em semelhante leitura. Eu quase que não dou importância a essa gazetinha, e só escrevo por desfastio. Ando tonto. Quão contente não me farias, se realizasses a promessa de mandar artigos para o periódico maranhense! Isso é tão bom, tão do meu gosto, e tão precioso, que eu não acredito na realidade. Prometeste, é certo, mas entre a promessa e o fato! Enfim, é preciso pedir muito, aqui estou eu solicitando a execução do lindo projeto. Agora cumpre a palavra. Escrevem no *Semanário* o Gentil, Marques Rodrigues, Sotero dos Reis, Nuno Álvares, etc.; muitos dos artigos porém, são assinados com pseudônimos. Além desses amigos (que são devotos do teu nome) todos os leitores do *Semanário* intercedem um milagre teu, em prosa ou verso. São pois muitos os que rogam. Veremos. Dizes que nada tens escrito, e tens coragem para confessar tão feio pecado? E o romance que esboçaste, e cujos primeiros capítulos me anunciaste? Não posso crer na tua inação, ainda que a documentes com a falta de documentos publicados. Creio no fundo da tua gaveta, e nas entranhas da tua pasta. (...). (SERRA apud ASSIS, 2008, p. 219-220).

Chegando ao final do exame do Tomo I da Correspondência de Machado de Assis, podemos reafirmar, seguramente, a importância das cartas do período de 1860 a 1869. Ainda que grande parte das missivas que figuram neste primeiro volume do epistolário seja constituída pela correspondência passiva ou por cartas abertas, foi possível extrairmos desses “documentos vivos” mais informações acerca da vida e da obra de Machado de Assis, revelando a nós, leitores, uma fase menos conhecida da atuação machadiana, na qual podemos observar algumas das bases que sustentarão suas futuras obras. Vimos, por exemplo, que a linguagem é – e será – empregada por Machado sempre de maneira elegante, mas raramente consiste em algo artificial e vazio. Foi possível constatar, também, por meio de menções nas cartas, que Machado de Assis estava inserido em uma rede de intelectuais que compartilhavam cartas e leituras, além de sua atuação em diferentes grupos literários, como a Arcádia Fluminense.

Quanto aos limites que definem a autorrepresentação, identificamos que as cartas de Machado de Assis não expõem detalhes íntimos ou segredos inconfessáveis. Tal característica se deve, entre outras motivações, ao próprio perfil do Tomo 1, que é composto, como já dissemos, basicamente por cartas-abertas e pela correspondência passiva. Ainda que discreto e

comedido em grande parte de suas cartas, vimos que o missivista Machado de Assis se permite, com alguns correspondentes, certa expansão, compondo um “rosto” exultante e apaixonado, a Carolina; ou angustiado pela aflição, ao amigo Francisco Ramos Paz.

Sobre o comedimento mencionado acima, cogitamos que o poeta de *Crisálidas* tende a não se distanciar em excesso dos princípios retóricos da *ars dictaminis*, considerando os diferentes resquícios de uma tradição retórica que estão perceptíveis em sua correspondência, conforme abordamos no presente capítulo.

Quanto ao valor documental das cartas, observamos que as missivas tratam, de modo geral, de assuntos relativos ao tempo em que se inserem. Como vimos, há menções nas cartas sobre o cotidiano da cidade, além de informações a respeito do país, quando nos deparamos com alguns comentários acerca da Guerra do Paraguai. Conforme abordamos ao longo do presente capítulo, este veio se desdobrou em outros dois: os principais assuntos tratados pelos correspondentes, na condição de escritores, e o memorialismo literário de Machado de Assis. No tocante aos principais assuntos, as cartas do Tomo I apresentam um variado quadro da vida literária daquele decênio, mostrando – direta ou indiretamente –, por exemplo, a formação e atuação de alguns grupos com finalidade literária, como a Arcádia Fluminense; evidenciam a intensificação da atuação machadiana em diferentes periódicos, bem como o próprio crescimento da atividade jornalística da época; apontam para o cenário teatral e para a influência do gênero dramático na vida de Machado de Assis, que atuava como dramaturgo, crítico teatral, censor do Conservatório Dramático e tradutor de várias peças francesas, concebendo “o teatro como base de sua vida intelectual” (MASSA, 2006, p. 465). Ainda sobre os principais assuntos, no âmbito literário e artístico, observamos que algumas cartas tratam da publicação e circulação de obras que integrariam – ou não – o cânone da literatura brasileira, além de diferentes avaliações críticas – muitas delas a pedido –, por parte de Machado, de algumas dessas obras, exibindo a formação e o gradativo aperfeiçoamento de Machado de Assis como crítico literário, atividade que o escritor exercia, com êxito, nos periódicos da época.

Além disso, as missivas do presente volume demonstram, quanto ao memorialismo literário que, neste primeiro decênio, Machado de Assis faz poucas referências à sua própria obra, não mencionando seus processos de criação literária, o que evidencia uma característica comum aos missivistas brasileiros do século XIX. Contudo, ainda assim, as cartas contêm informações interessantes sobre o processo de composição “assumido” por Machado de Assis

no volume *Crisálidas*, e sobre a investida machadiana como teatrólogo, bem como indícios do nascimento do primeiro romance escrito pelo autor.

3. TOMO II – O HOMEM, O BUROCRATA, O ESCRITOR: REFLEXOS DA VIDA E DA PRODUÇÃO LITERÁRIA MACHADIANA NAS MISSIVAS DO PERÍODO 1870-1889

Seguindo com a análise do epistolário machadiano, voltamos agora o nosso olhar para os dois decênios seguintes, o período que vai de 1870 a 1889. As cartas desse período integram o Tomo II da coleção da ABL, a qual pretendeu compilar, em ordem cronológica, toda a correspondência machadiana conhecida até o momento, tanto a ativa como a passiva, conforme já mencionamos anteriormente. Além da correspondência do referido período, o Tomo II apresenta também, em caderno suplementar, várias cartas da década de 1860, como as cartas abertas do conde de La Hure (1866), e uma carta inédita de Machado de Assis a Salvador de Mendonça (1868), descoberta na Casa de Rui Barbosa, complementando o fluxo epistolar do Tomo I. Quanto à correspondência deste segundo volume, temos um total de 188 documentos, entre cartas, cartões e telegramas, distribuídos entre 72 missivistas, além do próprio Machado de Assis. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, coordenador do projeto da ABL, é possível organizar as missivas deste período em três grupos, conforme as características de cada correspondente: cartas familiares e trocadas com amigos; correspondências ligadas à carreira de escritor de Machado de Assis; e cartas ligadas à sua carreira de funcionário público.

No primeiro grupo, estão as cartas trocadas com amigos, tais como Salvador de Mendonça, com o qual Machado de Assis assume a posição de confidente, e Joaquim Nabuco, com o qual Machado de Assis já demonstra os primeiros sinais de cansaço e da chegada da velhice. Será também no Tomo II que veremos o começo de uma grande amizade e da excepcional correspondência entre Machado de Assis e o crítico José Veríssimo, futuro diretor da *Revista Brasileira*. Quanto às missivas familiares, destaca-se o fluxo epistolar com o cunhado Miguel de Novais. Nas cartas trocadas com o irmão de Carolina, Machado parece se desfazer de suas reservas, compartilhando informações sobre, por exemplo, alguns projetos literários e até mesmo acerca de política, o que não fazia comumente com outros amigos.

O segundo grupo é composto por cartas ligadas à carreira de Machado de Assis como escritor. Nele identificamos missivas que demonstram o esforço de Machado para projetar-se fora do Brasil, por exemplo, em Portugal, país em que o autor de *Crisálidas* já tinha algum prestígio. Outras missivas atestam a sua crescente importância como referência da literatura brasileira, de que são exemplos: o convite recebido do poeta parnasiano Catulle Mendès, a fim de que Machado fosse o promotor oficial da filiação do Brasil à Sociedade Internacional de Poetas; o gesto de Ernesto Chardron, ao solicitar a Machado de Assis que protegesse os interesses autorais de Eça de Queirós no Brasil; a fundação de uma biblioteca com seu nome, em Itajubá; e o banquete em sua homenagem, celebrando o 22º aniversário da publicação das *Crisálidas*.

No terceiro e último grupo destacado por Rouanet, encontramos cartas ligadas à carreira de Machado de Assis como funcionário público. Vale ressaltar que sua trajetória como burocrata iniciou-se bem antes, em 8 de abril de 1867, quando foi nomeado para o cargo de ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*, então subordinado ao Ministério da Fazenda. Mas é no Tomo II que vemos cartas que demonstram a consolidação do trabalho de Machado de Assis no funcionalismo público, como as missivas enviadas por Buarque de Macedo, que se tornou Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1880, nomeando Machado como seu oficial de gabinete; cartas e bilhetes enviados por Pedro Luís, quando este assume o Ministério da Agricultura em decorrência da morte de Buarque de Macedo; duas cartas, uma do advogado cearense João Brígido, em que este levanta dúvidas quanto à integridade funcional e pessoal de Machado de Assis, e outra do próprio Machado, defendendo-se das acusações. Há também nesse grupo uma carta enviada pelo então senador Francisco Otaviano, solicitando a Machado de Assis que usasse de sua posição como oficial de gabinete para interceder junto ao Ministro em favor da nomeação de um protegido do signatário.

Do ponto de vista biográfico, as cartas desse segundo volume do epistolário machadiano contemplam um período de maior estabilidade e segurança financeira, tendo em vista sua colocação como funcionário público. Por outro lado, o período é também um momento de intensa atividade, por parte de Machado de Assis, na busca por conciliar seu trabalho como oficial de gabinete e a carreira de escritor e crítico literário, considerando que Machado de Assis sempre teve duas carreiras paralelas, a de homem de letras e a de burocrata.

Do ponto de vista da produção literária, as cartas de 1870-1889 se inserem no momento em que Machado de Assis dá um salto de qualidade⁵⁵, como veremos com a publicação das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o que destaca esse período como um dos mais significativos em seu trabalho como escritor. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, cada um dos dois decênios é marcado por um corte e por uma abertura. Quanto a esta última, Rouanet destaca que, entre 1870-1879, o autor aventura-se em um novo gênero: o romance – com *Ressureição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878). Ainda que nesse decênio procure se exercitar como romancista, Machado não esquece o poeta que há dentro de si, publicando *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875). É também no mesmo período que vemos emergir da pena machadiana algumas de suas mais famosas páginas de crítica e de análise literária, como “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade” (1873), e a crítica incisiva acerca da obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós (1878).

Já no decênio 1880-1889, “(...) dá-se um segundo corte, ainda mais decisivo: o que separa as duas maneiras de Machado de Assis, os dois Machados” (ROUANET in ASSIS, 2009, p. 16). Nesse período, vemos, portanto, a transição do ficcionista talentoso para o criador genial de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, compondo a obra a partir de “um processo de inversão parodística dos códigos tradicionais” (BOSI, 2006, p. 181) do Romantismo, além de inovar a própria estrutura do romance, adotando a digressão e a fragmentação. Para Rouanet, esta é a fase “shandiana” do autor, inaugurada com *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), romance seguido por *Quincas Borba*, cuja primeira versão foi publicada no periódico *A Estação*, a partir de 1886, sendo publicada em livro apenas em 1891. Será também nessa segunda década que veremos nascer alguns de seus melhores contos, como os reunidos em *Papéis Avulsos* (1882) e em *Histórias sem Data* (1884).

A partir da leitura do Tomo II, foi possível constatar que boa parte das obras mencionadas acima deixou rastros no epistolário machadiano, tanto em sua correspondência ativa – como alguns “ecos” da composição de algumas obras –, quanto nas cartas recebidas, nas quais encontramos observações sobre o envio de exemplares aos amigos, menções a críticas, resenhas e comentários a respeito das obras e da recepção das mesmas por parte do público. Uma das indicações que julgamos ser mais representativa é a que diz respeito a um dos mais relevantes trabalhos ensaísticos de Machado de Assis, o artigo “Notícia da Atual Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade”. Nesse ensaio, Machado de Assis se

⁵⁵ Alfredo Bosi, por exemplo, afirma: “O salto qualitativo das *Memórias Póstumas* foi lastreado por alguns textos escritos entre 1878 e 1880, verdadeiro introito à prosa desmistificante do defunto-autor.” (BOSI, 2006, p. 178).

defende dos críticos nacionalistas que lhe cobravam maior atenção a temas e paisagens brasileiras. O ensaísta propõe, então, que o escritor tenha liberdade para abordar os mais diferentes assuntos, sem deixar de ser, por isso, um escritor nacional. A respeito desse posicionamento de Machado, diz o estudioso José Luís Jobim:

(...) o caráter nacional de uma criação literária não estaria em elementos “exteriores” ao sujeito, como paisagens, flora, fauna, populações, mas, isto sim, em algo “interior”: naquilo que Machado chama de “sentimento íntimo” que tornaria o escritor homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos que na superfície não parecem ser “nacionalistas”. (JOBIM, 2012, p. 64).

No presente tomo, é possível reconstruirmos a origem desse texto, conforme será abordado neste capítulo por meio de considerações sobre duas cartas, na quais vemos José Carlos Rodrigues, fundador da revista *O Novo Mundo*, publicada em Nova York, solicitando a Machado de Assis que elaborasse um estudo sobre a literatura brasileira do seu tempo; e, logo depois, temos a resposta afirmativa do autor das *Memórias Póstumas*, anunciando que o estudo estava pronto.

Se, nas cartas de 1870-1889, será possível identificarmos vestígios, “ecos” de algumas produções literárias de Machado de Assis no período, o mesmo não ocorre quanto ao compartilhamento de informações da esfera da intimidade. Neste segundo volume do epistolário machadiano vemos, uma vez mais, o que já havíamos constatado no tomo anterior: a frustração de nossa expectativa em pretender encontrar “segredos” contados pelo próprio Machado de Assis em sua correspondência ativa. Fica muito evidente que o autor de *Ressurreição* não pretendia compartilhar notas íntimas em sua correspondência pessoal, limitando-se a narrar fatos que já eram do domínio público ou apenas a construir “uma respeitável confirmação das expectativas dos destinatários” (RIBAS, 2008, p. 40).

Se os comentários de cunho pessoal eram poucos, as cartas de Machado de Assis dão um grande relevo ao destinatário, adequando-se ao perfil do correspondente. Dentro desse contexto, o valor da epístola machadiana resulta de um somatório de fatores, conforme esclarece, mais uma vez, Maria Cristina Ribas: “(...) a ética da postura machadiana, a simbólica que sua figura emblemática assume na sociedade carioca do século XIX e o conseqüente contágio dessa aura àqueles que com ele conviviam são fatores decisivos” (RIBAS, 2008, p. 41). Ou seja, sua forma de escrita epistolar, que muitas vezes parece ser apenas uma reverberação de fatos já conhecidos de seus interlocutores, cumpre, na verdade, o que o leitor/destinatário esperava, na época, do Machado de Assis signatário, considerando sua posição e imagem diante da sociedade.

Quando o missivista famoso se assumia um cronista de ocorrências já sabidas ou um interlocutor atento que retornava os desabafos ouvidos na mesma medida, ainda assim preservava a respeitabilidade, acolchoando as suas palavras e bem-traçadas linhas, respeitabilidade esta que funcionava como uma garantia de veracidade da mensagem veiculada; ou seja, a posição social, a *performance* de mestre e “aconselhador” justificavam todos os ecos e o *déjà vu* presentes na sua correspondência. (RIBAS, 2008, p. 41)

Além da tematização de assuntos já conhecidos, outro traço frequentemente encontrado nas cartas do Tomo II, assim como no decênio de 1860-1869, é o dos silêncios e ausências, ou melhor, o dos “não ditos” na correspondência, como o *não* falar sobre política, *não* gerar polêmicas, *não* mencionar a (im)provável esterilidade, *não* tratar da vida íntima, “tudo até o justo ponto socialmente permitido e subjetivamente pretendido” (RIBAS, 2008, p. 36). Contudo, veremos que, em meio às negativas, será possível encontrar, em algumas cartas recebidas, vestígios de um Machado de Assis que, em sua correspondência ativa, teria dito “sim” ao tema da política.

Diante do exposto, cabe destacarmos, uma vez mais, que, ao estudarmos o epistolário machadiano, a saber, sua correspondência ativa e passiva, buscamos pensar na relação entre vida e escrita, entre autor e obra, pois:

Se insistíssemos na expectativa de encontrar “segredos” da vida íntima de Machado e esperássemos recortar, na correspondência passiva e ativa, subsídios para uma “biografia machadiana autêntica”, não teríamos compreendido a lição de Foucault, nem o trabalho de desconstrução das categorias empreendido pelos pós-estruturalistas franceses, quando afirmam que a autobiografia não é um gênero ou um modo, mas uma figura de leitura ou da compreensão que ocorre, em algum grau, em todos os textos. (RIBAS, 2008, p. 69-70).

Assim, seguindo o caminho proposto no capítulo anterior, prosseguiremos a análise do nosso *corpus* a partir das quatro grandes linhas – ou veios – que dão forma ao projeto epistolográfico machadiano: na esfera da intimidade, o modo como se dá a **autorrepresentação** machadiana; no âmbito dos aspectos do cotidiano da cidade e do país, o **valor documental** das cartas. Tal valor documental se desdobra, como no Tomo I, em dois outros veios: o que considera os **principais assuntos** abordados por Machado e seus correspondentes, enquanto escritores e artistas, com ênfase na **vida literária** da época e no **exercício da crítica literária**, por parte de Machado de Assis (além disso, no Tomo II, outro assunto será a carreira de Machado como funcionário público); e o que toma a carta como testemunha da obra, evidenciando o **memorialismo literário** do escritor.

Iniciaremos nossa abordagem do Tomo II a partir dos elementos que compõem a autorrepresentação machadiana, a qual, nas cartas do período 1870-1889, se dará principalmente pelo compartilhamento dos padecimentos do corpo, característica que se acentuará nos próximos volumes do epistolário, principalmente após o falecimento da esposa Carolina. A seguir, trataremos do valor documental das cartas, considerando que as missivas registram e comentam fatos do momento histórico em que se inserem, exercendo seu papel de testemunhas do tempo. Ainda neste veio, no primeiro dos seus desdobramentos, abordaremos cartas que nos permitirão acessar a atuação machadiana como funcionário público, como crítico literário e como jornalista, desenhando-se, então, a vida literária do período. Por fim, concluiremos o capítulo tratando do segundo desdobramento do valor documental das missivas, concebendo a carta como testemunha da obra machadiana.

3.1 “Meus olhos ainda me trazem separado do resto do mundo”: a enfermidade e os padecimentos do corpo na autorrepresentação machadiana

Se, nas cartas do Tomo I, foi possível perceber que a autofiguração machadiana era marcada por uma forte contenção no campo das confidências pessoais, sua discrição como epistológrafo permanece no presente tomo em análise. Mais uma vez, Machado de Assis desvia, até certo ponto, o olhar sobre si mesmo, direcionando-o, preferencialmente, ao destinatário. Entretanto, o ritmo acelerado de trabalho no gabinete e sua dedicação à atividade como homem de letras começarão a se refletir no próprio corpo, o que o levará, de alguma forma, a confidenciar um pouco mais sobre si mesmo. É o que veremos na correspondência trocada com Franklin Dória; na carta enviada a Carlos Leopoldo de Almeida; e em uma missiva enviada a Machado por Joaquim Arsênio Cintra da Silva.

Américo de Meneses Franklin Dória, ou, simplesmente, o Barão de Loreto, natural da Bahia, publicou, em 1858, o livro de poemas intitulado *Enlevos*. Atuou como promotor público e como deputado, além de ter sido presidente do Piauí, em 1864, e do Maranhão, em 1867, mas, a partir de 1868, com a queda dos liberais, passou a dedicar-se ao Direito e à literatura. Por ocasião do concurso à cadeira de Retórica, Poesia e Literatura Nacional no Colégio Pedro II, Franklin Dória envia a Machado de Assis a tese que defenderia no concurso, a fim de que o “mestre e aconselhador” lhe indicasse os pontos do trabalho que mereceriam

ajustes. Contudo, Machado encontrava-se enfermo naquela ocasião, e tal condição era do conhecimento de Dória, conforme podemos observar na carta transcrita a seguir:

Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1878.

Meu Caro Machado de Assis, Quero que seja Você um dos primeiros a receber a tese que há pouco apresentei para o concurso à cadeira que eu reço interinamente, no externato do Colégio Pedro II. Mando-lhe pois um exemplar deste meu insignificante trabalho, que lhe peço haja de aceitar como sinal de afetuosa lembrança. Muito estimorei que já possa lê-lo, **porquanto isto será prova de que Você já está bom da sua retinite**. Em todo o caso, não o dispense de me indicar oportunamente os erros ou faltas que eu haja cometido. Está marcado o dia de amanhã para a defesa da tese, e sobre ela terei de ser arguido pelos Conselheiros Otaviano e Cardoso de Meneses. Ainda bem que são dois poetas, que discutirão poesia comigo. Meus respeitos, com os cumprimentos de minha Mulher, à sua Excelentíssima Senhora. (DÓRIA apud ASSIS, 2009, p. 159, grifos nossos).

O envio do trabalho a Machado de Assis, sob a alegação de que tal gesto demonstraria o afeto do correspondente pelo “mestre”, parece fora de propósito, considerando que o escritor passava por uma séria crise inflamatória nas retinas, o que, conseqüentemente, o impossibilitava de ler naquele momento. Vale ressaltar que, desde jovem, Machado de Assis apresentou problemas oculares, tendo iniciado o uso de *pince-nez*, devido a quatro graus de miopia, aos 25 anos. Ainda assim, em decorrência do esforço contínuo e do uso inadequado do leve par de óculos, sua deficiência visual agravou-se consideravelmente, o que o levou a padecer, ao longo da vida, com reiteradas crises. Segundo Sílvia Eleutério, em nota, no segundo semestre de 1878, Machado “adoeceu gravemente dos olhos” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2009, p. 160, nota 2), e, tanto a carta transcrita acima como a que veremos a seguir, retratam exatamente esse momento, um dos mais críticos de sua vida, em que correu o risco de perder a visão. Machado responde ao amigo no mesmo dia, em carta ditada a Carolina⁵⁶, na qual o escritor confirma que ainda passava pela crise de retinite, mas não enfatiza a doença e seu padecimento como homem enfermo. Como podemos observar no fragmento abaixo, Machado prefere desviar o olhar de si mesmo para o próprio destinatário/leitor da carta, dirigindo-se a Franklin Dória com aquele mesmo tom cortês que costumava empregar nas cartas do decênio anterior, sempre que um escritor lhe solicitava um parecer sobre sua mais recente obra literária:

⁵⁶ Diz, a respeito, Lúcia Miguel Pereira: “(...) sempre solícita, Carolina lhe substituía a vista, lendo para ele, escrevendo o que lhe ditava. Carolina, a criatura quase perfeita, que o fazia, desprezando a espécie humana, ter de amar os homens, foi quem o prendeu à vida, nessa hora de desespero, suavizando-lhe a convalescença penosa” (PEREIRA, 1936, p. 194).

Meu caro poeta e amigo. Escrevo-lhe por mão alheia, o que lhe provará que os meus olhos ainda me trazem separado do resto do mundo. Felizmente, a separação não é tal que me torne esquecido dos bons amigos, como você, e claramente o sinto agora, ao receber a sua tese. **Adivinho o que ela vale, já porque conheço o mérito do autor, já pela notícia que me leram hoje em um dos jornais.** Ouvi-la-ei ler pelos olhos de minha mulher. Se o tempo mo permitir irei amanhã assistir à defesa da sua tese, visto que o médico já me consente sair um pouco, com a condição de evitar umidade e sol. Minha mulher retribui os cumprimentos de sua Excelentíssima Senhora, a quem peço apresente os meus respeitos. (ASSIS, 2009, p. 160-161, grifos nossos).

Machado dá seguimento ao fluxo epistolar com Dória enviando-lhe mais uma carta no dia seguinte, 18 de novembro de 1878, data na qual se daria a defesa da tese. Como já era esperado, escreve novamente pelas mãos da esposa, justificando e lamentando a ausência no evento. Contudo, não deixa de compartilhar com o amigo sua opinião sobre o trabalho, tecendo-lhe elogios:

Meu caro Franklin Dória. Quando lhe escrevi ontem contava com a visita do Hilário, que de dois em dois dias vem fazer-me uma injeção subcutânea de estriquina. O Hilário, porém, não veio ontem por ter de praticar uma operação, no Engenho Novo, e força-me esperá-lo hoje. Privei-me assim do prazer de ir ouvir ler o seu belo trabalho, e apresso-me a enviar-lhe cordiais felicitações. Achei-o excelente, já na doutrina, já no estilo e na linguagem, tão sóbria e tão pura. A preeminência da poesia entre as artes está demonstrada, não só em argumentos de pensador, mas também com a persuasão de poeta e verdadeiro sentimento de estética. Aliás, todo o opúsculo revela que há o poeta no professor, além do homem erudito, e da verdadeira erudição, que é recôndita, no dizer de um nosso clássico. Digo-lhe isto às pressas, aguardando a ocasião de ir lho dizer de viva voz. (ASSIS, 2009, p. 161-162)

Os meses finais de 1878 parecem não ter sido fáceis para o escritor. Segundo Sílvia Eleutério, “Em outubro de 1878 Machado de Assis adoece gravemente, enchendo-se de suspeitas atrozes” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2009, p. 158, nota 1). Em carta enviada a Carlos Leopoldo de Almeida, companheiro de trabalho no Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Machado escreve “com receio e melancolia”. A referida carta, infelizmente, apresenta-se apenas em um pequeníssimo trecho, por meio do qual conseguimos vislumbrar com maior nitidez o olhar de Machado sobre ele mesmo, voltando-se para seu corpo doente: “(...) Vou caminhando para uma tísica mesentérica.” (ASSIS, 2009, p. 158).

É, então, a partir dessas cartas que observamos, no Tomo II, o gérmen de um dos componentes viscerais da correspondência machadiana futura: a autorrepresentação por meio da doença. Não há dúvida de que noticiar sobre o estado de saúde é um tema corriqueiro no universo das cartas. Contudo, percebe-se que, ao longo da escrita epistolar de Machado de Assis, principalmente a partir de 1890, o que era apenas pontual passará a adquirir uma dimensão mais ampla, contemplando uma “descrição detalhada das sensações corpóreas, das

impressões de mal-estar, das diversas perturbações experimentadas” (RIBAS, 2008, p. 80), resultando numa “encenação epistolar da decrepitude” (MORAES, 2011, p. 110): “A escrita de si torna-se a expressão da doença (‘achagues’) e dos remédios para o corpo; da solidão (‘tédios’) e dos remédios para a alma, como a ‘Oração sobre a Acrópole’, de Renan, e ‘um livro de Schopenhauer’ (...)” (MORAES, 2011, p. 110).

Sobre esse tema, Lúcia Miguel Pereira destaca que “Sua saúde, sempre débil, passou por uma crise mais grave. Além dos incômodos nervosos, sofria então de uma afecção intestinal, (...)” (PEREIRA, 1936, p. 188). Na avaliação da estudiosa, a prática simultânea de diferentes ocupações reverberou diretamente no corpo do escritor, que não suportou o excesso de atividades:

Em 1878 deixou Machado de Assis todas as suas colaborações na imprensa. A *Semana Ilustrada* já terminara desde 1876 e a *Ilustração Brasileira* foi suspensa em 1878 por dificuldades financeiras de Henrique Fleiuss, que fizera um mau negócio com a revista, muito luxuosa para o público de então. Também o Garnier cessou a publicação do *Jornal das Famílias*. No *Cruzeiro* ele ainda escreveu até setembro de 1878, (...). Tivera um ano muito trabalhoso, pois, além dos múltiplos encargos literários e das ocupações na Secretaria, fazia parte da Comissão de Reforma da Legislação das Terras, cujos trabalhos terminarão pela publicação, em 1886, de um volume intitulado “Terras, compilação para estudo da Secretaria de Agricultura”, parece que inteiramente redigido por Machado de Assis. (PEREIRA, 1936, p. 187).

A doença o obrigou a interromper seus trabalhos na Secretaria, mas o que seriam apenas alguns dias de descanso em casa, a fim de reestabelecer a saúde, converteu-se em uma licença de três meses. Em dezembro de 1878, Machado solicita oficialmente o afastamento do trabalho na Secretaria de Agricultura, e parte, junto a Carolina, em direção a Nova Friburgo, cidade eleita pelo casal Assis como refúgio para descanso, ficando hospedados no Hotel Leuenroth. Era a primeira vez que Machado efetivamente gozaria de férias: “Sua vida se desenrolara toda sob o signo do trabalho, da obrigação a cumprir, da hora marcada. Agora, mau grado seu, ia descansar” (PEREIRA, 1936, p. 188).

É dentro desse contexto da viagem que se insere a carta enviada a Machado por Joaquim Arsênio Cintra da Silva. Natural do Recife, esse correspondente de Machado atuou em diferentes áreas, como cônsul-geral da Bolívia, Paraguai e Venezuela, no comércio, e também na área industrial. Durante a temporada forçada em Nova Friburgo, a cadelinha de raça tenerife Graziela, companheira fiel e amada do casal Assis, foge de casa. A carta a seguir

foi enviada em resposta ao telegrama de Machado, de 27/02/1878⁵⁷, no qual este pedia a ajuda do vizinho e amigo da família para tentar localizar o animal de estimação.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1879. Ilustríssimo Amigo Senhor Machado de Assis. Só hoje recebi seu telegrama de ontem, e como só à noite é que poderei falar com a Clara, para não se perder mais um dia, acabo de mandar anúncios para o *Jornal* e a *Gazeta* publicarem amanhã. (...) Anunciei para ser entregue em casa do Lima, para prevenir no caso de que eu esteja fora; logo que for ao Largo do Machado darei a Dona Mariquinhas os cem mil-réis, para se ali levarem Graziela, e for reconhecida pela Clara, a quem também vou prevenir, dar de gratificação como me ordena no seu telegrama. Não é preciso recorrer a pessoa alguma para estas pequenas despesas. **Muito desejo que Dona Carolina esteja completamente restabelecida, e que o Senhor continue a passar bem e fortalecer-se.** (...) (ARSÊNIO apud ASSIS, 2009, p. 163, grifos nossos).

Como podemos ver, essa correspondência aponta não só para a enfermidade de Machado de Assis, mas indica de igual forma certa fragilidade na saúde de Carolina, que também se encontrava adoentada. A viagem para Nova Friburgo resultaria, então, num duplo período de convalescença, unindo o casal no amor e na dor, na saúde e na doença: “Meses de meditação, de retiro, de sofrimento, mas também de doce intimidade de alma com Carolina, de descanso do corpo, de preparação para a grande fase da sua carreira” (PEREIRA, 1936, p. 195).

Podemos perceber, quanto aos limites da autorrepresentação, que Machado de Assis mantém a discrição no compartilhamento de assuntos relativos à intimidade, o que torna este traço um aspecto comum aos dois tomos analisados. Entretanto, a partir das cartas de 1870, é possível encontrar rastros de um Machado de Assis que figura a si mesmo, ainda que de forma sutil. As breves indicações que faz, nas cartas desse período, sobre suas enfermidades e sobre os padecimentos de seu corpo doente mostram o início da já mencionada “encenação epistolar da decrepitude” (MORAES, 2011, p. 110), que se acentuará a partir dos anos de 1890, nos quais ganhará relevo a doença, com a descrição dos sintomas, bem como de seus desdobramentos em outros males, tornando a enfermidade mais presente que a cura (RIBAS, 2008, p. 81).

3.2 A carta como testemunha do tempo: a política do país

⁵⁷ “Do telegrama, só há referência em Magalhães Júnior (2008)”. (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2009, p. 163, nota 1).

Além de nos permitir esboçar alguns traços da autorrepresentação machadiana, a análise do epistolário legitima o teor documental das cartas, no âmbito dos aspectos do cotidiano da cidade e do país. Tal valor documental, como dissemos, se desdobra em dois outros veios: o que considera os principais assuntos abordados por Machado e seus correspondentes, enquanto escritores; e o que toma a carta como testemunha da obra, evidenciando o memorialismo literário do escritor. E, como destacamos anteriormente, o valor documental das cartas, no Tomo II, também se mostra nas correspondências cujo assunto é a carreira de Machado de Assis como funcionário público.

É preciso considerar, antes de seguirmos com nossa análise, que a compilação das missivas do decênio de 1870 abrange cartas de um período em que Machado de Assis já ocupava uma posição de importância como escritor e, conseqüentemente, na sociedade. Naquele decênio, ele é um exímio jornalista e um poeta reconhecido, um romancista em ascensão e um crítico respeitado, além de ocupar um cargo de confiança no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Dessa forma, as correspondências presentes no Tomo II tratam de temas relativos à época, como também registram a atuação de Machado de Assis como burocrata e como homem das letras.

Deste modo, encontramos, na troca epistolar do Tomo II, comentários sobre a política no Brasil e em Portugal – principalmente nas cartas enviadas por Miguel de Novais –, além de assuntos relativos à carreira de Machado de Assis como funcionário público. De igual forma, são mencionadas as atividades de Machado como crítico literário e jornalista, as quais demonstram a forte influência machadiana no âmbito literário e artístico, assumindo o escritor, muitas vezes, a posição de mestre e aconselhador. Assim, as cartas reunidas no Tomo II vão desenhando, tal qual as do tomo anterior, a vida literária do período, na qual ganha destaque a atuação de Machado de Assis como crítico literário, com o artigo “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade”, entre outros; e como romancista e contista, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de *Papeis avulsos*.

Sobre os comentários relacionados à política, vemos que o cunhado Miguel de Novais é o correspondente que mais traz essa temática para o “diálogo” com Machado de Assis. Em carta de 21 de maio de 1882, Novais responde e atesta o recebimento da correspondência enviada por Machado em março do mesmo ano – documento infelizmente não encontrado –, durante a estadia do casal em Petrópolis⁵⁸, para um novo período de descanso, “(...) a fim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinário” (ASSIS, 2009, p. 214) que

⁵⁸ “Esta carta desfez o equívoco dos biógrafos que confundiam esta viagem a Petrópolis com a ida a Friburgo em 1879” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2009, p. 222, nota 1).

desempenhou nos anos de 1880 e 1881. Naquela carta, além de informar sobre questões corriqueiras, como a instalação da família Novais em Portugal, Miguel trata da economia e da política lusitana, expressando diretamente suas opiniões:

Notícias que o interessam não tenho a dar-lhe. Não me ocupo de política e cada vez a aborreço mais. Os negócios públicos correm cada vez pior – gasta-se dinheiro sem contar peso nem medida e quando o tesouro está esgotado, ou se pede emprestado, ou se lançam novos impostos (...). E note que está à testa dos Negócios da [F]azenda – o nosso primeiro estadista! quando o primeiro é desta força [,] imagine que tais serão os outros! Nas câmaras passa-se o tempo em palavreado, acompanhado da sua descompostura [;] de vez em quando, deixa de haver sessão [,] muitas vezes por falta de número e assim que chega o prazo marcado para se fecharem, prorrogam-se por mais algumas semanas, porque faltou o tempo para votar as mais urgentes medidas – assim é que já se fala em terceira prorrogação. É também um meio de tornar mais rendoso o ofício de deputado. (NOVAIS apud ASSIS, 2009, p. 220-221).

Miguel de Novais estaria respondendo a questionamentos feitos pelo cunhado em carta anterior, tendo em vista que afirma não ter notícias que interessem a Machado e que tampouco se ocupa de política? Como é da práxis epistolar, observamos que Novais compõe sua missiva referindo-se aos principais pontos abordados por Machado em sua carta anterior, o que nos permite ter uma ideia do que teria efetivamente escrito o autor de *Brás Cubas* ao irmão de Carolina. Assim, considerando a forma como Novais elabora sua carta-resposta, podemos, com cautela, cogitar que sim: Machado teria, de alguma forma, buscado mais informações sobre a política portuguesa, pretendendo, talvez, ficar a par de alguns dos acontecimentos que movimentavam o cenário europeu naquele ano. Se perguntou sobre política, certamente foi de maneira indireta, cautelosa ou genérica, tendo em vista que “a polêmica é matéria da qual Machado tem aversão” (RIBAS, 2008, p. 105).

E é por meio da correspondência com Miguel de Novais que observamos, surpresos, dois indícios mais evidentes de que, sim, em maior ou menor proporção, Machado de Assis tratou de política em sua correspondência privada. É o que podemos constatar em duas cartas enviadas a Machado por Miguel de Novais. Na primeira delas, com data de 2 de novembro 1882, logo no encabeçamento, vemos a menção a comentários sobre a política brasileira, que teriam sido feitos por Machado, em carta anterior enviada ao cunhado⁵⁹:

Amigo Machado de Assis. É tempo de responder à sua carta de 9 de Setembro. Li com interesse a parte que se refere à política brasileira e creio bem na semelhança que encontra na política dos dois países-irmãos [;] como é costume dizer, penso porém que a patifaria por cá é maior ainda. Agora estão as câmaras fechadas, não há

⁵⁹ Carta não localizada.

questão nenhuma importante a resolver-se e o futuro ano parlamentar será apenas de cavaco entre amigos. (NOVAIS apud ASSIS, 2009, p. 233-234).

A segunda carta, enviada por Novais em 6 de agosto de 1888, indicia um Machado disposto a comentar, na correspondência pessoal, acontecimentos políticos e sociais brasileiros, expondo os próprios receios. Nesse documento inédito, a desenvoltura da resposta de Novais é notável, conforme destacamos no trecho abaixo:

Amigo Machado de Assis. Estou de posse da sua carta de 20 de junho a que respondo, principiando por agradecer-lhe os cumprimentos por ter chegado aos 59 anos. É muito, mas por ora estou com disposições de viver outro tanto, o que não quer dizer que tenho a certeza de chegar aos 60. Vamos andando até ver no que isto dá. **Ocupa-se principalmente na sua carta da questão da abolição da escravatura, da popularidade que a Princesa adquiriu com esse fato, do futuro do Brasil, e dos seus receios, e da propagação da ideia republicana.** Estou ao fato de tudo o que aí se passou, pelos jornais que me foram remetidos pelo Rodrigo; e ao contrário do que pensa muita gente, abstraindo mesmo dos diretamente interessados em que as coisas se conservassem no estado em que estavam, acho que foi um grande passo no caminho do progresso e parece-me que se fez como se devia fazer. (NOVAIS apud ASSIS, 2009, p. 337-338, grifos nossos).

Falar de política era algo que o escritor, sem dúvida, fazia com reservas, se considerarmos seu perfil marcado pela prática da diplomacia e pela tentativa de sempre se resguardar, evitando comentários que pudessem comprometer o seu projeto de ascensão e reconhecimento no âmbito literário e social. É notório, ao longo da análise de sua produção epistolar, que Machado de Assis mantém um rigoroso cuidado com relação ao que compartilhará ou não em suas cartas, atitude que pode ter contribuído para a construção da imagem exageradamente reservada atribuída ao autor. Sandra de Brito Bezerra Zimbrão, em sua tese de doutorado, procura justificar essa característica da escrita epistolar machadiana afirmando que:

O líder em que se tornara Machado deveria ter livre trânsito em todas as áreas; posicionar-se de forma explícita poderia comprometer sua atuação como escritor e jornalista, mas, principalmente, a liderança que exercia sobre os demais literatos. (...) Nesta atmosfera, a regra era evitar o debate político, que só deveria aparecer sob forma literária (...). (ZIMBRÃO, 2016, p. 209)

Um fator essencial para a compreensão da produção epistolar machadiana, ou seja, da sua correspondência ativa, é o reconhecimento da discrição de sua escrita epistolar. A omissão proposital por parte de Machado de Assis relacionada a alguns temas também pode gerar sentidos, permitindo-nos depreender mais informações a respeito do autor por meio dos seus silêncios. Em uma análise mais atenta a respeito de alguns assuntos, como a política e as

questões relativas à intimidade, por exemplo, é possível perceber que, na verdade, não houve lapsos ou “absenteísmos”, como sugerem alguns pesquisadores, “(...) estigma alimentado mais pelo preconceito do que pelo conhecimento efetivo desses textos” (RIBAS, 2008, p. 42). Na verdade, tudo estava escrito, ainda que discretamente, compondo uma cadeia interpretativa que se consolidava nas reticências e que produzia as ressonâncias necessárias ao jogo retórico-discursivo planejado por Machado em seu projeto de escrita epistolar, norteados pela afabilidade e pela elegância da linguagem.

A tão mencionada discrição e contenção nos gestos, por parte de Machado de Assis, estaria, neste sentido, diretamente ligada a uma possível necessidade de se fazer aceito socialmente, em particular no início de sua carreira, conforme abordamos no capítulo anterior, e, também mais tarde, a partir de 1870, quando já ocupa lugar de destaque e reconhecimento como escritor. Dessa forma, o exercício constante da diplomacia e da contenção quanto a temas polêmicos representava “uma aceitável e compreensível exigência, própria da posição que Machado ocupava no meio político, e cultural brasileiro” (ZIMBRÃO, 2016, p. 208).

3.3 O burocrata Machado de Assis: a atuação como funcionário público

Outro tema presente no epistolário machadiano que ilustra o aspecto documental das cartas, em um âmbito simultaneamente pessoal e de interesse geral, são as informações acerca de sua carreira como funcionário público. Machado de Assis ingressou no *Diário Oficial* em abril de 1867, como ajudante do diretor de publicação, deixando, então, o *Diário do Rio de Janeiro*. Naquele momento, Machado ainda atuava no jornalismo, conciliando o trabalho oficial com a atividade periodista, “colaborando em várias publicações sem filiação partidária declarada” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2005, p. 239). Mas será apenas em 1872, ano em que já desfruta de reconhecimento no cenário das letras, que conseguirá ocupar uma posição de certo prestígio no funcionalismo público, quando é nomeado, aos 33 anos de idade, para o cargo de primeiro oficial, ou de amanuense, do Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, sob a liderança do ministro José Fernandes da Costa Pereira Júnior. Durante algum tempo, Machado manteve as duas atuações, iniciando sua jornada laboral diária primeiramente no Ministério e, na sequência, no *Diário Oficial*, “onde o expediente se prolongava noite adentro” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2005, p. 239). Se o novo cargo lhe resultou em um

aumento na demanda de trabalho, conforme já indicamos na abordagem dos contornos da intimidade, a dupla jornada possibilitou a Machado de Assis, sem dúvida, uma vida mais segura e tranquila do ponto de vista financeiro.

Entrando para a Secretaria da Agricultura, Machado de Assis como que se estabilizou. Terminara a subida violenta, o rápido movimento de baixo para cima que esse tímido soube imprimir à existência. Daí em diante, a ascensão vai continuar, mas num ritmo lento e seguro. As posições principais estavam tomadas; já era um funcionário de boa classe, já era um romancista. Aos trinta e quatro anos, chegara a um planalto, conquistara um nível de vida modesto mas digno. Estabeleceu-se, socialmente e intelectualmente. (...) Assim na literatura, assim na Secretaria, onde se revelou logo funcionário exemplar e de tal modo se distinguiu, que, ainda não decorridos inteiramente três anos da sua entrada, já seria, por decreto da Princesa Imperial, datado de 7 de dezembro de 1876, promovido a chefe de seção, com 5:400\$000 anuais, quase os vencimentos dos desembargadores, que, nos últimos anos do Império, recebiam 6:000\$000. (...) Agora era o “Seu” Machado, homem de maneiras finas, recebido em casa, familiarmente, para os serões íntimos, para jogar o gamão, para conversar com as senhoras. (PEREIRA, 1936, p. 159-161)

Sobre a vida de burocrata consta, na compilação do Tomo II, um total de 17 cartas, sendo em maior número as missivas recebidas, contra apenas uma enviada por Machado de Assis. Observa-se que há uma movimentação considerável quanto a demandas do gabinete, como é possível constatar nas cartas enviadas por Buarque de Macedo e Pedro Luís Pereira de Sousa. Além do compartilhamento de rotinas da pasta, há, em uma correspondência enviada por Francisco Otaviano, um pedido de auxílio, a fim de que Machado, ocupante de alto cargo dentro do Ministério, pudesse encaminhar o jovem Vicente Batista, ajudando-o a ingressar no ambiente da engenharia oficial. Vale dizer que a posição que Machado de Assis exercia como oficial de gabinete lhe rendeu prestígio e estabilidade, mas também críticas e acusações de favorecimento, conforme veremos na troca epistolar com João Brígido.

Natural do Recife, Manuel Buarque de Macedo foi deputado por Pernambuco e ocupou vários cargos públicos, mas, a partir de 1873, assumiu o posto de chefe da Diretoria de Obras Públicas, do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Machado de Assis o conheceu quando estava encarregado da inspeção das estradas de ferro, sendo posteriormente subordinado a Macedo no Ministério. A correspondência enviada por Macedo a Machado tratará, prioritariamente, de questões relativas ao Ministério. É o caso da breve carta enviada em 20 de novembro de 1875, na qual Macedo solicita agilidade no serviço, tendo em vista a necessidade de publicar brevemente um parecer: “Aí vão as provas corretas. Estimaria ver uma segunda prova. Veja se aquela gente adianta, pois que é urgente publicar o parecer, que estou cheio de trabalhos (...)” (MACEDO apud ASSIS, 2009, p. 108).

Macedo encontrava-se em meio a grandes responsabilidades laborais naquele ano. O Ministério a que estava subordinado, especialmente a diretoria de que era titular, desenvolvia o projeto da malha ferroviária brasileira, o que justifica sua declaração quanto ao volume de trabalho. Na referida carta, podemos constatar a grande responsabilidade conferida ao burocrata Machado de Assis, considerando o significado do termo *parecer*, que, na administração pública, designa o julgamento técnico provocado por uma consulta sobre determinada questão ou ponto controverso, com a finalidade de auxiliar ou definir a decisão a ser tomada. Neste caso, Buarque solicitou a seu subordinado a publicação de ato decisório no *Diário Oficial do Império*, onde, aliás, Machado começou a sua vida burocrática. Caberia, então, ao exímio funcionário público e homem das letras dinamizar e cobrar o trabalho de análise que, pelo que se depreende da referida correspondência, estaria nas mãos de terceiros, além de aprovar e publicar o parecer a pedido do próprio Ministro.

Outras duas correspondências enviadas por Buarque de Macedo ilustram um pouco mais a rotina de Machado de Assis quanto a suas atribuições como oficial de gabinete no Ministério. A primeira delas é um bilhete de 29 de abril de 1879, em que Macedo solicita, a pedido do Ministro da Fazenda Afonso Celso, que fosse enviado para a Câmara o decreto que concedeu privilégio, ou, como dizemos hoje, “licitação”, para que a empresa *Coffee Planters Machinery Cy. London* fornecesse máquinas para uso nas plantações de café:

Amigo Doutor Machado de Assis, O Ministro Afonso pede para que seja remetido para a Câmara o Decreto que concedeu privilégio de introdução da *Coffee Planters Machinery Cy. London*. – Veja se aí providenciam. Quando está terminado ou quando expira o contrato do Passeio Público [?] Amigo e colega Buarque Macedo. (MACEDO apud ASSIS, 2009, p. 164)

Além desse dado importante, que remonta ao período da grande atividade cafeeira no Brasil, podemos observar também, na correspondência acima, a menção ao Passeio Público, local de grande valor histórico e que é mantido até os dias atuais. Localizado entre a Lapa e a Cinelândia, o Passeio Público do Rio de Janeiro foi o primeiro parque ajardinado do Brasil, tendo sido concebido por um dos maiores artistas do período colonial brasileiro, o Mestre Valentim da Fonseca e Silva. Segundo Carlos Terra, professor de História da Arte e História dos Jardins, foi dada a incumbência a Valentim de criar um “jardim de prazer, isto é, um jardim público para servir à população da cidade” (TERRA, 2000, p. 42). A construção do espaço teve início em 1783, e, após sua inauguração, o lugar se converteu num grande ponto de encontro da população carioca nos séculos XVIII e XIX. Em seu interior podia-se contemplar, além de variadas espécies da flora nacional, obras de arte confeccionadas por

Mestre Valentim, como chafarizes, esculturas e pirâmides. Na carta de Macedo, vemos que cabia então ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, no âmbito da Inspetoria Geral de Obras, a fiscalização e manutenção do contrato relativo àquele espaço. Segundo Sílvia Eleutério, em nota, Francisco José Fialho era o responsável pela conservação do Passeio Público, por meio de um contrato firmado com o referido ministério.

A segunda correspondência é um telegrama enviado de Barra do Piráí, com data de 27 de junho de 1880, no qual Macedo solicita a Machado que lavre e mande ao imperador o decreto de exoneração de Luís Plínio de Oliveira e a nomeação do substituto, o coronel João Wilkens de Matos, mais tarde barão de Maruiá. Além dessa referência a mais um ato burocrático rotineiro na carreira de Machado de Assis como funcionário público, nos pareceu interessante mencionar, assim como fizemos no documento anterior, a referência a um dado histórico importante, considerando que a carta, em seu aspecto documental, assume o papel de testemunha do seu tempo. Neste âmbito, importa ressaltar que, na indicação do endereço do remetente, vemos escrito “Estrada de Ferro D. Pedro II”, que foi a primeira linha férrea construída no Brasil, uma obra que seguiu os moldes ingleses e usou da tecnologia mais avançada na época para vencer a serra do Mar, por uma série de treze túneis. Após 1889, a estrada mudou de nome e passou a ser chamada de “Estrada de Ferro Central do Brasil”, tornando-se a espinha dorsal de todo o sistema ferroviário brasileiro que conhecemos. O primeiro trecho, entregue em 1858, partia da estação Dom Pedro II, indo até Belém (hoje, Japeri), e daí subindo a serra das Araras, alcançando Barra do Piráí em 1864, de onde a linha seguiria para Minas Gerais, chegando a Juiz de Fora, em 1875. A intenção era atingir o rio São Francisco e dali partir para Belém do Pará. Mas o processo de implementação da linha férrea não parece ter sido fácil, conforme sinaliza a estudiosa Simone Narciso Lessa em seu artigo “Trem de ferro: o mito da modernidade no sertão” (1993):

Mesmo após terem sido construídos os primeiros trechos das linhas ferroviárias, a incredulidade com relação a seus benefícios acirrava o debate quanto à sua necessidade. Esse debate era reforçado ainda mais pela concorrência criada pela ferrovia com “os antigos meios de transporte”, as tropas e diligências. As vantagens econômicas não eram significativas, nesse primeiro momento, e as resistências às mudanças se acirravam. A ferrovia se mostrava perigosa, cara e descuidada. (LESSA, 1993, p. 90).

Sobre esse assunto, há também referências na obra ficcional de Machado de Assis, o que demonstra sua receptividade em relação ao novo, pois indica que, como um intelectual do final do século XIX, via a necessidade de mostrar ao país as faces do cosmopolitismo, para

que o Brasil se inserisse nos novos tempos. Por exemplo, no conto “Evolução”, de 1884, o narrador machadiano procura construir uma argumentação favorável quanto às ferrovias, sugerindo ao leitor que “O Brasil está engatinhando; só andarás com estradas de ferro” (ASSIS, 2007, p. 315). Ou seja, a ferrovia seria o caminho mais curto para o futuro.

Encerrando o fluxo epistolar entre Machado de Assis e Buarque de Macedo, cabe, agora, comentarmos a carta escrita por este último, datada de 12 de novembro de 1875. Iniciando com uma *salutatio* formal, marcada pelo uso do termo “Ilustríssimo”, Macedo escreve ao amigo com reverência. Ao contrário das demais missivas analisadas anteriormente, todas enviadas por Macedo, esta é a única em que a tarefa atribuída a Machado não é de teor burocrático:

Ilustríssimo (...) Senhor Machado de Assis. Pela nota junta verá que dois cavalheiros oferecem-se para subscrever em favor da família do finado Doutor Brasil. Aceitei com gratidão, pois que é um ato generoso de que é muito merecedora aquela infeliz família. Vossa Senhoria providenciará para o recebimento, se não houver inconveniente. Amigo colega obrigado Buarque Macedo. (MACEDO apud ASSIS, 2009, p. 107)

Macedo informa a Machado de Assis a existência de uma subscrição em favor da família do finado “Doutor Brasil”, a saber, Joaquim Pinto Brasil, que estava lotado na Diretoria Central da Secretaria de Estado do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, como chefe da 1.^a seção e substituto eventual do diretor. Buarque de Macedo aceita a ideia de ajudar a família do finado e imputa a Machado a incumbência de providenciar o recebimento dos valores e, certamente, o repasse a quem de direito.

Sílvia Eleutério, em nota, esclarece que “subscrição era um documento em que um grupo de pessoas reunia certa quantia em favor de uma ação assistencial, fosse em socorro a um artista, a um asilo, a uma obra pia ou a uma família enlutada” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2009, p. 108, nota 2). A ocorrência desse termo na correspondência transcrita acima demonstra que o âmbito assistencial no Brasil reproduziu as formas da filantropia portuguesa, baseada no exercício da caridade cristã, com vistas à salvação eterna. As subscrições foram uma prática usual a partir da segunda metade do século XIX, em que diferentes profissionais corriam listas para socorrer, principalmente, familiares que sofreram perdas de forma inesperada ou cujo chefe não tivesse tido tempo de ser previdente, a fim de resguardar, financeiramente, os seus. Registre-se que, em 1881, a morte súbita de Buarque de Macedo em São João Del Rei provocou grande comoção, e a sua memória foi homenageada por meio de

uma vultosa subscrição corrida entre industriais, comerciantes, jornalistas, engenheiros e o povo em geral, pela qual se adquiriu um prédio no Flamengo, que foi doado à família.

Outro correspondente que, por meio de suas cartas, nos permite vislumbrar reverberações da escrita e Machado de Assis como funcionário público é Pedro Luís Pereira de Sousa. Tendo cursado Direito em São Paulo, Pedro Luís foi ministro dos Negócios Estrangeiros em 1880, e, após a morte de Buarque de Macedo, também assumiu, interinamente, o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Machado e Pedro Luís se conheceram bem antes, quando ambos, como jornalistas, fizeram a cobertura do Senado, este para o *Correio Mercantil* e aquele para o *Diário do Rio de Janeiro*. A partir de 1881 começam a trabalhar juntos no ministério interino, conforme veremos por meio das cartas do presente volume. A correspondência remetida por Pedro Luís a Machado de Assis atesta a confiança que o atual ministro depositava no funcionário, além de demonstrar o zelo com que esses dois burocratas e literatos desempenhavam suas funções.

Encontramos no Tomo II um total de 12 documentos, entre cartas e bilhetes, enviados por Pedro Luís a Machado. Infelizmente, não consta no volume nenhuma correspondência de Machado de Assis em resposta ao novo chefe da pasta. Nas primeiras correspondências remetidas, o ministro interino solicita encontros urgentes com Machado de Assis, a fim de tratarem de assuntos relativos ao Ministério, tendo em vista o acúmulo de funções desempenhadas por Pedro Luís. Muitos desses encontros se deram na própria residência do amigo e agora chefe: “Logo que receberes esta vem ter comigo aqui em nossa casa (...)” (PEDRO LUÍS apud ASSIS, 2009, p. 199). Durante o período em que o ministro interino se revezou em duas pastas, Machado, na função de seu oficial de gabinete, deu audiência algumas vezes em seu lugar, repassando-lhe posteriormente as informações, conforme sinaliza Magalhães Júnior:

Assoberbado com o trabalho de duas pastas – a segunda ainda mais trabalhosa que a primeira –, Pedro Luís Pereira de Sousa confiou a Machado de Assis grande parte de suas tarefas na última. Durante os meses que se seguiram, Machado de Assis foi praticamente um vice-ministro. Era quem recebia, em nome do ministro, as pessoas brasileiras e estrangeiras que tinham interesse a tratar no seu Ministério. Quando o senador José Antônio Saraiva passou a ocupar a pasta, em caráter efetivo, Machado retornou a seu posto de chefe de seção. (MAGALHÃES JÚNIOR, 2005, p. 244).

A atribuição a Machado de Assis de uma demanda que lhe era exclusiva demonstra a grande confiança que Pedro Luís depositava no amigo, e agora funcionário. No bilhete

reproduzido a seguir, identificamos uma referência direta à atuação de Machado de Assis à frente da pasta da Agricultura, a pedido de seu superior:

DO CONSELHEIRO PEDRO LUÍS PEREIRA DE SOUSA [Rio de Janeiro, 1.º de setembro – 3 de novembro de 1881.] Machado de Assis, O Caetano que venha ter comigo. **Ouve as pessoas que me procurarem.** [À]s duas mandarei uma pasta. Espero-te logo. Teu Pedro Luís. (PEDRO LUÍS apud ASSIS, 2009, p. 209, grifos nossos)

Outra correspondência que aponta não só para a confiança no trabalho do estimado oficial de gabinete, bem como para a excelência de seu exercício como funcionário público, é a carta enviada a Machado em 7 de setembro de 1881. Nela, podemos ver Machado de Assis substituindo integralmente o ministro interino, ausente por poucos dias devido a assuntos particulares, validando o que afirmou Magalhães Júnior ao declarar que, durante esse período em que Machado esteve subordinado a Pedro Luís, acabou atuando, em grande parte, como um “vice-ministro”:

GABINETE DO MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS (Reservado) [Rio de Janeiro,] 7 de setembro de 1881. Assis, Vou amanhã assistir a um casamento no município de Pirai e estarei de volta depois de amanhã à tarde. A respeito do meu não comparecimento sexta-feira diz apenas que não irei à Secretaria. Se houver alguma grossa novidade (*quod Deus avertat*) não tens mais que telegrafar-me para a estação de Pinheiros. (Estrada de Ferro Pedro 2.º) Aí vão os papéis assinados [.] A minuta de circular aos Presidentes está boa: manda tirar várias, que eu assinarei depois. Desejo encontrar à minha volta em casa a pasta que aí ficou na Secretaria com diferentes papéis para estudo, entre outros, o da Estrada de ferro do Rio Grande. Teu amigo Pedro Luís. (PEDRO LUÍS apud ASSIS, 2009, p. 200).

Considerando o valor documental das cartas e observando mais detidamente os principais assuntos de interesse geral abordados, podemos identificar, na correspondência transcrita acima, mais duas referências a um tema em pauta na época: a expansão das ferrovias pelo Brasil⁶⁰. Na referida carta, encontramos a menção à Estrada de ferro do Rio Grande e à Estação Pinheiros, parecendo-nos interessante, neste momento, tecer, uma vez mais, uma contextualização histórica, revisitando um período de grande relevância para o contexto nacional.

A malha ferroviária da província de São Pedro do Rio Grande do Sul teve como base um traçado conscientemente executado, a fim de atender aos interesses econômicos e também

⁶⁰ “Ainda no ano de 1873 o relatório do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas mencionou a formação de três novas linhas que já teriam se beneficiado do disposto no Decreto n° 2.450: as estradas de ferro do Baturité, Conde D’Eu, e São Paulo e Rio de Janeiro (ou Estrada de Ferro Norte de São Paulo), além de outras em estudos. Já o Relatório de 1874 elencou nada menos do que 83 linhas em todo o país, dentre as em operação, em construção ou projetadas, além de 11 empresas de carris urbanos.” (FINGER, 2013, p. 69).

estratégico-militares da localidade, considerando-se que essa era uma região de fronteira. O seu desenho foi elaborado pelo engenheiro José Ewbank Câmara, que, em 1872, propôs a criação de um eixo centro-sul-norte, que seria concretizado pela construção das ferrovias Porto Alegre-Uruguaiana, Rio Grande-Bagé e Santa Maria da Boca do Monte-Passo Fundo. Certamente, Pedro Luís está se referindo, em sua carta, ao trecho Rio Grande-Bagé. Enquanto Pedro Luís desempenhou a função de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, é comum encontrarmos, nos despachos e ordens, via carta, ao funcionário Machado de Assis, outras referências a alguns desses trechos de ferrovia:

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS GABINETE Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1881. Meu caro Machado de Assis, Não irei hoje à Secretaria de Agricultura: tenho de ir à de Estrangeiros, tenho de ir ver o Ministro inglês e tenho conferência à noite! Aí vai uma pasta sofredelmente recheada e completamente despachada. Notas ao texto: (...) *Moreuil*. Não posso restituir a petição e cláusulas por ele apresentadas, porém sim cópias autênticas. Petição e cláusulas acham-se com os outros papéis na gaveta da mesa grande; o Caetano que copie as duas peças e tu confere-as com o próprio Moreuil. Não lhe deixes ver nenhum outro papel. Dize ao Moreuil que amanhã – definitivamente – desejo saber se ele aceita proposta que lhe fiz: Bagé a Cacequi com garantia de 6%. Se quiser, diga de uma vez. A outra linha a Uruguaiana, não lha posso dar, decididamente. (...) Vai saber do que há sobre a empreitada da Boca do Monte. (...). (PEDRO LUÍS apud ASSIS, 2009, p. 203-204)

Quanto à Estação Pinheiros, à qual o correspondente se refere na carta de 07/09/1881, vemos que em torno dela surgiu uma pequena vila que futuramente deu origem à cidade de Pinheiral. Aquela estação se situava no eixo ferroviário que ia da Corte a São Paulo, pelo vale do Paraíba, onde se localizavam prósperas fazendas de café. O ramal até Barra do Piraí foi inaugurado em 09/08/1864, e vale dizermos que essa ferrovia faz parte da biografia machadiana, sendo mencionada por ele em uma de suas crônicas, publicada em 26/09 do mesmo ano no *Diário do Rio*, constituindo um dos poucos testemunhos de uma viagem sua:

Antes tarde do que nunca. O folhetim demorou-se um dia porque, à hora em que devia preparar-se e enfeitar-se, para conversar com os leitores, corria pelo caminho de ferro em busca das águas do Paraíba. Nenhum homem de gosto, que tenha em apreço as maravilhas da natureza e os prodígios do braço humano, pôde deixar de ir ver, ao menos uma vez na vida, os trabalhos arrojados e os panoramas esplêndidos que lhe oferece uma viagem pela estrada de ferro de D. Pedro II. Direi mesmo que ali a natureza cede o passo ao homem, tão pasmosas são as dificuldades que a perseverança e a ciência conseguiram vencer. O futuro das estradas de ferro no Brasil está garantido e seguro. Quem venceu até hoje, vencerá o que falta. Um anel unia em consórcio o doge e o Adriático; o *wagon* consorciou já a civilização e o Paraíba. Esta união não pode deixar de ser fecunda. E a prole que vier deve ter como

brasão e como senha o nome do cidadão eminente que preside ao desenvolvimento de uma obra tão colossal. O folhetim aplaude os progressos sérios. (ASSIS, 1864)⁶¹

Como vimos, a posição no cargo de oficial de gabinete rendeu a Machado de Assis uma demanda de trabalho considerável, principalmente em 1881, após o falecimento de Buarque de Macedo, tendo em vista que o ministro interino Pedro Luís, sobrecarregado de igual forma, confiou a Machado as principais – ou quase todas – atribuições da pasta. Ocupar um alto cargo dentro do funcionalismo público lhe conferira também a possibilidade de abrir portas aos mais jovens aspirantes à carreira burocrática. É o que identificamos na correspondência enviada a Machado por Francisco Otaviano.

Francisco Otaviano de Almeida Rosa era carioca, e, assim como muitos jovens da sua época, formou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, tornando-se, anos mais tarde, figura notavelmente respeitada na vida pública do Império. Atuou em diferentes áreas: foi jornalista, poeta, cronista, deputado, senador e redator-chefe do *Correio Mercantil*, onde conheceu Machado de Assis em 1858, quando este ingressou no jornal como revisor, o que deu início a uma grande amizade. Francisco Otaviano solicita, então, a Machado uma ajuda específica, em favor do jovem engenheiro Vicente Batista, portador da missiva enviada em 22 de maio de 1881, reproduzida parcialmente a seguir:

Meu caro Machado de Assis. O secretário de um ministro, sendo discreto como és, não pode tomar a si o dispensar proteções aos dependentes do favor ministerial. Já vês que não te arrastaria, abusando de tua delicadeza para comigo, a sair dos limites que a mim mesmo eu me traçaria na tua posição. Mas podes, como colega dos outros chefes dessa confederação, facilitar o ingresso do portador, o Senhor Vicente Batista, nas regiões inacessíveis da engenharia oficial. Ele só pede trabalho em que se exercite no que aprendeu, e modestamente quer o mais humilde degrau dessa engenharia. Por exemplo, creio que o Firmo pede condutores para a estrada do Rio Grande; talvez lhe convenha o moço que te apresento, que tem a vantagem sobre outros de querer aprender sem basófia de sua ciência técnica. Enfim, nas tuas mãos entrego-o, certo de que farás o possível para o encaminhar tanto quanto estiver nas tuas forças e sem perturbação de teus deveres. Teu amigo F. Otaviano. (OTAVIANO apud ASSIS, 2009, p. 191-192)

Reconhecendo a importância do posto que Machado de Assis ocupava no Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, além, possivelmente, de sua qualidade exemplar no exercício de sua função, Francisco Otaviano vê no amigo de longa data o perfeito protetor para o jovem Vicente Batista. Infelizmente, não consta no Tomo II a resposta de Machado para a solicitação. Entretanto, segundo Irene Moutinho, em nota, há, logo abaixo do *Post*

⁶¹ Trecho extraído da versão digital disponível em <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=8333> (acesso em 25/06/2023).

Scriptum, uma anotação a lápis, certamente feita por Machado de Assis, com o nome de “Major Nuno de Figueiredo” (ASSIS, 2009, p. 192), o que sugere ser este, talvez, o nome de quem poderia cuidar do pedido feito por Francisco Otaviano.

A posição de Machado de Assis como oficial de gabinete, trabalhando diretamente com o ministro, rendeu ao escritor visibilidade e prestígio social, além de maior tranquilidade financeira, sem dúvida. Entretanto, a vida de burocrata não era fácil, considerando a alta demanda de trabalho, com vários despachos e estudos técnicos sendo feitos diariamente, à medida que as ferrovias iam sendo implementadas no território brasileiro, assim como a grande responsabilidade ao assinar cada documento. Em 1889, ano em que alcançou o último degrau no funcionalismo público, sendo nomeado para o cargo de diretor da Diretoria de Comércio, Machado de Assis se viu numa situação embaraçosa, sendo acusado de usar seu cargo para favorecimento de terceiros, o que colocou em xeque a sua imagem de ilibado funcionário público.

Quem levantou dúvidas contra a integridade de Machado de Assis foi João Brígido dos Santos, advogado e jornalista muito combativo, para não dizer panfletário, especializando-se em destruir reputações alheias, fazendo do autor de *Dom Casmurro* uma de suas vítimas. O problema se deu porque, na qualidade de chefe de seção do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Machado de Assis se pronunciou a favor da pretensão de Joaquim da Cunha Freire, barão de Ibiapaba, de obter uma concessão para a exploração de minas de cobre descobertas num município cearense. Acontece que havia outro pretendente, Antônio Rodrigues Carneiro, cliente de João Brígido. Em carta enviada em 01 de junho de 1889, Brígido acusa implicitamente Machado de Assis de ter recebido suborno para prejudicar seu cliente, e aponta, entre as provas da irregularidade, uma mudança de assinatura nas certidões emitidas, conforme afirma nos trechos destacados a seguir:

Na questão que Vossa Excelência conhecerá das minas de Viçosa, defendi o direito do Senhor Antônio Rodrigues Carneiro contra poderoso de então, tendo encontrado sempre os mais sérios embaraços na Secretaria de Agricultura da qual esse negócio depende em parte. Agora dá-se uma anomalia, que entendo dever comunicar a Vossa Excelência. Em 9 de janeiro deste ano, expediu-se a certidão firmada pelo Senhor barão de Guimarães, na qual se disse que tinha sido assinada pelo conselheiro Tristão de Alencar Araripe, como procurador do barão de Ibiapaba, uma petição de 18 de junho de 1888, (...). Seguiu-se, porém, que requerendo o Senhor Carneiro nova certidão dessas petições, na que se lhe expediu, firmada em 18 de maio deste ano, por Vossa Excelência, já não figura como procurador signatário o sobredito conselheiro Araripe, mas um filho deste – o engenheiro Artur de Alencar Araripe. Uma das duas certidões, portanto, há de não ser verdadeira, e dá-se o caso de ter sido induzido em erro ou Vossa Excelência ou o Senhor barão de Guimarães, pelo oficial que extraiu uma das duas certidões. Trazendo este fato ao conhecimento de Vossa Excelência, cuja probidade folgo reconhecer, peço-lhe a explicação que julgar

razoável, e sendo preciso me obrigo a produzir os dois documentos que estão a se desmentirem. (SANTOS apud ASSIS, 2009, p. 342-343)

Machado de Assis remete sua resposta em carta de 16 de agosto de 1889, referindo-se aos pontos levantados pelo acusador e procurando esclarecer de forma prática e objetiva a questão. Seguindo o que prevê a *ars dictaminis*, sobre a qual discorremos no capítulo 1, o signatário Machado de Assis usa um tom respeitoso e reverencial, haja vista as expressões usadas na *salutatio*, bem como o emprego do pronome de tratamento “Vossa Excelência”, expressões e pronome que imprimem na carta de Machado de Assis uma boa dose de diplomacia, dirigida, neste caso, a alguém que o acusara de cometer suborno:

Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor João Brígido dos Santos. Respondo à carta que **Vossa Excelência** me escreveu, em data de 1.º de junho último, dizendo-lhe que nas petições, indicadas por **Vossa Excelência**, do barão de Ibiapaba, apresentadas a esta Secretaria de Estado, relativamente às minas de Viçosa, assina como procurador o Senhor Artur de Alencar Araripe, conforme tudo examinei. Constando isso mesmo da minha certidão de 18 de maio deste ano e dizendo o contrário uma certidão do meu antecessor, o Senhor barão de Guimarães, concluiu **Vossa Excelência** que um de nós foi induzido em erro pelo oficial que extraiu um daqueles documentos. Ao que extraiu a minha certidão não há que acusar por troca de nomes, porque os copiou exatos. O empregado que extraiu a do meu antecessor, já aqui não está; segundo vê **Vossa Excelência**, não posso adiantar nada a este respeito. (ASSIS, 2009, p. 349, grifos nossos)

Não satisfeito com a resposta, João Brígido publicará, em 20 de agosto de 1890, um artigo difamatório contra Machado de Assis no periódico *O Libertador*, trazendo a público toda a situação, além de reproduzir integralmente a troca de cartas entre eles. Machado responderá às acusações com uma enérgica defesa publicada na seção “A Pedidos” da *Gazeta de Notícias*, em 11 de setembro de 1890, sob o título “Secretaria de Agricultura”, colocando um ponto final no assunto. Reproduzimos abaixo a veemente resposta de Machado de Assis:

O Sr. Dr. João Brígido escreveu no *Libertador* do Ceará, de 20 do mês findo, um artigo, a que é mister dar alguma resposta. Não recebi a folha, mas várias pessoas a receberam, naturalmente com o artigo marcado como está no exemplar que um amigo me fez chegar às mãos. Este sistema não é novo, mas é útil, é o que se pode chamar uma carta anônima assinada. / [...] o Sr. João Brígido me acusa pela carta que lhe escrevi, há um ano, pela demora das certidões, diz que os créditos da secretaria desceram tanto, no regime anterior, que muitos ministros saíram com reputação prejudicada; e, finalmente, escreve isto: que eu, ao passo que lhe guardava sigilo inviolável acerca das conclusões, não o guardava para o plutocrata, que, pelo vapor de 30 de junho ou outro, assegurara que o meu parecer era a seu favor. / Não sei o que assegurou o Sr. Barão de Ibiapaba, a quem só de vista conheço. Desde, porém, que eu afirmo que jamais confiei a ninguém, sobre nenhum negócio da secretaria, a minha opinião dada ou por dar nos papéis que examino – e desafio a que alguém me diga o contrário – creio responder suficientemente ao artigo do Sr. João Brígido. / Plutocrata exprime bem a insinuação maliciosa do Sr. Dr. João

Brígido; e o processo de Filipe da Macedônia [suborno], frase empregada no mesmo período, ainda melhor exprime o seu pensamento. Eu sou mais moderado; faço ao Sr. Dr. João Brígido a justiça de crer que em tudo o que escreveu contra mim não teve a menor convicção. (ASSIS, 2009, p. 349-350, nota 2)

Sua resposta, na verdade, não era exclusiva a Brígido, mas se estendia ao público e aos amigos, considerando que Machado de Assis alcançara uma posição de destaque na sociedade, sendo imprescindível preservar a sua imagem de cidadão e funcionário público de conduta exemplar. Dessa forma, vemos que, mais uma vez, a atitude machadiana indica um extremo cuidado com sua própria imagem, pensando sempre na projeção que pudesse alcançar e manter no círculo de amigos e/ou intelectuais com que convivia.

3.4 O escritor: a atuação machadiana como crítico literário

No período abrangido pelas missivas reunidas no Tomo II, é inquestionável a influência que Machado de Assis exerce, entre seus pares, no âmbito literário e artístico. Observamos, nas cartas, que o decênio de 1870 mostra a consolidação do trabalho de Machado de Assis como crítico literário, seja por meio de convites para apreciação de diferentes obras, resultando na publicação de artigos e prefácios, seja pelo compartilhamento de suas ideias e posicionamentos acerca do próprio fazer literário. Tais pontos, que serão discutidos na presente seção deste capítulo, atestam, mais uma vez, o valor documental das cartas, com destaque para relevantes aspectos da vida literária da época.

Um bom exemplo das reflexões do “criador crítico” (SANTIAGO, 2019) Machado de Assis é o artigo “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade”, publicado na revista *Novo Mundo*, editada em Nova York, em 24 de março de 1873. Nesse texto, Machado de Assis examina o que seria o caráter nacional da literatura e, por extensão, da arte e da cultura brasileiras, visando responder à pergunta chave: o que faz um escritor ser um escritor de seu país? Entretanto, engana-se quem pensa que esse artigo seria o primeiro texto no qual Machado discutia o papel da literatura como forma de representação e interpretação da nacionalidade – discussão que mobilizou intensamente os autores românticos, provocando reações e realizações literárias diversas, que não cabe aqui retomar. O tema foi recorrente nas reflexões de Machado de Assis como crítico, conforme podemos identificar, entre outros textos: no artigo “O passado, o presente e o futuro da literatura”, de 1858; nas considerações sobre a dramaturgia nacional em “O teatro de José de Alencar”, “O teatro de Gonçalves de

Magalhães”, ou ainda em “O teatro de Joaquim Manuel de Macedo (todos de 1866); e no prefácio à edição de 1887 de *O Guarani*, de José de Alencar

No célebre artigo de 1873, nosso crítico tece seus comentários com base no que se produzia no Brasil em literatura, defendendo um princípio fundamental para a construção do patrimônio literário brasileiro: a tensão entre o tratamento de influências universais e a tematização de aspectos locais. Para isso, Machado afirma, em “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade”, que o bom escritor é, sobretudo, o escritor talentoso, e não apenas aquele que usa o nacionalismo como uma bandeira, ou tampouco aquele que se limita a abordar e enaltecer os traços típicos ou exclusivos de sua terra. Machado de Assis mostra, então, a necessidade de o escritor possuir “certo sentimento íntimo” – convicção que, inclusive, norteia o projeto literário machadiano –, o qual o torna um homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Machado corrobora seu posicionamento citando a produção literária de Gonçalves Dias, argumentando que, se valesse exclusivamente o critério da “brasilidade”, só se apreciaria a obra “nacionalista” do poeta maranhense, deixando de fora outras de suas produções, na poesia e no teatro:

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. Gonçalves Dias, por exemplo, com poesias próprias seria admitido no panteão nacional; se excetuarmos *Os Timbiras*, os outros poemas americanos, e certo número de composições, pertencem os seus versos pelo assunto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, entusiasmos, fraquezas e dores geralmente cantam; e excluo daí as belas *Sextilhas de Frei Antão*, que essas pertencem unicamente à literatura portuguesa, não só pelo assunto que o poeta extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quais tem por teatro o Brasil. (...) Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. **O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.** (ASSIS, 1994, grifos nossos)⁶²

As cartas do decênio de 1870, como apontamos anteriormente, nos permitem reconstruir a origem desse texto crítico – verdadeira declaração de princípios – de Machado de Assis. É curioso percebermos que a iniciativa de compor uma análise acerca da literatura

⁶² Trecho extraído da versão em PDF. Texto-fonte: **Obra Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

brasileira da época não partiu do próprio escritor. Na verdade, a motivação para tal escrita veio de um, conforme identificamos no trecho reproduzido a seguir:

Este jornal (que tem chegado agora ao 3.º ano a salvamento) precisa de um bom estudo sobre o caráter geral da literatura brasileira contemporânea, criticando suas boas ou más tendências, no aspecto literário e moral: um estudo que, sendo traduzido e publicado aqui em inglês, dê uma boa ideia da qualidade da fazenda literária que lá fabricamos, e da escola ou escolas do processo da fabricação. Como sabe, se não escrevo bem sobre assunto nenhum, muito menos sobre literatura; nem tenho tempo de ir agora estudá-la. Quererá o amigo escrever sobre isso? – Não posso dizer-lhe de antemão quanto lhe pagarei pelo trabalho; mas digo-lhe que desejo muito ter esse artigo e que hei de retribuir-lhe o melhor que puder, regulando-me sempre pela qualidade, não pelo tamanho do escrito. Talvez possamos fazer algum arranjo efetivo para trabalhos deste gênero. Em todo o caso estimaria ter uma ideia de quanto espera receber por seu trabalho. (RODRIGUES apud ASSIS, 2009, p. 78-79).

Como podemos ver, José Carlos Rodrigues, fundador e diretor da revista *Novo Mundo*, estabelece na correspondência alguns dos pontos que deveriam ser abordados no estudo, indicando o objetivo central do texto e traçando, assim, o caminho dissertativo-argumentativo que Machado de Assis deveria seguir. Mas será apenas em carta de 25 de janeiro de 1873 que veremos a resposta machadiana à proposta de Rodrigues. Ao que tudo indica, essa lacuna de quatro meses entre o convite e a resposta se deu, provavelmente, devido ao desaparecimento de outra(s) correspondência(s) trocadas entre eles no período de setembro de 1872 a janeiro de 1873, nas quais podem ter acertado maiores detalhes sobre o referido trabalho. Machado confirma a conclusão do estudo encomendado por José Carlos Rodrigues, atribuindo à carta um perfil formal, considerando a expressão empregada na *salutatio*:

Ilustríssimo Senhor Doutor José Carlos Rodrigues, (...) O nosso artigo está pronto há um mês. Guardei-me para dar-lhe hoje uma última demão; mas tão complicado e cheio foi o dia para mim, que prefiro demorá-lo para o seguinte vapor. Não o faria se se tratasse de uma correspondência regular como costume fazer para a Europa; trata-se, porém, de um trabalho que, ainda retardado um mês não perde a oportunidade. (ASSIS, 2009, p. 82-83).

Como sabemos, Machado de Assis foi crítico antes de ser romancista. Podemos identificar essa característica machadiana, por exemplo, em sua postura meticulosa ao dar “uma última demão” no texto, como afirma no trecho inicial da carta transcrita acima. Vale ressaltar que, ao agradecer a Rodrigues pelo artigo que este publicara⁶³ sobre seu primeiro

⁶³ Em carta de 22 de setembro de 1872, José Carlos Rodrigues menciona que escreveria um artigo acerca do romance machadiano: “Dou-lhe os parabéns pelo brilhante sucesso da sua *Ressurreição*, (...) e hei de dizer por extenso o que penso nalgum dos próximos números do *Novo Mundo*” (RODRIGUES apud ASSIS, 2009, p. 78).

romance, *Ressurreição*, Machado considera que José Carlos Rodrigues efetivamente imprimiu, no referido texto, um olhar atento de crítico, e por isso Machado acata os “reparos” feitos pelo amigo e correspondente⁶⁴. Tal atitude nos mostra um dos atributos de Machado de Assis como crítico literário: a convicção de que a crítica tinha uma missão a cumprir, e de que o crítico não deveria apenas produzir comentários sobre a obra específica analisada, mas apontar caminhos para os escritores.

Nesse sentido, a crítica assume um papel semelhante a uma intervenção pedagógica, na qual o crítico é visto como um guia, um conselheiro, conforme Machado defendera anteriormente em seu “O ideal do crítico”, de 1865. Ele destaca, nesse texto, que o crítico deve ser antes de tudo educado, cuidadoso em suas observações e restrições, para que obtenha êxito:

Moderação e urbanidade na expressão, eis o melhor meio de convencer; não há outro que seja tão eficaz. Se a delicadeza das maneiras é um dever de todo homem que vive entre homens, com mais razão é um dever do crítico, e o crítico deve ser delicado por excelência. Como a sua obrigação é dizer a verdade, e dizê-la ao que há de mais suscetível neste mundo, que é a vaidade dos poetas, cumpre-lhe, a ele sobretudo, não esquecer nunca esse dever. De outro modo, o crítico passará o limite da discussão literária, para cair no terreno das questões pessoais; (...). Uma crítica que, para a expressão das suas ideias, só encontra fórmulas ásperas, pode perder as esperanças de influir e dirigir. Para muita gente será esse o meio de provar independência; mas os olhos experimentados farão muito pouco caso de uma independência que precisa sair da sala para mostrar que existe. (ASSIS, 1865)⁶⁵

Podemos compreender um pouco melhor a expressão “moderação e urbanidade”, empregada por Machado de Assis no fragmento transcrito acima, por meio da análise de uma carta aberta presente no Tomo II. Publicada sob a rubrica “Literatura” no *Jornal do Comércio* de 02/07/1872, nela Machado de Assis tece, a pedido de Lopes Neto⁶⁶, uma crítica a respeito da poesia de Guillermo Matta Goyenechea, poeta, ensaísta e político chileno. O texto, na íntegra, revela uma articulação eficaz, estabelecida por Machado de Assis, entre o papel do crítico e os apontamentos a respeito da obra do poeta chileno. Por se tratar de uma carta aberta e devido à sua extensão, reproduziremos a seguir apenas alguns trechos:

⁶⁴ Teceremos comentários sobre a carta de Machado de Assis, em resposta a José Carlos Rodrigues, na próxima seção do presente capítulo, na página 149.

⁶⁵ Trecho extraído da versão em PDF. Texto-fonte: **Obra Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

⁶⁶ O Barão de Lopes Neto era um diplomata e político pernambucano. Entrou para a diplomacia em 1866, partindo como plenipotenciário em missão especial na Bolívia, onde chegou em fevereiro de 1867, iniciando a negociação de um tratado de amizade, limites, navegação, comércio e extradição, assinado e ratificado no mesmo ano.

Confiou-me Vossa Excelência para julgar um dos mais fecundos poetas da América Latina (...). Entre a ousadia de me fazer juiz e o desprimor de lhe desobedecer, confesso que me acho perplexo e acanhado. A ideia, porém, de que sirvo neste caso ao elevado sentimento americano com que Vossa Excelência está aliando a literatura de dois povos me dá algum ânimo de vir a público. Claro está que não virei como juiz, e sim dizer em poucas e singelas palavras a impressão que me causa, e não de hoje, o eminente poeta chileno. (...) É justo dizer que uma ou outra vez, mas sobretudo nos dois poemas e nos fragmentos de poema que ocupam o primeiro volume, há manifesta influência de Espronceda e Musset. (...) O defeito desses poemas, ou contos, que é a designação do autor – me parece ser a prolixidade. (...) Geralmente é sóbrio de descrições, e quando as faz sabe envolver a realidade em boas cores poéticas. A imaginação é viva, o estro caudal, o verso correntio e eloquente. Não direi que todas as páginas sejam igualmente belas: algumas há de inferior valia; mas tão ampla é a obra, que ainda fica muita coisa de compensação. (...) A prolixidade que eu achei nos poemas, e sobretudo, *Cuento endemoniado*, não era defeito do poeta, mas um resultado da exageração dos modelos que seguiu. Estou que não conhecemos ainda todo o poeta. O que domina nos dois volumes publicados é o tom suave e brando, a nota festiva ou melancólica, mas pouco, muito pouco daquela corda do canto ao México, que o poeta tão ardentemente sabe vibrar. (ASSIS, 2009, p. 64-74).

Como de costume em suas críticas, Machado assinala que não pretende se colocar na posição de juiz, procurando apenas sinalizar as impressões que teve sobre a obra em questão, atendendo, assim, à solicitação feita pelo amigo. Cabe salientarmos que o pedido de Lopes Neto certamente é consequência da posição que Machado de Assis ocupava na comunidade literária, na qual ele já era considerado, como dissemos, um mestre e aconselhador. Adotando a conduta que ele mesmo pressupõe, ou seja, a de que “o crítico deve ser delicado por excelência”, Machado reconhece a qualidade do poeta chileno e, de forma muito cuidadosa, destaca os pontos que poderiam ser aperfeiçoados na obra apreciada.

Nesse sentido, é interessante observarmos a forma como Machado de Assis desenvolve seu texto crítico, no espaço da carta aberta, seguindo um dos princípios da escrita epistolar na Antiguidade. Como mencionamos no primeiro capítulo desta tese, Cícero previa que as cartas deveriam ser elaboradas adaptando-se às circunstâncias, além de considerar não apenas o compartilhamento de informações, mas também a persuasão. Ao utilizar a carta como meio para desenvolvimento e compartilhamento da crítica solicitada por Lopes Neto, Machado encontra nas formas brandas e na delicadeza das observações a fórmula ideal para “influir e dirigir” o jovem poeta Guillermo Matta Goyenechea.

Lembramos, neste ponto, que, no texto “O ideal do crítico” (1865), Machado de Assis considera imprescindível, na tarefa do crítico, a imparcialidade do mesmo, atitude para a qual toma como modelo o escritor Cícero:

Para que a crítica seja mestra, é preciso que seja imparcial, — armada contra a insuficiência dos seus amigos, solícita pelo mérito dos seus adversários, — e neste ponto, a melhor lição que eu poderia apresentar aos olhos do crítico, seria aquela expressão de Cícero, quando César mandava levantar as estátuas de Pompeu: — "É levantando as estátuas do teu inimigo que tu consolidas as tuas próprias estátuas". (ASSIS, 1865).

Assim, em “O ideal do crítico”, a imparcialidade é concebida por Machado de Assis como o horizonte ideal para o exercício da crítica. Desse modo, considerando o meio literário restrito da época, no qual as avaliações — tanto positivas quanto negativas — não se distanciavam das relações pessoais, era preciso reconhecer, em muitos casos, os defeitos dos “amigos” e as qualidades dos “inimigos”. A inclusão no círculo quase que “fechado” da vida literária oitocentista poderia se dar de duas formas: por meio do elogio de outrem, como reflexo do apadrinhamento de alguma figura literária com boa reputação; ou por meio do ataque a uma personalidade literária já conhecida, conforme indica José Luiz Jobim:

É importante assinalar aqui que Machado se refere, ao mesmo tempo, a estas duas modalidades de inclusão de escritores no meio literário brasileiro de sua época: a que podia ocorrer pela mão de um literato já consolidado e prestigiado, ou, alternadamente, a inclusão pelo ataque a um autor ou a uma posição consolidada — gerando as “polêmicas”, famosas no Brasil oitocentista. (JOBIM, 2012, p. 56)

Acerca de tal quadro, em diferentes momentos ao longo do epistolário machadiano, constatamos uma tendência entre os literatos a fomentar apreciações elogiosas, a respeito das obras uns dos outros, sem, contudo, deixarem de sinalizar os pontos que poderiam ser aperfeiçoados, respeitando, assim, o princípio da imparcialidade. Parecia haver entre eles um forte espírito associativo, quase uma “roda de compadres”, compartilhando suas obras entre si, bem como as respectivas análises críticas. A própria figura de Machado de Assis, escritor que ocupava um lugar de relevo no cenário da literatura brasileira, era vista como intermediária quando do lançamento de livros ou da apresentação de jovens estreados no mundo das letras. Podemos lembrar, dentre diferentes solicitações recebidas nesse sentido, o pedido de José de Alencar a Machado para que este apresentasse o poeta Castro Alves ao público. Machado de Assis e alguns de seus pares no “carteado” realizaram, portanto, uma crítica literária que, de alguma maneira, contribuiu para a promoção de muitos escritores, alguns dos quais, se não se eternizaram na história da literatura brasileira, foram prestigiados em seu próprio tempo pela classe intelectual e pelo público leitor.

Ainda que Machado de Assis tenha conseguido ingressar no grupo restrito da vida literária da época, sempre pelo viés do tom elogioso, elaborando críticas nas quais aplica o conselho no lugar da intolerância, e a urbanidade no lugar da expressão rude, ele não

conseguiu manter-se isento de polêmicas, como demonstram, no fluxo epistolar do Tomo II, duas cartas recebidas por ele, em 1878: uma enviada por Luís Guimarães Júnior e a outra por Eça de Queirós, as quais serão comentadas na sequência.

No ano de 1878, Machado de Assis ainda atuava como colaborador no jornal *O Cruzeiro*. Sua participação nesse periódico se deu desde o primeiro número, até setembro de 1878, com a publicação de suas últimas *Notas Semanais*. Machado usou aquelas páginas para publicar o romance *Iaiá Garcia*, em forma de folhetim; depois, as usou para exercitar a crítica, a crônica e o conto, sob o pseudônimo de Eleazar, assinatura com inspiração bíblica que significa “a quem Deus ajuda” ou “o protegido de Deus”. Estando à frente do folhetim das terças-feiras, Machado – ou o narrador criado por ele, Eleazar – demonstrava interesse principalmente por questões literárias. E foi nesse espaço do jornal que publicou a famosa crítica do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, envolvendo-se em uma das poucas polêmicas de sua vida.

A chegada desse livro ao Brasil rendeu uma série de artigos, publicados por diferentes personalidades literárias, com a finalidade de discutir o Realismo em literatura. Ganhou destaque, então, a crítica de Eleazar, devido ao tom severo com que fez suas considerações no artigo “Literatura Realista – *O Primo Basílio*”, publicado em 16 de abril de 1878. Nesse artigo, Machado de Assis não apenas afirmava ser *O Crime do Padre Amaro* um plágio do romance *La faute de l’abbé Mouret*, de Émile Zola, como desqualificava o romance *O Primo Basílio* e o Realismo. Entre outras considerações, o crítico referia-se a *O primo Basílio* como um espetáculo “dos ardores, exigências e perversões físicas”, afirmando ainda que seus personagens seriam apenas fantoches, sem nenhuma verdade psicológica, como Luísa, “antes um títere que uma pessoa moral.” Como se não bastassem esses e outros comentários incisivos em relação às duas obras do escritor português, em 30 de abril Eleazar voltou à carga em novo artigo, na mesma publicação. Teria Machado de Assis esquecido o que ele mesmo havia destacado, em 1865, como uma qualidade do crítico: a “moderação e urbanidade”? Ou se sentiria “protegido” sob o pseudônimo Eleazar, e, assim, por meio da voz desse narrador, teria escrito uma crítica mais dura?

A referida crítica de Machado de Assis foi considerada por muitos admiradores de Eça de Queirós no Brasil como excessivamente severa, conforme podemos depreender de alguns comentários divulgados em jornais daquele período. Na *Gazeta de Notícias* de 20/04/1878, Henrique Chaves afirmou que Machado fora levado, por um preconceito de escola – ou seja, sua intensa oposição ao Realismo –, a fazer uma crítica injusta. Em 24 de abril do mesmo ano,

Ataliba Gomensoro, assinando suas “Cartas Egípcias” com o pseudônimo de “Amenophis-Effendi”, refutou a crítica moral de Machado, dizendo que havia muito mais erotismo no *Cântico dos Cânticos* do que no *Primo Basílio*. Entretanto, houve quem apoiasse Machado de Assis. É o que vemos na carta de 24 de junho de 1878, na qual Luís Guimarães Júnior escrevia, de Roma:

Quanto à tua crítica ao livro de Eça de Queirós, só tenho que te dizer uma coisa e é que te beijo de todo meu coração e com um glorioso entusiasmo. É pena que um talento da ordem do Eça de Queirós se filie numa escola brutal como um murro e asquerosa como uma taberna. Os outros fazem brilhar suas joias num diadema; ele prefere atirá-las a granel dentro do lodo. A tua crítica cerrada, serena, forte, é de um grande poder sobre nós, os poucos que ainda acreditamos no ideal, essa alma da arte, esse passaporte dos poetas, que pensam em seguir viagem à posteridade, de preferência aos alcouces. (JÚNIOR apud ASSIS, 2009, p. 140)

Opondo-se, naquele momento, aos que julgaram injusta a crítica de Machado de Assis ao escritor português, Luís Guimarães Júnior permaneceu fiel à sua admiração por Machado, com o qual iniciou a troca epistolar quando tinha apenas 17 anos, conforme mencionamos no capítulo 2 desta tese. Na carta acima, Guimarães Júnior menciona três folhetins de Machado de Assis publicados em *O Cruzeiro*, elogiando-o tanto pela publicação do conto “Um cão de lata ao rabo”, como pelos dois artigos acerca de *O Primo Basílio*.

Eça de Queirós não se manteve calado frente à crítica machadiana. Sua reação está registrada numa carta enviada ao escritor e crítico brasileiro, datada de 29 de junho de 1878, e não poderia ter sido mais elegante, conforme podemos constatar em alguns trechos reproduzidos a seguir:

Uma correspondência do Rio de Janeiro para a *Atualidade* (jornal do Porto) revela ser o Senhor Machado de Assis, nome tão estimado entre nós, o autor do belo artigo sobre o *Primo Basílio* e o Realismo publicado no *Cruzeiro* de 16 de abril, assinado com o pseudônimo de Eleazar. Segundo essa correspondência, há ainda sobre o romance mais dois folhetins de Vossa Excelência nos números 23 e 30 de abril. Creio que outros escritores brasileiros me fizeram a honra de criticar o *Primo Basílio*: – mas eu apenas conheço o folhetim de Vossa Excelência do dia 16, que foi transcrito em mais de um jornal português. (...) Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista – esse artigo todavia pela sua elevação, e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade. Quando conhecer os outros artigos de Vossa Excelência poderei permitir-me discutir as suas observações sobre Arte – não em minha defesa pessoal (eu nada valho) não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, – mas em defesa da Escola que eles representam e que eu considero como um elevado fator de progresso moral na sociedade moderna. Quero também por esta carta rogar a Vossa Excelência queira, em meu nome, oferecer o meu reconhecimento aos meus colegas de literatura e de jornal pela honrosa aceitação que lhes mereceu o *Primo Basílio*. Um tal acolhimento da parte de uma literatura tão original e tão progressiva como a do Brasil é para mim uma honra

inestimável – e para o Realismo, no fim de tudo uma confirmação esplêndida de influência e de vitalidade. (QUEIRÓS apud ASSIS, 2009, p. 141-142).

Eça de Queirós elabora sua missiva com um tom respeitoso, louvando o talento e a elevação machadiana ao compor suas críticas. Parece-nos, entretanto, que o autor português procede tal como faria o próprio Machado de Assis em semelhante situação, ou seja, com fina ironia: ao mesmo tempo em que elogia o “belo” artigo de Machado, adverso ao seu romance, Eça agradece aos intelectuais brasileiros pela boa acolhida ao seu livro, relativizando, em alguma medida, a dura crítica de Machado de Assis. Deste modo, ainda que tenha escolhido, na carta a Machado de Assis, o caminho da urbanidade, Eça de Queirós não deixou de alfinetar o romancista brasileiro: no final do trecho transcrito acima, como dissemos há pouco, o pedido feito pelo escritor português era, na verdade, o de que Machado agradecesse, em seu nome, aos jornalistas que tinham discordado do próprio Machado. Ou seja, no mínimo, Eça estaria dizendo que Machado de Assis tinha sido uma voz isolada entre os intelectuais brasileiros da época, o que não seria bem verdade, como verificamos na carta de Luís Guimarães Júnior, comentada há pouco.

Adotando ainda, em sua carta, a falsa modéstia comum aos escritores do seu tempo – estratégia que o próprio Machado de Assis empregava, por vezes –, Eça permite-se divergir apenas no tocante à avaliação negativa que Machado de Assis fizera sobre o Realismo, que para ele constituía “elevado fator de progresso na sociedade moderna”. Não menciona, na carta, a acusação de plágio, mas voltaria ao assunto no prefácio da terceira edição de *O crime do Padre Amaro*, em que diz que “só uma obtusidade córnea ou má-fé cínica”⁶⁷ poderia assemelhar os dois livros. Também nos parece que, fora do espaço da carta, o autor português deixou de lado a elegância, e, como um “pai” que protege seu rebento, partiu em defesa do romance. Eça esclarece ainda, no mesmo prefácio, que a narrativa já teria sido lida a amigos anos antes da publicação do livro de Zola, em 1875, tendo sido publicado nas páginas da *Revista Ocidental*, entre janeiro e maio de 1875, isto é, justamente quando Zola estava lançando seu romance. Segundo Sérgio Paulo Rouanet, em nota, essa cronologia é questionável, mas a principal defesa contra a acusação de plágio é que, “exceto a semelhança dos títulos, não há nada em comum entre os dois romances: o de Zola descreve uma neurose mística, (...) enquanto o de Eça é uma intriga de padres e beatas (...)” (ROUANET apud ASSIS, 2009, p. 143, nota 4).

⁶⁷ QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. 12ª ed., São Paulo: Ática, 1998. Versão consultada disponível em: www.dominiopublico.gov.br

A postura de Eça de Queirós em seu prefácio faz supor que ele não adotou um dos princípios estabelecidos por Machado de Assis como crítico: o que se refere à recepção da crítica por parte do autor criticado. No artigo “A nova geração” (1879), Machado indica que críticas, principalmente as negativas, não devem ser respondidas e tampouco mencionadas, para que não se desqualifique ainda mais a obra e o autor em questão:

Realmente, criticados que se desforçam de críticas literárias com impropérios dão logo ideia de uma imensa mediocridade – ou de uma fatuidade sem freio – ou de ambas as coisas; e para lances tais é que o talento, quando verdadeiro e modesto, deve reservar o silêncio do desdém: *Non ragioniam di lor, ma guarda, e passa.* (ASSIS, 1879)⁶⁸

Contrariando o que seria esperado após a polêmica anteriormente citada, Machado de Assis recebe, ainda em 1878, um pedido de autorização do editor de Eça de Queirós, Ernesto Chardron, para que fosse mencionado, nas obras *O Primo Basílio* e *A Capital*, que a propriedade literária do autor português estava sob a guarda machadiana aqui no Brasil, iniciando, assim, um novo episódio na história das relações entre os dois literatos. É o que vemos na carta enviada do Porto, em 27 de julho, por Chardron:

Ao amigo Moutinho devo o favor da carta inclusa para Vossa Excelência. Espero merecer de Vossa Excelência a fineza da autorização pedida. Se já não puder acudir ao *Primo Basílio*, ao menos se evitará a fraude para as *Cenas*. Tendo a declaração de ser feita de outra forma, queira ter a bondade de indicar-mo. Brevemente enviarei a Vossa Excelência algumas das *Cenas* para, ao dar parte da publicação, poder extrair um trecho do livro. Sou com a consideração De Vossa Excelência Criado muito obrigado E. Chardron. (CHARDRON apud ASSIS, 2009, p. 150-151)

Chardron, dono da Editora Internacional, inseriu, de fato, na segunda edição de *O Primo Basílio*, o comunicado de que a propriedade literária da obra no Brasil pertencia a Machado de Assis. Muitos admiradores dos dois autores usaram essa declaração para provar que, apesar das divergências, Machado e Eça haviam estabelecido uma sólida camaradagem literária. Entretanto, tudo indica que a ideia de ter Machado de Assis como tutor dos direitos autorais de Eça no Brasil tenha sido uma iniciativa exclusiva do próprio editor, que, na carta transcrita acima, demonstra o seu empenho para obter a cooperação machadiana. Mas não há provas concretas de que Machado tenha dado a autorização pedida, se considerarmos que, até o presente momento, não foi encontrada a carta-resposta de Machado de Assis ou qualquer outro escrito que pudesse, efetivamente, comprovar que nosso crítico tenha atendido à

⁶⁸ Trecho extraído da versão em PDF. Texto-fonte: **Obra Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Publicado originalmente na *Revista Brasileira*, vol. II, dezembro de 1879.

solicitação de Chardron. Além disso, segundo Sérgio Paulo Rouanet, em nota, não há registro de que Machado tenha tomado qualquer medida a favor dos interesses de Eça, “que continuaram sendo ignorados pela publicação no Brasil de edições clandestinas” (ROUANET apud ASSIS, 2009, p. 152, nota 3).

Se a atuação de Machado de Assis como crítico literário – registrando suas impressões sobre as obras que então se publicavam ou compondo panoramas da literatura que se produzia naquele momento – já constitui um bom exemplo da vida literária dos decênios 1870 e 1880, ainda é possível identificar nas missivas machadianas outras ressonâncias da vida literária da época, corroborando nossa análise da carta como testemunha do seu tempo. É o que podemos observar em uma missiva e um bilhete escritos por Machado de Assis. A primeira, com data de 28 de março de 1874, foi enviada a Franklin Dória. Nela, Machado compartilha com o correspondente o convite que lhe foi feito pelo poeta francês Catulle Mendès, a fim de que o escritor brasileiro iniciasse uma seção da Sociedade Internacional de Poetas no Brasil. Machado inicia a carta usando, como *salutatio*, sua fórmula de costume, conforme já mencionamos no capítulo 2:

Meu caro amigo Senhor Doutor Franklin Dória Precisava falar-lhe acerca de um assunto, que é todo relativo a poesia e poetas; em tais casos o seu nome é dos primeiros lembrados. Recebi uma carta do Senhor Catulle Mendès, distinto poeta da nova geração francesa, comunicando-me a existência de uma Sociedade Internacional de Poetas, sob a presidência de Victor Hugo, e já estabelecida na Áustria, Inglaterra, Itália e outros países; e convidando-me a iniciar aqui a seção brasileira. A carta veio acompanhada dos estatutos, que me parecem muito vantajosos para a poesia brasileira e seus cultores. Não sei se se poderá fazer aqui o que o Senhor Catulle Mendès deseja; em todo caso precisamos entender-nos com alguns moços. O Serra, com quem falei ontem, está pronto; falei hoje ao Rosendo, e falarei hoje ou segunda-feira ao Bittencourt Sampaio. Bastamos estes cinco para decidir alguma coisa; e convém que seja breve para eu saber que resposta devo dar. Peço-lhe, pois, que me mande dizer em que dia, hora e lugar lhe parece melhor que nos reunamos, a fim de que eu me entenda com os outros companheiros. E, ao mesmo tempo, releve-me não ir pessoalmente falar-lhe. (...) (ASSIS, 2009, p. 90, grifos nossos).

Como vimos, o autor demonstra entusiasmo com o convite e decide convocar Joaquim Serra, Rozendo Muniz Barreto, Bittencourt Sampaio e Franklin Dória para iniciar as conversações a fim de enviar uma resposta ao poeta francês. Essa carta mostra, sem dúvida, a influência e importância de Machado de Assis no contexto literário brasileiro da época, e os primeiros sinais de um reconhecimento fora do Brasil e de Portugal. Dória, agradecendo o convite de Machado, oferece sua casa para o encontro e discussão sobre o convite de Catulle Mendès: “(...) se ao meu bom Amigo e aos demais colegas aprovar que a reunião se faça em

nossa casinha, eu, desde já, de muito bom grado a ofereço” (DÓRIA apud ASSIS, 2009, p. 92). No entanto, veremos, em carta de 23 de abril, que a reunião ocorreu no Clube da Reforma, conforme proposta de Joaquim Serra:

O nosso Serra propõe, e eu aceitei por me parecer mais fácil a todos, reunirmo-nos na sala do Clube da Reforma. Parece-lhe bem? A reunião convém que seja feita nesta semana ou num dos primeiros dias da semana próxima, com exceção única da noite de amanhã, por ter de ir a uma visita obrigatória. Aguardo, portanto, as suas ordens acerca do dia e hora. (ASSIS, 2009, p. 93)

O Clube da Reforma era uma agremiação fundada por políticos liberais, em 1869, na casa do escritor e jornalista Aureliano Cândido Tavares Bastos (1839-1875), com o objetivo de debater as ideias políticas em circulação e combater o governo conservador. Segundo nota de Sílvia Eleutério, “Da proposta inicial de combate às ideias dos conservadores, emergiu uma ala mais radical entre os liberais, que acabou evoluindo para o republicanismo” (ASSIS, 2009, p. 94). Entretanto, apesar dos esforços empreendidos por Machado, não há notícia de que a ideia de uma filial da Sociedade Internacional dos Poetas tenha prosperado no Brasil.

Já o segundo documento, um bilhete, faz referência a atividades culturais da época, como os concertos públicos promovidos pelo Clube Beethoven, situado no Rio de Janeiro. No bilhete enviado a Francisco Ramos Paz, Machado faz um convite ao amigo: “[Rio de Janeiro,] 1.º de outubro de 1883. Meu caro Paz, Se queres ouvir boa música, aceita este bilhete que te manda o velho amigo Machado de Assis. Note Bem é no Cassino Fluminense, no dia 4” (ASSIS, 2009, p. 263)⁶⁹. Esse clube foi um capítulo marcante na vida cultural e social de Machado – considerando seu perfil sensível e competente como apreciador de música –, bem como para a sociedade da época. Fundado em 04/01/1882, sob a direção do empresário e violinista amador Kinsman Benjamim⁷⁰, funcionou inicialmente na rua do Catete 102, onde se realizavam concertos exclusivos para os sócios. Devido à ampliação do quadro de associados, as finanças do Clube melhoraram, o que possibilitou a aquisição de uma bela casa no largo Glória, abrindo seus concertos também ao público feminino. Vale mencionarmos que o Clube Beethoven dispunha de uma biblioteca, na qual Machado atuou como bibliotecário, além de uma sala reservada aos enxadristas.

⁶⁹ Grande parte da minissérie *Capitu*, dirigida por Luís Fernando Carvalho e apresentada pela TV Globo em 2008, teve como cenário o ex-Cassino Fluminense, hoje Automóvel Clube do Brasil.

⁷⁰ Segundo nota de Irene Moutinho, além de Machado de Assis na função de bibliotecário, atuaram também no Clube Beethoven Domingos Lourenço Lacombe, como segundo secretário, e o barão Smith de Vasconcelos, como vice-presidente.

Os encontros do Clube Beethoven exemplificam o que Britto Broca afirma acerca da vida literária no Brasil. Havia, como declara a historiografia que se empenhou no estudo desse tempo⁷¹, uma necessidade entre os intelectuais do período de viver a literatura, de encenar uma existência voltada para as letras, ou seja, existia uma espécie de busca por “literalizar o trato cotidiano da existência” (BROCA, 1960, p. 37). O jornalista e cronista aponta, em *A vida literária no Brasil*, que os cafés, jornais e revistas, as conferências, livrarias, agremiações e salões literários eram espaços onde se desenvolvia a vida literária. De acordo com os biógrafos, Machado de Assis nunca frequentava os cafés ou as confeitarias, mas, como vemos por meio da correspondência, encontrava-se com os amigos no Cassino Fluminense para os concertos do Clube Beethoven, além de reunir-se no final da tarde, na livraria Garnier, com José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Visconde de Taunay, Joaquim Nabuco e outros para um café, depois do fechamento da *Revista Brasileira*. E foi num desses encontros, vale ressaltar, que nasceu, tempos depois, a ideia da fundação da Academia Brasileira de Letras.

Além dos encontros no Cassino Fluminense, eram comuns na época os jantares na casa de amigos, para a celebração de aniversários ou apenas para desfrutar de momentos de descontração e de uma boa conversa entre os “mais chegados”, ou seja, com aqueles que faziam parte de um círculo mais fechado de amizade. Sobre esse aspecto da vida literária, encontramos menção em duas cartas do Tomo II. A primeira delas data de 27 de julho de 1877 e foi enviada a Machado por Laurindo de Avelar e Almeida, cafeicultor da região de Vassouras:

Ilustre Amigo Senhor Machado de Assis, O nosso amigo Queirós combinou com o Artur e Luís de Resende irem amanhã jantar em nossa casa à rua de Olinda n.º 45; esperando a honra de sua amável companhia e a de sua Excelentíssima Senhora, sou com a maior estima Amigo obrigado L. de Almeida (ASSIS, 2009, p. 134)

Esta carta, inédita, revela a presença de dois nomes que pertenciam ao círculo de relações de Machado de Assis: Francisco Gonçalves Queirós, genro do abastado Miguel de Avelar, e o pianista Artur Napoleão. Além deles, figura o nome de Luís de Resende, famoso

⁷¹ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. 2ª Ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960. (Coleção Documentos Brasileiros); VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história tropical e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras* (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira – 1870-1930). São Paulo: Edusp, 1973.

joalheiro⁷² e colecionador de obras de arte. O convite extensivo a Carolina ilustra, igualmente, uma prática comum da época e nos leva a crer que também estaria presente no jantar sua amiga Lívia, parente da anfitriã, Laurinda de Avelar Werneck. Um encontro como esse, no qual estavam presentes um pianista e membros da alta classe da sociedade, certamente foi embalado por música clássica, taças de licor e assuntos relativos à arte e literatura.

A segunda carta foi enviada por Artur de Oliveira, professor do Colégio Pedro II, em 10 de agosto de 1878. Nessa missiva encontramos mais um convite para um jantar, agora em celebração ao aniversário do remetente:

Meu Machado. Minha mulher toma a liberdade de convidar a tua Excelentíssima Mulher para jantar amanhã em nossa companhia. É o dia dos meus anos. Sei que é uma exigência tremenda que imponho à tua boa e indulgente amizade. Mas o que queres? Quem faz anos é mais ou menos despótico. **Agora um pedido: rogo ao amigo e ao mestre que deixe em casa o finíssimo falador do Eleazar, e que venha tão somente o Machado de Assis** que se sacrifica pelos amigos, ao ponto de partilhar com eles o caldo espartano –, e as torturas de Guatemozin no ... estômago! Pobre estômago! Desgraçado mártir! Teu Artur de Oliveira. (OLIVEIRA apud ASSIS, 2009, p. 156, grifos nossos)

Curiosamente, observamos que Artur de Oliveira escreve em nome de sua esposa, Francisca Teixeira Leite de Oliveira, remetendo o convite a Carolina e, por extensão, a Machado de Assis. É interessante destacar, na carta acima, o pedido feito pelo aniversariante para que “Eleazar” ficasse em casa e que fosse ao jantar “tão somente o Machado de Assis”. Como já esclarecemos, “Eleazar”, pseudônimo de inspiração bíblica, assim como “Manassés”, foi usado por Machado de Assis no periódico *O Cruzeiro*. Machado passou a assinar sob esse pseudônimo após a finalização do romance *Iaiá Garcia*, publicado inicialmente como folhetim no referido jornal. Considerando o teor dos artigos publicados como “Eleazar” – sob essa assinatura publicou a crítica ao *Primo Basílio*, alguns contos e a série de crônicas *Notas Semanais* –, vemos que um dos principais interesses desse narrador era a literatura. Estaria Artur de Oliveira sugerindo, de maneira sutil, que Machado não falasse sobre literatura no jantar de aniversário do amigo? E sobre o que conversaria então Machado de Assis? Sobre a rotina de trabalho, a vida no lar, enfermidades, xadrez... entre outros temas corriqueiros, supomos.

Além dos jantares, outra prática comum que aponta para mais um traço da vida literária da época era a dos encontros para leituras e debates literários. Há menção a esse tipo de atividade em uma carta enviada por Machado de Assis a Francisco Ramos Paz. Nessa

⁷² O prédio onde funcionava a joalheria de Resende ainda pode ser admirado, na esquina da rua do Ouvidor com a rua Miguel Couto.

missiva, com data de 3 de julho de 1889, Machado relembra os encontros de domingo entre ele, Paz e o filólogo Manuel de Melo:

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1889. Meu caro Paz, Não sabia que a urgência era tal. Cuidei que era apenas tipográfica. Durante os dois dias santos tive aqui trabalho da Secretaria, e fui jantar fora, como te disse, no sábado. De noite, não trabalho. Daí o desgosto de devolver as provas sem prefácio. Era meu desejo fazer uma narração de parte da vida do Melo, **suas ocupações literárias, os domingos que passávamos juntos, lendo [,] achando, trocando ideias**, a fisionomia moral do nosso amigo e o contraste daquele beneditino com aquele elegante; não pôde ser, paciência. Desculpa-me, e adeus. Velho amigo Machado de Assis. (ASSIS, 2009, p. 348, grifos nossos)

A família Melo era apreciadora e incentivadora das artes em geral. O português Manuel da Silva Melo Guimarães (1834-1884) chegou ao Brasil em 1845, para trabalhar no comércio. Paralelamente, desenvolveu a atividade de filólogo, publicando artigos em jornais. Foi bibliotecário do Gabinete Português de Leitura, organizando o seu catálogo bibliográfico, editado em 1870, e que hoje é considerado uma preciosidade em termos de informação. A casa que dividia com o irmão, Joaquim de Melo, era frequentada por muitos artistas e intelectuais da época. Eram realizados ali saraus em que poetas, músicos, dramaturgos e diletantes se apresentavam. Vale destacarmos, segundo informação em nota de Sílvia Eleutério, que se deu na residência dos irmãos Melo, em 22/11/1862, a primeira encenação da peça *Quase Ministro*, “tendo figurado no elenco: Morais Tavares, Manuel de Melo, Ernesto Cibrão, Bento Marques, Insley Pacheco, Artur Napoleão, Muniz Barreto e Carlos Schramm” (ELEUTÉRIO apud ASSIS, 2009, p. 158, nota 3).

3.5 As cartas e os vestígios da produção literária machadiana

Como observamos anteriormente, as missivas machadianas testemunham o seu tempo, evidenciando, num âmbito mais geral e coletivo, temas candentes da época em que foram escritas, como as transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro e no país, entre outros assuntos mencionados e discutidos nas cartas. Em nossa acepção, as cartas, ainda em seu valor documental, se desdobram em duas outras frentes: a que privilegia, no fluxo epistolar, um ângulo mais específico, constituído pelos principais assuntos abordados por Machado e seus correspondentes, enquanto escritores e artistas, com destaque para a vida literária da época e o exercício da crítica literária, por parte de Machado de Assis; e a “frente” que

concebe a carta como testemunha da obra literária, fazendo menção à recepção e veiculação da produção literária do escritor, ou figurando como o palco do debate de ideias e comentários de Machado sobre suas próprias obras, o que aponta para um outro veio de nossa investigação.

Numa primeira leitura, ainda na fase inicial de levantamento e análise do *corpus* desta pesquisa, cogitamos que a carta machadiana poderia funcionar como um “laboratório de criação”, demonstrando e discutindo as primeiras tentativas de composição dos textos literários e o envio dos mesmos para a apreciação dos amigos. A carta poderia ser investigada, nesse sentido, como um espaço em que encontraríamos a gênese e as diversas etapas de elaboração da obra do autor, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica da mesma, contribuindo, então, para a reelaboração e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento de sua produção. Ao considerar a epistolografia como um “canteiro de obras” ou um “ateliê”, buscamos, inicialmente, encontrar no epistolário machadiano elementos que pudessem descortinar a trama da invenção do escritor Machado de Assis, trama esta que nos revelaria as diversas etapas do processo de elaboração de suas obras. As cartas se converteriam em “arquivos da criação”, espaços testemunhais que lograriam tanto historiar fases do pensamento estético dos interlocutores, quanto dar contornos crítico-interpretativos ao momento em análise (MORAES, 2009, p. 117).

As epístolas machadianas – ou seja, sua correspondência ativa –, contudo, nos surpreenderam mais uma vez. À medida que avançávamos na leitura das missivas, percebíamos que, além da forte contenção nos gestos quanto à sua autorrepresentação, Machado de Assis não fez das suas cartas um “laboratório de criação” literária – o que não era mesmo frequente no século XIX, só ganhando maior peso, entre nós, no século XX, com os escritores modernistas. Na verdade, o que vemos, ao longo das cartas escritas por Machado de Assis, bem como nas cartas por ele recebidas, são apenas “ecos” de algumas de suas principais obras publicadas no período. Esses vestígios aparecem sob a forma de observações a respeito do envio de exemplares aos amigos; em referências a críticas, resenhas ou comentários a respeito das obras machadianas e da sua recepção por parte do público e da imprensa; e em comentários sobre a cronologia da criação e da publicação das obras, bem como nos relatos sobre as condições materiais da escritura.

Será a partir de 1872 que Machado de Assis ingressará em um terreno novo, publicando seu romance inaugural, *Ressureição*. Na “Advertência” à primeira edição do romance, Machado, “figurando-se” como o escritor que procura saber se aquele seria um

caminho correto a ser percorrido, afirma: “Aplausos, quando os não fundamenta o mérito, afagam certamente o espírito, e dão algum verniz de celebridade; mas quem tem vontade de aprender e quer fazer alguma coisa, prefere a lição que melhora ao ruído que lisonjeia”⁷³ (ASSIS, 1994). Vale registrarmos que o romance *Ressurreição* não foi publicado de forma seriada e integral em um periódico, antes da edição em volume. Naquele momento, Machado de Assis já atuava como dramaturgo, jornalista, poeta, crítico e ficcionista. Publicara as peças *Desencantos* (1861), *O Protocolo* e *O Caminho da Porta* (1863); os poemas de *Crisálidas* (1864); a peça *Os Deuses de Casaca* (1866); os *Contos Fluminenses* (1870); e as *Falenas* (1870), além de ter atuado como redator do *Diário do Rio de Janeiro* de 1860 a 1867, entre outras participações na imprensa periódica. Dessa forma, seu nome já se destacava nos círculos de convívio literário, o que certamente influenciaria a boa recepção de seu romance inaugural.

A primeira manifestação epistolar da recepção favorável ao romance *Ressurreição* – exposta com deferência e elegância, fazendo uso de expressões consagradas, como “letras pátrias”, “formoso talento” e “mimo da linguagem” – é identificada em uma carta endereçada a Machado de Assis por Gentil de Almeida Braga. Este, natural do Maranhão, era magistrado e jornalista, atuando como um dos redatores do *Semanário Maranhense*, sendo o responsável pelos comentários de política interna e externa. Em carta de 19 de junho de 1872, Braga explica que Joaquim Serra foi quem lhe mandou aquele “lindo romance” e discorre a respeito da boa aceitação que a obra teve por parte da crítica:

São Luís, 19 de junho de 1872.

Meu muito estimado Machado de Assis, Mandou-me o Serra o seu lindo romance – *Ressurreição*. Li-o em viagem do Ceará para esta minha terra do Maranhão, sendo-me o livro entregue no dia da viagem ao chegar o vapor do sul. A crítica já o recebeu como devia, festejando o aparecimento e congratulando-se com as letras pátrias por mais esse delicadíssimo fruto do seu formoso talento. De mim só posso dizer que cada vez mais o admiro. No seu livro há perfeito estudo de caracteres; e o mimo da linguagem em nada desdiz da segurança da vista do observador. (BRAGA apud ASSIS, 2009, p. 63).

Prosseguindo na “retórica do enaltecimento” de *Ressurreição*, e, por extensão, do próprio autor, Almeida Braga, assinalando a sua pretensão de também exercitar-se como autor no gênero romance (“tenho-me aqui posto a delinear um romance” (BRAGA apud ASSIS, 2009, p. 63)), diz estar às voltas com um problema, depois da publicação da referida obra machadiana: “Mas como desempenhar a tarefa depois de *Ressurreição*?” (BRAGA apud

⁷³ Foi utilizada para consulta e transcrição a versão digital. Texto-fonte: **Obra Completa, Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1872.

ASSIS, 2009, p. 63). Entretanto, ao mesmo tempo em que Braga se vê, talvez, incapaz de compor uma obra com a mesma qualidade, demonstra também certo entusiasmo e otimismo: “Nem o seu livro desanimou-me” (BRAGA apud ASSIS, 2009, p. 63).

Outros indícios da boa recepção ao romance inaugural também chegaram dos Estados Unidos. Em carta de 22 de setembro de 1872, José Carlos Rodrigues, que residia em Nova York, parabeniza Machado pelo “brilhante sucesso da sua *Ressurreição*” (RODRIGUES apud ASSIS, 2009, p. 78), e promete que escreverá sobre o livro num dos próximos números da revista *Novo Mundo*, da qual era editor, conforme apontamos anteriormente. Com efeito, o artigo em que avaliava *Ressurreição* foi publicado na edição de 23 de dezembro de 1872 da revista. Nele, ainda que elevasse a obra machadiana por meio de muitos elogios, também destacava elementos não tão “aceitáveis” do ponto de vista moral. Machado responde ao amigo em carta de 25 de janeiro de 1873, portando-se com a humildade retórica própria da *capptatio benevolentiae*, agradecendo pelas palavras do crítico e concordando com os apontamentos levantados no artigo, fosse por diplomacia ou por partilhar em grande parte o puritanismo de Rodrigues:

Aperto-lhe mui agradecidamente as mãos pelo seu artigo do *Novo Mundo* a respeito do meu romance. E não só agradeço as expressões amáveis com que me tratou, mas também os reparos que me fez. Vejo que leu o meu livro com olhos de crítico, e não hesitou em dizer o que pensa de alguns pontos, o que é para mim mais lisonjeiro que tudo... Não deixarei de lhe dizer desde já que as censuras relativas a algumas passagens menos recatadas são para mim sobremodo salutares. Aborreço a literatura de escândalo, e busquei evitar esse escolho no meu livro. Se alguma coisa me escapou, espero emendar-me na próxima composição. (...) O nosso João de Almeida tinha-me pedido em seu nome um retrato, que lhe entrego hoje e lá irá ter às suas mãos. Não me será dado obter igualmente um retrato seu para o meu álbum dos amigos? Creia-me, como sempre, Seu amigo, patricio admirador Machado de Assis. (ASSIS, 2009, p. 82-83)

Constatamos, por meio dessa carta, que Machado de Assis recebe a crítica publicada na revista *Novo Mundo* com a atitude que ele mesmo aconselhara aos escritores, anteriormente, nos seus artigos sobre crítica literária, asseverando que, para ele, as palavras de José Carlos Rodrigues compunham uma crítica construtiva, sendo então recebidas como uma forma de elogio (“o que é para mim mais lisonjeiro que tudo”). Nesse sentido, as portas eram deixadas abertas para outros artigos elogiosos no futuro, ou novas correspondências, considerando que, no trecho final dessa carta, ele solicita, ainda que indiretamente, um retrato do destinatário, exemplificando também uma prática comum da época: o hábito de colecionar retratos dos amigos e intelectuais admirados. É interessante observarmos, ainda, que, quando

o escritor afirma “Aborreço a literatura de escândalo”, ele aponta diretamente para um princípio que norteará toda a sua obra.

Uma carta que pode demonstrar a tentativa de Machado de Assis para projetar-se no exterior é a enviada para Júlio César Machado. Em março de 1871, o publicista português já havia publicado uma crítica elogiosa às *Falenas*, e, seguramente motivado pela boa recepção que já obtinha em Portugal, Machado enviara um exemplar de *Ressurreição* ao jornalista, esperando, possivelmente, que fosse publicado algum artigo sobre seu romance. Escreve Machado de Assis:

(...) O Doutor Alvarenga leva da minha parte muitas e muitas recomendações a Vossa Excelência. Não sei se já terá recebido um romance meu, há algum tempo enviado por intermédio do meu amigo o Senhor Conselheiro José Feliciano de Castilho. **Vale pouco**; mas como dizia um patricio meu ao ilustre Garrett, – o coração só dá bagatelas. (...) (ASSIS, 2009, p. 80, grifos nossos)

Essa carta sinaliza uma outra característica recorrente na escrita epistolar machadiana – característica que já se mostrava, com frequência, nos prefácios dos romances de nossos escritores românticos: o recurso da modéstia. Ou da “falsa modéstia”, como assinalamos anteriormente. Nesse sentido, é curioso pensarmos que Machado de Assis, na carta acima, acaba opondo-se a si mesmo, se considerarmos o que escreve na “Advertência” do romance *Ressurreição*. O fato é que, já em sua fase inicial como romancista, Machado, ao exercitar sua veia narrativa, constrói “Advertências” reflexivas e contundentes, entremeadas por críticas e autocríticas, além de uma boa dose de espirituosidade. É nesse caminho que elabora o prefácio de *Ressurreição*, no qual o jovem romancista alude, ironicamente, aos prefácios correntes na época, escritos com expressões de falsa modéstia, mencionadas, também em clave irônica, pelo romancista:

A crítica desconfia sempre da modéstia dos prólogos, e tem razão. Geralmente são arrebiques de dama elegante, que se vê ou se crê bonita, e quer assim realçar as graças naturais. Eu fujo e benzo-me três vezes quando encaro alguns desses prefácios contritos e singelos, que trazem os olhos no pó da sua humildade, e o coração nos píncaros da sua ambição. (ASSIS, 1994)⁷⁴

Entretanto, não só na carta enviada a Júlio César Machado, mas ao longo de toda a produção epistolar de Machado de Assis, ou seja, na sua correspondência ativa, identificamos diferentes exemplos da tendência do missivista a compor cartas que procurem sugerir a

⁷⁴ Foi utilizada para consulta e transcrição a versão digital. Texto-fonte: **Obra Completa**, Machado de Assis, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1872.

modéstia no tocante às suas produções literárias. Analisando as missivas em seu fluxo, ou seja, numa sucessão entre envio e recebimento – o que acaba por criar uma história, fazendo com que a carta se constitua em uma rede textual, conforme mencionamos no capítulo 1 –, foi possível observar que essa modéstia, ou melhor, essa “falsa modéstia” empregada na troca epistolar faz parte do jogo das relações da época, criando, assim, uma *persona* que se diminui, trazendo “os olhos no pó da sua humildade”, mas na verdade buscando ser enaltecida pelo outro, tendo “o coração nos píncaros da sua ambição”. Essa maneira de escrever compõe a encenação epistolar machadiana, que tem como finalidade incluir-se e manter-se dentro do círculo de convívio da vida literária da época, construindo uma rede de relações favorável à publicação e à recepção das obras e das críticas literárias.

É o que podemos observar em outras cartas do período, que demonstram, de igual forma, ecos da produção literária machadiana. Assim, não só o romance *Ressurreição* deixou vestígios na correspondência, conforme observamos anteriormente. Vemos, na troca epistolar com Salvador de Mendonça, menções à obra *Americanas*, publicada pela editora de B. L. Garnier. A primeira edição era composta de uma “Advertência” e 13 poemas, e seus exemplares chegaram às ruas na segunda quinzena de dezembro de 1875. Quanto a essa obra, que representa, por parte de Machado de Assis, uma adesão tardia, e de modo peculiar, à temática indianista, percebemos que a ideia central dos poemas de *Americanas* já teria sido esboçada, de certa forma, no artigo “Instinto de Nacionalidade”, sobre o qual discorreremos anteriormente. Em *Americanas*, Machado exemplifica a tendência universalizante abordada no ensaio de 1873, provando que o “elemento indiano” deve ser tratado como “matéria de poesia”, ou seja, por meio de textos que primem pelo trabalho literário, superando as particularidades e a ideia de que ele é um patrimônio exclusivo da nossa literatura (ASSIS, 1994)⁷⁵.

Ainda a respeito do livro *Americanas*, em carta de 24 de dezembro de 1875, Machado responde a uma missiva de Salvador de Mendonça. Já viúvo, Mendonça atuava em Nova York como cônsul-geral, e demonstrava, em sua correspondência, um grande desejo de ver Machado de Assis na delegação oficial norte-americana, mas o escritor deixou claro que não almejava essa nomeação do governo. Na troca epistolar entre eles apreende-se um tom de apreço e de solidariedade, o que não causa estranheza, considerando a relação de amizade que os unia há muitos anos. Na mencionada carta, Machado envia ao amigo um exemplar de

⁷⁵ Foi utilizada para consulta a versão digital. Texto-Fonte: **Obra Completa de Machado de Assis**, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994. Publicado originalmente em *O Novo Mundo*, 24/03/1873.

Americanas, e pede que Salvador o leia e que lhe escreva suas impressões, compondo assim a chamada *petitio*. Nesta carta, a pose da “modéstia” também se faz sentir:

Muito me contas desse país. Li-te com água na boca. Pudesse eu ir ver tudo isso! Infelizmente a vontade é maior do que as esperanças, infinitamente maiores do que a possibilidade. Não espero nem tento nomeação do governo, porque naturalmente os nomes estão escolhidos. Mais tarde, é possível talvez. Remeto-te um exemplar das minhas *Americanas*. Publiquei-as há poucos dias, e creio que agradaram algum tanto. **Vê lá o que isso vale; lê se tiveres tempo, escreve-me as tuas impressões.** Não remeto exemplar ao nosso Rodrigues, porque o Garnier costuma fazê-lo diretamente, segundo me consta. (ASSIS, 2009, p. 110, grifos nossos)

Na resposta de Salvador de Mendonça, podemos observar que o fato de Machado de Assis não ter demonstrado explicitamente, na missiva anterior, as qualidades que, possivelmente, veria em seu livro de poemas, resulta em uma apreciação positiva das *Americanas*, sinalizada no trecho da carta abaixo:

Falas no meu almejado consulado definitivo, e até hoje não sei quando mo darão. (...) Falas-me das tuas *Americanas*, que todas li com sumo deleite, e de que encontrarás novas no *Novo Mundo* do mês de março, e delas te direi alguma coisa adiante, quando te falar também da minha *Americana*. Falas no meu andar e trabalhar e escrever, e adicionarei que tenho feito mais do que calculas, pois estou com um volume acerca dos coolies⁷⁶ quase pronto, e um romance quase terminado também. (MENDONÇA apud ASSIS, 2009, p. 112)

Salvador de Mendonça cumpre com a palavra e publica, no periódico *Novo Mundo*, um artigo elogioso sobre o volume *Americanas*. Ainda que o amigo não tenha examinado profundamente as composições poéticas da obra em questão, Machado lhe envia os agradecimentos em carta de 13 de novembro de 1876, destacando a qualidade do texto de Mendonça: “Está como tudo o que é teu: muita reflexão e forma esplêndida. Cá ficará entre minhas joias literárias” (ASSIS, 2009, p. 124). É nessa mesma carta que vemos a única menção, no TOMO II, ao romance *Helena*, e, mais uma vez, Machado exhibe o costumeiro perfil da “modéstia”, ao enviar um exemplar da obra ao amigo: “Vai por este vapor um exemplar da *Helena*, romance que publiquei no *Globo*. Dizem aqui que dos meus livros é o menos mau; não sei; lá verás. **Faço o que posso e quando posso**” (ASSIS, 2009, p. 124-125, grifos nossos).

Ainda que, na carta de 13 de novembro, o escritor atribua à própria obra uma apreciação de pouco valor, encontramos indícios, em outra correspondência, do cuidadoso

⁷⁶ “(...) massa móvel de trabalhadores assalariados, quer indianos, quer chineses, que se irradiaram pelo Ocidente servindo a várias sociedades.”. (YANG, 1977, p. 419)

trabalho de pesquisa por parte de Machado de Assis, quando da elaboração das *Americanas*. Na carta de Alfredo D'Escagnolle Taunay, enviada a Machado em 15 de outubro de 1873, vemos que, dois anos antes da publicação de *Americanas* (1875), Machado já se voltava para o tema da composição “Niãni (história guaicuru)” e compartilhava ideias sobre o tema com aquele correspondente. O futuro Visconde de Taunay esclarece a Machado, na referida carta, alguns pontos que justificam a escolha do nome da heroína Guaicuru:

Amigo Machado de Assis. Depois de nossa conversa última pensei qual podia ser o verdadeiro nome que deve ter a sua heroína Guaicuru. A tradição em que você se funda dá Naniné. Pois bem, o vocábulo legítimo e que servia de apelido a algumas mulheres guaicurus é Nianni [niãni], que quer dizer – criança, pessoa fraca, débil. Julguei de obrigação comunicar-lhe isto. (...) Nianni é por certo melhor. (TAUNAY apud ASSIS, 2009, p. 87).

Conforme já mencionamos, ao analisarmos a produção epistolar machadiana, constatamos que as cartas escritas por Machado de Assis não funcionam como um “laboratório de criação” literária. Entretanto, a correspondência de Taunay nos oferece uma mostra do processo de composição da obra *Americanas*. Tendo em vista as afirmações do remetente nessa missiva, vemos que Machado buscou conhecer melhor a cultura indígena Guaicurú, além de solicitar a opinião do amigo quanto à escolha mais adequada para o nome da heroína. Assim, por meio da voz de Alfredo D'Escagnolle Taunay, podemos dizer que sim, conseguimos acessar, de certo modo, parte do “rascunho” da referida obra poética.

Um dos vestígios mais significativos da obra machadiana encontrados em seu epistolário, no período de 1870 a 1889, são, sem dúvida, as referências ao livro que consagrou Machado de Assis como romancista: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Publicada de março a dezembro de 1880 na *Revista Brasileira*, e em 1881 em volume, a obra elevou a literatura brasileira a outro patamar, ao mesmo tempo em que surpreendeu a muitos na época, desconcertando leitores e críticos literários, uma vez que “(...) desafiou todos os sistemas explicativos disponíveis então (...)” (GUIMARÃES, 2017)⁷⁷. Assim, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, surgiu a necessidade de a crítica literária rever seus conceitos e pressupostos, sob pena de deixar de cumprir o papel que lhe fora designado pelo próprio Machado de Assis em “O ideal do crítico”.

Entre muitos outros traços inovadores, o autor das *Memórias póstumas* utiliza a ficção para problematizar valores e convicções de sua época, como crenças, ilusões e preconceitos

⁷⁷ Trecho retirado da entrevista concedida por Hélio de Seixas Guimarães ao **Jornal da Usp**. Disponível em <https://jornal.usp.br/cultura/memorias-postumas-de-bras-cubas-observa-a-condicao-humana/>.

que até então pautavam a produção cultural e a vida social, não só no Brasil, como no mundo. Outro traço relevante desse romance, no que diz respeito à carreira de romancista de Machado de Assis, é o fato de *Memórias póstumas* demonstrar a independência literária e intelectual do autor na composição da obra, o que até hoje continua a admirar e intrigar leitores e pesquisadores, conforme nos lembra Antonio Candido:

[Machado] recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor atento as mais desmedidas surpresas. A sua atualidade vem do encanto quase intemporal do seu estilo e desse universo oculto que sugere os abismos prezados pela literatura do século XX. (CANDIDO, 1995, p. 18)

Contudo, a recepção crítica da época, num primeiro momento, estava longe de identificar essas inovações. A reação inicial, segundo Ubiratan Machado, foi de “pasma e de uma mal disfarçada indignação” (MACHADO, 2003, p. 17). Alguns críticos, mais indignados, evitavam julgar as *Memórias Póstumas* como obra literária, tentando invalidá-la por meio de uma análise baseada em valores morais: “Como tal, devia ser repudiado. Era uma atitude quase inquisitorial” (MACHADO, 2003, p. 18). Essa dificuldade em compreender a obra também será evidenciada na correspondência. É o que podemos identificar nas duas cartas a seguir, as quais veiculam percepções diferentes acerca das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

É de Mar de Espanha, em Minas Gerais, que vêm os primeiros comentários, nas cartas, acerca da narrativa do “defunto-autor”. Em correspondência enviada em 21 de julho de 1880 por Antônio Joaquim de Macedo Soares⁷⁸, amigo de Machado de Assis de longa data, vemos uma breve apreciação do romance: o correspondente destaca a “singeleza” e a elegância do autor na forma como narra os fatos. Parece que Macedo Soares preferiu não destacar os pontos dissonantes do romance, seja por educação e reverência, seja pela falta de compreensão mais profunda da narrativa, o que não seria surpresa. Saindo, talvez, pela tangente, destaca apenas o capítulo 47, que parece ter agradado bastante ao missivista:

⁷⁸ Bacharel em ciências jurídicas e sociais, atuou como advogado por pouco tempo, passando logo à magistratura como juiz municipal e de órfãos. Na República, foi desembargador na Corte de Apelação e, por fim, ingressou no Supremo Tribunal Federal. Como juiz, teve atuação firme em favor da liberdade dos escravizados, notabilizando-se pela aplicação da Lei Eusébio de Queirós, de 7 de novembro de 1831, aos casos em que os africanos fossem mantidos fraudulentamente em servidão, não tendo jamais lavrado sentença que atentasse contra os seus direitos.

Amigo e Senhor Machado de Assis, Já o cumprimentei pelo capítulo 47 do seu *Brás Cubas*; cito de memória, mas é o da “partilha amigável”, que deixa os co-herdeiros brigados. O episódio vale um livro pela verdade dos fatos, singeleza no contá-los, sobriedade de acessórios e mais partes que distinguem os grandes escritores. Está muito gracioso e, escusa de acrescentar, bem escrito o ato camoniano, que aliás, só na cena pode ser bem apreciado, ao lume da rampa, ao calor da plateia, na atmosfera de entusiasmo do dia. Parabéns pelos seus triunfos literários, a que sabe com quanto gosto me associo. (SOARES, 2009, p. 177)

Além de Macedo Soares, Capistrano de Abreu também usa o espaço da correspondência para parabenizar Machado pelo romance que narra os episódios da vida de Brás Cubas. Na carta enviada de Campinas, datada de 10 de janeiro de 1881, Abreu resume sua impressão da obra no trecho: “(...) deliciosa, – e triste também (...)”. Capistrano não demorou muito a comentar sobre *Brás Cubas* na sua seção “Livros e Letras”, na *Gazeta de Notícias* de 30/01 e 01/02/1881. Com uma visão mais arguta, quando comparada à dos demais críticos daquele período, Capistrano de Abreu “viu nas *Memórias* ‘um livro concêntrico’, dentro do qual havia muitos livros, ‘de tendências nem sempre convergentes’” (MACHADO, 2003, p. 18). Tal apreciação crítica reflete a perplexidade e a admiração já expressas na mencionada carta, como veremos no trecho transcrito a seguir. Esta missiva já demonstrava, de maneira mais evidente, o quanto *Memórias Póstumas* podia surpreender o público e a crítica, despertando diferentes reações e interrogações:

Dear Sir, hoje às 7 horas da manhã, poucos momentos antes de tomar o trem de Rio Claro para Campinas, me foi entregue com a sua carta de 7 o exemplar de *Brás Cubas* que teve a bondade de me enviar. Li de Rio Claro a Campinas, e, preciso dizer-lhe? – a impressão foi deliciosa, – e triste também, posso acrescentar. Sei que há uma intenção latente porém imanente em todos os devaneios, e não sei se conseguirei descobri-la. Em São Paulo, por diversas vezes, eu e Valentim Magalhães [...] nos ocupamos com o interessante e esfíngico X. Ainda há poucos dias ele me escreveu: **o que é *Brás Cubas* em última análise? Romance? dissertação moral? defastio humorístico? Ainda o sei menos que ele.** A princípio me pareceu que tudo se resumia em um verso de Hamlet de que me não lembro agora [...], mas em que figura *the pale cast of thought*. Lendo adiante, encontrei objeções... *et je jette ma langue aux chiens*. (ABREU apud ASSIS, 2009, p. 188, grifos nossos).

Apesar de seu formato inovador, vemos que, de modo geral, a recepção da obra foi positiva, superada a fase do impacto da recepção crítica, se considerarmos as apreciações feitas pelos correspondentes na troca epistolar com Machado de Assis. Parece haver entre os pares machadianos uma voz unânime quanto à qualidade e singularidade da obra. Mas não podemos nos esquecer de que o gênero epistolar, no século XIX, se fundamenta em certos convencionalismos, conforme discorreremos no capítulo 1 desta tese, e o principal deles é a própria elegância da escrita, ou seja, a carta sempre trilhará o caminho da polidez. Dessa

forma, cada opinião e comentário expressos nas cartas, elogiosos ou não, deveriam se submeter ao tom epistolar adequado, cumprindo os ditames e a retórica previstos para o gênero.

Dentre os correspondentes machadianos que tecem, nas cartas, comentários acerca das *Memórias Póstumas*, Miguel de Novais é o único que nos indica com maior clareza que a referida obra não foi bem compreendida pelo público em geral. Diferente de Macedo Soares e Capistrano de Abreu, que parecem escrever o que Machado gostaria de ouvir, Novais procura animar o cunhado e o encoraja a não valorizar a opinião pública. Na busca por incentivar Machado de Assis a continuar escrevendo, o irmão de Carolina alude à singularidade do romance e indica que, realmente, grande parte do público não compreendeu *Memórias Póstumas*. Entretanto, lembra ao correspondente que, de modo geral, obras tão inovadoras agradam a poucos, inicialmente:

Benfica, 21 de julho de 1882. (...) Parece-me não ter razão para desanimar e bom é que continue a escrever sempre. **Que importa que a maioria do público lhe não compreendesse o seu último livro? – há livros que são para todos e outros que são só para alguns. O seu último livro está no segundo caso e sei que foi muito apreciado por quem o compreendeu.** Não são, e o amigo sabe-o bem, os livros de mais voga os que têm mais mérito. Não pense nem se ocupe da opinião pública quando escrever. A justiça mais tarde ou mais cedo se lhe fará, esteja certo disso, e como o sermão se acabou com o papel terminarei também pedindo-lhe dê saudades nossas a Carolina e para o amigo um abraço do seu do coração. (NOVAIS apud ASSIS, 2009, p. 227-228, grifos nossos).

Será nessa mesma carta que veremos menção a respeito da obra seguinte, *Papéis Avulsos*. Publicada em outubro de 1882 pela Lombaerts & Cia, a edição reuniu doze contos, todos publicados anteriormente em periódicos diversos, entre outubro de 1875 e outubro de 1882. O volume *Papéis Avulsos* tem, quanto ao gênero conto, relevo equivalente ao que possui *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no romance: afinal, ambos assinalam a emergência da singularidade ficcional do escritor, livre das amarras ideológicas e da estética romântica, assumindo significações estranhas para a concepção literária da época. E, a partir daí, Machado vai tecendo cada vez mais seu “roteiro de consagração”, por meio de uma produção literária ímpar, conforme sinaliza Antonio Candido:

O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção de Machado de Assis é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. (...) Era uma forma de manter, na segunda metade do século XIX, o tom caprichoso do Sterne, que ele prezava; de efetuar os seus saltos temporais e brincar com o leitor. Era também um eco do *conte philosophique*, à maneira de Voltaire, e era sobretudo o seu modo próprio de deixar as coisas meio no ar, inclusive criando certas perplexidades não resolvidas. (...) A sua técnica consiste essencialmente em sugerir

as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície. (CANDIDO, 1995, p. 22-23)

Retomando a carta de Miguel de Novais, este, após discorrer longamente sobre questões escandalosas da política lisboeta, muda o foco da temática da carta e questiona o cunhado sobre um volume que deveria ter sido finalizado em junho: “Deixemos porém estas misérias (...). Já se publicou o volume que **me diz ter no prelo** e que devia estar pronto em Junho? Quando estiver publicado e tiver ocasião de enviar-mo não se esqueça.” (NOVAIS apud ASSIS, 2009, p. 227, grifos nossos). A tradição biográfica sustenta que Machado de Assis guardava sigilo, junto aos amigos, sobre os seus trabalhos literários em andamento, fato que constatamos ao longo deste e do capítulo anterior da presente tese. Contudo, com Miguel de Novais, o critério do sigilo parece não valer. Ainda que não haja, por parte de Machado, nenhuma menção à elaboração de suas obras, é possível depreender de algumas cartas do irmão de Carolina que este está ou respondendo a Machado de Assis, ou aconselhando o escritor acerca de alguma inquietação literária que lhe expusera, o que situa o cunhado Miguel de Novais no lugar de interlocutor machadiano privilegiado.

Outra carta que faz referência ao livro *Papéis Avulsos* é a de 14 de abril de 1883, enviada por Machado ao amigo Joaquim Nabuco. Filho do senador José Tomás Nabuco de Araújo, Nabuco sempre pôde desfrutar de uma vida tranquila e confortável. Conheceram-se graças à relação de amizade entre Machado e o filho mais velho da família Nabuco, Sizenando. Joaquim Nabuco inicia a correspondência com Machado de Assis ainda muito jovem, aos 15 anos de idade. Ao longo da vida, Joaquim Nabuco apaixonou-se pela política, sendo nomeado adido em Washington (1876) e Londres (1877). Durante suas longas permanências no exterior, a amizade entre eles, consolidada a partir da década de 1870, sustentou-se apenas por cartas. Foi a Nabuco, inclusive, que Machado de Assis dirigiu uma de suas últimas cartas, enviando-lhe o *Memorial de Aires*, em 1º de agosto de 1908.

Juntamente com a carta de 14 de abril de 1883, nosso signatário envia a Nabuco um exemplar de *Papéis Avulsos*. Nessa correspondência, Machado de Assis comenta, mesmo que brevemente, a respeito do seu volume de contos, e espera, ou conta, com uma avaliação de Nabuco. Tal missiva torna-se interessante porque, além de indicar uma sutil apreciação machadiana acerca da própria obra, demonstra como Machado missivista lança mão do caráter retórico do discurso epistolar para desviar o olhar sobre si mesmo e, assim, voltar-se para o correspondente, por meio da construção da *captatio benevolentiae*:

Meu caro Nabuco. (...) Antes de falar do livro, agradeço muito as suas lembranças de amizade, que de quando em quando recebo. A última, um retalho de jornal, acerca da partida de xadrez, foi-me mandada à casa pelo Hilário; (...) Vê Você que, se se lembra dos amigos, o correio não o deixa mal, e é pontual transmissor das suas memórias. Oxalá faça o mesmo com o livro que ora lhe envio, Papéis Avulsos, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a Época. Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a Chinela Turca) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro. **Você me dirá o que ele vale. E agora, passando a coisa de maior tomo, deixe-me dizer-lhe, não só que aprecio e grandemente as suas cartas de Londres para o Jornal do Comércio, como que os meus amigos e pessoas com quem conversei, a tal respeito, têm a mesma impressão.** E olhe que a dificuldade, como Você sabe, é grande, porque no geral as questões inglesas (não só as que Você indicou em uma das cartas, e se prendem aos costumes e interesses locais, mas até as grandes) são pouco familiares neste país; **e fazer com que todos as acompanhem com interesse, não era fácil, e foi o que Você alcançou. Sua reflexão política, seu espírito adiantado e moderado, além do estilo e do conhecimento das coisas dão muito peso a esses escritos.** Há um trecho deles, que não sei se chegou a incrustar-se no espírito dos nossos homens públicos, mas considero-o como um aviso, que não devia sair da cabeceira deles: é o que se refere à nossa dívida. **Palavras de ouro**, que oxalá não sejam palavras ao vento. A insinuação relativa à perda de alguma parte da região brasileira abre uma porta para o futuro. Adeus, meu Nabuco, continue a lembrar-se de mim, assim como eu continuo a lembrar-me de Você, e **deixe-me apreciar o seu talento**, se não posso também gozar do seu trato pessoal. Um abraço do Amigo e admirador afetuosíssimo M. de Assis. (ASSIS, 2009, p. 249-250, grifos nossos)

Conforme vimos nos capítulos anteriores, a *captatio benevolentiae* visa a compor um discurso persuasivo, que pode ser elaborado por meio do uso de expressões de humildade, empregadas pelo próprio missivista, ou pela caracterização elogiosa do destinatário. Assim, na carta acima, é possível observar que Machado se constrói, se encena diante do seu correspondente por meio da declaração humilde acerca do próprio livro (“Você me dirá o que ele vale”), e, ao mesmo tempo, enaltece as qualidades discursivas do amigo. De igual forma, por meio do uso de expressões de amizade na construção da captação da benevolência, e na *conclusio* – despedida –, Machado atende a outra característica mencionada por Demétrio, um dos precursores da arte epistolar na Antiguidade. A cortesia e a amizade entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco, assim como o prestígio social dos dois, eram propícias a esse conjunto de amabilidades, que estará presente em outras cartas trocadas entre eles.

Outra correspondência que merece nossos comentários é a de 5 de janeiro de 1885, enviada a Machado pelo cunhado Miguel de Novais. Mais uma vez, podemos identificar o lugar que este ocupava, na trama epistolar, como interlocutor privilegiado de Machado de Assis. Nessa carta, encontramos comentários interessantes de Novais sobre alguns contos de *Histórias sem Data*, volume publicado em 1884. Sendo um dos correspondentes com quem

Machado demonstrava maior intimidade, cada observação feita por Miguel deve ser levada em conta:

Já li duas vezes estas suas histórias sem data. O meu amigo adotou um gênero, de que eu aliás gosto muito, que pode agradar a muitos como agrada, mas que não fará de Machado de Assis um escritor popular. Se fossem essas as suas ambições não seria aquele o caminho de realizá-las, mas o amigo mira mais alto e chega com certeza ao que deseja. Ninguém menos que eu habilitado para dar a minha opinião sobre um livro, qualquer que seja, e consequentemente nenhuma opinião de menos importância do que a minha; mas gosto destas suas histórias porque vejo nelas muito estudo, muita observação e muito engenho na urdidura. **Naqueles pequenos contos, à primeira vista, singelíssimos, há muita filosofia – A Igreja do diabo – acho magnífico e bem feito de uma vez. – As Academias de São têm também a meu ver grande mérito** e percebo estes, como percebo outros muitos, dos contos de que se compõe o volume – devo-lhe confessar porém que, alguns há em que lhe não meto dente. **Como eu porém não me contento com lê-los uma vez só, talvez venha a compreender o que por enquanto ainda me aparece um pouco velado.** (NOVAIS apud ASSIS, 2009, p. 285, grifos nossos.)

O trecho acima da correspondência enviada por Miguel de Novais é muito interessante, pois nos mostra, em certa medida, o que é exigido do leitor de Machado de Assis, antecipando a atitude que o próprio escritor exigiria do seu leitor. O irmão de Carolina afirma já ter lido “duas vezes estas suas histórias sem data”, e ainda assim parece não compreender alguns pontos da obra. Estas palavras nos lembram que, anos mais tarde, no romance *Esau e Jacó*, o narrador machadiano dirá que o leitor precisa passar o livro várias vezes pelo estômago e que, só assim, poderá compreendê-lo: “O leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou parecia estar escondida” (ASSIS, 2016, p. 129).

Miguel compartilhava com o cunhado, naquela missiva, suas impressões “sinceras”, algumas das quais ainda dizem muito sobre a obra de Machado de Assis. Se algumas delas seriam, possivelmente, representativas do leitor típico (o teor filosofante do conto “A igreja do diabo”, por exemplo), Miguel não parecia comprometido com a usual atitude de reverência absoluta ao escritor que conquistava o seu lugar no quadro da literatura brasileira. Fazia as suas observações, algumas vezes com grande perspicácia, outras um tanto ingenuamente, mas quase sempre com uma dose de sensibilidade e independência consideráveis, conforme aparece de maneira explícita no fragmento transcrito acima. Por fim, cabe observarmos o cuidado e a intuição de Miguel de Novais em recomendar ao cunhado que preservasse “Um cão de lata ao rabo”, considerado hoje em dia uma pequena obra-prima do estilo machadiano.

Finalizando a análise das cartas do Tomo II da Correspondência de Machado de Assis, foi possível observarmos, assim como no Tomo I, a relevância ímpar das cartas do período de 1870 a 1889. Neste volume, no qual figuram cartas abertas e privadas, cartões e telegramas, foi possível acessarmos mais informações a respeito da biografia e da produção literária machadiana, em um dos períodos mais significativos de sua obra. Seguindo a mesma abordagem do capítulo 2, norteamos nossa investigação do epistolário a partir de quatro grandes veios, já exaustivamente apontados: os limitados contornos da autofiguração machadiana; o valor documental das cartas, como registro e matéria de reflexão sobre o seu tempo histórico, político e social, valor este que se prolonga por duas outras frentes: a que evidencia os temas literários e artístico-culturais discutidos pelo escritor e por seus pares, com destaque para o nítido desenho da vida literária da época; e a que dá relevo ao memorialismo literário do escritor. Além dessas linhas ou veios, o Tomo II nos permite acompanhar e testemunhar algumas parcelas do estafante dia a dia de Machado de Assis como funcionário público.

Assim como no primeiro volume da coleção, as correspondências apresentadas no Tomo II não expõem detalhes íntimos da vida de Machado de Assis, mesmo nas cartas privadas, permanecendo o tom discreto, elegante e, por vezes, finamente figurado e espirituoso já observado no período anterior, indicando, uma vez mais, que o autor de *Brás Cubas* tende a não se distanciar em demasia dos princípios retóricos da *ars dictaminis*, considerando os diferentes resquícios dessa tradição retórica que estão perceptíveis também nas cartas Tomo II. Contudo, foi possível identificar que, nas missivas de 1870-1889, Machado, em certas passagens, continua a expandir um pouco mais os contornos da figuração de si mesmo. Vimos que o ritmo acelerado e constante – quase ininterrupto – de trabalho no gabinete, além da dedicação à atividade como homem de letras, deixou marcas no próprio corpo de Machado, alargando os contornos da autorrepresentação por meio de relatos, ainda que breves, e rápidas menções à enfermidade e aos padecimentos de seu corpo.

Quanto ao teor documental das cartas, foi possível identificarmos, ainda que por via indireta, um maior espaço dedicado aos temas da política, nas missivas do período. Diferentemente do que observamos no Tomo I, as cartas do Tomo II demonstraram que, sim, Machado de Assis tratou de política em sua correspondência privada. Enquanto, na análise do primeiro volume, observamos que o jovem Machado se lançava firmemente nos assuntos políticos fora do espaço epistolar, por meio da publicação de artigos na coluna “Comentários da Semana”, do *Diário do Rio de Janeiro*, as cartas do segundo volume do epistolário

indicam que Machado costumava tecer comentários, em suas missivas, sobre a política no Brasil, conforme indicado principalmente nas cartas a ele enviadas pelo cunhado Miguel de Novais.

O veio documental das missivas, mais uma vez, abriu-se na direção de dois outros: o que apontou para os principais assuntos tratados entre os correspondentes e o que registrou o memorialismo literário presente – e evidenciado – nas cartas. No que diz respeito aos principais temas dos escritores, as cartas dos dois volumes encenam com clareza a vida literária da época, na qual se destaca a atuação machadiana como crítico. Nesse âmbito, as cartas de 1870 evidenciam a origem de um dos mais importantes textos críticos de Machado de Assis, o “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade”. Além desses aspectos, as cartas do Tomo II documentam mais um assunto recorrente: aquele que diz respeito ao perfil profissional machadiano, como foi possível identificarmos nas menções ao exaustivo trabalho burocrático exercido por ele.

Sobre o memorialismo literário, foi possível identificarmos que Machado de Assis, no período de 1870 a 1889, não fez das cartas um “laboratório de criação” literária, apesar de, nos anos 1880, terem sido publicadas duas de suas principais obras, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Papeis Avulsos*, a respeito das quais nosso escritor pouco comenta nas missivas, o que evidencia um aspecto comum aos escritores brasileiros do século XIX. Entretanto, as missivas do Tomo II contêm “ecos” de algumas das obras publicadas por Machado de Assis durante os decênios de 1870 e 1880, por meio de menções a artigos e a resenhas de seus livros; e de comentários sobre a recepção, por parte do público e da imprensa, com destaque para as *Memórias Póstumas*, pois, conforme apontamos neste capítulo, algumas cartas evidenciaram como se deu a recepção crítica desse romance, logo após a sua publicação. Há também vestígios de algumas das obras machadianas nos registros sobre o envio de exemplares aos amigos, ou, ainda, nos relatos sobre as condições materiais da escritura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como Machado de Assis escreve a Raimundo Correia, em 07/10/1886, declarando que “A distância não tira a memória aos amigos”, afirmamos que a passagem do tempo, da mesma forma, não apaga a marca deixada pelo autor das *Memórias Póstumas* no contexto literário brasileiro. Por esse motivo, ainda que diante de inúmeros trabalhos de pesquisa em torno do nome do idealizador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, voltamos nossos olhares, cheios de interesse e curiosidade, novamente a Machado de Assis. Seguimos um caminho diferente de grande parte daqueles estudos, dedicando nossa pesquisa à epistolografia machadiana, âmbito ainda pouco explorado por pesquisadores.

Em nosso levantamento acerca das cartas que configuram os Tomos I e II da compilação proposta pela Academia Brasileira de Letras, propusemos uma abordagem que nos permitiu destacar aspectos – que nos pareceram fundamentais – do projeto de escrita epistolar machadiana, por meio de quatro veios de análise: o esboço de alguns dos traços com que Machado de Assis elabora a sua **autorrepresentação**; a abordagem do **valor documental das cartas**, veio que se abre para outros dois, quais sejam: os **principais assuntos, no âmbito artístico e literário**, tratados na correspondência; e o que chamamos de **memorialismo literário** do escritor.

Com vistas a uma análise mais proveitosa do *corpus* a partir dos veios apontados acima, destacamos alguns aspectos mais gerais – relativos à práxis epistolar – acerca da escrita epistolar machadiana. Conforme discorreremos no capítulo 1 desta tese, a carta, enquanto gênero, pode ser definida como uma conversa entre pares, o que aproxima a missiva do diálogo, no tocante ao compartilhamento de notícias, característica recorrente na correspondência machadiana. Além disso, quanto à linguagem, observamos que Machado de Assis mantém uma escrita, via de regra, cautelosa, preferindo expressar-se de forma comedida. Nesse sentido, tendo como base a leitura do aporte teórico, percebemos que as cartas enviadas por Machado de Assis apresentam um padrão, um “molde” de escrita. No tocante a esse aspecto, indicamos que o poeta de *Crisálidas* tende a seguir os princípios retóricos da *ars dictaminis*, considerando os diferentes resquícios de uma tradição retórica que estão perceptíveis em sua correspondência, privada ou não, conforme abordamos ao longo de nossas análises. Assim, podemos afirmar que o princípio elementar do projeto epistolar machadiano se fundamenta na própria tradição retórica, o que permite a elaboração de uma

mensagem marcada pela moderação, bem como a composição de uma escrita clara e “limpa” (ainda que espirituosa), sem recorrer ao uso de jogos retóricos artificiosos.

A partir dessa constatação, ainda na primeira leitura dos dois volumes do epistolário, já tínhamos consciência de que a correspondência machadiana não representaria, como muitos podem imaginar, uma “carta aberta” para sua intimidade. Nesse sentido, é compreensível a frustração que muitos pesquisadores possam ter sentido ao analisarem a correspondência ativa de Machado de Assis. Daí, talvez, a causa de suas epístolas terem sido, de certa forma, “esquecidas” por muito tempo em alguma estante empoeirada, no meio das pesquisas acadêmicas, nas quais havia – ou há – uma tendência para a investigação, preferencialmente, dos textos literários de nosso escritor. Entretanto, em nossas análises, apontamos que as missivas machadianas revelam, em determinados momentos, um Machado de Assis que figura a si mesmo, seja por meio do olhar que direciona ao seu destinatário, tirando o foco de “si”, compondo um “rosto” com traços de humildade ou “falsa modéstia”; seja quando se permite tangenciar problemas de ordem mais pessoal: por exemplo, quando relata suas intercorrências físicas, mencionando os constantes males relativos à sua saúde.

Quanto à **autorrepresentação**, observamos uma diferença, ainda que sutil, entre os Tomos I e II. No Tomo I, distanciando-nos, em certa medida, da afirmação de Marcos Antonio de Moraes – o qual declara que a autofiguração machadiana é marcada por uma forte contenção nos gestos, no campo das confidências pessoais –, constatamos que o jovem Machado de Assis, ainda que adotando os princípios da tradição retórica, expressou-se, por vezes, com menos reservas, conforme observamos na troca epistolar com a noiva, Carolina, e com os amigos Quintino Bocaiúva e Francisco Ramos Paz, sem deixar, contudo, de manter o tom elegante que caracteriza a sua correspondência como um todo. A contenção referida por Moraes se mostra mais intensamente a partir de 1870, conforme exemplificamos com as missivas presentes no Tomo II. As cartas desse período revelam a intenção de Machado de Assis de desviar o olhar sobre si mesmo, priorizando o destinatário. Porém, a constante demanda de trabalho acaba por refletir-se em seu corpo, o que o levará, de alguma forma, a confidenciar um pouco mais sobre si mesmo. Ao mencionar suas enfermidades, Machado olha para si mesmo, compondo para o seu correspondente a imagem de um homem absorvido pela rotina burocrática e pela doença, conforme indicamos na correspondência trocada com Franklin Dória, Carlos Leopoldo de Almeida e Joaquim Arsênio Cintra da Silva.

Para um homem cujo corpo, em grande parte de sua vida, esteve fragilizado pela doença, reflexo, muitas vezes, da constante demanda laboral (conforme afirma Lúcia Miguel

Pereira), acometido pelo cansaço e por males físicos que tantas vezes o impediram de ir ao encontro de seus amigos, de participar de eventos e compromissos, de, em síntese, viver mais intensamente sua vida particular e social, a carta tornou-se, seguramente, sua maior fonte de contato com o outro e com o mundo. Era por meio da escrita epistolar que Machado de Assis conversava com os ausentes, com os amigos, tanto os que estavam próximos dele – os que residiam no Rio –, quanto os que se encontravam longe – em outras regiões do país ou na Europa. Por meio da carta, ele compartilhava informações e impressões, e, indiretamente, “confidenciava” suas dores e fraquezas, físicas ou financeiras. Dessa forma, podemos afirmar que a atividade epistolar seria uma espécie de refúgio para o escritor, no qual podia organizar e manter o seu círculo de amizades. Isto ocorre porque as cartas têm como função privilegiada a possibilidade de sustentar relacionamentos, de criar redes de sociabilidades, de promover afinidades e tornar próximas realidades distantes. Trata-se da apreensão do outro e de si mesmo; da encenação, na escrita, de sentimentos, pensamentos e anseios; da sempre incompleta construção de si no discurso epistolar.

E foi por meio dessa “conversa entre pares” que conseguimos identificar rastros do tempo e da História presentes na correspondência. Brigitte Diaz define a carta a partir de quatro elementos essenciais, conforme discorreremos no capítulo 1. Um deles se refere à concepção da missiva enquanto um documento, testemunhando “uma realidade histórica, sociológica, política ou literária” (DIAZ, 2016, p. 55), o que nos levou a apreciar o **aspecto documental** do epistolário machadiano, ou seja, de sua correspondência ativa e passiva.

Ao longo da leitura dos Tomos I e II, ficou bastante evidente essa capacidade da carta em testemunhar uma realidade, em capturar, como numa fotografia, fragmentos do tempo. Identificamos, então, comentários sobre o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, como as procissões que “incomodavam” o cético Machado de Assis. Sabemos, por sua biografia, que Machado não era uma pessoa religiosa, porém conhecia a doutrina e a Escritura cristã, tendo em vista que estudou francês e latim com o Padre Antônio José da Silveira Sarmiento, com quem manteve relações de amizade até a vida adulta. Ainda que a religião não ocupe uma centralidade na vida de Machado, é por meio da expressão de indignação, em carta aberta presente no Tomo I, quanto aos cortejos religiosos, que Machado parece sugerir, ainda que indiretamente, uma certa concepção do que seria uma religiosidade mais autêntica. No mesmo volume de cartas foi possível sinalizarmos também alguns “ecos” da Guerra do Paraguai, como nas menções feitas ao constante recrutamento de voluntários, e às agruras vividas por eles dentro e fora do campo de batalha. Ainda no Tomo I, que reúne cartas do período menos

conhecido da atuação machadiana, vimos que essas missivas evidenciaram a crescente atuação de Machado de Assis como jornalista e cronista, e, da mesma forma, testemunharam o próprio crescimento da atividade jornalística da época, quando encontramos menções à criação e/ou reformulação de diferentes periódicos, à circulação e publicação de artigos, crônicas, entre outros, não só de Machado de Assis, mas de diferentes escritores daquele período.

Seguimos nossa apreciação do valor documental no Tomo II, no qual encontramos cartas que demonstraram a atuação de Machado de Assis como funcionário público, ocupando um cargo de confiança dentro do Ministério de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, no qual, muitas vezes, atuou como um “vice-ministro”, atendendo às solicitações de seu superior, Pedro Luís Pereira de Sousa. Conforme apontamos nas análises desse volume, algumas missivas de 1870-1889 relatam a rotina e as demandas do gabinete, marcadas sempre pelo trabalho intenso, quase que ininterrupto, nos permitindo traçar a imagem do burocrata Machado de Assis. Além disso, as cartas do Tomo II evidenciaram, de alguma forma, que Machado teria feito comentários sobre a política brasileira em sua correspondência privada, considerando a leitura e análise das cartas a ele enviadas pelo cunhado Miguel de Novais.

Ainda sobre o **aspecto documental** das missivas, verificamos que, dada a amplitude do conceito da carta enquanto documento, foi possível desdobrarmos esse veio em outros dois: o que trata dos **principais assuntos artístico/literários**; e o que demonstra o **memorialismo literário** machadiano. Em nossa análise pudemos identificar, entre os diferentes assuntos abordados pelos escritores, alguns temas mais recorrentes, como referências e comentários sobre trabalhos de cunho literário, aspecto que intensifica a relevância dessas missivas, tendo em vista que elas fazem o registro da vida literária da época, bem como demonstram a forte atuação de Machado de Assis como crítico literário. Nesse sentido, vimos que as cartas do Tomo I demonstraram o início da crescente notoriedade que Machado vai conquistando como crítico, em que ganha relevo a publicação do artigo “Notícia da atual literatura brasileira - Instinto de Nacionalidade”, conforme apontaram as cartas do Tomo II, com as quais foi possível reconstruirmos a gênese desse importante texto. Constatamos, por meio dos “ecos” presentes nas missivas desses dois primeiros volumes, que o exercício da crítica por parte de Machado de Assis enriquece a vida literária daquele período, considerando que ele registra, comenta e compartilha nas cartas – abertas ou privadas – ou, ainda, em artigos, suas impressões sobre obras e escritores, além de elaborar panoramas da literatura que se produzia naquele momento.

Foi por meio desses registros ao longo do epistolário machadiano que encontramos alusão a outros exemplos que ilustram a vida literária do período, muitos deles referindo-se, de modo mais restrito, ao nosso missivista. Durante as leituras e análises de algumas missivas do Tomo I, extraímos referências que nos permitiram constatar que Machado de Assis participou de diferentes sociedades literárias, como a Petalógica, a Filomática e a Arcádia Brasileira. Esta última, tempos depois, renasceria, pelas mãos do próprio Machado, como Arcádia Fluminense, visando a incentivar ações que promovessem e movimentassem a literatura brasileira. Já no Tomo II, observamos uma tendência entre os literatos de elaborar críticas elogiosas acerca das obras uns dos outros, como numa “roda de compadres”, mantendo, porém, certa imparcialidade, aconselhando e orientando de forma elegante. Assim, afirmamos que Machado de Assis e alguns de seus pares realizaram uma crítica literária que, em maior ou menor proporção, contribuiu para a promoção de muitos escritores naquele período, alguns dos quais se eternizaram na História da literatura brasileira.

Quanto ao **memorialismo literário** – veio que previa destacar os comentários de Machado de Assis sobre seus próprios projetos e processos de criação; os registros, tanto de Machado quanto de seus correspondentes, sobre a circulação das obras machadianas; e as avaliações pessoais de Machado acerca da repercussão de seus livros e de artigos, entre outros –, tal veio se mostrou de maneira muito semelhante, nos dois tomos analisados nesta tese.

Fazendo uma referência à linguagem, a escrita machadiana seguiu discreta, comedida e elegante. Além desse aspecto, não encontramos, nas missivas dos Tomos I e II, por parte de Machado de Assis e de seus pares, reflexões ou debates mais relevantes quanto a projetos literários e processos de criação. O que se evidenciou nas cartas acerca desse desdobramento do aspecto documental foram, na verdade, breves menções e comentários acerca de alguns dos trabalhos literários e teatrais de Machado. Essa ausência de detalhamento nos fez observar uma característica que parece se estender aos escritores brasileiros do século XIX, os quais não faziam uso das cartas, privadas ou abertas, como um “laboratório de criação”.

Ainda que as missivas não demonstrem os bastidores do processo de criação de Machado de Assis, observamos que algumas missivas do Tomo I evidenciaram a expressiva atuação machadiana no âmbito das artes dramáticas. Nos anos de 1860, ele atuou como crítico teatral, dramaturgo, censor do Conservatório Dramático e tradutor de várias peças francesas, adotando “o teatro como base de sua vida intelectual” (MASSA, 2006, p. 465). A partir disso, cogitamos e demonstramos que a intensa dedicação de Machado ao teatro, de alguma forma, atuou de maneira substancial na sua carreira, como uma espécie de exercício para o futuro

contista e romancista. Conforme apontamos, a experiência teatral machadiana se faz presente em alguns romances e contos nos quais, em alguns momentos da narrativa, as cenas são construídas por meio de diálogos, sem a presença da voz do narrador; ou no expressivo interesse das personagens pelos espetáculos teatrais, além das referências a peças e dramaturgos.

De forma ainda mais sutil que as menções acerca do debruçar machadiano sobre as artes dramáticas, as cartas de 1860-1869 também deixaram “vestígios” sobre o processo de composição que Machado de Assis declara ter adotado no volume *Crisálidas*. Respondendo aos elogios que recebeu sobre seu livro de versos, observamos que nosso poeta não nutriu entusiasmo e tampouco grandes expectativas quanto à recente publicação. Constatamos, dessa forma, que Machado se expressa como outros literatos de seu tempo, empregando expressões de falsa modéstia, como quando se compara ao próprio livro, situando-os numa posição sem destaque ou relevo.

De modo semelhante, o Tomo II também não apresenta missivas que evidenciem os processos machadianos de criação literária. O que encontramos, na correspondência ativa e na passiva, são “ecos” de algumas das principais obras de Machado de Assis publicadas no período. Foi possível demarcarmos esses vestígios sob a forma de observações, como quando Machado e seus correspondentes relatam a troca de exemplares; de alusões a críticas, resenhas ou comentários acerca das obras machadianas, bem como reflexos de sua recepção por parte do público e da imprensa; e sob a forma de comentários sobre a cronologia da criação e da publicação das obras. Algumas dessas missivas nos permitiram ver, um pouco mais de perto, como se deu a recepção crítica do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A crítica da época não conseguiu, num primeiro momento, reconhecer as inovações propostas por essa narrativa, reagindo com “pasma” e “uma mal disfarçada indignação” (MACHADO, 2003, p. 17). Essa reação da crítica, e certamente do público, pôde ser corroborada pela leitura e análise do segundo volume do epistolário, no qual destacamos cartas que evidenciaram a dificuldade de se compreender a novidade que o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* trazia ao cenário da literatura brasileira.

Num âmbito mais geral, acreditamos que, com a presente tese, conseguimos deixar um legado no campo dos estudos acerca da epistolografia, pois cremos que a análise do texto epistolar vai muito além de uma simples ferramenta acessória à investigação da historiografia acerca de seu missivista. A carta, enquanto gênero, é híbrida e complexa. Embora filiando-se a uma tradição retórica, ela está em constante construção de significados a partir de suas

leituras e interpretações. Dessa forma, demonstramos que as missivas pertencentes ao epistolário de Machado de Assis, ou seja, sua correspondência ativa e passiva, abrem-se para um campo de pesquisa relacionado à própria estrutura do gênero e aos aspectos retórico-discursivos nos quais o gênero epistolar se insere.

Contudo, nossa investigação não pretende ser um fim em si mesma, mas apenas uma etapa dentro de um projeto maior, o qual nos parece pertinente para uma melhor compreensão do homem Machado de Assis. Vimos que seu epistolário é múltiplo e complexo, como também é a personalidade do nosso missivista, fragmentada em diferentes facetas que a constituem, conforme destacamos em nossas análises: o jornalista, o crítico, o poeta, o escritor, o burocrata. Conscientes de nossas limitações, orientamo-nos pelas palavras do próprio autor, que certa vez sentenciou que “A minha fortuna tem sido que me entendam as novas gerações”⁷⁹, e cremos que, graças ao excelente trabalho de compilação e publicação realizado pela Academia Brasileira de Letras – que deu vida nova ao epistolário machadiano – conseguimos contribuir, por meio de nossa pesquisa, para que as novas gerações alcancem, para além do campo literário, quem foi Machado de Assis.

⁷⁹ Trecho da carta de Machado a Magalhães de Azeredo, escrita em 05 de novembro de 1900. Essa missiva encontrasse no Tomo III (ASSIS, 2011, p. 515)

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo I – 1860-1869. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL-Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo II – 1870-1889. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo III – 1890-1900. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, tomo IV – 1901-1904. Organização de Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2012.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994, sem indicação da página na edição PDF <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8308>> Acesso em: fev. 2020.

ASSIS, Machado de. *50 contos de Machado de Assis*; seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CRESTANI, Jaison Luís. A colaboração de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*: subordinações e subversões. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v.2, n.1, p. 146-175, jul. 2006.

DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 233-240, abr./jun. 2014.

DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*: formas e funções da correspondência em alguns percursos de escritores no século XIX. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 15, p. 119-162, out. 2012.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. Cotidiano e sobrevivência: soldados e marinheiros na guerra do Paraguai. *Historiæ*, Rio Grande, v. 5, n. 1, p. 116-140, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/4809> Acesso em: 01 out. 2023.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU: Editora PUC-Rio, 2009.

FINGER, Anna Eliza. *Um século de estradas de ferro – arquiteturas das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957*. 2013. 466 f. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si (1983). In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos. Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v.5. p. 144-162.

GRANDOLPHO, Marina Venâncio. *O crítico machado de Assis e a Semana literária*. 2019. 258 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, 2019.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. Tradução Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés: EDUERJ, 2012.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro – o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LESSA, Simone Narciso. Trem de ferro: o mito da modernidade no sertão. *Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 1, n. 2, p. 86–101, 2005.

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro de consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. v. 1 (Aprendizado). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo. Machado de Assis funcionário público. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 56 n. 2, p. 237-248, abr./jun. 2005.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MASSA, Jean-Michel. Entrevista com o professor Jean-Michel Massa. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, v.6/7, 2006.

MIASSO, A. L. N. Crisálidas. *In: EPÍGRAFES e diálogos na poesia de Machado de Assis* [online]. São Carlos: EdUFSCar, 2017, p. 58-218. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/knsfc/pdf/miasso-9786580216147-06.pdf>. Acesso em: 01 out. 2023.

MIRANDA, Wander Melo; SAID, Roberto. Desculpe esta indiscreta expansão. *In: ANDRADE, Carlos Drummond de; ANJOS, Cyro dos. Cyro & Drummond – a correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Globo, 2012. p. 5 – 17.

MORAES, Marcos Antonio de. Afinidades eletivas. *In: ANDRADE, M. de; BANDEIRA, M. Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. MORAES, M. A. (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 2001. p. 13-33.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59 n. 1, p. 30-32, mar. 2007. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 out. 2023.

MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2007.

MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e Memória*. São Paulo, v.4, n.2, p. 115- 128, jun. 2009.

MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia de Machado de Assis: escrita de si e testemunhos de criação literária. *Revista Machado de Assis em linha*, São Paulo, ano 4, número 7, jun. 2011.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, 5. série, v. 73).

QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1998. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 01 ago. 2023.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7Letras, 2008. p. 30.

ROCHA, Vanessa Massoni da. *Por um protocolo de leitura do epistolar*. 212. 426 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2012.

SANTIAGO, Silviano. Alegoria e palavra em *Iracema*. *In: SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos*. Edição ampliada. Recife: Cepe, 2019. p. 279-298

SANTIAGO, Silviano. Suas cartas, nossas cartas. *In: SANTIAGO, Silviano; FROTA, Lélia Coelho (org.). Carlos e Mário. Correspondência de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 7-33.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. *Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas*. São Paulo: Annablume, 1998.

TERRA, Carlos. *Os jardins no Brasil no século XIX: Glaziou revisitado*. Rio de Janeiro: EBA, UFRJ, 2000.

TIN, Emerson (org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

TIN, Emerson (org.). *Gênero menor*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2006. Disponível em: <http://cartasparaquesquero.blogspot.com.br/2006/02/gnero-menor.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

YANG, A. C. Y. O comércio dos “coolie” [1819-1920]. *Revista de História*, [S. l.], n. 112, p. 419-428, 1977. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/62243>. Acesso em: 07 set. 2023.

ZIMBRÃO, Sandra de Brito Bezerra. *O tom confessional e autobiográfico na epistolografia de Machado de Assis*. 2016. 271 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Aberta de Portugal, 2016.

ANEXO A - Relação de temas TOMO I (cartas de 1860 – 1869)

[1] **De: Casimiro de Abreu (Rio de Janeiro, 19 de julho de 1860)** – Bilhete. Pede a Machado de Assis que entregue a Dona Gabriela Augusta da Cunha um livro, provavelmente o *Primaveras* (poesia, 1859), obra que encantou o meio literário da época.

[2] **Para: O redator de “Ecos Marítimos” (Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1862)** – carta aberta publicada em 08/02/1862 no *Diário do Rio de Janeiro*. Nela Machado de Assis defende o ministro da marinha. Além disso, faz referência a um aspecto da vida pública, do cotidiano da cidade (jornada de trabalho dos operários e o clima quente da cidade do Rio).

[3] **Para: O Bispo do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 18 de abril de 1862)** – Machado de Assis destaca mais um aspecto público da época, fazendo uma crítica direta ao Bispo, condenando as procissões pela cidade.

[4] **De: Bethencourt da Silva (Rio de Janeiro, 5 de maio de 1862)** – Carta com forte tom de decepção e descrença. Envia também um poema.

[5] **De: Luís Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, 30 de maio de 1862)** – demonstra a relação de amizade e admiração por Machado de Assis.

[6] **De: Luís Guimarães Júnior (Andaraí, 27 de dezembro de 1862)** – Reconhece a qualidade de Machado de Assis como poeta.

[7] **Para: Quintino Bocaiúva (Rio de Janeiro, [dezembro de 1862 – março de 1863])** – carta prefácio em que Machado de Assis solicita o conselho e apreciação de Quintino Bocaiúva em relação a duas peças, *O caminho da porta* e *O protocolo*.

[8] **De: Quintino Bocaiúva (Rio de Janeiro, [dezembro de 1862 – março de 1863])** – responde a carta [7], apoiando a iniciativa de Machado de Assis como teatrólogo, além de transmitir ensinamentos e dar algumas orientações.

[9] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 23 de março de 1863)** – elogia Machado de Assis como poeta referindo-se a poesia *Acordar da Polônia*, publicada em 15/03/1863 na revista *Futuro*. Além disso, Luís Guimarães Júnior faz referência a uma peça elaborada por Machado, *O Casamento de Tartufo*, cujos originais são considerados perdidos, segundo nota de Irene Moutinho.

[10] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 14 de abril de 1863)** – envia dinheiro nesta carta (7\$000 Réis) para a assinatura do *Diário do Rio de Janeiro*; refere-se a poesia *Ventoinhas*, de Machado de Assis, publicada em 01/04/1863 na revista *Futuro*.

[11] **De: Um amigo salvador (Rio de Janeiro, 1 de maio de 1863)** – Carta em que o Um Amigo Salvador faz um esboço do que seria um “romancinho”.

[12] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 06 de maio de 1863)** – solicita a Machado de Assis que lhe envie 60 exemplares das comédias, ou seja, *O caminho da porta* e *O protocolo*, comédias do volume *Teatro de Machado de Assis*, do qual Luís Guimarães Júnior ficara responsável pela venda.

[13] **De: Um amigo salvador (Rio de Janeiro, 15 de maio de 1863)** – Responde e completa ao documento [11]; envia páginas que foram prometidas.

[14] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 13 de junho de 1863)** – reconhece Machado de Assis como teatrólogo e mostra a boa aceitação de suas comédias pelo público.

[15] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 7 de julho de 1863)** – dá notícias sobre a encenação de sua peça *Um pequeno demônio*, revelando seus sentimentos e sinalizando os presentes recebidos. Solicita a Machado de Assis que o ajude na divulgação dos comentários sobre a peça.

[16] **Para: Domingos Jaci Monteiro (Rio de Janeiro, 18 de março de 1864)** – Autor de teatro; solicita o parecer do Conservatório Dramático Brasileiro, sobre sua comédia *O pomo da discórdia*.

[17] **De: Sizenando Nabuco (São Paulo, 4 de abril de 1864)** – carta em que se refere ao amigo como “Machadinho” (saudação). Nesta carta Sizenando Nabuco parece descrever um Machado de Assis apaixonado e envolvido em um “leilão de paixões” (p.40), sugerindo inclusive um relacionamento extraconjugal.

[18] **De: Luís Ramos Figueira (São Paulo, 13 de abril de 1864)** – agradece o envio por meio de Sizenando Nabuco de uma participação de Machado de Assis na *Imprensa Acadêmica*.

[19] **De: Sizenando Nabuco (São Paulo, 19 de abril de 1864)** – queixa de Sizenando contra Ramos Figueira; pergunta a Machado de Assis se ele enviará o exemplar de *Diva*; refere-se nesta carta a partida de um amor de Machado. Segundo nota de Irene Moutinho, não há consenso entre os biógrafos de Machado de Assis sobre a identidade dessa personagem.

[20] **De: Sizenando Nabuco (São Paulo, 24 de abril de 1864)** – faz referência a resposta de Machado de Assis a três cartas de Sizenando; solicita resposta de outras cartas e relembra alguns pontos, como o pedido de envio de correspondência (para o jornal) e de poesias de Machado.

[21] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 29 de abril de 1864)** – recebe com alegria uma carta de Machado de Assis; parece queixar-se por não saber que Machado é o *Sileno*, correspondente do jornal *Imprensa Acadêmica*, do qual Luís Guimarães Júnior é folhetinista.

[22] **De: Caetano Filgueiras (Corte, 22 de julho de 1864)** – carta-prefácio que abre a primeira edição de *Crisálidas* (setembro de 1864). Filgueiras, que já usufruía de relativo prestígio entre letrados e bacharéis, escreveu esta carta-prefácio a pedido de Machado de Assis.

[23] **De: Um amigo e colega (Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1864)** – Machado de Assis atende ao pedido desse missivista e publicou a carta. Elogia a pena machadiana no primeiro parágrafo.

[24] **De: Luís Guimarães Júnior (São Paulo, 12 de agosto de 1864)** – pergunta se Machado de Assis poderia publicar alguns de seus artigos no *Diário* (trabalho de Machado como jornalista). Menciona que a “política ferveu”.

[25] **Para: Imprensa acadêmica (Corte, 21 de agosto de 1864)** – Machado de Assis teatrólogo: responde uma crítica feita por Sílvio-Silvis a respeito de sua comédia *Caminho da Porta*. Utiliza a carta como forma de defesa contra a acusação de plágio.

[26] **Para: Caetano Filgueiras (Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1864)** – carta-posfácio presente na primeira edição de *Crisálidas* (setembro de 1864). Pode-se perceber por meio desta carta o caráter criterioso de Machado de Assis quanto a sua produção literária.

[27] **De: Nuno Álvares Pereira e Sousa (Rio de Janeiro, 19 de setembro de [1864])** – solicita a Machado de Assis que transcreva no *Diário* o artigo publicado na *Imprensa Acadêmica* a respeito de seu livro *Folhas soltas*. Destaca a qualidade de *Crisálidas*.

[28] **Para: Imprensa acadêmica ([Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1864])** – refere-se novamente a crítica/ acusação de plágio feita por Sílvio-Silvis.

[29] **De: Joaquim Serra (Paraíba, 16 de novembro de 1864)** – Machado de Assis abre caminho para Joaquim Serra. Agradece a Machado por ter feito referência a ele no *Diário do Rio de Janeiro*.

[30] **Para: Teixeira de Melo (Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1864)** – carta aberta na qual Machado de Assis faz uma crítica contundente à política nacional; esta é uma das poucas missivas em que vemos o autor tratar de assuntos políticos.

[31] **De: Joaquim Nabuco (Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1865)** – primeira carta escrita por Joaquim Nabuco, aos 15 anos, para Machado de Assis. Nesta missiva, ele comenta a respeito da crônica *Ao acaso*, escrita por Machado e publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, na qual faz referência a atuação de Nabuco como poeta.

[32] **De: Joaquim Serra (Paraíba, 14 de fevereiro de 1865)**– Serra dedica seu livro de versos *Mosaico* a Machado de Assis, em forma de agradecimento pela citação no *Diário do Rio de Janeiro*. Com isso afirma ter contraído a dívida de solicitar Machado como guia.

[33] **De: Faustino Xavier de Novais (Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1865)**– envia a Machado de Assis um livro de versos, provavelmente *Saudades* (1863), de José Luís Vieira de Sá Júnior, pedindo ao amigo que o leia e comente sobre esta obra no *Diário*.

[34] **De: Olímpia Gonçalves Dias (Rio de Janeiro, 8 de março de 1865)**– Carta enviada pela esposa de Gonçalves Dias, a fim de desfazer um mal-entendido quanto a notícias publicadas no *Diário* a respeito do aparecimento de alguns manuscritos de Antônio Gonçalves Dias.

[35] **De: O amigo da verdade (Rio de Janeiro,)** – Carta aberta publicada no folhetim de 21/03/1865. Trata de assuntos políticos do México.

[36] **De: Nuno Álvares Pereira e Sousa (Rio de Janeiro, 16 de março de 1865)**– solicita nesta carta a ajuda de Machado de Assis, para que este “use de toda sua influência” e consiga uma nomeação para Nuno e seu comprovinciano Marcos Aurélio de Farias Bourguin como Alferes no corpo de voluntários para a Guerra do Paraguai.

[37] **De: Luís Guimarães Júnior (Recife, 21 de março de 1865)** – “carta desabafo” de Guimarães Júnior, demonstrando muito pessimismo e tristeza para um jovem de apenas 20 anos.

[38] **De: O amigo da verdade (Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1865)** – Carta aberta publicada em 11/04/1865, dando sequência a série de assuntos políticos do México.

[39] **De: Luís Guimarães Júnior (Recife, 7 de abril [de 1865.])** – dando sequência ao assunto já abordado no documento [37], Guimarães Júnior toma Machado de Assis mais uma vez como amigo e confidente.

[40] **De: Joaquim Ferrão (São Cristóvão, 1.º de junho de 1865)** – bilhete em que Ferrão pede notícias a Machado de Assis, que parece estar ausente há dois dias, levando o correspondente a supor que Machado estivesse doente.

[41] **De: Ferreira de Menezes (São Paulo, 9 de junho de 1865)** – Responde a uma carta de Machado de Assis (não consta no TOMO I). Envia esta correspondência por dois motivos: para ter notícias da saúde de Machado de Assis e dos demais amigos, Quintino Bocaiúva, Sizenando Nabuco e José Remígio de Sena Pereira.

[42] **De: Faustino Xavier de Novais (Rio de Janeiro, 14 de julho [de 1865.])** – chama Machado de Assis de “boêmio”, “incerto por toda parte” e pede ao amigo que o encontre na Praça do Comércio.

[43] **Para: José Feliciano de Castilho (Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1865)** – Carta aberta na qual Machado de Assis tece comentários sobre a peça de José da Silva Mendes Leal, *Os Primeiros Amores de Bocage*. É possível considerar esta missiva como um pequeno texto crítico.

[44] **De: Luís Guimarães Júnior (Recife, 16 de setembro de 1865)** – carta em que mais uma vez Guimarães Júnior reclama e chama Machado de Assis de “íngrato”, pois não recebia resposta para suas cartas; menciona que alistou-se nos Voluntários Acadêmicos para prestar serviços na Guerra do Paraguai.

[45] **De: Faustino Xavier de Novais (Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1866)** – esta é uma carta aberta publicada pela primeira vez na íntegra. Lembra a Machado de Assis que sua posição de jornalista o obriga a emitir opinião também sobre música.

[46] **De: Luís Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1866)** – Machado de Assis falta ao encontro de despedida do amigo.

[47] **De: Caetano Filgueiras ([Vista Alegre, 16 de maio de 1866.])** – carta escrita na forma de um poema; é a primeira vez que esta carta é transcrita na íntegra.

[48] **De: Gomes de Amorim (Lisboa, 28 de junho de 1866)** – carta em que Gomes de Amorim agradece a apreciação feita por Machado Assis na “Semana Literária” de 29/05/1866 acerca de seu livro *Cantos Matutinos* (1858). Nesta missiva, vemos que o correspondente reconhece o valor de Machado de Assis como crítico literário.

[49] **De: Nuno Álvares Pereira e Sousa (Rio de Janeiro, 19 de julho de [1866.])** – nesta carta Nuno Álvares P. e Sousa agradece as palavras ânimo e amizade de Machado de Assis publicadas no *Diário do Rio de Janeiro* na seção “Noticiário”.

[50] **De: Guillermo Blest Gana (Rio de Janeiro, Septiembre 5 de 1866)** – carta em que se despede de Machado de Assis, de Filgueira e Quintino. Guillermo Blest Gana necessitou viajar de forma repentina, pois acumulou a representação diplomática do Chile no Brasil e na Argentina.

[51] **De: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1866)** – carta em que elogia a estreia de *O Barbeiro de Sevilha*, com tradução feita por Machado de Assis. Nesta missiva, Salvador de Mendonça classifica Machado de Assis como profissional do romance.

[52] **De: Ferreira de Meneses (São Paulo, 18 de setembro de 1866)** – carta em que o correspondente se queixa com Machado de Assis, pois este não lhe enviou um exemplar da comédia *Deuses de Casaca*. Confirma a participação de Machado como correspondente do *Diário de São Paulo*.

[53] **De: Ferreira de Meneses (São Paulo, 29 de setembro [de 1866.])** – em resposta a uma carta anterior (não consta no volume), orienta a Machado de Assis a guardar imparcialidade, evitando cores políticas nas cartas.

[54] **Para Quintino Bocaiúva (Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1866)** – nesta carta Machado de Assis atualiza o amigo sobre suas atividades no *Diário do Rio de Janeiro*, além de agradecer-lhe pela recomendação feita a seu respeito para Afonso Celso, a fim de alcançar um posto de trabalho.

[55] **De: Ferreira de Meneses (São Paulo, 5 de novembro [de 1866.]** – queixa-se pelo silêncio de Machado de Assis, que não deu mais respostas sobre o trabalho como correspondente no *Diário de São Paulo*.

[56] **De: Henrique César Muzzio (Ouro Preto, 10 de novembro [de 1866.]**– carta em que Muzzio envia um artigo e documentos para serem publicados no *Diário do Rio de Janeiro*, ilustrando o trabalho jornalístico de Machado de Assis.

[57] **De: Joaquim Serra (Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1866)** – pede a Machado de Assis que volte a escrever no *Diário do Rio de Janeiro* e interrompa as férias; Serra reconhece e solicita a manifestação de Machado como crítico neste momento, tendo em vista a agitação no mundo literário com a publicação de *Colombo*, de Araújo Porto Alegre, e *As Minas de Prata*, de José de Alencar.

[58] **De: Faustino Xavier de Novais (Rio de Janeiro, 23 de novembro [de 1866.]**– nesta carta Faustino Xavier cobra o cumprimento de uma promessa feita por Machado de Assis; talvez esperasse uma crítica a respeito de seu livro, *Manta de Retalhos*, no *Diário do Rio de Janeiro*.

[59] **Para: Quintino Bocaiúva (Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1866)** – Machado de Assis atualiza o amigo sobre várias questões, como a espera da resposta de Afonso Celso sobre um possível posto de trabalho, mas acaba tratando nesta missiva principalmente acerca da Guerra do Paraguai.

[60] **De: Henrique César Muzzio (Ouro Preto, 30 de novembro de 1866)** – Muzzio envia artigos e apontamentos para que Machado de Assis fizesse a defesa de Saldanha Marinho, então presidente da província de Minas, no *Diário do Rio de Janeiro*. Nesta carta, Henrique César Muzzio pergunta a Machado de Assis qual a sua opinião sobre Benjamin Rodrigues, primo de Lafaiete Rodrigues Pereira.

[61] **De: Henrique César Muzzio (Ouro Preto, 6 de dezembro de [1866.]** – Nesta carta, Muzzio atesta o recebimento das edições do *Diário*, com exceção do nº 25. Faz uma breve crítica a Joaquim Serra, a quem Machado de Assis vinha abrindo espaço no *Diário do Rio de*

Janeiro. Além disso, questiona-o também acerca do poeta português João de Deus, pelo qual Machado vinha demonstrando predileção. Refere-se mais uma vez a Benjamin Rodrigues, primo de Lafaiete Rodrigues Pereira o que, segundo Silvia Eleutério, demonstra que as cartas de Muzzio dão conta/ são testemunhos da crise política do período.

[62] De: Henrique César Muzzio (Ouro Preto, 16 de dezembro [1866.]) – Nesta carta, aponta o não recebimento das edições do *Diário*. Em tom mal-humorado, queixa-se pela falta de correspondência por parte de Machado de Assis, que não atende às solicitações de Muzzio. Machado parece reticente a uma defesa de Saldanha Marinho.

[63] Para: Quintino Bocaiúva (Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1866) – Responde a uma carta de Quintino Bocaiúva (carta não consta no TOMO I). Aguarda o envio de um exemplar de poesias de Longfellow. Machado de Assis sente-se atribulado neste momento com a decadência do *Diário do Rio de Janeiro* e à espera da resposta de Afonso Celso quanto a uma posição na burocracia oficial, o que lhe permitiria mais estabilidade financeira, a fim de dedicar-se com tranquilidade a escrever. Esta é uma das pouquíssimas cartas em que percebemos um tom de desabafo de Machado de Assis.

[64] De: Nuno Álvares Pereira e Sousa ([Rio de Janeiro], [...] de [...] de [1864 a 1866]) – Pede a ajuda de Machado de Assis para que o artigo do Rio Grande do Sul saísse no Noticiário do *Diário*, a fim de obter maior atenção.

[65] De: Joaquim Serra (Paraíba do Norte, 10 de março de 1867) – Fragmento de uma carta do jornalista maranhense reproduzida na *Gazeta de Notícias*, de 05/11/1888, após seu falecimento em 29/10/1888. Trata apenas de Serra e do adiamento de uma viagem prevista para maio de 1867.

[66] De: Joaquim Serra (Paraíba do Norte, 8 de abril de 1867) – Esta carta poema ironiza o grau de cavaleiro recebido por Machado de Assis em 16/03/1867. Para Serra este reconhecimento era pouco, dada a importância e os serviços prestados ao Brasil.

[67] De: José Vieira de Castro (Rio de Janeiro, 8 de abril de 1867) – Esta é uma carta aberta - transcrita pela primeira vez integralmente - publicada em 09/04/1867 no *Diário do*

Rio de Janeiro. Por meio desta correspondência podemos identificar o prestígio que Machado de Assis já tinha entre os portugueses.

[68] Para: Quintino Bocaiúva ([Rio de Janeiro,] 9 de abril de 1867) – Carta na qual Machado de Assis despede-se do *Diário do Rio de Janeiro*, após conseguir uma nomeação como auxiliar da diretoria de publicação do *Diário Oficial do Império do Brasil*. Fica evidente nesta correspondência o sentimento de gratidão a Quintino Bocaiúva, afinal o convite para trabalhar no *Diário do Rio de Janeiro* partiu deste e foi decisivo para a carreira jornalística de Machado.

[69] De: Joaquim Serra (Maranhão, 30 de maio de 1867) – Carta em que Serra reclama a respeito do silêncio de Machado de Assis. Entretanto, envia para apreciação do amigo seu livro “Um coração de mulher, poema-romance”.

[70] De: Henrique César Muzzio (Ouro Preto, 28 de agosto de 1867) – Nesta correspondência percebemos que Muzzio não aceita inteiramente as desculpas de Machado de Assis por sua posição reticente quanto a defesa de Saldanha Marinho.

[71] De: Henrique César Muzzio (Ouro Preto, 28 de setembro de 1867) – Afirma ter recebido a carta de 07/09/1867 enviada por Machado de Assis (não consta no TOMO I). Nesta carta Muzzio critica o jornalista Joaquim José Peçanha Póvoa, indicado por Machado para substituí-lo na escrita da série de artigos sobre a viagem de Saldanha Marinho pelo interior de Minas Gerais. Ao final da carta, pede total reserva sobre os comentários feitos.

[72] De: Nuno Álvares Pereira e Sousa ([Rio de Janeiro, 1867.])– Pede a Machado de Assis que não publique uma carta que lhe enviou, pois tem medo de que interpretem mal suas palavras.

[73] De: Joaquim Serra (Maranhão, 2 de janeiro de 1868) – Esta carta mostra aspectos da vida literária e a importância de Machado de Assis no cenário das letras. Nela vemos a solicitação dos leitores do *Semanário Maranhense* que “(...)intercedem por um milagre teu, em prosa ou verso” (p.219). Além disso, vemos que Serra indica um romance que Machado de Assis teria esboçado e anunciado ao amigo os primeiros capítulos. Neste período sabemos

que ainda não havia publicado nenhum romance, o que de fato não o impediria de já ter algo esboçado. Silvia Eleutério, em nota, cogita se Joaquim Serra não estaria se referindo ao romance *Ressureição*, só publicado em 1872.

[74] De: José de Alencar (Tijuca, 18 de fevereiro de 1868) – Esta carta destaca-se em importância, pois vemos José de Alencar apresentando o poeta Castro Alves a Machado de Assis. Alencar destaca, ainda, Machado como poeta e como o “primeiro crítico brasileiro”.

[75] Para: José de Alencar (Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 1868) – Resposta da carta anterior, agradecendo a Alencar pela confiança. Machado de Assis destaca o quão difícil é o trabalho do crítico quando a própria crítica ainda não é instituição formada e assentada. Ele declara que a imparcialidade é tida como inveja e a consciência, como antipatia. Além disso, Machado de Assis coloca o trabalho do crítico como uma missão.

[76] De: Faustino Xavier de Novais (Rio de Janeiro, [12 de] abril de 1868) – Nesta carta faz referência ao documento [74], no qual José de Alencar chama a Machado de Assis de crítico literário. Faustino Xavier de Novais solicita ao amigo e futuro cunhado que analise e comente o poema *Riachuelo*, de Luís José Pereira Silva.

[77] Para: Faustino Xavier de Novais (Rio de Janeiro, 21 de abril de 1868) – Machado de Assis mostra-se cauteloso e modesto quanto a assumir o papel de crítico, destacando principalmente sua preocupação com o público, pois não quer parecer que aceitou “papel de juiz” declarando, ainda, sentir-se “débil e incompetente para a magistratura literária”. Entretanto, em outro trecho da carta, reconhece sim certa vaidade em ser visto como autoridade literária. Esta carta é uma das mais ricas do ponto de vista literário, pois o próprio Machado de Assis relata como se sente diante do reconhecimento recebido como crítico e poeta.

[78] De: Manuel de Araújo (Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1868) – Carta em que Araújo faz um desabafo para Machado de Assis, parecendo tratar-se de uma questão amorosa.

[79] De: Manuel de Araújo ([Rio de Janeiro,] 13 de outubro de 1868) – Bilhete no qual Araújo comunica a piora no estado de saúde de Faustino Xavier de Novais.

[80] De: José Vieira de Castro (Morada Porto, 11 de dezembro de 1868) – Breve carta na qual o correspondente apresenta o médico Manuel José da Silva Pereira e pede a Machado de Assis que o ajude e proteja.

[81] Para: Carolina Xavier de Novais ([Rio de Janeiro,] 2 de março [de 1869.]) – Trata inicialmente do assunto da casa e sobre a mudança de Carolina e do irmão Faustino de Petrópolis para o Rio. Em um trecho da carta, parece responder a questionamentos da então noiva acerca de amores anteriores. É nesta missiva que encontramos a bela declaração machadiana “Como te não amaria eu?”.

[82] Para: Carolina Xavier de Novais ([Rio de Janeiro,] 2 de março [de 1869.]) – Relata o que fez no domingo e afirma sentir saudade de Carolina. Fala sobre a relação de amizade com Faustino e estima a melhora de sua saúde. Retoma o assunto da casa e da mudança. Conclui a correspondência referindo-se a uma declaração feita pela noiva em carta anterior (não consta no TOMO I). Sugere a leitura do livro *A família* (La famille – la Mère, 1865), do polígrafo francês Eugène Pelletan (1813-1884).

[83] Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro,] 1.º de maio [de 1869.]) – Carta breve na qual percebemos claramente um pedido de ajuda. Machado de Assis parece preocupado e afirma ter apenas Francisco Ramos Paz para o auxiliar. Possivelmente trata-se de um pedido de ajuda financeira. Segundo vários biógrafos, Machado se afligia muito com a própria situação financeira diante da perspectiva do casamento com Carolina.

[84] De: Joaquim Serra (Cachoeiras [de Macacu], 10 de outubro de [1869]) – Carta em versos referindo-se uma vez mais ao sumiço, ao silêncio de Machado de Assis. Nesse período em especial havia uma justificativa, pois o casamento de Machado e Carolina se aproximava e por esse motivo certamente estava atarefado com os preparativos.

[85] Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro,] 19 de novembro [de 1869.]) – Machado de Assis agradece os votos de felicidade por seu casamento e estima a melhora do amigo, que se encontrava doente naquele momento. Machado faz referência a um drama, mas

essa obra não foi identificada. Justifica o não envio da continuação do drama por dificuldades financeiras.

[86] De: Caetano Filgueiras ([Madalena, 1869.]) – Trata-se do capítulo VI do livro em prosa *Tetéias*, de Filgueiras. Faz referência a amada Corina. Vale confrontar com as explicações de Machado de Assis a Carolina na carta [81].

[87] Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro, sem data.]) – Bilhete. Procura o amigo, mas sem sucesso. Tenta marcar um encontro com Ramos Paz.

[88] Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro, sem data.]) – Bilhete. Machado relembra um pedido feito ao amigo, o que situa este bilhete entre a carta [83] e [85].

[89] Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro, sem data.]) – Bilhete. Machado de Assis fala do ritmo acelerado de trabalho, o que o impede de cumprir o que foi combinado com o amigo.

[90] Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro, sem data.]) – Bilhete. Pede que Paz tome as devidas providências sobre jornais vindos de Lisboa.

ANEXO B - Relação de temas TOMO II (cartas de 1870 – 1889)

[91] De: José Joaquim Pereira de Azurara (Guaratiba, 25 de janeiro de 1870) – Envia esta carta ao redator da *Semana Ilustrada* – desconhecendo ainda a identidade deste – em agradecimento por uma crítica; elege-o como “corretor” oficial de seus trabalhos.

[92] De: Artur de Oliveira (Pernambuco, 31 de janeiro de 1870) – Carta breve enviada de Pernambuco na qual o jovem correspondente pede desculpas por não se despedir de Machado de Assis.

[93] De: Joaquim Serra (Rio de Janeiro, 02-29 de janeiro de 1870) – Envia um livro de autoria de Gentil Braga e cobra a Machado de Assis que escreva um artigo sobre ele na *Semana*, lembrando-o de que está em dívida com o poeta (no documento [73] do tomo I, Serra recomenda: “pelo correio receberás a *Eloá*, traduzida pelo Gentil. [...] Aprecia-o.” No entanto, Machado manteve silêncio sobre a tradução feita por Gentil do poema de Vigny.). Na tentativa de persuadir a Machado, Serra lembra o amigo de que este já publicara artigo semelhante em favor de Guimarães Júnior e seu livro de poesias *Corimbos*, publicado no final de 1869.

[94] De: José Joaquim Pereira de Azurara (Guaratiba, 3 de fevereiro de 1870) – Ainda referindo-se ao redator da *Semana Ilustrada*, pede que lhe ensine o caminho que deve seguir para ser reconhecido nas letras.

[95] De: Gentil Braga (São Luís, 20 de fevereiro de 1870) – Agradece o envio de um exemplar de *Falenas* e repassa-o ao amigo em comum e admirador Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade). Gentil declara que sente vontade de escrever sobre o livro de versos de Machado e espera receber do amigo um exemplar de *Crisálidas*. Agradece o que Machado de Assis escreve na *Semana* a respeito de *Entre o céu e a terra*.

[96] De: José Joaquim Pereira de Azurara (Guaratiba, 18 de março de 1870) – Dirige a carta mais uma vez ao redator da *Semana Ilustrada*. Agradece por retirar seu nome do

obscurantismo e envia junto à carta um romance que está escrevendo, a fim de que corrija seus escritos.

[97] De: Henrique Fleiuss (Rio de Janeiro, 1 de abril de 1870) – Bilhete no qual Fleiuss, editor da *Semana Ilustrada*, tenta livrar-se do ingênuo José Joaquim Pereira de Azurara, encaminhando-o a Machado de Assis, o “Dr Semana”, responsável pelo mal-entendido.

[98] De: José Joaquim Pereira de Azurara (Rio de Janeiro, 1 de abril de 1870) – Primeira carta em que se refere diretamente a Machado de Assis. Precisa de dinheiro para voltar para sua cidade e pede então 50\$ pela propriedade de seus escritos.

[99] De: Gentil Braga (São Luís, 4 de abril de 1870) – Recebe por intermédio de Joaquim Serra uma carta de Machado e um volume de *Crisálidas*.

[100] Para: Ângelo Tomás do Amaral (Rio de Janeiro, 14 de junho de 1870) – Machado de Assis se dirige nesta carta a um dos proprietários do *Jornal da Tarde*, desfazendo-se da responsabilidade pela tradução de *Oliver Twist*, de Charles Dickens, publicada sem assinatura, em folhetim de 23 de abril a 18 de junho.

[101] De: Pedro W. Melo e Cunha (São Paulo, 14 de junho de 1870) – Convite enviado pela revista paulistana *Imprensa Acadêmica* a fim de ter Machado de Assis como correspondente na corte. Em nota, Sílvia Eleutério esclarece que não há notícia nem documento que atestem a resposta de Machado à revista em 1870.

[102] De: Araújo Porto-Alegre (Lisboa, 4 de agosto de 1870) – Recebe por Artur de Oliveira as *Falenas* e parabeniza a Machado de Assis por sua Musa. Carta em que há um expressivo comentário sobre as consequências da chamada “Questão Coimbrã” (1865).

[103] De: José Tito Nabuco de Araújo (Rio de Janeiro, 5 de abril de 1871) – Faz referência a uma carta que enviara a Machado de Assis, mas que não recebeu resposta; envia junto a presente correspondência uma nota anônima que será publicada na seção “Publicações” da *Semana Ilustrada* (nº 539, de 09/04/1871). Aproveita para pedir um favor a Machado, que entregue a alguns amigos exemplares de seu drama *Os filhos da fortuna*.

[104] **De: Manuel de Araújo ([Sem local], 15 de maio de 1871)** – Comunica o nascimento de sua filha.

[105] **De: Antônio Gonçalves Crespo (Coimbra, 6 de junho de 1871)** – Inicia a carta fazendo referência ao envio de seu primeiro livro de versos para Machado de Assis; comenta da boa aceitação de seu livro em Coimbra; comenta que enviou seu trabalho a apenas quatro escritores (seus patrícios), Machado, Pinheiro Guimarães, Alencar e Macedo. Refere-se a cor de Machado de Assis (“*A Vossa Excelência*, já eu conhecia de nome há bastante tempo. De nome e por uma secreta simpatia que para si me levou quando me disseram que era... de cor como eu.”)

[106] **De: José Tito Nabuco de Araújo (Rio de Janeiro, 20 de julho de 1871)** – Cobra uma resposta de Machado de Assis sobre duas correspondências enviadas. De acordo com Sílvia Eleutério em nota, a primeira carta não foi localizada e a segunda é o documento [103].

[107] **Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 20 de julho de 1871)** – Carta na qual tece uma crítica elogiando o ator italiano Ernesto Rossi quanto a representação de Luís XI; afirma no início da carta que não fará uma análise, apenas dará um “grito de admiração”; faz uma crítica na própria carta;

[108] **Para: Júlio César Machado (Rio de Janeiro, 23 de julho de 1871)** – Carta em agradecimento pela publicação em *América* (publicação lisboeta) de um artigo sobre *Falenas*.

[109] **Para: Cônego Fernandes Pinheiro (Rio, 20 de outubro de 1871)** – Saudação de Machado de Assis ao *Manual do Pároco* do cônego Fernandes Pinheiro, bem como a coletânea de poemas *Meandros Poéticos* por ele organizada.

[110] **De: Ladislau Neto (Rio, 27 de outubro de 1871)** – Carta aberta composta por dois documentos: o primeiro é uma carta de cunho pessoal, em que ao final, ao lado da assinatura, Ladislau Neto acrescenta o local e a data de 27/10/1871. Em seguida vem a carta aberta. Ambas foram publicadas no *Jornal do Comércio* de 03/11/1871.

[111] **Para: Ladislau Neto (Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1871)** – Resposta ao documento [110]; mostra suas “impressões” sobre a tela de Pedro Américo.

[112] **Para: Rocha Miranda e outros (Rio de Janeiro, até 1871)** – Trata-se de um soneto epistolar no qual são mencionados os sobrenomes de Henrique César Muzzio, Manuel de Melo, Ernesto Cibrão e Francisco Rocha Miranda. O Andrade poderia ser o Dr. Mateus Alves de Andrade, que se suicidou em 1871.

[113] **Para: Lúcio de Mendonça (Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1872)** – Carta prefácio em que Machado de Assis apresenta o livro do jovem Lúcio de Mendonça, *Névoas Matutinas*.

[114] **De: Gentil Braga (São Luís, 19 de junho de 1872)** – Carta em que acusa o recebimento de um exemplar de *Ressureição*, mencionando a boa recepção que a obra teve por parte da crítica. Vale destacar que quando publica essa obra, Machado de Assis já gozava de prestígio como ficcionista, dramaturgo, jornalista e crítico, segundo nota de Silvia Eleutério.

[115] **Para: Felipe Lopes Neto (Rio de Janeiro, 1 de julho de 1872)** – Carta aberta publicada sob a rubrica “Literatura” no *Jornal do Comércio* de 02/07/1872. Machado de Assis tece, a pedido de Lopes Neto, uma crítica a respeito da poesia do chileno Guillermo Matta Goyenechea.

[116] **De: José Joaquim Pereira de Azurara (Paquetá, 4 de agosto de 1872)** – Envia seu *Contos de Paquetá* para avaliação e orientação de Machado de Assis; relata que foi demitido.

[117] **De: Visconde de Bom Retiro – Luís Pedreira de Couto Ferraz (Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1872)** – Agradece a participação de Machado de Assis na solenidade para a inauguração da estátua do Conselheiro José Bonifácio.

[118] **De: José Carlos Rodrigues (New York, 22 de setembro de 1872)** – Parabeniza a Machado de Assis pelo sucesso de *Ressureição* e se compromete a escrever sobre a obra nos próximos números do *Novo Mundo*, periódico dirigido por Rodrigues. Faz um convite a Machado para que elabore um estudo sobre “(...) o caráter geral da literatura brasileira

contemporânea, criticando suas boas ou más tendências, no aspecto literário e moral: um estudo que, sendo traduzido e publicado aqui em inglês, dê uma boa ideia da qualidade da fazenda literária que lá fabricamos e da escola ou escolas do processo de fabricação.” Veremos no documento [121] que o convite foi aceito. Machado elabora o ensaio “Notícia da atual Literatura Brasileira”, onde se encontra o famoso “Instinto de Nacionalidade”.

[119] Para: Júlio César Machado (Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1872) – Comunica o retorno a Portugal do Doutor Alvarenga, com quem travou relações por meio de Júlio César Machado. Machado de Assis nessa carta faz menção ao romance *Ressureição*, demonstrando brevemente seu ponto de vista sobre a própria obra: “Vale pouco; mas como dizia um patrício meu ao ilustre Garrett, – o coração só dá bagatelas.”. Aqui vemos um claro exemplo da “falsa modéstia” machadiana, que busca, na verdade, chamar a atenção para si e para a referida obra.

[120] De: Joaquim Nabuco (Rio de Janeiro, 1872) – Bilhete em que faz um convite a Machado de Assis para “(...) ouvir umas folhas de má prosa sobre os *Lusíadas* (...)”;

[121] Para: José Carlos Rodrigues (Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1873) – Agradece a publicação de um artigo no *Novo Mundo* a respeito do romance *Ressureição*; faz referência nesta carta ao artigo “Instinto de Nacionalidade” (“O nosso artigo está pronto há um mês. Guardei-me para dar-lhe hoje uma última demão;”), o que confirma o aceite pelo convite feito no documento [118].

[122] De: José Tito Nabuco de Araújo (Rio de Janeiro, 1 de abril de 1873) – Carta em que Araújo queixa-se com Machado de Assis pela proibição/ censura do Conservatório Dramático, do qual Machado era integrante e censor.

[123] Para: Lúcio de Mendonça (Rio de Janeiro, 16 de abril de 1873) – Responde a solicitação do amigo (carta ausente no volume) que, precisando de dinheiro para manter-se em São Paulo, pede a intervenção de Machado de Assis junto ao editor Baptiste Louise Garnier, a fim de facilitar a sua entrada no corpo de tradutores de romances, artigos e folhetins da Casa Garnier. Machado intercede por Lúcio, no entanto não consegue a vaga, pois Garnier já contava com cinco tradutores, não sendo possível demitir ninguém ou efetuar uma nova contratação.

[124] **De: Luís Guimarães Júnior (Santiago do Chile, 6 de junho de 1873)** – Trata-se de um bilhete junto ao qual envia uma fotografia sua para Machado de Assis. Guimarães Júnior foi designado adido de 1ª classe na Bolívia em 06/07/1872, assumindo o mesmo cargo no Chile a partir de 19/01/1873. Fala brevemente sobre o clima e tremores de terra no Chile.

[125] **De: Alfredo D'escragnolle Taunay (Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1873)** – Esta carta sugere que Machado de Assis tenha pedido ajuda a Taunay para compor uma obra. Neste caso, trata-se da escolha do nome de uma personagem, uma heroína Guaicuru.

[126] **De: Joaquim Serra (Rio de Janeiro, 1873)** – Pede a Machado de Assis que envie o volume de *Guerra dos Mascates*, pois deseja escrever sobre o livro, visto que Garnier publicou a obra sem a autorização de José de Alencar.

[127] **De: Artur de Oliveira (Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 187[4])** – Pede que Machado envie seu último volume, *Histórias da Meia-Noite*, assim como *Falenas*, para um trabalho que estava elaborando sobre poetas nacionais.

[128] **Para: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 28 de março de 1874)** – Esta carta mostra a influência e importância de Machado de Assis no contexto literário brasileiro da época. Machado relata a Dória o convite recebido do poeta francês Catulle Mendès, a fim de iniciar uma seção da Sociedade Internacional de Poetas no Brasil. Machado então convida Joaquim Serra, Roseando Muniz Barreto, Bittencourt Sampaio e Franklin Dória para iniciar as conversações e decidir que resposta dar a Catulle Mendès.

[129] **De: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 28 de março de 1874)** – Resposta à carta [128]; agradece e aceita o convite feito por Machado de Assis. Oferece sua casa para o encontro e discussão sobre o convite de Catulle Mendès.

[130] **Para: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 23 de abril de 1874)** – Resposta à carta [129]; tratam do lugar e horário para o encontro; Machado explica a Dória que já aceitou a proposta feita por Serra, para que se encontrem na sala do Clube da Reforma.

[131] **De: Luís Guimarães Júnior (Londres, 22 de julho de 1874)** – Carta em que Guimarães Júnior dá notícias ao amigo; alegra-se ao saber do reconhecimento ascendente de Machado de Assis como homem das letras.

[132] **De: Luís Guimarães Júnior (Londres, 9 de novembro de 1874)** – Comunica o nascimento de sua filha. Declara que se a menina vir a receber o nome de Iracema, por ser um nome brasileiro e que recordará sempre a obra de José de Alencar.

[133] **Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 4 de março de 1875)** – Bilhete; pede ao amigo que, após publicar o discurso de Alexandre Dumas, caso não queira conservar o original, que o envie para Machado.

[134] **De: Joaquim Serra (Rio de Janeiro, 11 de maio de 1875)** – Carta em que apresenta João Capistrano de Abreu, um admirador de Machado de Assis, que foi apresentado a Serra pelo então ilustre senhor José de Alencar. Segundo Silvia Eleutério em nota, a referência às relações de amizade entre Machado de Assis e José de Alencar é significativa por ser um dado textual dessa carta de Serra, um dos amigos mais próximos tanto de Alencar quanto de Machado.

[135] **Para: Barão de Santo Ângelo-Araújo Porto-Alegre (Rio de Janeiro, 30 de julho de 1875)** – Esta carta mostra um aspecto da época, pois Machado de Assis pede auxílio a Araújo Porto-Alegre para compor uma biografia de José Basílio da Gama.

[136] **Para: José Tomás da Porciúncula (Rio de Janeiro, 30 de julho de 1875)** – Esta é uma carta aberta na qual tece elogios póstumos ao poeta Luís Nicolau Fagundes Varela.

[137] **De: Salvador de Mendonça (New York, 30 de outubro de 1875)** – Salvador de Mendonça encontrava-se deprimido, pois ficara viúvo naquele ano. Ainda assim escreve esta correspondência pedindo notícias de Machado de Assis. Mendonça compartilha com o amigo seu deslumbramento e impressões sobre o povo norte americano.

[138] **De: Buarque de Macedo (Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1875)** – Buarque de Macedo comunica a Machado de Assis sobre uma subscrição em favor da família do finado

Doutor Brasil, e pede ao amigo que providencie o recebimento dos valores. DADO HISTÓRICO INTERESSANTE.

[139] De: Buarque de Macedo (Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1875) – Envia a Machado de Assis algumas provas para que seja feita uma segunda análise. Pede que o serviço seja rápido, a fim de publicar brevemente o parecer, pois Macedo encontrava-se em meio a muitos trabalhos. Segundo Sílvia Eleutério em nota, neste momento o ministério a que Buarque de Macedo estava subordinado desenvolvia o projeto da malha ferroviária brasileira e certamente o volume de trabalho era extremo.

[140] Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1875) – Responde a carta [137]. Faz referência ao desejo de Salvador de Mendonça em ver Machado de Assis na delegação oficial em Nova York, mas parece que Machado não almejava nomeação do governo. Envia juntamente com a carta um exemplar de *Americanas*, e pede ao amigo que leia, caso tenha tempo, e que lhe escreva suas impressões.

[141] De: Salvador de Mendonça (New York, 7 de março de 1876) – Responde a carta [140]. Nesta correspondência, Salvador de Mendonça deixa clara a confiança que tem em Machado de Assis a respeito de um romance que estava escrevendo. Relata de forma extensa e minuciosa o encontro com Miss Mary Redman durante uma visita a Maine e, ao que parece, a jovem conquista o coração de Mendonça, viúvo há apenas 5 meses. Machado de Assis assume então nesta carta o posto de confidente.

[142] Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 15 de abril de 1876) – Responde a carta [141]. Machado de Assis declara estar lisonjeado e feliz ao receber do amigo uma carta com doze laudas. No entanto, assim que inicia a leitura, sente uma “doce desilusão”, pois percebe que tamanha eloquência é resultado do amor e não necessariamente da amizade entre eles. Além disso, Machado confirma sua discrição a respeito do romance que o amigo está elaborando.

[143] De: Salvador de Mendonça (New York, 25 de agosto de 1876) – Carta breve junto a qual Mendonça envia fotografias. Relata que lhe falta tempo para conversarem hoje.

[144] Para: Visconde do Rio Branco – José Maria da Silva Paranhos (Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1876) – Machado de Assis trata de uma questão da época, referindo-se a Lei do Ventre Livre, promulgada por decisiva influência do visconde do Rio Branco. Vale lembrar que sob o pseudônimo de “Manassés”, na *Ilustração Brasileira*, Machado escrevera uma crônica a propósito desta lei.

[145] Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1876) – Agradece ao amigo pelo artigo publicado no *Novo Mundo* a propósito das *Americanas*. Envia junto à carta um exemplar de *Helena*, publicado em folhetim no *Globo* de agosto a setembro de 1876. Ao comentar o que dizem sobre seu romance (“Dizem aqui que dos meus livros é o menos mau;”) demonstra mais uma vez um pouco da vida literária.

[146] Para: Furtado Coelho (Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1876) – Carta em que Machado de Assis faz um pedido de desculpas por não haver cumprido de imediato às ordens dadas por Furtado Coelho. Envia uma poesia que, a seu ver, parece servir ao que foi pedido. Segundo Sílvia Eleutério em nota, talvez essa poesia seja o único fragmento conhecido de uma paródia da ópera *La Traviata* chamada *Cenas da Vida do Rio de Janeiro*, que fora encenada em 1873 e que Furtado Coelho pretendia reapresentar.

[147] Para: Francisco Ramos Paz (Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1876) – Machado de Assis recusa o convite feito pelo amigo para que escrevesse na *Gazeta de Notícias*. Ele se justifica declarando que estava repleto de trabalhos o que o impossibilitaria de assumir mais um compromisso.

[148] Para: O Bispo Capelão-Mor (Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1877) – Carta aberta publicada na *Ilustração Brasileira*, sob o pseudônimo de “Manassés”. Nesta longa carta é possível identificarmos uma questão da época, pois Machado de Assis queixa-se junto ao Bispo sobre a troca dos sinos da igreja por um carrilhão. Ele pede que a troca não seja feita.

[149] De: Constança Alvim Correia (Petrópolis, 22 de março de 1877) – Comenta sobre a espera ansiosa pela chegada de um soneto prometido por Machado de Assis.

[150] **De: L. de Almeida (Rio de Janeiro, 27 de julho de 1877)** – Carta inédita na qual Machado de Assis e esposa são convidados para um jantar na casa de Laurindo de Avelar e Almeida. Estariam presentes também neste encontro Francisco Gonçalves Queirós, Artur Napoleão e Luís Resende, todos do círculo de relações de Machado.

[151] **Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1877)** – Carta em que Machado de Assis recebe um convite para escrever no novo periódico *O Cruzeiro*. Vale destacarmos que Machado publicou folhetins, colaborou como crítico, cronista e contista neste periódico, demonstrando assim sua atividade como jornalista.

[152] **De: José Diniz Villas Boas (Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1877)** – Esta carta mostra um pouco da atividade de Machado de Assis como funcionário público. José Diniz Villas Boas também trabalhava no Ministério da Agricultura e era subordinado a Machado.

[153] **De: Vitorino de Barros (Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1877)** – Carta em que Vitorino de Barros pede ajuda a Machado de Assis, a fim de conseguir um posto de trabalho para um amigo.

[154] **Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 2 de março de 1878)** – Carta breve na qual apresenta o portador, João Artur Pereira de Andrade.

[155] **De: Luís Guimarães Júnior (Roma, 24 de junho de 1878)** – Fala sobre *Carta romana*, uma série de crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*, na qual cita diversos escritores brasileiros, incluindo Machado de Assis; na mesma carta comenta também a respeito da crítica publicada sob o pseudônimo *Eleazar* no jornal *O Cruzeiro* (“Literatura Realista – *O Primo Basílio*”, 16/04/1878) feita por Machado a obra de Eça de Queirós; compartilha com Machado de Assis que possui dois manuscritos em processo.

[156] **De: Eça de Queirós (Newcastle-on-Tyne, Inglaterra, 29 de junho de 187[8])** – Eça de Queirós responde a crítica feita por Machado de Assis a obra *O Primo Basílio*.

[157] **De: Miguel de Novais (Paris, 7 de julho de 1878)** – Carta na qual relata para o cunhado suas impressões sobre a Exposição Universal de 1878, realizada pela terceira vez em Paris, e que teve como tema a Agricultura, Artes e Indústria.

[158] **De: Ernesto Chardron (Porto, 27 de julho de 1878)** – Carta que demonstra o esforço de Chardron, dono da Editora Internacional na cidade do Porto, para obter a cooperação de Machado de Assis, a fim de que este assumisse a propriedade literária da obra de Eça de Queirós no Brasil.

[159] **Para: Francisco de Castro (Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1878)** – Carta publicada como prefácio de *Harmonias Errantes*. Segundo Irene Moutinho em nota, “o tom paternal e as observações cautelosas sobre vocações poéticas juvenis, já observadas em [147] e também evidentes em [246], carta de 30/07/1885, bem como em outras apresentações ou críticas dedicadas a estreantes, do tipo, “a modéstia é merecimento”, refletem, talvez, a ponderação machadiana ante as primeira críticas ou louvores por ele recebidos” (ROUANET, 2009, p. 155).

[160] **De: Arthur de Oliveira (Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1878)** – Carta breve na qual convida Machado e esposa para o jantar em celebração ao seu aniversário.

[161] **De: Joaquim de Melo (Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1878)** – Agradece pelo envio de um exemplar de *Iaiá Garcia*, publicado em livro em abril de 1878.

[162] **Para: Carlos Leopoldo de Almeida (Rio de Janeiro, outubro de 1878)** – TRECHO DE CARTA DE MACHADO DE ASSIS; Machado encontrava-se com a saúde debilitada (doença); Segundo IRENE Moutinho em nota, “até a presente data, a carta original não foi localizada” (ROUANET, 2009, p. 158).

[163] **De: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1878)** – Envia para Machado de Assis a tese que defendeu no concurso para o colégio Pedro II; pede a Machado que sinalize os erros ou faltas que tenha cometido, mas que faça quando puder, visto que naquele momento o escritor passava por uma retinite (doença).

[164] **Para: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1878)** – Resposta à carta [163]; a carta foi ditada por Machado de Assis e escrita por Carolina, pois o escritor passava por uma crise de retinite (doença inflamatória nas retinas); sente-se lembrado pelo amigo e mostra desejo em ir assistir a defesa da tese.

[165] **Para: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1878)** – Retoma o assunto da carta anterior [164] (doença); justifica e lamenta não poder ir assistir a defesa da tese do amigo; dá sua opinião sobre o trabalho e elogia o amigo por meio de uma análise objetiva.

[166] **De: Joaquim Arsênio Cintra da Silva (Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1879)** – Machado de Assis e Carolina, ambos adoentados, passaram três meses em Nova Friburgo. Foi neste período que a cadelinha da raça tenerife Graziela, xodó do casal, foge de casa, o que motiva o presente telegrama solicitando a ajuda do vizinho para encontrá-la.

[167] **De: Buarque de Macedo (Rio de Janeiro, 29 de abril de 1879)** – Bilhete no qual Macedo solicita, a pedido do Ministro da Fazenda Afonso Celso, que seja enviado para a Câmara o Decreto que concedeu privilégio de introdução da *Coffee Planters Machinery Cy. London*.

[168] **De: Artur Napoleão (Rio de Janeiro, sem data)** – Convite a Machado e Carolina para assistirem a uma peça no Alcazar.

[169] **De: Artur Napoleão (Rio de Janeiro, sem data)** – Bilhete em que pede ao amigo que lhe envie o exemplar de *La Femme de Claude* esquecido no dia anterior.

[170] **De: Artur Napoleão (Rio de Janeiro, sem data)** – Bilhete no qual pede desculpas pela ausência no encontro, pois sua esposa Lívia ainda se encontrava um pouco constipada e cansada.

[171] **De: Artur Napoleão (Rio de Janeiro, 25 de dezembro de [...])** – Artur Napoleão, como um notável enxadrista, comenta nesta carta a resposta dada por Machado de Assis em relação a um problema de xadrez.

[172] **De: Joaquim Serra (Rio de Janeiro, sem data)** – Pergunta a Machado de Assis se ele já enviou o artigo para *A República*. Em nota, Silvia Eleutério esclarece que “Machado relutou em colaborar nos jornais que faziam campanha aberta pelo republicanismo; mas, como fizeram os monarquistas Alencar e Otaviano, acabou cedendo a Serra e Salvador, se bem que muito parcimoniosamente” (ROUANET, 2009, p. 170).

[173] **Para: L. P. de Magalhães Castro (Rio de Janeiro, 7 de maio de 1880)** – Telegrama no qual convida Magalhães Castro a comparecer na Secretaria de Estado a pedido do ministro da agricultura.

[174] **De: Buarque de Macedo (Barra do Pirai, 27 de junho de 1880)** – Telegrama no qual solicita a Machado que lavre e mande ao imperador o decreto de exoneração a pedido de Luís Plínio de Oliveira e a nomeação do substituto, o coronel João Wilkens de Matos, mais tarde barão de Maruiá.

[175] **De: Ludgero Cruz (Rio de Janeiro, 21 de julho de 1880)** – Solicita a ajuda de Machado de Assis a fim de encaminhar o amigo Gregório Inocência do Couto a uma vaga na Diretoria Geral dos Correios.

[176] **Para: Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, 22 de julho de 1880)** – Machado e pede notícias, pois parece que houve um desencontro entre eles.

[177] **De: Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, 23 de julho de 1880)** – Resposta à carta anterior [176]. Justifica o motivo do desencontro e propõe ir à casa de Machado em “qualquer domingo...”.

[178] **De: Antônio Joaquim de Macedo Soares (Mar de Espanha, 21 de julho de 1880)** – Carta em que identificamos um vestígio da vida literária, com uma menção a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Macedo Soares cumprimenta Machado pelo capítulo 47 e pela bela escrita de *Tu Só, Tu, Puro Amor...*, peça encenada em 10/06/1880 (ver em [180]) e publicada na *Revista Brasileira* em 01/07/1880.

[179] **Para: Capistrano de Abreu (Rio de Janeiro, Sexta-feira, 30 de julho de 1880)** – Resposta à carta [177]. Justifica a demora em enviar uma resposta. Afirma que normalmente está em casa aos domingos.

[180] **Para: Eduardo de Lemos (Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1880)** – Machado acusa e agradece o recebimento de ofício e medalha com que o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro comemorou o terceiro centenário de Camões e o assentamento da pedra fundamental do novo edifício.

[181] **De: A. A. Santos Sousa ([Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1880])** – Carta enviada pelo engenheiro Antônio Álvares dos Santos Sousa, chefe da seção da Diretoria de Obras Públicas do Ministério da Agricultura. Informa sobre o envio de um relatório e de outros papéis ao gabinete do ministro Buarque de Macedo, no qual Machado de Assis tornara-se oficial.

[182] **De: Monsenhor Pinto de Campos (Paris, 18 de agosto de 1880)** – Carta em que procura manter contato com Machado, destacando sua estima e admiração.

[183] **De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1880])** – Envia retalhos de jornais e uma nota relativa aos assuntos do ministério dos negócios estrangeiros; segundo Sílvia Eleutério em nota, Pedro Luís Pereira de Sousa aconselhava-se constantemente com Machado de Assis sobre assuntos relativos à pasta.

[184] **Para: Um amigo e colega (Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1880)** – Justifica sua ausência e envia orientações sobre questões burocráticas do ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

[185] **De: Capistrano de Abreu (Campinas, 10 de janeiro de 1881)** – Informa que recebeu junto com uma carta do dia 7 um exemplar de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, sobre o qual teve uma agradável impressão.

[186] **Para: Artur de Oliveira ([Rio de Janeiro], 18 de janeiro de 1881)** – Bilhete em versos.

[187] **De: José Lopes Pereira Bahia Júnior (Corte, 1º de maio de 1881)** – Envia um recibo do contrato de aluguel de sua casa, juntamente com o recibo da importância da pena d'água.

[188] **De: Francisco Otaviano ([Rio de Janeiro], 22 de maio de 1881)** – Solicita ao amigo que ajude o portador desta carta, o senhor Vicente Batista, a ingressar no ambiente da engenharia oficial, tendo em vista que Machado ocupava o cargo de oficial de gabinete do ministro Buarque de Macedo.

[189] **De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro], 30 de maio de 1881)** – Carta na qual pede a Machado que escreva duas linhas a Antônio Augusto Montenegro de Barros e a Glaziou para que fossem ao seu gabinete.

[190] **Para: Salvador de Mendonça (Rio de Janeiro, 25 de julho de 1881)** – Nesta carta Machado apresenta os procedimentos burocráticos para o envio da encomenda solicitada por Salvador.

[191] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 27 de agosto de 1881)** – Relata rapidamente os incômodos da viagem, pois teve de ficar em quarentena no Lazareto; sinaliza onde ficará com a família e para onde devem enviar as correspondências.

[192] **De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro, até 29 de agosto de 1881])** – Solicita a Machado que não falte, a fim de discutirem sobre os negócios da pasta e outros; pede também que dê seguimento as pastas solicitadas por Franklin Dória.

[193] **De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro, até 29 de agosto de 1881])** – Pede com urgência que Machado o encontre na casa do ministro da Justiça Manuel Pinto de Sousa Dantas, pois naquele dia faleceu o Ministro da Agricultura, o Conselheiro Manuel Buarque de Macedo.

[194] **De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro,] 3 de setembro de 1881)** – Solicita que Machado vá a sua casa, a fim de tratarem de assuntos urgentes.

[195] **De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro,] 7 de setembro de 1881)** – Pedro Luís, ministro de Negócios Estrangeiros e interino da Agricultura, comunica que irá a um casamento no

município de Piraí; envia papéis assinados e informa que em seu retorno espera encontrar a pasta que ficou na Secretaria com diferentes papéis de estudo, entre outros, o da Estrada de ferro do Rio Grande.

[196] Para: Uma senhora (Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1881) – Esta carta enviada possivelmente a senhora Lídia Cândida de Oliveira Buarque, viúva do ministro Buarque de Macedo, trata de vinte apólices que serão passadas aos filhos do casal.

[197] De: Pedro Luís (Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1881) – Carta na qual trata de assuntos do Ministério: “Aí vai uma pasta sofrivelmente recheada e completamente despachada.”

[198] De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro,] 3 de outubro de 1881) – Carta na qual trata de assuntos do Ministério.

[199] De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro, 1º de setembro - 3 de novembro de 1881) – Carta na qual trata de assuntos do Ministério.

[200] De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro, 1º de setembro - 3 de novembro de 1881) – Carta na qual trata de assuntos do Ministério.

[201] De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro, 1º de setembro - 3 de novembro de 1881) – Pede a Machado que sendo possível envie o livro de João da Silveira de Sousa.

[202] De: Miguel de Novais (Lisboa, 2 de novembro de 1881) – Agradece a publicação de seu desabafo [191] no *Jornal do Comércio*; fala sobre a crise ministerial portuguesa; relata as queixas de Gomes Amorim, que enviou livros a Machado, mas este não lhe deu resposta. Miguel tenta, então, interceder; parece haver um clima desconcertante em família, pois Carolina pede que o irmão lhe escreva, no entanto ela mesma não respondeu, até o momento, a cunhada; comunica a Machado que já recebeu a notícia da morte do Ministro Buarque de Macedo.

[203] De: Pedro Luís ([Rio de Janeiro,] 4 de novembro de 1881.) – Trata do Ministério; comunica que irá se despedir dos empregados da Secretaria no dia seguinte.

[204] Para: Joaquim Nabuco (Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1882.) – Machado envia esta carta a Nabuco às vésperas de sair da Corte rumo à Petrópolis, a fim de descansar. Fala um pouco sobre seu desgaste e cansaço por causa do trabalho como oficial de gabinete. Comunica o amigo sobre o falecimento de dona Marianinha, esposa de Joaquim Arsênio e que este escolheu algumas palavras de Nabuco para serem gravadas na lápide.

[205] De: Miguel de Novais (Lisboa, 19 de janeiro de 1882.) – Responde ao documento [202]; aprofunda o tema tratado por Machado na correspondência anterior [204] enviada a Nabuco. Fala da demissão de Machado no cargo de oficial de gabinete. Pede ao cunhado que envie um exemplar a mais de sua comédia “Tu, só tu, puro amor”.

[206] De: Miguel de Novais (Lisboa, 21 de maio de 1882.) – Carta que desfaz o equívoco biográfico, pois muitos estudiosos da vida de Machado confundiam esta viagem a Petrópolis com a ida a Friburgo em 1879. Miguel informa sobre questões corriqueiras, como a instalação da família em Portugal. Trata ainda sobre a economia e política lusitana; pergunta sobre Graziela, a cadelinha do casal Assis e se já conseguiram uma casa.

[207] Para: Joaquim Nabuco (Rio de Janeiro, 29 de maio de 1882.) – Responde a uma carta anterior de Nabuco (não localizada) autorizando o uso do epitáfio; Machado retoma o tema da morte de dona Marianinha; faz elogios ao amigo por artigos publicados no *Jornal do Comércio*;

[208] Para: Campos de Medeiros ([Rio de Janeiro], 3 de junho de 1882.) – Devolve o Manifesto do Doutor João Mendes e agradece o empréstimo.

[209] De: Miguel de Novais (Benfica, 21 de julho de 1882.) – Faz referência ao documento [205], atestando o recebimento da peça solicitada; Miguel fala sobre a política portuguesa e aproveita para fazer menção a brasileira também; pergunta se o livro já foi publicado, referindo-se a *Papéis Avulsos* (ver nota 7, p 229); elogia a Machado pelas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e estimula o cunhado a seguir escrevendo.

[210] **De: Artur de Oliveira (Rio [de Janeiro], 28 de julho de 1882.)** – Agradece o empréstimo de alguns romances; está coligindo seus livros a fim de realizar um leilão e por isso pede a Machado que devolva os que ainda estão com ele.

[211] **De: Artur de Oliveira ([Rio de Janeiro], 10 de agosto de 1882.)** – Agradece a Machado pelo envio de um vinho e de um doce de cidra.

[212] **De: Artur de Oliveira ([Rio de Janeiro], 14 de agosto de 1882.)** – Bilhete no qual parece descrever uma refeição (ver nota 1, p. 232).

[213] **De: Costa Ferraz ([Rio de Janeiro,] 7 de setembro de 1882.)** – Cartão que leva inscrito “Ao distinto Senhor Machado de Assis – oferece o seu admirador” e assinatura (mais detalhes ler nota 1, p. 232-233).

[214] **De: Miguel de Novais (Benfica, 2 de novembro de 1882.)** – Responde a uma carta enviada por Machado com data de 9/9/1882. Pela forma como Miguel elabora sua resposta, fica subtendido que Machado teria tratado de questões políticas; atualiza o cunhado sobre o cenário artístico de Portugal; fala a respeito da tradução para o alemão de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Pede a Machado que não se esqueça de enviar um exemplar de *Papéis Avulsos*.

[215] **Para: Franklin Dória (Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1882.)** – Agradece as boas e valiosas palavras e afirma que deveria remeter ao amigo seu livro, neste caso *Papéis Avulsos*.

[216] **De: Miguel de Novais (Benfica, 21 de janeiro de 1883.)** – Afirma ter recebido duas cartas de Machado, uma de 15/12/1882 e outra de 01/01/1883; Miguel diz não ter recebido ainda os três exemplares pedidos no documento [205] pois, segundo ele, parece que o portador Alferes Chaves não cumpriu devidamente seu dever; Miguel dá indícios de um Machado de Assis mais descontraído (“Vejo que se tem divertido muito e que até já dança o Reel”);

[217] **De: Joaquim Serra (Nova Friburgo, 22 de janeiro de [1883].)** – Carta-poema na qual pede que Machado vá visitá-lo;

[218] **De: Miguel de Novais (Benfica, 19 de fevereiro de 1883.)** – Volta a afirmar que não recebeu os livros enviados por Machado pelo portador Alferes Chaves; envia junto a carta um *memorandum* da livraria Ferin a respeito do livro do Marquês de Pombal.

[219] **De: José Veríssimo (Pará, 4 de março de 1883.)** – Esta carta marca o início da correspondência entre os dois; envia o primeiro número da *Revista Amazônica*, da qual era diretor; escreve muito respeitosamente, a fim de conseguir a colaboração de Machado no periódico.

[220] **De: João Dalle Afflalo (Itajubá, 14 de abril de 1883.)** – Comunica o recebimento da carta enviada por Machado acompanhada de um exemplar do livro *Os Deuses de Casaca*; pergunta se recebeu o título de benemérito que João e os demais companheiros remeteram a ele; pede uma fotografia de Machado, provavelmente para expor na biblioteca que recebe seu nome.

[221] **Para: Joaquim Nabuco (Rio de Janeiro, 14 de abril de 1883.)** – Carta enviada juntamente com um exemplar de *Papéis Avulsos*; Machado de Assis fala ainda que brevemente sobre esta obra (ver página 250); espera a avaliação de Nabuco (“Você me dirá o que vale”); faz elogios ao amigo;

[222] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 17 de abril de 1883.)** – Comenta sobre a transcrição da “Igreja do Diabo” em alguns jornais portugueses; informa que recebeu uma carta de Machado de Assis de 26/03/1883 dando os pêsames pelo falecimento do irmão de Joana, esposa de Novais.

[223] **Para: José Veríssimo (Rio de Janeiro, 19 de abril de 1883.)** – Responde a carta de 04/03/1883 [219]; carta objetiva, realista e motivadora na qual Machado de Assis encoraja Veríssimo, reconhecendo o valor e a importância de tentar;

[224] **De: João Dalle Afflalo (Itajubá, 2 de maio de 1883.)** – Acusa o recebimento da carta resposta; ao final demonstra que Machado atendeu ao pedido de envio da fotografia, a fim de colocá-la na Biblioteca que recebe seu nome.

[225] **De: João Dalle Afflalo (Itajubá, 2 de maio de 1883.)** – Acusa o recebimento de uma carta do dia 16/05/1883; Afflalo e os companheiros da Biblioteca agradecem o envio da fotografia solicitada em [220] e aguardam recebê-la; agradece o apoio e ajuda de Machado.

[226] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 27 de maio de 1883.)** – Atesta o recebimento de uma carta de 14/04/1883 com dois volumes novos de *Papéis Avulsos* e os Anais da Biblioteca Nacional; tece elogios ao livro de Machado; há uma indicação nesta carta de um outro possível endereço do casal Assis (“Diz-me a Carolina em uma carta que me escreveu ultimamente que já têm casa na rua do Marquês de Abrantes.”), antes de fixarem residência no Cosme Velho.

[227] **De: João Dalle Afflalo (Itajubá, 4 de junho de 1883.)** – Informa que já está de posse da caixa de livros oferecida por Garnier para compor o acervo da biblioteca e aproveita para pedir a Machado que lhe entregue o ofício e o diploma de benemérito; agradece o envio do retrato e afirma que este já se encontra em lugar de honra no salão da biblioteca.

[228] **Para: Franklin Dória ([Rio de Janeiro,] 9 de junho de 1883.)** – Carta breve na qual Machado agradece “a benevolência do seu pedido”; de acordo com Sílvia Eleutério em nota (ver nota 1, p 262), não se pôde apurar a que Machado de Assis se referia.

[229] **De: Joaquim de Melo ([Rio de Janeiro,] 5 de setembro de 1883.)** – Solicita a Machado que devolva o volume *Tombo das Terras Municipais*, escrito pelo doutor Roberto Jorge Haddock Lobo.

[230] **Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro,] 1º de outubro de 1883.)** – Traz um fato da época, pois faz referência aos concertos públicos promovidos pelo Clube Beethoven.

[231] **Para: Membros correspondentes do Clube Beethoven ([Rio de Janeiro, provavelmente 1883.]** – Carta escrita em francês; Machado foi escolhido pelos membros do clube para redigir esta minuta (ver nota 1, página 265).

[232] **Para: “Lulu Sênior” – Ferreira de Araújo ([Rio de Janeiro,] 13 de março de 1884.)** – Fala sobre a publicação em livro de artigos publicados na *Gazeta de Notícias*, com o título *Coisas Políticas*. Carta assinada com o pseudônimo Lélío.

[233] **Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro,] 30 de março de 1884.)** – Bilhete no qual confirma presença em um encontro.

[234] **De: Miguel de Novais (Lisboa 22 de junho de 1884.)** – Carta extensa na qual faz um panorama da política portuguesa.

[235] **Para: Um Amigo ([Rio de Janeiro, junho de 1884.]** – De acordo com Irene Moutinho em nota, o correspondente desta carta é Luís de Faro (nota 1, página 273); escreve sobre o Liceu Literário Português.

[236] **Para: Franklin Dória ([Rio de Janeiro,] 22 de agosto de 1884.)** – Carta suscinta na qual agradece as boas palavras recebidas em carta enviada pelo amigo sobre suas *Histórias sem data*.

[237] **De: João Dalle Afflalo (Itajubá, 11 de setembro de 1884.)** – Atesta o recebimento de carta enviada por Machado de Assis e agradece o envio do exemplar de suas *Histórias sem data* para compor o acervo da Biblioteca “Machado de Assis”.

[238] **De: Miguel de Novais (Lisboa 16 de setembro de 1884.)** – Atualiza Machado sobre as últimas notícias de sua família; fala sobre uma possível visita do cunhado; fala da gravidez de Julieta, sua enteada.

[239] **De: Constança Alvim Correia ([Sem local] 4 de dezembro de 1884.)** – Envia com a carta um livro que Machado havia lhe emprestado;

[240] **De: Gomes de Amorim ([Lisboa] 22 de dezembro de 1884.)** – Fala sobre o livro *Papéis Avulsos* e acusa o recebimento de *Histórias Sem Data*; elogia as duas obras declarando serem “dois primorosos dons de sua elegantíssima e erudita pena”.

[241] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 5 de janeiro de 1885.)** – Confirma o recebimento de um exemplar de *Histórias Sem Data*; é interessante observarmos que esta carta apresenta um comentário considerável sobre alguns contos dessa obra, registro que hoje deve ser levado em conta, considerando que o cunhado de Machado era, efetivamente, um de seus interlocutores privilegiados no cenário das cartas.

[242] **Para: Valentim Magalhães ([Rio de Janeiro], 21 de fevereiro de 1885.)** – Carta aberta publicada no número 8 de *A Semana*; falecimento de Artur Barreiros;

[243] **Para: Domingos Lourenço Lacombe ([Rio de Janeiro], 11 de fevereiro de 1885.)** – Fala sobre a impossibilidade de comparecer a um encontro por recomendação médica. Machado havia extraído um quisto na região auricular e foi orientado a evitar umidade para que não padecesse de erisipela.

[244] **De: Joaquim Serra (Friburgo, 22 de maio [de 1885.])** – Carta em versos escrita como uma metáfora, a fim de satirizar a política brasileira da época;

[245] **De: Capistrano de Abreu ([Rio de Janeiro], 16 de julho de 1885.)** – Bilhete no qual apresenta o senhor João Ribeiro Fernandes, seu sucessor na Biblioteca Nacional.

[246] **Para: Eneias Galvão ([Rio de Janeiro], 30 de julho de 1885.)** – Carta publicada no prefácio de *Miragens*, volume de apenas 20 páginas escrito pelo estudante de direito Enéias Galvão. Nela Machado faz uma apreciação da obra.

[247] **Para: Valentim Magalhães ([Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1885.])** – Carta publicada em *A Semana*, nº 45 sob o título “Sonetos a prêmio”. Machado fala sobre a incumbência de fazer parte da comissão de um concurso de sonetos organizado pela revista, por ocasião da morte de Victor Hugo.

[248] **Para: Valentim Magalhães (Corte, 7 de novembro de 1885.)** – Carta aberta publicada em *A Semana* nº 46 na qual Machado explica de forma objetiva que, ao receber os sonetos para o concurso, estes continham apenas um número, sem a identificação de seus autores. De acordo com Irene Moutinho em nota, a premiação do concurso foi divulgada uma semana antes da data da presente carta, e parece “ter ferido os brios de vários anônimos ilustres” (nota 1, página 300).

[249] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 23 de novembro de 1885.)** – Carta extensa na qual Novais aborda questões políticas de Portugal; demonstra haver má fé e aproveitamentos indevidos por causa do cólera.

[250] **Para: Lúcio de Mendonça (Corte, 4 de março de 1886.)** – Machado explica ao amigo que não será possível publicar o romance *Safo* na *Gazeta de Notícias*, pois Ferreira de Araújo considerou-o inapropriado para ser veiculado em folhetim.

[251] **De: Sebastião Maggi Salomon (Cidade de Itajubá, 9 de junho de 1886.)** – Sebastião Maggi Salomon foi o segundo bibliotecário da Biblioteca Machado de Assis. Nesta carta solicita a remessa dos jornais *Gazeta de Notícias* e da *Gazeta da Tarde*, pedindo a ajuda de Machado para que interceda junto às diretorias dos respectivos periódicos.

[252] **De: Guimarães Júnior (Lisboa, 21 de junho de 1886.)** – Carta em que apresenta o seu portador, Antônio Feijó, pedindo a ajuda de Machado para que o apresente e faça-o entrar na roda de amigos.

[253] **Para: Luís Leopoldo Pinheiro Júnior ([Rio de Janeiro, 1886.])** – Carta inserida em “Ao Leitor” do volume *Tipos e Quadros*. Porém, o texto só ficou mais conhecido quando republicado na *Revista do Brasil*, nº 12, junho de 1939. Nesta correspondência Machado faz uma apreciação benevolente ao livro do jovem poeta Pinheiro Júnior, sobrinho do cônego Fernandes Pinheiro, com quem Machado mantinha relações.

[254] **De: Ciro de Azevedo ([Rio de Janeiro, até 6 de outubro de 1886.])** – Cumprimenta Machado pelo aniversário de publicação das *Crisálidas*. Menciona a respeito do banquete comemorativo e lamenta por não ter sido convidado.

[255] **De: Raimundo Correia** ([Vassouras, 6 de outubro de 1886.]) – Telegrama no qual cumprimenta Machado pelo aniversário de publicação das *Crisálidas*.

[256] **De: Lúcio de Mendonça** ([Valença, 6 de outubro de 1886.]) – Telegrama no qual cumprimenta Machado pelo aniversário de publicação das *Crisálidas*.

[257] **De: Alberto de Oliveira** ([Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1886.]) – Cartão no qual cumprimenta Machado pelo aniversário de publicação das *Crisálidas*.

[258] **De: Rocha de Campinas** ([Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1886.]) – Bilhete no qual cumprimenta Machado pelo aniversário de publicação das *Crisálidas*.

[259] **Para: Lúcio de Mendonça** (Corte, 7 de outubro de 1886.) – Agradece a felicitação pelo aniversário das *Crisálidas*.

[260] **Para: Raimundo Correia** (Corte, 7 de outubro de 1886.) – Agradece a felicitação pelo aniversário das *Crisálidas*.

[261] **De: Joaquim de Melo** ([Rio de Janeiro], 7 de outubro de 1886.) – Felicita a Machado pela festa (banquete) em celebração ao aniversário das *Crisálidas*.

[262] **De: “Silvio Dinarte” – Alfredo D’escragnolle Taunay** (Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1886.) – Lamenta não ter recebido o convite para o banquete em celebração ao aniversário das *Crisálidas*.

[263] **Para: “Silvio Dinarte” – Alfredo D’escragnolle Taunay** (Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1886.) – Machado agradece as palavras e declara que o amigo esteve presente no pensamento.

[264] **De: Sebastião Maggi Salomon** (Itajubá, 18 de outubro de 1886.) – Faz referência as saudações enviadas em comemoração ao 22º aniversário da publicação de *Crisálidas*.

[265] **Para: Ferreira Viana ([Rio de Janeiro], 12 de fevereiro de 1887.)** – Informa ao então presidente do Conservatório Dramático que já concluiu a leitura da revista intitulada *O Chuva*, crendo que poderá ser licenciada. No entanto, pede que seja marcada uma reunião do Conservatório.

[266] **Para: Rodrigo Octavio (Cosme Velho, 29 de março de 1887.)** – Carta na qual informa que será obrigado a demitir-se da presidência do Grêmio de Letras e Artes, pois foi reeleito ao cargo que ocupava na Diretoria do Club Beethoven.

[267] **De: Miguel de Novais (Lanhelas, 19 de agosto de 1887.)** – Carta em que Novais relata a dificuldade que tem encontrado para divulgar os livros de Machado em Portugal, principalmente por causa dos valores, pois os livros impressos no Brasil ficam muito caros quando remetidos à Portugal, além da dificuldade de realizar a revisão das provas.

[268] **De: Miguel de Novais (Foz do Douro, 26 de dezembro de 1887.)** – Inicia a carta solicitando notícias de Machado; fala sobre a enfermidade de Castiço, esposo de sua enteada Lina; faz votos de “boas festas e boas entradas”.

[269] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 4 de março de 1888.)** – Carta inédita. Comunica o falecimento de Castiço. Fala também sobre as cartas que recebeu de Machado e Carolina, mas que acabaram se perdendo devido aos acontecimentos familiares. Mais uma vez demonstra seu desejo de ver Machado de Assis em Portugal (projeto de viagem).

[270] **De: Miguel de Novais (Lanhelas, 6 de agosto [de] 1888.)** – Carta inédita. Responde a uma correspondência enviada por Machado com data de 20 de junho, mas que infelizmente não consta no volume. Observando a maneira como Novais elabora sua devolutiva, fica evidente que Machado estava disposto a comentar, em sua correspondência pessoal, acerca de acontecimentos políticos e sociais brasileiros, expondo os próprios receios. política

[271] **Para: Rodrigo Octavio ([Rio de Janeiro], 11 de outubro de 1888.)** – Agradece a felicitação pelo aniversário das *Crisálidas* e parabeniza o destinatário pelo seu próprio aniversário.

[272] **De: Alfredo D'escragnolle Taunay (Petrópolis, 31 de março de 1889.)** – Felicita a Machado pela promoção ao cargo de diretor da Diretoria de Comércio da Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

[273] **De: João Brígido dos Santos (Ceará, 1º de junho de 1889.)** – Segundo João Brígido, seu constituinte, Antonio Rodrigues Carneiro, estava sendo pretérito em favor de Joaquim da Cunha Freire, barão de Ibiapaba, melhor apadrinhado, e acusava implicitamente Machado de Assis, alto funcionário do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, de ter sido conivente com esse favorecimento ilícito. Para maiores detalhes, ver nota 1 página 344.

[274] **De: Magalhães de Azeredo (São Paulo, 2 de junho de 1889.)** – Aguarda de Machado uma resposta quanto ao seu livro de versos, *Inspirações da Infância*. Agradece o apoio e pede, desde já, um prefácio para a referida obra.

[275] **De: Magalhães de Azeredo (São Paulo, 3 de julho de 1889.)** – Segue tratando da publicação de seu livro de versos, *Inspirações da Infância*. Apesar do aparente bom andamento das negociações para a impressão, o livro acabou não sendo publicado.

[276] **Para: Francisco Ramos Paz ([Rio de Janeiro], 3 de julho de 1889.)** – Mais uma vez faz referência aos exaustivos trabalhos da Secretaria e indica problemas na visão.

[277] **Para: João Brígido dos Santos (Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1889.)** – Responde a acusação feita em carta anterior. Machado esclarece que as documentações e suas respectivas assinaturas são de seu antecessor no cargo. Para maiores informações, ver nota 2 página 349-350.

[278] **De: Miguel de Novais (Lisboa, 27 de dezembro de 1889.)** – Carta na qual Novais fala sobre a Proclamação da República e dá detalhes do falecimento da Imperatriz do Brasil, no Hotel do Porto, no Porto. Menciona a enfermidade de Carolina e estima sua melhora. Ao final da carta, Novais menciona dois livros que Machado tinha na forja, provavelmente *Quincas Borba* e *Várias Histórias*.

[279] **Para: Magalhães de Azeredo (Rio de Janeiro, sem data.)** – Trecho no qual Machado faz referência ao livro de versos *Inspirações da Infância*.

CADERNO SUPLEMENTAR

Apresenta as cartas abertas do Conde de La Hure e uma carta inédita de Machado a Salvador de Mendonça, descoberta na Casa de Rui Barbosa, do período de 1860-1869 (TOMO I)

[53 A] **De: Conde de La Hure (Rio, 19 de outubro de 1866.)** – esta é a primeira de dez cartas dirigidas a Machado de Assis, um dos principais redatores do *Diário do Rio de Janeiro*. Fala da iminência da Exposição Nacional, que destinava a preparar o Brasil para a participação na grande Exposição Universal de Paris, a realizar-se em 1867.

[53 B] **De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1866.)** – Declara já estar aberta a Exposição Nacional e a frequência de visitaç o. Tece alguns coment rios sobre o discurso de Jos  Ildfonso de Sousa Ramos, al m de algumas observa es sobre o evento em si.

[53 C] **De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1866.)** – Segue com o relato de observa es acerca dos trabalhos apresentados na Exposi o Nacional.

[54 A] **De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1866.)** – Segue com o relato de observa es acerca dos trabalhos apresentados na Exposi o Nacional.

[55 A] **De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866.)** – Inicia a carta corrigindo um equ voco (“erro involunt rio”) cometido na correspond ncia anterior sobre as encaderna es expostas pelo Senhor Lombaerts. Segue com o relato de observa es acerca dos trabalhos apresentados na Exposi o Nacional.

[55 B] **De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866.)** – Inicia a carta procurando desfazer um mal-entendido, desmentindo boatos de que estaria recebendo dinheiro por parte de alguns expositores. Ap s fazer os esclarecimentos, segue com o relato de observa es acerca dos trabalhos apresentados na Exposi o Nacional.

[56 A] De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1866.) – Segue com o relato de observações acerca dos produtos expostos na Exposição Nacional.

[57 A] De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1866.) – Inicia a carta falando sobre um diadema de flores e folhas de ouro não polido entremeadado de brilhantes, pertencente o expositor Senhor Carlos Hjorth. Aproveita a oportunidade para escrever a respeito dessa espécie de mineral, onde os brilhantes são encontrados, história, formas de lapidação etc.

[59 A] De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1866.) – Carta em que trata da cerveja: história e produção.

[59 B] De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1866.) – Continuação da carta anterior; tipos de cerveja.

[62 A] De: Conde de La Hure (Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1866.) – Fala dos objetos expostos pelo Senhor José Maria dos Reis.

[77 A] Para: Salvador de Mendonça (Rio, 8 de agosto de 1868.) – Carta inédita; Machado apresenta o portador desta, o Senhor Alexandre Júlio Primo da Costa.